The Foxhole Court

SÉRIE
ALL FOR THE GAME #1



Nora Sakavic

Thicoss

The Foxhole Court

SÉRIE
ALL FOR THE GAME I

Tradução por
thicoss

AVISO

O livro que tens em mãos agora é o resultado do trabalho final de uma pessoa que, sem qualquer motivo lucrativo, dedicou seu tempo a traduzir os capítulos do livro.

Este trabalho foi feito para que todos tenham a oportunidade de ler está maravilhosa trilogia, que no momento se encontra disponível unicamente em inglês, sem ter que esperar tanto tempo para lê-la na nossa língua.

Como já mencionado, a tradução foi feita sem qualquer motivo de lucro, é por isso que está obra literária pode ser baixada gratuitamente e sem problemas.

Também convido você a comprá-lo assim que este livro estiver à venda no país.

Lembre-se de que isso ajuda o autor a publicar mais livros.

SUMÁRIO

CAPA
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CARTOZE
AGRADECIMENTOS
AS RAPOSAS

CAPÍTULO UM

Neil Josten deixou seu cigarro queimar até o filtro sem dar uma única tragada.

Ele não queria a nicotina; Queria a fumaça acre que o lembrava de sua mãe. Se inalasse lentamente, quase, podia sentir a assombração de gasolina e fogo. Era revoltante e reconfortante ao mesmo tempo. Ele sentiu um calafrio em sua espinha. O tremor percorreu todo seu corpo até a ponta dos dedos, derrubando um pouco de cinzas. As cinzas caíram na arquibancada, no espaço entre seus sapatos e foi levada pelo vento. Ele olhou para o céu, mas as estrelas estavam ofuscadas pelo brilho das luzes do estádio.

Ele se perguntou – não pela primeira vez – se sua mãe estava o observando.

Esperava que não.

Ela o espancaria antes de voltar para o inferno, se o visse sentado deprimido como estava. Uma porta abriu-se, grunhindo atrás dele, o espantando de seus pensamentos. Neil puxou seus pertences para mais perto, ao seu lado, e olhou para trás.

Treinador Hernandez fechou a porta do vestiário e sentou-se ao lado de Neil.

– Não vi seus pais no jogo –, disse Hernandez.

– Eles não estão na cidade.

– Ainda ou outra vez?

Nenhum dos dois; mas Neil não diria isso.

Ele sabia que seus professores e o treinador estavam cansados de ouvir a

mesma velha desculpa sempre que perguntavam sobre seus pais, mas era uma mentira tão simples que era sempre usada. Isso explicava o motivo de ninguém jamais ter visto os Jostens pela cidade, e o porquê Neil tinha preferência por dormir na escola.

Não que ele não tivesse um lugar para morar. Era mais porque sua situação de vida era ilegal. Millport era uma cidadezinha moribunda, isto é, havia dezenas de casas a venda e que nunca seriam compradas. No último verão, ele havia se apropriado de uma dessas casas em um bairro calmo povoado principalmente por idosos. Seus vizinhos raramente deixavam o conforto de seus sofás e sabonetes diários, mas cada vez que entrava e saia se arriscava a ser descoberto.

Se as pessoas percebessem que ele estava ali, começariam a fazer perguntas difíceis. Geralmente era mais fácil entrar no vestiário da escola e dormir lá. O porquê de Hernandez o deixar escapar sem notificar às autoridades, Neil não sabia. E achava melhor nem perguntar.

Hernandez estendeu a mão. Neil passou-lhe o cigarro e assistiu Hernandez apagá-lo e arremessá-lo nos degraus de concreto.

O treinador virou-se para encarar Neil.

– Pensei que eles fariam uma exceção hoje à noite –, disse ele.

– Ninguém sabia que seria o último jogo –, replicou Neil, fitando a quadra.

A derrota de Millport esta noite os eliminou do campeonato estadual ha duas partidas antes das finais.

Tão perto, e tão longe.

A temporada acabou exatamente assim.

Algumas pessoas já desmontavam a quadra, tirando as paredes de acrílico e rolando o piso modular sobre o chão duro. Quando terminassem, seria

novamente um campo de futebol; não sobraria nada de Exy até o outono. Neil sentia-se mal vendo aquilo acontecer, mas não conseguia desviar o olhar.

Exy era um esporte modificado: uma evolução do lacrosse, jogado em uma quadra de futebol com a violência do hóquei no gelo. Neil amava cada parte desse jogo, da velocidade até sua agressividade. Esta era a única lembrança de sua infância que jamais tivera sido capaz de esquecer.

– Eu vou avisa-los sobre o placar, mais tarde –, disse ele, porque Hernandez ainda estava o olhando. – Eles nem perderam muita coisa.

– Talvez, mas ainda não –, disse Hernandez. – Tem alguém aqui que veio vê-lo.

Para alguém que passara metade de sua vida fugindo do passado, estas eram palavras de um pesadelo. Neil levantou-se em um pulo, dependurando a bolsa sobre o ombro, mas o som de sapatos vindo de atrás o advertiu de ser tarde demais para escapar. Neil virou-se para ver um grande estranho parado na entrada do vestiário.

A camiseta sem mangas que o homem usava exibia tatuagens tribais de chamas. Uma mão enfiada no bolso do jeans. A outra segurava um arquivo grosseiro. Sua postura era casual, mas o olhar em seus olhos castanhos era firme. Neil não o reconheceu, significava que aquele cara não era morador local. Millport tinha menos de novecentos habitantes. Um lugarzinho onde todos sabiam sobre a vida de todos. Aquela sensação inculta tonava as coisas desconfortáveis para Neil e todos os seus segredos, no entanto, ele esperava usar a mentalidade da pequena cidade como um escudo. Fofocas sobre um forasteiro deveriam ter chegado a seus ouvidos antes que esse estranho o encontrasse.

Millport havia falhado com ele.

– Não te conheço –, acusou Neil.

– Ele é de uma universidade –, informou Hernandez. – Ele veio assistir você

jogar esta noite.

– Merda –, murmurou Neil. – Ninguém faz recrutamento em Millport, ninguém sabe onde fica.

– Há uma coisa chamada mapa –, informou o estranho. – Você já deve ter ouvido falar.

Hernandez olhou par Neil com advertência e levantou-se.

– Ele está aqui porque eu enviei o seu histórico. Ele publicou uma nota dizendo que precisava de um atacante de baixa estatura para seu time, achei que valeria a pena tentar. Não contei porque não sabia se algo poderia dar errado, eu não queria tirar suas esperanças.

Neil fitou Hernandez.

– Você fez o que?

– Tentei entrar em contato com seus pais quando ele pediu uma conversa com eles hoje à noite, mas seus pais não retornaram minhas mensagens. Você disse que iria tentar trazê-los.

– Eles n... –, Neil tentou. – Eles não puderam.

– Não posso esperar por eles –, disse o estranho, descendo para ficar ao lado de Hernandez. – É estúpido estar aqui no final da temporada, eu sei, mas eu tive alguns problemas técnicos com o meu último recruta. O treinador Hernandez disse que você ainda não escolheu uma universidade para o outono. Tudo se encaixa perfeitamente, não é? Preciso de um atacante, e você precisa de uma equipe. Tudo o que você tem que fazer é assinar a linha pontilhada e você será meu por cinco anos.

Levou duas tentativas para Neil encontrar sua voz.

– Você não tá falando sério.

– Muito sério, e muito fora de tempo –, afirmou o homem.

Ele jogou seu arquivo onde Neil estava sentado. O nome de Neil estava rabiscado na frente em marcador preto. Neil pensou em abrir a pasta, mas por qual objetivo? O garoto que este treinador havia pesquisado com tanta cautela não era real e não existiria por muito tempo. Em cinco semanas Neil se graduaria e em seis seria outra pessoa muito longe dali. Não importava o quanto gostasse de Neil Josten. Ele não ficaria ali por muito tempo.

Neil deveria ter se acostumado a isso. Havia passado os últimos oito anos fugindo, criando mentiras após mentiras e deixado uma trilha entrelaçada atrás dele. Vinte e dois nomes estavam entre ele e a verdade, e ele sabia o que aconteceria se alguém finalmente juntasse os pontos desta trilha.

Assinar com uma equipe universitária significava mais do que ficar parado. Significava entrar em foco. A prisão não deteria seu pai por muito tempo, e Neil não sobreviveria a uma revanche contra ele.

– Por favor, vá embora –, pediu ele.

– É um pouco inesperado, mas eu realmente preciso de uma resposta, ainda está noite. O Comitê vem me perseguindo desde que Janie foi interditada.

O estômago de Neil gelou com aquele nome. Ele estalou o olhar da pasta para o rosto do treinador.

– Raposas – disse ele. – Universidade de Palmetto.

O homem – que Neil agora sabia que deveria ser o treinador David Wymack – parecia surpreso pela a rapidez com que o garoto juntara tudo.

– Suponho que você viu a notícia.

Problemas técnicos, ele havia dito.

Era uma maneira sutil de dizer que seu último recruta, Janie Smalls, tentara

suicídio. Sua melhor amiga encontrou-a sangrando na banheira e a levou para um hospital a tempo. Neil tinha ouvido que a garota estava sendo monitorada em um hospital psiquiátrico. "Típico de uma Raposa", o apresentador do noticiário deixou escapar, e ele não estava exagerando.

As Raposas de Palmetto State era uma talentosa equipe de rejeitados e drogados, porque Wymack recrutava somente atletas de lares problemáticos. Sua decisão de transformar o time das Raposas em uma espécie de casa de reabilitação era boa, em teoria, mas isso significava que seus jogadores eram isolacionistas e não conseguiam se unir o suficiente para ganhar um jogo. Eles eram conhecidos na NCAA[1], tanto pelo o seu tamanho minúsculo quanto a falta de classificação nos últimos três anos consecutivos.

Eles tinham feito muito melhor no ano passado, graças à perseverança de sua capitã e à força de sua nova linha de defesa, mas eles ainda eram considerados uma piada para os críticos. Até Mesmo o CRE, Comitê Regulador de Exy, estava perdendo a paciência com seus péssimos resultados.

Então, o ex-campeão nacional, Kevin Day, juntou-se à equipe. Foi a melhor coisa que poderia acontecer às Raposas, e isso significava que Neil nunca poderia aceitar a oferta de Wymack. Neil não via Kevin há quase oito anos, e nunca estaria pronto para revê-lo novamente. Algumas portas deveriam permanecer fechadas; A vida de Neil dependia disso.

– Você não deveria estar aqui – disse Neil.

– Mas estou – replicou Wymack. – Precisa de uma caneta?

– Não –, respondeu Neil. – Não. Não vou jogar para você.

– Eu ouvi mal?

– Você tem um contrato com Kevin.

– E Kevin quer que você assine, então?

Neil não ficaria para ver o resto.

Neil subiu correndo a escada para o vestiário. O metal ressoando sob seu sapato fez barulho, não alto o suficiente para abafar o chamado surpreendente de Hernandez. Neil não olhou para trás, para ver se estavam o seguindo. Tudo o que ele sabia, tudo o que importava, estava ficando o mais longe possível dali.

Esquecer a formatura.

Esquecer "Neil Josten".

Ele partiria essa noite, correria até esquecer as palavras que Wymack lhe dissera.

Neil não foi rápido o suficiente. Estava na metade do vestiário quando percebeu que não estava sozinho. Alguém esperava por ele, na sala dos atletas, entre ele e a porta da frente.

Uma raquete amarela brilhante refletiu sob a luz quando o estranho desferiu o golpe, e Neil estava rápido demais para conseguir parar. O bastão acertou seu estomago com força suficiente para esmagar seus pulmões contra sua coluna. Ele não se recordava de ter caído, mas, subitamente, estava de joelhos com as mãos espalmadas no chão, ineficazes, enquanto tentava respirar.

Ele vomitaria caso não conseguisse controlar aquele primeiro suspiro, mas seu corpo recusou-se a cooperar.

O zumbido em seu ouvido era a voz furiosa de Wymack, soando a quilômetros de distância.

– Mas que merda, Minyard. É por isso que nós não temos nada que preste.

– Ah, Treinador –, alguém disse sobre a cabeça de Neil. – Se ele fosse bonzinho, não seria útil para nós, não é?

– Ele não vai ser útil se você arrebentá-lo.

– Você preferia que eu o deixasse ir? É só colocar um band-aid e ele vai ficar novinho em folha.

A cabeça girando, então entrou em foco nítido assim que o ar atingia os pulmões torturados de Neil. Ele inalou o ar tão bruscamente que engasgou toda a tosse que ameaçava sair. Ele envolveu um braço em torno de seu corpo e inclinou-se para dar um olhar feroz em seu agressor. Wymack já dissera o nome do cara, mas Neil não precisava disso. Ele tinha visto esse rosto em muitos recortes de jornais para não reconhecê-lo de vista.

Andrew Minyard não aparecia muito em publico, loiro, 1,56 de altura, mas agora Neil o conhecia bem. Andrew era o goleiro novato das Raposas, o investimento mais arriscado. A maioria das Raposas era autodestrutiva, enquanto Andrew parecia mais interessado em danos colaterais. Ele passara três anos em um reformatório juvenil, e mal evitava se mandado de volta. Andrew também foi à única pessoa a se recusar a entrar na Universidade de Edgar Allen. Kevin e Riko fizeram uma festa de boas vindas para recebê-lo na equipe, no entanto Andrew recusou e se juntou às Raposas. Ele nunca explicara essa escolha, embora todos supusessem que fosse pela disposição de Wymack a contratar outros membros da família – O irmão gêmeo de Andrew e seu primo, Nicholas Hemmick, se juntaram ao time no mesmo ano. Seja qual for à razão, Andrew tinha sido o responsável pela recente transferência de Kevin.

Kevin jogou para os Corvos de Edgar Allen até que quebrou sua mão dominante em um acidente de esqui, dezembro passado. Uma lesão como esta lhe custou o contrato com a faculdade, porém deveria ter se recuperado onde teria o apoio de sua ex-equipe. Em vez disso, mudou-se para Palmetto, para ser o treinador assistente e informal de Wymack. Três semanas atrás, ele hávia oficialmente assinado para jogar na próxima temporada. A única coisa que uma equipe sombria como as Raposas poderia oferecer a Kevin era o goleiro que um dia o desprezou.

Neil passou a primavera procurando tudo o que pudera encontrar sobre Andrew, querendo decifrar o garoto que tinha captado para si os olhares de

Kevin. Encontrar Andrew cara a cara foi tão desorientador quanto doloroso.

Andrew sorriu para Neil e bateu continência com dois dedos, em saudação.

– Mais sorte da próxima vez.

– Vá se foder – xingou Neil. – De onde você roubou a raquete?

– Peguei emprestada. – Andrew atirou a raquete para Neil. – Aqui está.

– Neil – gritou Hernandez, pegando Neil pelo braço para ajudá-lo. – Por Deus, você está bem?

– Andrew é um pouco mal-humorado – disse Wymack, aproximando-se entre Neil e Andrew.

Andrew não teve problemas em ler aquele aviso silencioso. Ergueu as mãos, encolhendo os ombros exageradamente e se retirou para dar mais espaço a Neil. Wymack o observou ir, antes de olhar para Neil.

– Ele quebrou alguma coisa?

Neil pressionou as mãos cuidadosamente em suas costelas e respirou, sentindo a forma como seus músculos gritavam em protesto. Ele tinha fraturado ossos o suficiente, no passado, para saber que teve sorte desta vez.

– Estou bem, treinador. Vou embora, me deixe ir.

– Não terminamos –, interveio Wymack.

– Treinador Wymack –, começou Hernandez.

Wymack não o deixou terminar.

– Nos dê um segundinho?

Hernandez olhou de Wymack para Neil, depois o soltou.

– Vou estar lá fora.

Neil ouviu seus passos enquanto ele saia. Houve um chacoalhão quando ele chutou o canto da porta para fora de seu caminho, a porta dos fundos fechou-se com um rangido agonizante.

– Já dei a minha resposta, não vou assinar com seu time.

– Você nem ouviu a minha oferta –, disse Wymack. – Paguei *três* passagens aereas só para vê-lo. O mínimo que você poderia fazer é me dar cinco minutos, não acha?

A pressão de Neil baixou tão rapidamente que o mundo se inclinou. Ele recuou um passo, se distanciando de Wymack, em uma desesperada busca por equilíbrio e espaço para respirar. Deslizou a mão pela alça de sua bolsa esportiva, que batia contra seu quadril, precisando de algo para segurar.

– Você não trouxe ele até aqui?

Wymack o olhou fixamente.

– É um problema?

Neil não podia contar a verdade, então disse:

– Não sou bom o suficiente para jogar ao lado de um campeão.

– Isso é verdade, mas é irrelevante – disse uma nova voz, e Neil parou de respirar.

Ele sabia que era melhor não se virar, mas já estava fazendo.

Deveria ter adivinhado no momento em que viu Andrew, mas ele não queria pensar nessa hipótese. Não havia razão para um goleiro encontrar um atacante em potencial. Andrew só estava lá porque Kevin Day nunca saia sozinho.

Kevin estava sentado no espaço de lazer, ao longo da parede dos fundos. Ele empurrou a TV de lado, dando-se mais espaço na mesinha e cobriu o seu redor com papéis.

Ele assistira a todo esse espetáculo e, a julgar pela expressão fria em seu rosto, não se impressionou com a reação de Neil.

Passaram-se anos desde que Neil esteve no mesmo recinto que Kevin, anos desde que eles viram o pai de Neil esquartejar um homem gritando em cem pedaços. Neil conhecia o rosto de Kevin bem mais que o seu próprio, consequência de ver Kevin crescer na mídia a mil, ou mais, milhas de distância.

Tudo nele era diferente.

Tudo nele era o mesmo, de seus cabelos escuros e olhos verdes ao número “dois” tatuado em sua bochecha esquerda. Neil olhou aquele número e quis vomitar. Kevin tinha esse número naquela época também, porém era muito jovem para fazê-la de forma permanente. Em vez disso, ele e seu irmão adotivo, Riko Moriyama, escreveram os números “um” e “dois” em seus rostos com marcadores, e redesenhavam sempre que começava a desaparecer.

Neil não entendeu, até então, mas Kevin e Riko apontavam para as estrelas. Eles seriam famosos, ambos prometeram a ele. Eles estavam certos. Tinham equipes profissionais e jogavam para os Corvos. No ano passado, ambos foram introduzidos na seleção nacional, à equipe dos EUA. Eles eram campeões, e Neil era uma confusão de mentiras, um beco sem saída.

Neil sabia que Kevin não podia reconhecê-lo. Fazia muito tempo; Ambos tinham crescido em um mundinho à parte. Neil tinha disfarçado ainda mais sua aparência com tintura para cabelo em tons escuro e lentes de contatos castanhos. Mas por que Kevin Day estaria aqui procurando por ele? Nenhuma equipe da Primeira Divisão se rebaixaria a tanto, nem mesmo as Raposas.

O histórico de Neil dizia que ele só estivera jogando Exy por um ano. Ele tinha sido bastante cuidadoso ao fingir não ter experiência, e até mesmo

carregara vários livros de treinamento durante o outono passado. Era fácil fingir, a princípio, já que não segurava em uma raquete há oito anos. O fato de estar jogando em uma posição diferente da qual tinha jogado na liga infantil pouco ajudou, uma vez que tivera de reaprender a jogar de uma nova perspectiva.

Ele tinha uma invejável e inevitável aprendizagem, mas ainda lutava para não brilhar. Será que tinha se descuidado? Tinha sido óbvio demais que havia uma experiência passada da qual não havia mencionado? Como havia conseguido chamar a atenção de Kevin, apesar de suas melhores tentativas de manter-se nas sombras? Se fora fácil para Kevin, que tipo de holofote estaria mostrando para os capangas de seu pai?

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, com os lábios entorpecidos.

– Por que estava indo embora? – Perguntou Kevin.

– Eu perguntei primeiro.

– O Treinador já respondeu essa pergunta –, disse Kevin, um pouco impacientemente. – Estamos esperando você assinar o contrato. Pare de desperdiçar nosso tempo.

– Não –, respondeu Neil. – Há mil atacantes que iriam saltitar com a chance de jogar com vocês. Por que não incomodam eles?

– Nós olhamos seus arquivos –, respondeu Wymack. – Escolhemos você.

– Eu não vou jogar com Kevin.

– Ah, você vai –, disse Kevin.

Wymack deu de ombros para Neil.

– Talvez você não tenha notado, mas não vamos sair daqui até que diga sim. Kevin disse que temos que ter você, e ele tem razão.

– Deveríamos ter jogado fora a carta do seu treinador no momento em que abrimos –, disse Kevin. – Seu arquivo é deplorável, e eu não quero alguém com sua inexperiência em nosso time. Isso vai contra tudo o que estamos tentando fazer com as Raposas este ano. Felizmente, para você, o seu treinador nos enviou suas estatísticas. Ele nos enviou uma gravação para assistir você jogando. Você joga como se tivesse tudo a perder.

"Alguém com a sua Inexperiência."

Se Kevin realmente se lembrasse dele, saberia que o arquivo era uma farsa. Saberia sobre a equipe da liga infantil na qual Neil participara. Se lembraria da discussão interrompida pelo assassinato daquele homem.

– É por isso –, disse Neil, calmamente.

– Esse é o único tipo de atacante que vale a pena.

O alívio fez o estomago de Neil doer. Kevin não o reconhecera e isso fora apenas uma horrível coincidência. Talvez fosse a maneira de o universo lhe mostrar o que poderia acontecer se permanecesse no mesmo lugar por muito tempo.

Talvez, da próxima vez não seja Kevin.

Da próxima vez possa ser seu pai.

– É realmente bom, a nosso favor, que você esteja em nosso caminho –, disse Wymack. – Ninguém fora da nossa equipe, nem mesmo o conselho estudantil, sabe que estamos aqui. Não queremos que seu rosto apareça nas notícias neste verão. Temos muito com que lidar agora e não queremos arrastar você em um caos, até você estar seguro e estabelecido no campus. Há uma cláusula de confidencialidade em seu contrato, diz que você não pode dizer a ninguém que você é nosso até que a temporada comece, em agosto.

Neil olhou de novo para Kevin, procurando o seu verdadeiro nome naquele

rosto.

– Não é uma boa ideia.

– Anotado e descartado –, disse Wymack. – Algo mais, ou vai começar a assinar essa coisa?

Era a coisa mais inteligente a se fazer.

Mesmo Kevin não se lembrando dele, era uma ideia terrível. As Raposas passavam muito tempo nos noticiários e só pioraria com Kevin na equipe. Neil não deveria submeter-se a esse tipo de coisa. Deveria rasgar o contrato de Wymack em mil pedaços e partir.

Partir significa viver, o modo de vida de Neil era a sobrevivência e nada mais. Sempre foram novos nomes e novos lugares sem nunca olhar para trás. Ele estava sempre fazendo as malas e partindo assim que tudo estivesse resolvido. Este último ano sem sua mãe ao seu lado significava estar completamente sozinho e à deriva. Ele não sabia se estava preparado para isso. Não sabia se estava pronto para desistir de Exy novamente.

Exy, a única coisa que o fazia sentir-se real.

O contrato de Wymack era a permissão para continuar jogando, e uma chance de fingir ser normal um pouco mais de tempo. Wymack dissera que seria por cinco anos, mas Neil não teria que ficar tanto tempo. Ele poderia escapar sempre que quisesse, não poderia?

Ele olhou para Kevin novamente.

Kevin não o reconheceu, mas, talvez uma parte dele ainda se lembre do garoto que conhecera há tantos anos. O passado de Neil estava preso nas lembranças de Kevin. Essa era a prova de que ele existia, igualmente ao jogo que ambos jogavam. Kevin era prova de que Neil era real.

Talvez, Kevin também seria a sua melhor chance de saber quando partir novamente. Se vivesse, praticasse e jogasse com Kevin, saberia quando as desconfianças começassem a brotar. No momento que Kevin começasse a fazer perguntas ou a olhá-lo desconfiado, Neil se afastaria.

– Então? – perguntou Wymack.

Seus instintos de sobrevivência guerreavam contra sua necessidade, transformando-se em um pânico quase que debilitante.

– Tenho que falar com minha mãe –, respondeu Neil, sem saber o que mais dizer.

Por quê? – indagou Wymack. – Você não precisa, não é? Seu arquivo diz que você tem dezenove anos.

Neil tinha dezoito, mas não iria contradizer sua papelada forjada.

– Ainda preciso perguntar.

– Ela ficará feliz por você.

– Talvez –, disse Neil em silêncio, sabendo que era uma mentira.

Se sua mãe soubesse que ele estava considerando essa ideia, ficaria furiosa. Provavelmente era uma coisa boa que ela nunca saberia, mas Neil não achava realmente boa, ela se sentiria com uma facada no peito.

– Vou falar com ela hoje à noite.

– Podemos levá-lo em casa.

– Estou bem.

Wymack olhou para as Raposas.

– Vão e esperem no carro.

Kevin pegou os arquivos e saiu. Andrew esperou que Kevin o alcançasse e o levou para fora do vestiário. Wymack esperou até que eles se fossem, então virou um olhar sério para Neil.

– Você precisa que um de nós converse com seus pais?

– Estou bem –, repetiu Neil.

Wymack nem sequer tentou sutileza com sua pergunta seguinte.

– São eles que te machucam?

Neil olhou para ele, completamente perdido.

A pergunta fora contundente o suficiente para ser rude em tantos níveis que não havia uma boa maneira para começar a responder. Wymack pareceu perceber isso, pois continuou antes que Neil pudesse responder.

– Vamos tentar de novo. Por isso eu perguntei, porque o treinador Hernandez avisou que você passa várias noites por semana aqui. Ele acha que há algo acontecendo, pois você não volta para casa como os outros e não deixa ninguém conhecer seus pais. É por isso que ele o recomendou para mim, ele acha que você se encaixa na equipe. Você sabe o que isso significa, não sabe? Você conhece as pessoas que eu procuro.

Eu não sei se ele está certo –, disse ele, – Mas, algo me diz que não está errado. De qualquer maneira, o vestiário vai ser trancado uma vez que o ano letivo terminar, você não poderá vir aqui durante o verão. Se seus pais são o problema, vamos levá-lo para a Carolina do Sul o mais rápido.

– Vocês vão fazer o quê? – indagou Neil, surpreso.

– O grupo de Andrew vai ficar na cidade para as férias de verão – disse Wymack. – Eles estão na casa da Abby, à enfermeira da nossa equipe. O lugar

deve está cheio, então, você poderia ficar comigo até o dormitório abrir, em junho. Meu apartamento não foi feito para duas pessoas, mas eu tenho um sofá mais confortável que o chão.

– Vamos dizer a todos que você está lá para treinamento preparatório. É provável que grande parte acredite. Você não vai ser capaz de enganar o restante, mas não importa. As Raposas são Raposas por uma razão, e sabem que nós não assinaríamos com você caso não se qualificasse. Não significa que eles precisam saber de detalhes. Não tenho o direito de perguntar, e tenho certeza que não vou contar nada a eles.

Foram necessárias duas tentativas para uma única pergunta.

– Por quê?

Treinador Wymack ficou em silencio por um minuto.

– Você acha que eu montei o time do jeito que é porque pensei que seria uma ótima jogada de marketing? É sobre segundas chances, Neil. Segunda, terceira, quarta, o que seja; enquanto você tira pelo menos mais do que qualquer outra pessoa queira te dar.

Neil ouvira sobre Wymack como um idiota idealista por mais de uma pessoa, mas era difícil ouvi-lo e não acreditar em sua sinceridade. Neil estava dividido entre incredulidade e desdém. O porquê de Wymack se preparar para a decepção, uma e outra vez, Neil não sabia.

Neil teria desistido das Raposas, anos atrás.

Wymack deu-lhe um segundo para pensar antes de perguntar novamente:

– Seus pais vão ser um problema?

Era muito para arriscar, porem, muito para se afastar. Doeu quando ele assentiu com a cabeça, no entanto, doía mais ver aquele olhar cansado se

assentar nos olhos de Wymack. Não era a pena que ele achava que enxergava em Hernandez, de vez em quando, mas algo familiar que dizia que Wymack entendia o que custava ser Neil. Como era ter que lutar para acordar e continuar caminhando todos os dias.

Neil duvidava de que esse homem pudesse realmente entendê-lo, mas mesmo essa pequena parte era mais do que ele jamais conseguiria em sua vida.

Neil teve que desviar o olhar.

– Sua cerimônia de formatura é no dia 11 de maio, de acordo com o seu treinador – disse Wymack. – Teremos alguém que irá pegá-lo no Aeroporto Regional na sexta-feira, dia 12.

Neil quase sinalizou que não tinha concordado com nada ainda, mas as palavras morreram em sua garganta ao perceber que *realmente* estaria indo.

– Fique com os papéis esta noite –, ofereceu Wymack, empurrando sua pasta em Neil novamente. Desta vez, Neil pegou. – Seu treinador pode me enviar as cópias assinadas na segunda-feira.

– Bem-vindo ao time.

Agradecer parecia apropriado, mas Neil não conseguiu.

Ele manteve seu olhar fixo no chão.

Wymack não esperou muito tempo por uma resposta antes de ir atrás de Hernandez. A porta dos fundos bateu atrás dele, e as forças de Neil sumiram. Ele correu para o banheiro e trancou-se em uma das cabines por um tempo. Podia imaginar a raiva de sua mãe se soubesse o que estava fazendo. Lembrou-se muito bem do violento puxão de cabelo. Eles haviam passado todos esses anos tentando manter-se em movimento e as escondidas, e agora ele estava destruindo seu trabalho duro.

Ela nunca o perdoaria por isso, ele sabia.

– Eu sinto muito –, ele ofegou entre a tosse molhada. – Me desculpe, me desculpe.

Ele tropeçou até as pias para enxaguar a boca e olhou para o espelho a sua frente. Com cabelos pretos e olhos castanhos, ele parecia simples e normal: ninguém para notar na multidão, ninguém para ficar na memória. Isso era o que ele queria, mas ele se indagava, se esse disfarce aguentaria contra as câmeras dos noticiários.

Neil fez uma cara feia para seu reflexo e se inclinou para mais perto do espelho, puxando uma mecha do cabelo, verificando suas raízes. Elas estavam escuras o suficiente para relaxar e se inclinou um pouco para trás.

– Universidade –, ele disse, calmamente.

Parecia um sonho; Tinha gosto de condenação.

Ele desabotoou sua bolsa o suficiente para colocar a papelada de Wymack dentro. Quando voltou para a sala dos atletas, os dois treinadores esperavam por ele. Neil não disse nada, passou por eles em direção a porta.

Andrew abriu a porta traseira do SUV de Hernandez quando Neil passou por ele, e deu a Neil um sorriso gentil e sarcástico.

– Muito bom para jogar com a gente, ou muito bom para andar com a gente?

Neil deu-lhe um olhar indiferente acelerando o passo. Quando chegou ao final do estacionamento, estava correndo. Ele deixou o estádio, as Raposas e suas promessas muito boas param trás, mas o contrato não assinado em sua bolsa parecia uma âncora em volta de seu pescoço.

---

[1] *(National Collegiate Athletic Association ou NCAA é a entidade máxima do esporte universitário dos Estados Unidos. Organizam e gerencia competições regionais e nacionais entre as universidades do país.)* [Voltar]

CAPÍTULO DOIS

Fazia tempo que Neil havia perdido a conta de quantos aeroportos tinha visto. Seja qual for o número, era insano e ele nunca ficara confortável neles. Havia muitas pessoas o vigiando e voar com passaporte falso era sempre arriscado. Ele herdara as conexões de sua mãe, depois de sua morte, então sabia que o trabalho era bem feito, mas seu coração batia mais rápido cada vez que alguém pedia para verificar seus documentos.

Ele nunca havia estado no aeroporto Sky Harbor ou da Carolina do Sul, mas havia algo familiar em seu ritmo frenético. Ele ficou ao lado do portão norte, por quase um minuto, depois que todos os outros passageiros do seu voo saíram para seus destinos. A multidão em torno parecia à mistura habitual: turistas, empresários e estudantes voltando para casa no final do semestre. Esperava não encontrar alguém que o reconheceria, uma vez que nunca hávia estado na Carolina do Sul, mas não custava checar antes.

Finalmente, ele seguiu em frente por um corredor até as escadas de desembarque. À tarde de sexta-feira significava que o pequeno corredor estava lotado, encontrar a carona que o treinador Wymack o prometera foi mais fácil do que Neil esperava.

Foi o olhar certeiro de seu companheiro de equipe que captou o olhar de Neil quase certo para ele. Era um dos gêmeos. A julgar pelo olhar calmo em seu rosto, Neil fez sua aposta, não era Andrew. Aaron Minyard era frequentemente referido como "o normal" dos dois, embora isso fosse geralmente seguido por um debate sobre se ele poderia ou não ser saudável, por compartilha genes com Andrew.

Neil atravessou a sala para encontrá-lo. Neil era o jogador mais baixo no time dos Cães Selvagens de Millport, mas agora ele era um pouco mais alto que

Aaron. O conjunto todo preto que Aaron usava não o fez parecer mais alto, e Neil se perguntava como ele conseguia vestir mangas compridas em maio. Neil sentiu calor só de olha-lo.

– Neil –, disse Aaron em vez de oi, e apontou: – Me de sua bagagem.

– É só isso.

Neil pegou a alça de sua bolsa e dependurou-a sobre o ombro. A bolsa era pequena o suficiente para ser uma bagagem de mão, e grande o suficiente para carregar tudo que Neil tinha.

Aaron aceitou sem nenhum comentário e partiu. Neil o seguiu através do portão de vidro deslizante em uma quente tarde de verão. Uma pequena multidão esperava no semáforo, na faixa de pedestre, mas Aaron os empurrou e seguiu em frente. Um barulho de freios grunhiu quando um táxi freou a um centímetro do corpo de Aaron, que pareceu não notar, mais interessado em acender um cigarro entre seus lábios. Ele prestou ainda menos atenção nos xingamentos que o motorista gritou. Neil gesticulou em desculpa ao taxista e correu para alcançá-lo.

Um elegante carro preto esperava no estacionamento. Neil não sabia muito sobre carros, em geral, mas sabia que aquele deveria valer uma fortuna. Pensou por um momento que deveria haver um carro menor fora de vista, atrás dele, mas Aaron destrancou o carrão com um botão em seu chaveiro.

– Bagagem no porta-malas –, disse ele, abrindo a porta do motorista e sentando-se de lado no assento para fumar.

Neil, obedientemente, colocou a mochila no porta-malas antes de subir no assento do passageiro. Aaron não foi a nenhum lugar até fumar seu cigarro pela metade. Entrou no carro e fechou a porta. Um girar da chave na ignição fez o motor zumbir, e Aaron olhou para Neil novamente. A sombra de um sorriso puxando o canto de sua boca foi uma expressão decididamente hostil.

– Neil Josten –, disse novamente, soado mais como um teste. – Aqui para o

verão, hem?

– Sim.

Aaron ligou o ar-condicionado no máximo e manobrou o carro no sentido inverso.

– Então somos cinco. Mas você vai ficar com o treinador.

O treinador Wymack advertira Neil sobre o primo de Andrew e Aaron, Nicholas estaria na cidade, mas a soma inda não batia. Neil sabia quem era aquela quinta pessoa. Ele não queria acreditar, mesmo sabendo que esperava por isso. Kevin havia sido colado com super cola ao lado de Andrew desde sua transferência. Ainda assim, Neil tinha que ter certeza.

– Kevin vai fica no campus? – Perguntou ele.

– Onde o estádio estiver Kevin vai estar. Ele não vive sem essa coisa. – respondeu Aaron com ironia.

– Não acho que Kevin esteja aqui por causa do estádio –, supôs Neil.

Aaron não respondeu.

Foi uma curta viagem até a saída do estacionamento, Aaron deu dinheiro para a senhora do guichê. Pisou no acelerador assim que a cancela levantou para deixa-los sair. Uma buzina de carro soou para eles, em advertência, enquanto cortavam diretamente no trânsito, Neil discretamente afivelou seu cito de segurança. Aaron não notou ou não se importou. Quando estavam na estrada, ele lançou um olhar no canto do olho para Neil.

– Ouvi que você não se deu muito bem com Kevin no mês passado.

– Ninguém me avisou que ele estaria lá –, respondeu Neil, observando o cenário correndo fora da janela. – Talvez você me desculpe por não ter reagido bem.

– Talvez não. Não acredito em perdão, e não fui eu quem você ofendeu. É a segunda vez que um recruta toca o foda-se para ele. Se fosse possível fazê-lo morder essa arrogância, o orgulho dele se destruiria. Em vez disso, ele vem perdendo a fé na inteligência dos atletas do ensino médio.

– Tenho certeza de que Andrew teve motivos para recusar o mesmo que eu.

– Você disse que não era bom o suficiente, mas está aqui, de qualquer maneira. Acha que um verão de treinos vai fazer muita diferença?

– Não –, responde Neil. – Foi muito difícil dizer não.

– Treinador sempre sabe o que dizer, hen? Torna as coisas mais difíceis para o resto de nós. Nem Millport deveria ter dado uma chance a você.

Neil deu de ombros.

– Millport é pequena demais para se preocupar com experiência. Eu não tinha nada a perder tentando, e eles nada a ganhar me rejeitando. Era uma questão de estar no lugar certo no momento certo, eu acho.

– Você acredita em destino?

Neil sentiu o leve desprezo na voz de Aaron.

– Não. E você?

– Boa sorte, então –, desejou Aaron, ignorando aquela pergunta de retorno.

– Somente em má sorte.

– Estamos lisonjeados por sua opinião sobre nós, é claro.

Aaron girou o volante, deslizando o carro em zig-zag de uma pista para a outra sem se preocupar em verificar o tráfego em torno. Buzinas ecoaram atrás deles. Neil espiou no espelho retrovisor enquanto os carros desviavam, evitando

colidir contra eles.

– É um carro muito bom para ser destruído –, disse ele, intencionalmente.

– Não tenha medo de morrer –, replicou Aaron enquanto o carro seguia em zig-zag pela estrada de quatro pistas até uma rampa de saída. – Se você for medroso, não vai servir para nossa equipe.

– Estamos falando de um esporte, não de uma luta até morte.

– Da no mesmo –, disse Aaron. – Você vai jogar numa equipe da Primeira Divisão, com Kevin no seu time, as pessoas estão sempre dispostas a sangrar por isso. Suponho que você deva ter visto nos noticiários.

– Já vi –, assentiu Neil.

Aaron gesticulou com os dedos, como se provasse seu ponto de vista. Neil deveria dizer que ele estava errado, mas deixou passa.

Kevin Day e seu irmão adotivo, Riko Moriyama, foram aclamados como os filhos do Exy. A mãe de Kevin, Kayleigh Day, e o tio de Riko, Tetsuji Moriyama, criaram o esporte há trinta anos, enquanto Kayleigh estudava no exterior, em Fukui no Japão. O que começou como uma experiência se espalhou do campus para as equipes de ruas locais e, em seguida, atravessou o oceano para o resto do mundo. Kayleigh trouxera para casa com ela, na Irlanda, depois de concluir a sua licenciatura. Os Estados Unidos aderiram ao esperte logo depois.

Kevin e Riko foram criados no Exy. Ambos tinham suas raquetes personalizadas, embora o gigantesco estádio, Castelo Evermore, em Edgar Allen, o primeiro estádio NCAA de Exy nos Estados Unidos, fosse um pouco fora dos planos. Após o acidente de carro fatal de Kayleigh, Tetsuji adotou Kevin, mas o novo treinador dos Corvos não tinha tempo para cuidar dos filhos. Riko e Kevin passaram todos seus anos letivos em Evermore, com os Corvos, e foram considerados mascotes não oficiais da equipe.

Quando ambos não estavam sendo treinados por Tetsuji, eram treinados por uma equipe, professores eram levados até o local para que eles não tivessem que deixar o estádio para ir à escola. Kevin e Riko cresceram na frente das câmeras, com Exy sempre de pano de fundo, e sempre juntos. Até Kevin ser transferido para Palmetto State, ele e Riko nunca tinham sido vistos separados.

Sua infância não convencional levara muitos a se preocupar com o seu bem-estar psicológico, mas também alimentou uma obsessão furiosa sobre a dupla. Riko e Kevin eram os rostos dos Corvos. Para muitos, eles eram considerados o futuro do Exy.

Em dezembro passado, Riko e Kevin desapareceram dos olhares públicos por semanas. Quando o campeonato da primavera começou, em janeiro, nenhum dos dois estava na formação titular dos Corvos. No final de janeiro, fora quando Tetsuji Moriyama abordou o tema em uma coletiva de imprensa. A notícia fora um golpe cruel para os fãs de Exy em todos os lugares: Kevin Day tinha lesionado sua mão em uma viagem enquanto esquiava. De acordo com Tetsuji, Kevin e Riko estavam devastados demais para encarar os Corvos e seus fãs na época.

No dia seguinte, o treinador Wymack dissera à imprensa que Kevin se recuperava na Carolina do Sul. Ouvir que Kevin nunca mais jogaria era ruim; descobrir que ele estava saindo dos Corvos foi ainda pior, para os fãs obsessivos. Kevin fora relegado ao banco, como treinador assistente, onde emprestou seu prestígio e conhecimento ao time local. Os fãs tomaram isso como uma ofensa à sua amada equipe, os Corvos, mas a maioria das pessoas dava sua transferência de volta como certa, assim que sua mão estivesse curada novamente. Exceto por Kevin Day assinar com as Raposas em março – não mais como treinador, mas como um atacante.

Seus fãs passaram de sentir o coração partido a sentir-se traídos.

Palmetto State suportara o peso deste ódio desde então. A universidade e o estádio tinham sido vandalizados mais de uma dúzia de vezes, e várias brigas

surgiram no campus. E só pioraria quando a temporada recomeçasse e as pessoas vissem Kevin usando as cores das Raposas.

Neil não se sentia nada ansioso para entrar no meio desse caos.



O apartamento onde Wymack morava ficava a vinte minutos, de carro, do aeroporto. O estacionamento estava praticamente vazio, uma vez que já era meio-dia em um dia de trabalho, mas havia três pessoas esperando na calçada.

Aaron foi o primeiro a sair e apontou o chaveiro na traseira do carro. Neil ouviu a fechadura estalar quando saiu do carro. Aaron encontrou-se com os outros no meio-fio, enquanto Neil pegava sua bolsa no porta-malas. Neil a dependurou sobre seu ombro, aliviando-se um pouco com o peso familiar, e aprumou a postura. Quando se deu conta, era o centro das atenções.

Os gêmeos estavam de pé em ambos os lados de Kevin, vestidos de forma idêntica, mas facilmente distinguíveis pelos olhares em seus rostos. Aaron parecia aborrecido agora, tendo cumprido sua tarefa em trazer Neil. Andrew sorria, mas Neil sabia que sua alegria não significava uma reação agradável. Ele estava sorrindo quando esmagou uma raquete em seu estômago.

Nicholas Hemmick parecia o único *genuinamente* feliz por ver Neil, ele desceu à calçada e se aproximou. Neil se alegrou com a distração, já que o impediu de olhar para Kevin, e aceitou prontamente a mão oferecida por Nicholas.

– Ei –, disse o garoto, usando seu aperto de mão para puxar Neil ao meio-fio. – Bem-vindo à Carolina do Sul. Voou bem?

– Sim, voei bem.

– Eu sou Nicky. – Nicky deu um último aperto na mão de Neil antes de

soltá-la. – Sou primo de Andrew e Aaron, o maravilhoso defensor.

Neil olhou para ele, e depois para os gêmeos. Os gêmeos eram claros, Nicky era escuro, com cabelos negros, olhos castanhos escuros e pele dois tons mais escuros para parecer bronzeado. Ele também era um pouco mais alto que eles.

– De sangue?

Nicky riu.

– Não nos parecemos, não é? Puxei a minha mãe. Meu pai resgatou-a do México durante uma viagem missionária enquanto ele fazia os paranauê. – Ele revirou os olhos, então apontou um polegar para os outros. – Já os conhece, não? Aaron, Andrew, Kevin? O treinador deveria estar aqui para deixar você entrar, mas ele teve que ir até o estádio rapidinho. O CRE chamou ele para uma reunião, provavelmente sobre o porquê nós não anunciamos nosso substituto ainda. Enquanto isso, você fica conosco, temos as chaves do treinador. Suas coisas estão no porta-malas?

– Não, é só isso.

Nicky arqueou uma sobrancelha e olhou para os outros.

– Ele tem só uma bolsa. Eu gostaria de viajar assim. Droga, se eu não fosse tão materialista.

– Materialista é só o começo –, insinuou Aaron.

Nicky sorriu e agarrou o ombro de Neil, o guiando em direção ao portão da frente.

– É aqui que o treinador mora –, disse ele, desnecessariamente. – Ele ganha todo o dinheiro, então consegue viver em um lugar como este, enquanto nós, os pobres, dormimos em sofás.

– Vocês tem um carro bem extravagante para alguém que acha ser pobre –,

disse Neil.

– É por causa dele que somos pobres –, replicou Nicky, secamente.

– A mãe do Aaron comprou para a gente com dinheiro do seguro de vida –, explicou Andrew. – Não foi nenhuma surpresa ela ter valido alguma coisa só depois da morte.

– Calma –, disse Nicky, mas olhava para Aaron enquanto falava.

– Calminho. Calminho. – Andrew ergueu as mãos encolhendo os ombros. – Por que se preocupar? É um mundo cruel, não é, Neil? Você não estaria aqui se não fosse.

– Não, o mundo não é cruel –, respondeu Neil. – São as pessoas que vivem nele.

– Ah, é verdade.

Eles adentraram o elevador até o sétimo andar em silêncio. Neil observou os números cintilarem acima da porta, para não olhar o reflexo de Kevin. A preocupação por estar distante do chão foi distração o suficiente. Ele preferia ficar o mais próximo do térreo, para que pudesse fugir facilmente, se necessário. Saltar pela janela estava definitivamente fora de questão. Neil fez uma nota mental para procurar todas as saídas de emergências.

O apartamento de Wymack era o número 724. Todos se agruparam ao redor da porta enquanto Aaron tirava a chave do bolso. Levou duas tentativas para lembrar qual bolso estava. Neil não notou quando ele a encontrou e destrancou a porta. Mais ocupado observando os bolsos da calça de Aaron. Estavam muito planas para esconder um maço de cigarros, mas Neil tinha visto Aaron guardá-lo antes de atravessar a rua no aeroporto.

– Aqui está, Neil –, disse Nicky, e Neil forçou seu olhar para a porta aberta.

Nicky gesticulou para que ele entrasse.

– Lar doce lar. Se é que alguma coisa envolvendo o treinador possa ser chamada de doce.

Neil sabia desde abril que dormiria no sofá do treinador Wymack durante algumas semanas. Soube nos dias depois da visita de Wymack que seria desconfortável. Ele ainda não estava preparado para o modo como seu estômago se agitava dentro de si agora. Ele estava sozinho desde que sua mãe morrera e o último homem com quem morou fora seu pai. Como deixaria Wymack trancar a porta todas as noites com os dois sob o mesmo teto?

Ele não poderia dormir ali; A cada respiro de Wymack, Neil acordaria se perguntando quem estaria atrás dele. Talvez devesse voltar e ficar em um hotel, mas como explicaria isso a Wymack? Teria que se explicar? Wymack achava que seus pais eram abusivos, então, talvez entenderia a sua relutância.

Ele não esperava travar desse jeito, hesitando por muito tempo. Enxergou o olhar curioso e confuso que Nicky enviou a Aaron, e soube que tinha cometido um erro. Estava imóvel até Andrew se aproximar, esperando Neil se mover novamente. Andrew sorria, seu olhar pálido era intenso. Neil encontrou seus olhos por um momento e soube que seria pior ficar ali com eles do que cruzar aquela porta. Ele descobriria o que temia, mas não ali e não agora, não com Andrew e Kevin de testemunhas.

Neil atravessou a porta e andou pelo corredor. A primeira porta abriu para a sala de estar, onde Neil dormiria. O sofá que Wymack hávia dito estava limpo, até mesmo tinha um bilhete para ele, dizendo que os cobertores estavam na gaveta da mesinha de centro. O sofá era único lugar da sala que estava limpo, todo o resto estava coberto de papeladas e canecas de café vazias. O cinzeiro transbordava cinzas em abundância.

Neil estava do outro lado da sala, pronto para olhar pela janela quando Nicky falou atrás dele.

– O que foi aquilo?

O sangue de Neil transformou-se em lama. Não foram as palavras que Nicky tinha dito, mas o idioma que usou.

O alemão era a segunda língua de Neil, graças há três anos vividos na Áustria, Alemanha e Suíça. Ele lembrava mais da Europa do que queria; a maior parte do tempo havia sido uma confusão. Neil sabia que o gosto de sangue em sua boca era apenas sua imaginação, mas foi o suficientemente para sufocá-lo. Podia sentir seu batimento cardíaco em cada centímetro de sua pele, batendo tão rápido que o fez tremer da cabeça aos pés.

Como sabiam que ele falava alemão?

Neil rapidamente pensou em fugir, mas Aaron respondeu, então Neil percebeu que Nicky não estava falando com ele. Não, estavam falando sobre ele, sem a intenção de que ele entendesse.

Neil forçou-se a se mover, terminando sua ida até a janela. Empurrou as cortinas e colocou as mãos no vidro, precisando de algo para se apoiar enquanto seu coração tentava volta ao ritmo normal.

– Acho que ele estava saboreando o momento –, respondeu Aaron.

– Não –, refutou Nicky. – Pareceu mais com estado de choque. – O que diabos você disse a ele, Andrew?

Neil olhou para eles.

Nicky não estava olhando para Andrew, talvez já sabendo que não receberia uma resposta, porém ambos observavam Neil do outro lado da sala. Quando Neil se virou, Nicky deu um sorriso brilhante e voltou para o inglês.

– Que tal um passeio?

Neil pensou em dizer alguma coisa, mas já era tarde de mais.

– Claro.

Não havia muito para ver. Um banheiro em frete a cozinha, e os quartos ficavam no final do corredor. Wymack havia transformado o segundo quarto em um escritório. Diferente das paredes da sala, as do escritório eram cobertas com artigos de jornal, fotos da equipe, calendários desatualizados e diversos certificados. Duas estantes alinhadas na parede, uma cheia de livros de Exy, a outra uma mistura de tudo, de guias de viagem à literatura clássica. A escrivaninha de Wymack estava enterrada em papéis, não havia nem um centímetro de madeira visível, e os arquivos de Neil estavam no topo. Em um canto estava um frasco com prescrição médica, fazendo peso.

Nicky pegou o frasco com um som triunfante e torceu a tampa.

– Isso não é seu –, advertiu Neil.

– Analgésicos – disse Nicky, ignorando aquela acusação implícita. – Treinador quebrou o quadril alguns anos atrás, sabia? Foi assim que conheceu a Abby. Ela era sua terapeuta, e ele conseguiu o emprego para ela aqui. A equipe ainda está dividida meio a meio sobre se eles estão ou não transando. Andrew se recusa a votar, o que significa que você desempata. Queremos saber o mais rápido possível. Tenho dinheiro envolvido nisso.

Ele apertou algumas pílulas na palma da mão, enroscou a tampa e pôs o frasco de volta no lugar. Neil olhou para ver o que os outros achavam disto, mas Andrew e Kevin tinham sumido. Somente Aaron permaneceu e pareceu não se importar.

– Você vai conhecer Abby de noite, no jantar –, disse Nicky, enfiando os comprimidos no bolso. – Nós temos algumas horas, então talvez possamos levá-lo ao estádio e deixá-lo dar uma olhada. Nós estamos em numero suficiente para uma partida agora. Kevin provavelmente está se mijando de entusiasmo.

– Duvido – disse Neil, pensando na expressão fria de Kevin.

– Kevin não se entusiasma –, concordou Aaron, – mas como Exy é a única coisa que importa, ninguém mais do que ele quer ver você em quadra.

A resposta de Neil ficou presa em algum lugar em sua garganta enquanto processava essa informação. Fora a mesma coisa que Aaron dissera no carro, quase, exceto que Aaron soava apático, agora parecia sarcásticos. Entre essa súbita mudança de atitude, o maço de cigarros desaparecido e os trajes idênticos, Neil estava começando a adivinhar o que estava acontecendo. Estas eram apenas coisas menores, mas Neil aprendera a sobreviver com base em detalhes sutis.

– Não é difícil jogar com ele? – ele perguntou, mudando o que estava prestes a dizer. – Quero dizer, com ele sendo um campeão.

– Tecnicamente, ainda não jogamos com ele –, corrigiu Nicky. – Ele só começou a treinar com nós no mês passado. Se ele for qualquer coisa no time é mais como um treinador assistente. Você vai ter um ano terrível.

Apesar das palavras sinistras, Nicky parecia engraçado.

– Mas vale a pena.

– Vale a pena briga também? – perguntou Neil. – Como aquela de duas semanas atrás, Aaron disse que ficou fora de controle. Quantas pessoas ficaram feridas nisso dessa vez?

Houve uma pequena pausa enquanto Aaron pensava, e por um momento Neil achou que tinha imaginado coisas.

Então, Aaron respondeu:

– Onze.

Era a resposta certa; Neil tinha lido sobre a briga em uma manchete. Mas Aaron e ele não tiveram essa conversa no carro, Aaron deveria saber disso. Tardiamente, Neil se lembrou da acusação irritada de Nicky na sala: "O que

diabos você disse a ele, Andrew?" Neil tinha sido enganado, Nicky não estava se referindo ao primeiro encontro, em Millport, mas sobre a carona de carro do aeroporto.

Não fora Aaron que o apanhou no aeroporto.

Neil estava irritado com o truque e aliviado por ter percebido.

Teria cautela com ambos.

Andrew não era alegre naturalmente; sua felicidade era induzida por drogas e regulada judicialmente. Dois anos atrás, quatro homens atacaram Nicky fora de uma boate. Andrew estava em seu direito de defender Nicky, mas quase matou os homens. Os advogados de acusação condenaram sua violência como uma ação brutal e tentaram sentenciá-lo. Seus advogados chegaram a um acordo: Andrew passaria algum tempo em terapia intensiva, faria aconselhamento semanal e tomaria medicamentos.

Depois de três anos, ele seria liberado de sua medicação. Tempo o suficiente para seu progresso ser avaliado. A sobriedade, em qualquer momento antes disso, era uma violação de sua liberdade condicional. Se a enfermeira da equipe, a atual psiquiatra de Andrew, psiquiatra do time e que conseguira sua liberdade condicional, suspeitassem que Andrew burlava as regras, elas podiam pedir uma análise de urina. Se fosse flagrado, Andrew seria condenado.

Andrew só teria de aguentar até a primavera, mas aparentemente não pode esperar tanto tempo. Neil não conseguia acreditar que Andrew chegara a arriscar a sobriedade quando as consequências eram tão exorbitantes. Ele se perguntou se sua chegada teria a ver com isso, se Andrew só queria conhecer seu novo companheiro de equipe sem uma mente confusa ou se Andrew simplesmente odiava gastar suas férias de verão dopado.

Como um sinal, Andrew apareceu na entrada com uma garrafa de whisky em uma mão e Kevin logo atrás.

– Ao sucesso.

– Pronto, Neil? – perguntou Nicky. – Provavelmente devemos batiza-lo antes que o treinador apareça.

– Para quê? – Neil apontou para o whisky. – Por acaso vai ser uma tentativa de assalto?

– Talvez, vai nos dedurar para o treinador? – indagou Andrew, parecendo entretido pelo parecer. – Tudo isso só para jogar na equipe. Eu realmente pensei que você fosse uma Raposa.

– Não –, disse Neil, – mas eu te pergunto, por que você não está medicado?

Houve uma agitação em meio ao silêncio assustador. O único que não reagiu foi Andrew; Até Kevin pareceu surpreso. Nicky foi o primeiro a se pronunciar, mas voltou ao Alemão para perguntar a Aaron:

– Estou louco? Eu acabei de ver isso acontecer?

– Não olhe para mim –, respondeu Aaron.

– Prefiro uma resposta em Inglês –, interrompeu Neil.

Andrew colocou um dedo no canto de sua boca e a arrastou ao longo de seu lábio, apagando seu sorriso.

– Isso soa acusatório, mas não menti para você.

– Omissão é a maneira mais fácil de mentir –, disse Neil. – Pode me corrigir se quiser.

– Poderia, mas não –, respondeu Andrew. – Pense como quiser.

– Já fiz isso. – disse Neil. Ele bateu continência com dois dedos em sua testa, copiando a saudação zombeteira de Andrew na primeira reunião. – Mais

sorte da próxima vez.

– Ah – disse Andrew. – Ah, você realmente mostrou-se relevante. Por um minuto, pelo menos. Acho que a diversão acabou. Isso nunca aconteceu.

– Não mexa comigo.

– Ou o que?

Houve um estalar quando alguém tocou a maçaneta, na porta da frente. O sorriso de Andrew reapareceu em um piscar de olhos, brilhante e vago. Ele se virou para Kevin, e Kevin se moveu ao mesmo tempo. O whisky desapareceu em algum lugar entre eles em um movimento hábil.

– Oi Treinador –, cumprimentou Andrew, sobre ombro.

– Tem alguma ideia do quanto eu odeio chegar em casa e encontrar vocês no meu apartamento?

Andrew ergueu as mãos vazias num gesto inocente que ninguém acreditou e entrou no corredor. Aaron e Kevin foram atrás dele, presumivelmente com o álcool escondido entre seus corpos, deixando Nicky e Neil no escritório.

– Não quebrei nada dessa vez –, disse Andrew.

– Vou acreditar depois que verificar tudo o que eu tenho.

A porta bateu no corredor, e não demorou muito para que o treinador entrasse na porta do escritório. Vestido uma calça jeans e uma camisa desbotada, Wymack parecia mais um rockeiro de garagem do que um treinador universitário. Neil supôs que ele não tivesse que parecer apresentável em sua própria casa, mas ainda assim parecia desorientador.

Wymack avaliou Neil e assentiu com a cabeça.

– Vejo que você está bem. Tinha certeza que a condução de Nicky te

mataria.

Neil sentiu Nicky o observando e disse:

– Já sobrevivi a coisas piores.

– Não há sobrevivência pior que a direção desse idiota –, disse Wymack. – Há apenas caixão aberto ou fechado.

– Ei, ei –, interrompeu Nicky. – Isso não é justo.

– A vida não é justa, palerma. Supere isso. O que você ainda faz aqui?

– Vazando –, respondeu Andrew. – Adeus. Neil também vem?

– Vão para onde? – perguntou Wymack, olhando desconfiado.

– Misericórdia, Treinador, que tipo de pessoas você acha que somos? – Indagou Nicky.

– Quer mesmo que eu responda?

– Vamos levá-lo ao estádio –, respondeu Aaron. – Depois o levaremos até Abby, você não vai precisa dele, não é?

– Pegue isso –, disse Wymack, e Neil agarrou o molho de chaves que foi jogado.

Havia dois anéis juntos, duas chaves em um, e três no outro.

– A chave grande é para quando o portão da frente fechar à noite. Essa pequena é do apartamento. As outras são para o estádio: porta da frente, sala de equipamentos e portão da quadra. Kevin tem um chaveiro parecido, peça a ele que te mostre qual serve pra qual. Espero que você faça bom uso delas como ele faz.

– Obrigado –, ofereceu Neil, apertando as chaves o suficiente.

Podia sentir os dentes cavando na palma da sua mão. Sentia-se mais firme com elas em sua mão. Não importava onde dormiria ou qual o truque Andrew estivesse tramando. Havia um estádio ali e ele tinha permissão para jogar nele.

– Vou fazer.

– Um flagrante de favoritismo, treinador –, protestou Andrew.

– Se você fosse ao estádio por vontade própria, talvez lhe desse uma –, argumentou Wymack. – Não vejo isso acontecendo nesta vida e nem na próxima, então cale a boca e use a de Kevin.

– Ah, alegria, alegria –, disse Andrew. – Meu rosto alegre apareceu agora. Podemos ir?

– Fora – disse Wymack, e Andrew desapareceu. Kevin e Aaron o seguiram. Quando Nicky saia na porta do escritório, Wymack pôs uma mão em seu caminho para detê-lo. – Não se atreva a traumatizá-lo em seu primeiro dia aqui.

Nicky olhou de Wymack para Neil.

– Você não está traumatizado, está?

– Ainda não.

Depois de um momento se debatendo, Neil tirou a bolsa do ombro. A ideia de deixá-la para trás fez sua pele arrepiar, considerando o que estava escondido dentro dela, mas ele não confiava nas intenções de Andrew. Neil não sabia o porquê Andrew estava sóbrio e escolhera apanha-lo no aeroporto, quando Wymack designara tal responsabilidade a Nicky. Neil considerou que Andrew não tinha terminado seu joguinho, ainda. Neil confiava mais em Wymack do que em Andrew, no momento, e esperava não estar enganado.

– Você tem algum lugar seguro, para esconder isso? – perguntou ele.

– Há espaço na sala –, respondeu Wymack.

Neil olhou para Nicky, imaginando se ele estaria curioso o suficiente para tentar pegar. Ele nunca havia se afastado de sua bolsa, a menos que estivesse trancada em algum lugar, geralmente em seu armário no estádio de Millport.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Wymack deu a Nicky um olhar impaciente.

– Por que ainda está aqui? Para fora.

– Grosso –, disse Nicky, passando por Wymack e desaparecendo no corredor.

Wymack voltou a olhar para Neil.

– Seguro tipo um cofre?

Neil nunca tivera sido decifrado facilmente antes, ele nunca deixara a situação ficar fora de seu controle. Durante as fugas, sua mãe sempre permanecia no controle criando as histórias perfeitas e escolhendo as coisas, ideais para ajudá-los. Neil só tinha atrapalhado as coisas com sua mudança para Millport, mas ele poderia ir embora a qualquer momento se não gostasse do rumo que as coisas estivessem tomando. Ele realmente queria ficar, e iria, o quanto pudesse suportar.

– É tudo que eu tenho –, acrescentou ele finalmente.

Wymack fez sinal para que Neil saísse de seu caminho. Neil observou enquanto ele destrancava a gaveta inferior de sua mesa. Estava cheio de papelada, mas Wymack os puxou para fora e os empilhou no chão. A pilha inclinou-se logo que ele a soltou, papéis e pastas escorregando em todos os sentidos. Wymack não pareceu notar, ocupado procurando uma pequena chave em seu chaveiro.

– Isso vai resolver, temporariamente –, disse Wymack. – Quando você se mudar para o dormitório, vai ter que descobrir outro lugar.

Ele ofereceu a chave. Neil olhou para ele, para a mesa, para a pilha de papéis. Abriu a boca, fechou, e tentou novamente. Ele só conseguiu:

– Por quê?

Ele pegou a chave antes que Wymack se cansasse de esperar.

– Melhor se apressar antes que Andrew mande alguém procurando por você –, aconselhou Wymack.

Neil engoliu o resto de sua pergunta, em favor de enfiar sua bolsa na gaveta. Enfiou tudo no espaço apertado. Felizmente, a maioria do que estava no saco eram roupas. Neil a espremeu na gaveta e a trancou. Tentou devolver a chave, mas Wymack deu-lhe um olhar de compaixão.

– Por que diabos eu iria querer isso? – Indagou Wymack. – Devolva quando for para o dormitório.

Neil fixou o olhar na chave, em sua mão.

Talvez, Neil não dormiria esta noite e talvez passaria as próximas duas semanas acordando todas vezes que Wymack roncasse um pouco mais alto. Mas talvez, Neil realmente estivesse bem ali, no momento.

– Obrigado –, disse ele.

– Vá em frente.

Neil deixou o escritório. Os outros deixaram à porta da frente aberta e esperavam por ele no corredor. Neil enfiou a chave em seu chaveiro enquanto caminhava para encontrá-los. Andrew dirigiu-se para o elevador com seu primo e Kevin, enquanto Neil fechava a porta e a trancava. O carro do elevador chegou alguns segundos depois que Neil se juntou a eles, e todos entraram.

A fugaz sensação de segurança desapareceu no momento em que as portas se fecharam, pois os outros haviam se organizado em um circulo ao redor das paredes do elevador: Nicky e Aaron nos lados, Andrew e Kevin a sua frente. Todos os olhares estavam em Neil.

O sorriso de Andrew desapareceu assim que o elevador começou a descer lentamente. Neil devolveu o olhar, cada músculo seu estava tenso, pronto para uma briga. No quinto andar, Andrew afastou-se do parapeito e aproximou-se de Neil. Estendeu a mão para pegar o chaveiro de Neil, mas Neil afastou o chaveiro para fora de seu alcance. Andrew tentou novamente, e Neil teve que recuar um passo para esquivar-se de suas garras. Havia recuado diretamente contra as portas do elevador, percebendo um pouco tardiamente que Andrew não se importava com o chaveiro.

Ele enterrou o chaveiro no bolso, sentindo-se encurralado.

Tamanha a estupidez portada em um nanico com tanta presença.

– Foi bom te conhecer, Neil –, disse Andrew, lentamente. – Vai demorar um pouco até nos vermos novamente.

– Não sei como. Acho que não vou ter tanta sorte assim.

– Ah, sim –, esclareceu Andrew, gesticulando entre seus rostos. – Você vai ter que esperar até junho. Abby ameaçou nos impedir de entrar no estádio durante o verão, se aprontássemos alguma com você. Se nos punirem, Kevin vai chorar. Não se preocupe, vamos esperar até que todos estejam aqui e Abby tenha outras Raposas para se preocupar, então, vamos te dar uma festa de boas-vindas que você não vai esquecer.

– Você precisa rever suas técnicas de persuasão, elas são uma bosta.

– Não preciso ser persuasivo –, disse Andrew, colocando uma mão no peito de Neil assim que o elevador parou. – Você só vai aprender a fazer o que eu digo.

Assim que as portas se abriram atrás de Neil, Andrew o empurrou. Neil tropeçou para trás, no saguão. Andrew passou por ele, dando-lhe um escorão de ombros, e dirigiu-se ao portão. Kevin estava a meio passo atrás dele, e Aaron nem sequer olhou para Neil. Apenas Nicky ficou para trás o suficiente e sorriu.

– Preparado para isso? – perguntou ele, e seguiu em frente.

Neil ficou para trás por alguns segundos. Estava começando a achar que Kevin não seria seu único problema em Palmetto. Era quase um alívio. Ele não podia perguntar o quanto Kevin se lembrava do passado, ele esperava que não fosse tarde de mais quando Kevin finalmente lembrasse. Andrew era apenas um anão psicótico, e Neil tinha crescido em torno da violência. Manipulá-lo seria fácil. Neil só teria que ter cautela.

– Preparado –, sussurrou Neil, ao seu companheiro de equipe.

CAPÍTULO TRÊS

Neil avistou o Estádio Foxhole muito antes de chegarem ao estacionamento. Construído para acomodar sessenta e cinco mil torcedores, o mesmo fora colocado aos arredores do campus, onde poderia se destacar entre os pequenos edifícios próximos. A pintura o destacava ainda mais: paredes de um branco ofuscante e laranja brilhante. Uma gigantesca pata de raposa ilustrada em cada uma das quatro paredes externas. Neil perguntou-se quanto custara à universidade para construí-lo e o quanto lamentaram o investimento, considerando o retorno miserável das Raposas.

Os garotos passaram por quatro vagas de estacionamento antes de chegarem a uma quinta. Havia alguns carros lá, provavelmente do pessoal da manutenção ou estudantes do curso de verão, mas nenhum estacionado na calçada mais próxima ao estádio. O estádio estava cercado por uma cerca de arame. Portões foram colocados ao longo da cerca para controlar a multidão em noite de jogo, e todos estavam acorrentados e trancados.

Neil foi até a cerca e olhou fixamente através dela, para o interior do terreno. Estava deserto agora, as tendas de lembrancinhas e barracas de comida abririam quando a temporada começasse, ele podia imaginar como seria em alguns meses. O pensamento fez com que todos os pelos de seu corpo ficassem em pé e seus batimentos cardíacos ecoassem em seu ouvido, soava como uma bola de Exy rebatendo contra a parede da quadra.

Nicky pôs uma mão no ombro de Neil.

– A equipe vai adorar você –, ele prometeu.

Neil entrelaçou os dedos através dos laços metálicos, desejando poder arrebentar aquela cerca.

– Me deixe entrar.

– Vamos – disse Nicky, e o guiou pela cerca.

Haviam chegado ao fim dos portões — Entre dois deles, havia uma porta estreita trancada com um teclado eletrônico. A porta levava a um corredor que cortava o terreno ao meio.

Os outros esperavam por Nicky e Neil nessa porta. Aaron trouxera o whisky.

– Essa é a nossa entrada – disse Nicky. – O código muda a cada dois meses, mas o treinador sempre nos deixa saber quando isso acontece, agora é 0508, Maio e agosto, eu saquei o treinador. São os meses de aniversário do treinador e da Abby. Eu disse que eles estavam fodendo. Quando é seu aniversario?

– Foi em março – mentiu Neil.

– Ah, nós perdemos, mas recrutamos você em abril, então deve contar como o maior presente do mundo. O que sua namorada te deu?

Neil olhou para ele.

– O que?

– Fala sério, um gato como você deve ter namorada, a menos que você goste da minha fruta, de qualquer forma, por favor, me diga agora e me poupe de ter que descobrir.

Neil olhou para ele, imaginando como essas coisas poderiam interessar a Nicky quando o estádio estava logo ali. Eles sabiam a senha de entrada, mas estavam em pé ao redor da porta como se a sua resposta fosse a senha secreta.

Neil olhou de Nicky para o teclado novamente.

– Qual o problema? – ele indagou.

– Estou curioso – disse Nicky.

– Você é muito intrometido – resmungou Aaron.

– Não gosto de nenhuma fruta –, disse Neil – Vamos entrar?

– Que mentira –, disse Nicky.

– Não é – disse Neil, a impaciência tomava conta de sua voz. Não era exatamente a verdade, mas estava perto o suficiente. – Vamos ou não?

Em resposta, Kevin digitou o código e abriu a porta.

– Vá –, disse ele.

Neil não pensou duas vezes. Desceu o corredor já passando seu chaveiro em suas mãos. O corredor terminou em uma porta escrita RAPOSAS. Ele mostrou o chaveiro a Kevin em uma pergunta silenciosa. Kevin apontou a chave a ser usada.

Foi estranho enterrar a chave na fechadura e ouvir o estalar da fechadura ao abrir. O treinador Hernandez deixara ocasionalmente Neil dormir no vestiário de Millport High, mas nunca lhe ocorrera dar uma chave a ele. Em vez disso, fez-se de despercebido quando Neil entrou sem permissão. As chaves significavam que Neil tinha permissão explícita para estar ali e fazer o que gostava. Isso significava que ele pertencia aquele lugar.

O primeiro compartimento era uma sala de espera. Três cadeiras e dois sofás ocupavam a maior parte do espaço, formando um semicírculo ao redor de um espaço de interação. A TV era obscenamente grande, Neil mal podia esperar para assistir a um jogo nela. Havia uma lista de canais de esportes e notícias em cima da TV, presos na parede.

O resto da parede estava coberta de fotografias. Algumas delas eram oficiais: fotos da equipe, formações táticas que as Raposas usavam e recorte de

jornais. A maioria das fotografias pareciam ter sido tiradas pelas próprias Raposas e espalhadas em qualquer lugar que pudesse caber. Ocupando um canto inteiro, estava um grupo de fotos com três garotas.

Exy era um esporte inclusivo, mas poucas universidades aceitavam mulheres em suas equipes. Wymack tentou colocar garotas na equipe em seu primeiro ano a frente do time, mas a Universidade de Palmetto se recusou aceitar qualquer uma das garotas. Depois da primeira temporada das Raposas, eles estavam um pouco mais dispostos a ouvir Wymack que assinou com três. Além disso, ele fez Danielle Wilds à primeira mulher capitã na Primeira Divisão de Exy da NCAA.

Os fãs de Exy, que já não eram gentis com as Raposas, eram muito mais cruéis com Danielle. Até seus companheiros de equipe estavam dispostos a desrespeitá-la em público durante seu primeiro ano como capitã. Os misóginos mais extremos a culparam pelo fracasso da equipe.

Apesar das controvérsias, e com apenas o apoio de Wymack, Danielle permaneceu em sua posição. Três anos depois, era óbvio que Wymack fizera a escolha certa. As Raposas ainda eram um desastre, contudo, liderados por Danielle lentamente começaram a vencer as partidas.

A imagem mental que Neil tinha de Danielle era de uma mulher agressiva e implacável, mas as fotografias que olhava tiraram essa impressão. Danielle sorria em cada foto, um sorriso cheio de dentes que parecia igualmente ameaçador e alegre.

Nicky percebeu sua distração e apontou para cada uma na fotografia mais próxima.

– Dan, Renee e Allison. Dan é uma boa pessoa, mas vai te fazer ralar até o osso. Allison é uma vadia que deve ser evitada a todo o custo. Renee é um doce. Seja gentil com ela.

– Se não? – indagou Neil, pois podia ouvir isso no tom de Nicky.

Nicky apenas sorriu e deu de ombros.

– Vamos –, chamou Kevin.

Neil o seguiu para fora da sala de espera.

Um corredor os levou a duas portas de escritório denominadas DAVID WYMACK e ABIGAIL WINFIELD. Uma porta com uma cruz vermelha logo em seguida. Mais ao fundo, duas portas opostas, uma escrita DAMAS e outra CAVALHEIROS. Kevin empurrou a porta dos CAVALHEIROS, um pouco, mostrando a Neil um rápido vislumbre de armários laranja brilhante, bancos e piso de azulejo branco. Neil queria explorá-lo, mas Kevin atrapalhava o seu caminho pelo corredor.

O corredor terminou em um amplo salão, que Neil lembrou vagamente dos noticiários. Era a salão que dava entrada para a quadra e o único lugar onde a imprensa era autorizada a encontrar as Raposas, após os jogos, para entrevistas e fotografias. Bancos laranja foram definidos aqui e ali, e o chão era azulejo branco com estampas de pata laranja. Cones laranja empilhados em um canto, três baixos e seis altos. Uma porta branca à direita de Neil e um portão laranja á sua frente.

– Bem-vindo ao saguão –, disse Nicky. – Seja lá o porquê, é assim que nós o chamamos. Com “Nós” eu me refiro: qualquer espertinho que veio antes.

Andrew sentou-se em um dos bancos, tirando um frasco de comprimidos do bolso. Aaron entregou a Kevin o whisky, que haviam roubado. Kevin o entregou a Andrew, esperou enquanto Andrew colocava uma pílula no banco à sua frente e trocaram o whisky pelo frasco de comprimidos. O frasco desapareceu em um dos bolsos de Kevin, e Andrew engoliu a pílula com um gole impressionante de whisky. Kevin olhou para Neil e gesticulou para a porta simples do outro lado da sala.

– Armário de equipamentos.

– Nós podemos...? – perguntou Neil.

Kevin não o deixou terminar a frase.

– Traga suas chaves.

Neil chegou até porta laranja e deixou Kevin pegar a chave certa, do outro lado da porta era apenas escuridão. Não havia teto, mas Neil podia ver as paredes se erguendo de ambos os lados. Neil seguiu Kevin entre as sombras. Dez passos depois percebeu que deveriam estar dentro das dimensões da quadra.

– Você tá tendo oportunidade de ver o estádio no seu melhor estado –, disse Nicky, atrás dele. – Ganhamos dinheiro suficiente com a presença de Kevin, reformamos o piso retocamos as paredes. – O lugar está mais limpo desde o seu primeiro ano.

A luz do vestiário iluminava o caminho para o pátio interno, que parecia bem amplo. O pátio interno era praticamente sombras escuras e contornos vagos. Neil fechou os olhos e tentou imagina-lo. Este espaço era reservado para os árbitros, lideres de torcida e o banco de reservas. Em algum lugar por ali deveria estar o banco das Raposas. As paredes de acrílico ao redor da quadra estavam invisíveis no escuro, assim como a própria quadra, mas sabendo que o campo estava ali, o coração de Neil estava acelerando.

– Luzes. – gritou Aaron, de algum lugar atrás deles.

Neil ouviu o zumbido da eletricidade antes que as luzes se acendessem, começando com as luzes de emergência, a seus pés, e, em efeito cascata até o teto.

O estádio ganhou vida diante de seus olhos, fileira após fileira de assentos alternados entre laranja e branco, e a quadra se iluminou a sua frente. Neil se mexeu antes que as luzes do teto se acendessem, cruzando o pátio interno em direção às cercas da quadra. Pressionou as mãos no acrílico grosso e frio, olhou para cima, onde os painéis de pontuação e monitores de repetição pairavam

sobre o teto da quadra, em seguida, para o piso lustroso. Linhas laranja marcavam a primeira área, meia e a distante.

Era perfeito.

Perfeitamente perfeito.

Neil sentiu-se ao mesmo tempo inspirado e horrorizado pela visão. Como poderia jogar ali depois de jogar na patética quadra de Millport?

Ele fechou os olhos, respirou e expirou, imaginando o som dos corpos quando se chocavam uns contra os outros dentro de quadra, o modo como à voz do locutor viria através de explosões abafadas e dispersas, o rugido de sessenta e cinco mil pessoas reagindo a uma jogada. Ele sabia que não merecia aquilo, sabia sem dúvidas que não era bom o suficiente para jogar nesta quadra, mas ele queria e precisava tentar. Seu corpo começava a queimar em todos os lugares.

Durante três semanas e meia seria apenas os cinco, mas em junho as Raposas retornariam para os treinos de verão e em agosto a temporada começaria. Neil abriu os olhos novamente, olhou para a quadra e soube que tomara a decisão correta. Os riscos não importavam; As consequências valeriam a pena. Ele teria que estar ali, teria de jogar nesta quadra pelo menos uma vez. Ele tinha que saber se a multidão gritaria alto o suficiente para explodir o telhado, sentir o cheiro de suor e da comida cara do estádio. Ele tinha de ouvir o som da campainha quando a bola atravessasse as linhas brancas do gol e acendesse a parede em vermelho.

– Ahhh – disse Nicky, encostando-se à parede, próximo de Neil. – Não é de admirar que ele tenha escolhido você.

Neil olhou para ele, sem entender as palavras, sua mente ainda estava agitada como o tique-taque do cronometro em contagem regressiva. A frente de Nicky estava Kevin. Quem assistira seu pai esquartejar um homem no estádio da seleção nacional. Kevin estava o fitando, um segundo e seus olhares se cruzaram, então apontou para o caminho de onde vieram.

– Dê a ele os equipamentos.

Aaron e Nicky levaram Neil ao vestiário. Andrew não os seguiu até a quadra, mas também não estava no saguão. Neil não se importava o suficiente para perguntar, e seguiu os primos para o vestiário. A sala da frente estava alinhada com armários, cada um estampado com os números e nomes dos jogadores. Neil enxergou pias através da porta de entrada, ao fundo do vestiário, e supôs que os chuveiros estavam em algum canto, fora de vista. Ele estava mais interessado no armário com seu nome.

Os treinadores Hernandez e Wymack haviam passado as últimas semanas do ano letivo de Neil discutindo detalhes sobre quais tipos de equipamentos Neil precisaria. Saber que tudo estaria ali para ele não era tão bom quanto ver tudo. Havia cinco conjuntos para treinos, um para jogos locais e outro jogos fora de casa. O amontoado de estofado e as armaduras ocuparam a maior parte do espaço em seu armário gigantesco, e seu capacete estava na prateleira superior. Debaixo do capacete havia algo laranja neon embalado, Neil pegou cuidadosamente para examina-lo. Ele abriu para revelar uma jaqueta, que era quase mais brilhante quanto à pintura do estádio. “Raposas” e “Josten” foram impressas na parte traseira do material reflexivo.

– Os astronautas conseguem enxergar essa coisa do espaço –, disse ele.

Nicky riu do comentário.

– Dan os encomendou no primeiro ano dela aqui. Ela disse que estava cansada das pessoas fingido que somos invisíveis. As pessoas gostam de acreditar que pessoas como nós não existem, sabe? Todos esperam que possamos ser o problema de outra pessoa. – Ele estendeu a mão e tocou no tecido. – Eles não entendem, então não sabem por onde começar. Se sentem sobrecarregados e desistem antes de dar o primeiro passo.

Nicky se sacudiu e sorriu. A melancolia foi imediatamente substituída por alegria.

– Sabia que doamos uma parte da venda dos nossos ingressos para instituições de caridade? Nossos ingressos custam um pouco mais do que os outros por causa disso. A ideia foi da Renee. Eu disse que ela é um encanto. Agora venha, vamos fazer você parecer uma Raposa.

Neil deu meia volta, para pegar seu equipamento, puxou o que precisava e levou para o banheiro. Trocar-se na cabine era estranho e desconfortável, mas tinha feito tantas vezes que parecia algum tipo de arte. Trocou sua camiseta por ombreiras com estofamento no peito. Fez alguns alongamentos para certificar-se de que as alças eram confortáveis o suficiente, sem ser muito apertadas, em seguida, colocou sua camisa por cima. Poderia vestir seu calção em frente aos outros, então voltou ao vestiário para terminar de se vestir.

Primeiro trocou o jeans pelo short, sentou-se em um dos bancos para colocar as caneleiras e as meias por cima, e calçou seu sapato. Puxou suas luvas de algodão, esticando-as até os cotovelos, e amarrou as braçadeiras em seus antebraços. Deixou suas luvas de proteção junto com o capacete, onde poderia levá-los para a quadra, e escondeu a franja com uma bandana laranja. A última coisa a ser equipada era o seu protetor de pescoço, uma faixa fina com um fecho complicado. Era incomodo, e às vezes o fazia sentir-se sufocando, mas valia a pena resistir e proteger sua garganta de uma bola perdida.

De volta ao vestiário, Nicky tinha Neil para abrir o armário de equipamentos que Kevin indicara. Aaron pegou o balde de bolas enquanto Nicky buscava a estante de bastões. As raquetes estavam organizadas em ordem numérica, um par para cada jogador, Neil por último. Neil destravou uma e lentamente a giro em sua mão, sentindo o peso e a sensação. Era laranja escura com uma única faixa branca na base da cabeça e rede de corda branca. Tinha o doce aroma de coisa nova. Parecia um sonho, Neil precisou de todo autocontrole para não enfiá-la em seu rosto e sentir o doce cheiro. Em Millport, ele usara uma das raquetes mais antiga da equipe. Esta, no entanto, havia sido encomendada especificamente para ele. Sua imaginação solitária foi o suficiente para fazer seu coração acelerar.

Kevin estava onde haviam o deixado, esperando por eles no pátio interno.

Ele os observou silenciosamente enquanto apanhavam seus capacetes e luvas, e nada disse quando Aaron conduzia o caminho para a entrada da quadra. Neil usou sua última chave para destrancar a porta e, então, enfiou as chaves em sua luva para guardá-las.

Depois que a porta se fechou atrás deles, Neil olhou para Nicky e perguntou:

– Kevin não vai jogar?

Nicky pareceu surpreso com a pergunta.

– Kevin só joga em duas condições: Sozinho ou com Andrew. Ele vai ter que superar isso quando a temporada começar e Renee estiver no gol, mas, por enquanto, ele pode fugir e ser esnobe.

– Onde Andrew está?

– Ele acabou de se medicar, deve estar por ai. Ele vai travar e reiniciar feito um maluco.

– Não acha que ele já é maluco?

– Maluco não –, respondeu Nicky. – Talvez, idiota.

Neil olhou para Aaron, esperando que ele defendesse seu gêmeo, mas Aaron apenas abriu caminho até a meia quadra. Neil manteve o ritmo junto a Nicky, espreitando os dedos na rede de sua raquete. Olhou para Kevin, que ainda estava olhando para eles através da parede de acrílico, e perguntou:

– Kevin não pode jogar, pode? Disseram que seria um milagre se algum dia ele voltasse a pegar em uma raquete de novo.

– A mão esquerda não tá boa –, respondeu Nicky. – Ele vai jogar como destro de agora em diante.

Neil o fitou.

– O que?

Nicky sorriu, obviamente satisfeito por ter deixado cair aquela bomba.

– Não é a toa que o chamam de talento obsessivo, sabia?

– Não é talento – refutou Aaron. – É ódio.

– Isso também –, assentiu Nicky. – Quero ver a cara de Riko quando ele estiver assistindo nosso jogo de estreia. Rato maldito.

Kevin socou a parede, impacientes para que eles se movessem.

Nicky acenou com a mão para ele em despedida.

– Estamos fazendo isso em nosso tempo livre, sabia! – Ele gritou, pois Kevin não podia ouvi-lo através da parede.

– Obrigado –, disse Neil, tardiamente.

– Ah, não, não se preocupe. Você pode me recompensar quando os outros não estiverem por perto.

– Poderia tentar dar essa sua bunda quando eu não estiver aqui? – disse Aaron.

– Você poderia ir embora e deixar que Neil e eu nos conheçamos melhor.

– Vou contar ao Erik sobre isso.

– Que embuste. Quando foi à última vez que você disse uma palavra civilizada a ele?

Neil não conhecia nenhuma Raposa antiga ou atual com esse nome.

– Quem é Erik?

– Ah, é o meu noivo –, disse Nicky alegremente. – Ou talvez, em breve. Ele foi meu host brother por um ano em Berlim, ficamos jutos e nos mudamos depois da formatura.

O coração de Neil pulou em uma batida.

– Você morou na Alemanha?

Ele tentou fazer a conta em sua cabeça. Adivinhando a idade de Nicky, para saber a quanto tempo ele esteve no ensino médio. A probabilidade de Neil ter se mudado para a Suíça no momento em que Nicky pisou em solo alemão eram altas, mas essa coincidência fez com que Neil não conseguisse respirar.

– Sim –, respondeu Nicky. – Você nos ouviu mais cedo falando uma língua diferente, não foi? Era alemão. Os nojentos estudaram alemão no ensino médio, porque sabiam que eu ia ajudá-los a passar. Caso você escolha alemão como matéria, me avise, eu te ajudo. Eu sou bom com a língua.

– Chega. Vamos jogar –, interviu Aaron, colocando o balde de bolas no chão.

Nicky suspirou exageradamente.

– Enfim, me lembre de te mostrar a foto dele mais tarde. Nossos bebês vão ser lindos.

Neil franziu a testa, confuso.

– Ele não mora aqui?

– Ah, não, ele está em Stuttgart. Ele conseguiu um emprego que ele ama e com grande potencial na carreira, então ele não pode me acompanhar até aqui. Eu provavelmente ficaria lá até nossos bebês entrarem no ensino médio, mas quando o treinador me ofereceu uma bolsa, Erik disse que eu deveria vir. É chato ficarmos separados por tanto tempo, mas ele veio aqui no Natal passado e eu

estarei lá este ano. Se as coisas se acalmarem por aqui irei passa o próximo verão na Alemanha.

Nicky lançou um olhar significativo em direção a parede onde Kevin os observava.

Os três passaram as ultimas meia hora fazendo exercícios. Alguns deles Neil já havia feito antes, mas alguns ele não conhecia, era animador aprender algo novo. Eles terminaram em um joguinho curto, um atacante contra dois defensores e um gol livre. Aaron e Nicky não eram os melhores jogadores defensivos da NCAA, mas eram muito melhores do que qualquer aluno do ensino médio que Neil estava acostumado a jogar.

Aaron finalmente os chamou para uma pausa, enquanto Neil pegava a bola em um rebote. Depois que acertou a bola dentro do balde, os outros tiraram seus capacetes. Neil ficou um pouco decepcionado por terminarem tão rápido, mas não queria forçá-los a jogar mais. Nicky já havia dito que passariam suas férias de verão jogando com ele.

Nicky afagou sua bochecha contra seu ombro, tentando enxugar o suor em sua camisa. E sorriu para Neil.

– O que foi isso?

– Foi divertido –, respondeu Neil. – Vocês dois são muito, muito bons.

Nicky sorriu, mas Aaron bufou.

– Kevin cortaria os pulsos se te ouvisse.

– Kevin acha que somos um desperdício de oxigênio – disse Nicky, dando de ombros.

– Pelo menos você não vai ser um completo atraso –, murmurou Aaron. – Vai levar um tempo até você ficar no ponto que precisamos, mas eu posso ver o

porquê Kevin o escolheu.

– Falando nisso... – Nicky indicou com a cabeça em direção à parede. – Alguém está pronto para colocar as garras em você.

Neil seguiu o gesto e olhou através da parede, em direção ao banco das Raposas. Andrew tinha reaparecido, e estava deitado de costas no banco brincando com uma bola de reposição. Kevin havia pegado sua raquete e a girava enquanto os observava. Mesmo com metade da quadra e uma grossa parede entre eles, Neil podia sentir peso físico do olhar de Kevin.

– Tema pela sua vida – sugeriu Nick. – Ele não é um professor gentil, e consegue irritar qualquer um em quadra, até Andrew dopado. Bom, exceto Renee, mas ela não é humana, então não conta.

Neil olhou para Andrew novamente.

– Pensei que os remédios tornassem isso impossível.

– A primavera foi uma experiência de aprendizado. – Nicky apoiou a raquete contra seu ombro, dirigindo-se a porta. – Queria que você tivesse visto. Andrew teria arrancado à cabeça de Kevin se ele não tivesse jogado a raquete de Andrew no meio da quadra. Mal posso esperar para ver como você lida com isso.

– Fantástico –, arfou Neil, agarrando o balde de bolas e seguindo-os para fora da quadra.

Andrew sentou-se assim que a porta da quadra fechou e jogou sua bola para Nicky. Ele trouxera o whisky com ele, o deixando no chão a seus pés. Então pegou a garrafa e tirou a tampa.

– Já passou da hora – murmurou ele. – Nicky, é tão chato ficar esperando por você.

– Já terminamos – disse Nicky, enganchando o capacete na ponta da raquete

para que pudesse pegar o whisky. – Já passou da hora de parar com isso, não acha? Abby vai acabar comigo se perceber que você está bêbado.

– Não parece ser um problema meu –, disse Andrew com um sorriso brilhante.

Nicky olhou para Aaron em busca de ajuda, mas Aaron foi para o vestiário à frente deles, Nicky o seguiu. Neil queria ir atrás deles, mas tinha cometido o erro de olhar para Kevin. Uma vez que encontrou os olhos de Kevin, foi difícil olhar para longe novamente.

A expressão de Kevin era indecifrável. Seja lá qual fosse, não parecia contente.

– Essa temporada vai ser longa.

– Eu disse que não estava preparado.

– Você também disse que não jogaria comigo, mas aqui está.

Neil não respondeu a essa acusação. Kevin ficou bem perto de seu rosto e agarrou a rede de sua raquete. Quando começou a puxá-la para longe, Neil segurou-a mais firme, silenciosamente, se recusando a largá-la.

Kevin, provavelmente, poderia tê-la arrancado se tentasse um pouco mais, mas pareceu satisfeito.

– Se não vai jogar comigo, então vai me deixar no comando dos seus treinos –, disse Kevin. – Você nunca vai chegar *lá* por conta própria, então deixe seu treinamento por minha conta.

– Onde é *lá*? – Neil indagou.

– Se você não consegue entender, então não tem como eu te ajudar.

Neil fitou-o em silêncio, tendo certeza de que "*lá*" não se aplicava a alguém

como ele. Kevin havia enxergado isso, considerando o olhar nada impressionado em seu rosto, pois estendeu a mão e cobriu os olhos de Neil com sua mão livre.

– Esqueça o estádio – ordenou Kevin. – Esqueça as Raposas, a sua equipe inútil do ensino médio e sua família. Veja a única coisa que realmente importa, onde Exy é o único caminho a tomar. O que você vê?

Imaginar a vida em termos tão simplistas era tão ridículo que Neil quase riu. Ele tentou controlar um riso em seus lábios. Kevin provavelmente percebeu, pois deu um puxão na raquete de Neil.

– Foco.

Neil tentou imaginar o mundo como se Neil Josten fosse realmente tudo o que havia sido e seria. Era quase o suficiente para fazê-lo desprezar aquela persona, quando podia vê-la em termos tão simples, mas ele engoliu aquela aversão e voltou sua reflexão para Exy.

Alguma vez tivera escolhas a tomar, ou ele só tivera sido arrastado até este ponto?

Exy era o único ponto brilhante de sua infância destruída.

Lembrou-se de sua mãe o levando para jogar na liga infantil de Exy, viajando uma hora fora de Baltimore para onde ninguém sabia sobre seu pai e os treinadores o deixassem jogar. Lembrou-se dela torcendo por ele, como se todos os seus movimentos e palavras não fossem examinados por guarda-costas armados. As lembranças eram fragmentadas e sonhadoras, distorcidas pela realidade sangrenta do trabalho de seu pai, mas ele se apegava a elas. Foram às únicas vezes em que vira sua mãe sorrir.

Neil não recordava quanto tempo havia jogado na liga infantil, mas suas mãos lembravam o peso de uma raquete como se fosse uma arma. Esse pensamento era preocupante, uma vez que o colocava de volta à estaca zero e o fato de que Neil Josten era uma existência fugaz. Era cruel sonhar no que não

poderia ser, mas Kevin tinha escapado, não tinha? De alguma forma ele tinha abandonado aquele quarto sangrento em Edgar Allen e se tornado independente. Neil queria o mesmo, não importava o tão ruim fosse o gosto.

– Você –, respondeu Neil finalmente.

Kevin puxou sua raqueta novamente, e, desta vez, Neil a soltou.

– Diga que vou ter seu consentimento.

Não lhe faria nenhum bem, mas Neil não iria prolongar isso.

– Tá bom.

– Neil, entenda –, disse Kevin, deixando sua mão cair e enviando um olhar penetrante em Andrew.

– Parabéns, está tudo em ordem, eu suponho! Já que não tenho nada a oferecer, vou dizer aos outros para responder adequadamente.

Andrew levantou-se e deu mais algumas goladas de whisky.

– Oi, Neil! Nos encontramos de novo.

– Já saquei a sua –, disse Neil. – Se isso for mais um truque, esqueça.

Andrew sorriu para ele com sua boca na garrafa.

– Não seja tão desconfiado. Você me viu tomar o remédio. Se não tivesse, estaria vomitando em abstinência. Do jeito que estou, poderia vomitar com todo esse fanatismo.

– Ele está medicado –, confirmou Kevin a Neil. – Ele me diz quando está sóbrio, então eu sempre sei. Como você descobriu?

– Eles são gêmeos, mas não são iguais. – Neil encolheu os ombros. – Um

deles odeia sua obsessão por Exy, o outro não se importa.

Kevin olhou para Andrew, mas Andrew só tinha olhos para Neil. Andrew levou um segundo para processar aquelas palavras antes de começar a rir.

– Ele é comediante também? Atleta, comediante e estudante, multitalentoso. Que grande adição à equipe, mal posso esperar para descobrir o que mais você sabe fazer. Talvez devêssemos fazer um show de talentos e descobrir? Mas depois. Kevin, vamos. Eu preciso comer.

Kevin entregou a raqueta para Neil, e os três foram para o vestiário. Aaron e Nicky já estavam nos chuveiros quando chegaram. Neil ouviu água cair e sentou-se num banco no vestiário para esperar.

– Nós não vamos levar você para Abby assim! – Reclamou Kevin – Vá se lavar.

– Não vou tomar banho com a equipe –, disse Neil. – Eu vou esperar eles terminarem, se vocês não quiserem esperar, podem ir. Eu encontro o caminho até lá.

– Nicky vai ser um problema para você? – perguntou Andrew.

Neil não gostou da aparência do sorriso maníaco e menos da advertência velada de Andrew.

– Não é sobre Nicky, é sobre minha privacidade.

Kevin estalou os dedos para Neil.

– Supere isso. Você não pode ser tímido se quiser ser uma estrela.

Andrew inclinou-se para Kevin e colocou uma mão sobre sua boca, mas de modo algum se preocupou em baixar o tom de voz.

– Ele precisa se esconder, Kevin. Invadi o armário do treinador e li os

arquivos dele. Machucados ou cicatrizes, o que você acha? Cicatrizes, eu também acho. Não pode ser machucados se os pais dele nunca estão por perto para espanca-lo, certo?

Neil sentiu calafrios.

– O que você disse?

– Eu não ligo –, disse Kevin para Andrew, ignorando Neil.

Sucessivamente Andrew ignorou Kevin e gesticulou para Neil.

– Os chuveiros aqui são diferentes. O treinador encomendou cabines separadas quando reformaram o estádio. A reitoria não pagaria por isso – eles não viam motivos – então saiu do bolso do treinador, mesmo. Vá e veja se não acredita em mim. Você não acredita em mim, não é? Eu sei que não. Talvez seja melhor assim.

Neil mal estava ouvindo.

– Você não tinha o direito de ler meus arquivos!

Ele estava arrependido de não ter aberto a pasta quando Wymack o entregou no estádio. Neil não conseguia acreditar que Hernandez tivera escrito tais coisas em suas cartas a Wymack. Ele sabia que Hernández tinha que explicar sua situação, ou pelo menos tanto quanto Hernandez entendia, para provar que Neil era uma boa opção para as Raposas. Neil ainda se sentia traído, e em seu calcanhar estava à raiva de que Andrew tinha desenterrado esses papéis sobre ele.

Andrew riu, parecendo satisfeito por ter atravessado um limite tão pessoal.

– Calma, calma, relaxa. Eu não fiz isso. Ficamos presos no escritório do treinador do Arizona para assistir seu jogo na estação de TV local, e ele disse que nossa reunião secreta seria fácil já que você sempre tomava banho sozinho

por último. Ele disse ao treinador que ainda não tinha conseguido encontrar seus pais. O treinador perguntou se eles seriam um problema, e o Arizona disse que não sabia por que não os tinha visto uma única vez. E que eles passavam muito tempo viajando para seus empregos em Phoenix e nenhum tempo vendo o que você fazia. Mas estou certo, não é?

Neil abriu a boca, depois a fechou antes de dar a Andrew uma resposta. Andrew queria vê-lo reagir, então Neil teve que empurrá-la goela abaixo. Sugou uma lenta respiração entre os dentes cerrados e contou até dez. Só contou até cinco antes do sorriso de Andrew ficar insuportável.

Neil não acreditou em Andrew sobre os chuveiros, mas era melhor investigar do que ficar e dar um "sacode" nele. Levantou do banco e foi para o banheiro. As pias com seus espelhos eram a seção que ligava o vestiário aos chuveiros, que ficava ao virar a esquina, fora de vista. Ele se aproximou para dar uma olhada rápida. Andrew tinha dito a verdade dessa vez. A parede estava alinhada com cabines altas o suficiente para permitir total privacidade e equipadas com fechaduras nas portas.

– Estranho, não é? – sussurrou Andrew no ouvido de Neil.

Neil não tinha ouvido sua abordagem devido ao som de seus primos nos chuveiros. Uma cotovelada foi instintiva, mas Andrew segurou seu cotovelo, Neil teria acertado-a em suas costelas.

Andrew riu e recuou alguns passos.

– O treinador nunca explicou isso, talvez ele tenha pensado que tivéssemos necessidade de lamentar nossas derrotas em privado. Só o melhor para suas estrelas em ascensão, não acha?

– Não acho que Wymack tenha recrutado estrelas em ascensão –, disse Neil, empurrando Andrew contra seu armário.

– Não –, concordou Andrew. – As Raposas nunca terão importância alguma.

Tente dizer isso a Dan, ela vai tampar os ouvidos. – Ele pegou seu whisky e se dirigiu a porta. – Kevin, carro!

Neil observou a porta se fechar atrás dele antes de juntar suas roupas e dirigir-se para o chuveiro. Ele lavou-se o mais rápido que pôde, com uma cara raivosa enquanto se vestia novamente. As saídas de ar em movimento sugava a umidade, para evitar o mofo, mas o banheiro ainda parecia pesadamente úmido. Neil sentiu-se pegajoso enquanto vestia-se. Passou os dedos pelo cabelo enquanto se encontrava com os primos no vestiário. Eles mostraram-lhe onde colocar a sua armadura, para que pudesse secar ao ar, e seu uniforme para ser lavado. Aaron apagou as luzes em seu caminho, Neil trancou as portas, e encontraram os outros dois esperando no carro.

Nicky pegou as chaves de Andrew e as sacudiu para Neil.

– É o seu primeiro dia, então você vai na frente. Aproveite enquanto pode. Kevin odeia sentar atrás.

– Eu não preciso sentar na frente –, protestou Neil, mas Kevin e os gêmeos já estavam acomodados nos bancos de trás, com Kevin no meio. A forma como se organizaram colocou Andrew atrás do assento de Neil, então Neil esperava que o passeio fosse curto.



Abigail Winfield morava em uma casa de um andar, aproximadamente, a cinco minutos do campus. Nicky estacionou no meio-fio, já que, quando chegaram, dois carros ocupavam a entrada. A porta da frente estava destrancada, então eles entraram sem bater e foram recebidos pelo cheiro de alho e molho de tomate.

Treinador Wymack e Abigail estavam na cozinha. Wymack resmungava enquanto cavava a gaveta de talheres, e Abigail o ignorava em favor de mexer algo no fogão. O treinador enxergou as Raposas por primeiro e apontou um dedo

para Nicky.

– Hemmick, venha aqui e seja útil uma vez nessa sua vida sarnenta. Arrume a mesa.

– AAHH, treinador, – reclamou Nicky, enquanto Abigail se virava. – Por que você sempre tem que me escolher? Você já começou. Por que não termina?

– Cale essa boca e comesse a trabalhar.

– Vocês dois não conseguem se comportar nem quando temos convidado? – perguntou Abigail, deixando de lado sua colher e saindo para recepcioná-los.

Wymack examinou o grupo apenas com um olhar.

– Não vejo nenhum convidado. Neil é uma Raposa. Ele não receberá nenhum tratamento especial apenas por ser seu primeiro dia. Não quero que ele pense que essa equipe é tudo menos disfuncional, ou junho será uma dura realidade.

– David? Cale a boca e veja se os legumes não estão fervendo demais. Kevin, veja o pão que está no forno. Nicky, mesa. Aaron, o ajude. Andrew Joseph Minyard, é melhor que isso não seja o que eu estou pensando.

Ela agarrou o whisky, mas Andrew riu e saiu porta a fora. Do corredor, Abigail pareceu querer segui-lo, mas Neil estava em seu caminho. Ele se afastou para o lado, deixando-a passar, mas ela se conformou em apenas enviar um olhar assassino a Nicky.

– O que eu deveria fazer? – indagou Nicky, evitando o olhar enquanto os três se separavam em suas respectivas tarefas. – Tirar isso dele? Nem no inferno.

Abigail o ignorou para cumprimentar Neil.

– Então você é o Neil. Eu sou Abby. Sou a enfermeira da equipe e proprietária temporária desse imóvel. Eles não estão te incomodando demais,

estão?

– Não se preocupe –, gritou Andrew, fora de vista. – Na verdade, vai demorar um pouco para acabar com ele, eu acho. Me dê até agosto, talvez.

– Atreva-se a nos dar uma repetição do ano passado...

– Então, a Bee estará aqui juntando as peças –, Andrew a interrompeu, reaparecendo na entrada ao lado de Neil. Como havia perdido o whisky ao longo do caminho, ele estendeu as mãos vazias em um pedido de calma. – Ela se saiu tão bem com Matt, não foi? Neil não vai ser nenhuma luzinha no radar dela. Você a convidou, não foi?

– Convidei, mas ela recusou. Ela achou que tornaria as coisas um pouco constrangedoras.

– Não há nada de constrangedor, exceto quando Andrew e Nicky estão por perto –, disse o treinador.

Andrew nem sequer tentou defender sua honra, mas olhou para Neil.

– Bee é a psiquiatra. Ela costumava trabalhar no centro de detenção juvenil, mas agora está aqui. Ela lida com casos realmente sérios no campus: suicidas, psicopatas em ascensão, esse tipo de coisa. Isso faz dela a nossa manipuladora chefe. Você vai conhecê-la em agosto.

– Eu tenho? – perguntou Neil.

– É obrigatório, uma vez por semestre para os atletas –, confirmou Abby. – A primeira sessão é uma conversa casual, só para conhecê-la e descobrir onde fica seu escritório. A segunda sessão é na primavera. Claro, você é livre para visitá-la a qualquer momento, se quiser, ela vai perguntar mais sobre a programação enquanto você estiver lá. Serviços de aconselhamento estão incluídos no seu currículo escolar, então você pode fazer bom uso dele.

– Betsy é ótima –, disse Nicky. – Você vai adorar ela.

Neil duvidava, mas deixou de lado por enquanto.

– Vamos comer, está bem? – propôs Abby, gesticulando para que Andrew e Neil entrassem na sala.

Neil havia perdido o apetite, mas sentou-se à mesa o mais longe que pode dos assentos de Kevin e Andrew. A conversa morreu quando todos sentaram e serviram-se, mas recomeçou enquanto pegavam pedaços de lasanha. Neil fez o melhor que pôde para ficar de fora; mais interessado em ver a forma como eles interagiam.

De vez em quando a mesa se separava, quando Kevin e Wymack conversavam sobre os treinos de primavera e recrutamento em outras escolas, e Nicky falava com outra metade da mesa sobre fofocas, filmes e celebridades que Neil não conhecia. Andrew assistia Kevin e Wymack, mas nada teve para contribuir na conversa. Em vez disso, zumbiu para si mesmo e empurrou sua comida no canto do seu prato.

Passava das dez quando Wymack decidiu que era hora de ir, e Neil partiu com ele.

Entrar no carro sozinho com ele foi a coisa mais difícil que Neil tinha feito durante todo o dia. Andrew era louco, mas Neil tinha uma desconfiança enraizada de homens velhos o suficiente para ser seu pai.

Ele ficou paralisado e em silencio no banco do passageiro durante toda a viagem. Talvez Wymack tivesse notado sua tensão, pois nada disse a Neil até que estivessem de volta em seu apartamento.

Quando Wymack fechou e trancou a porta da frente, perguntou:

– Eles vão ser um problema?

Neil sacudiu a cabeça discretamente, dando mais espaço entre eles e disse:

– Vou descobrir.

– Eles não compreendem limites –, disse Wymack. – Se eles passarem dos limites e você não puder fazê-los parar, venha até mim. Entendeu? Eu não tenho controle sobre Andrew, mas Kevin deve a vida a mim, posso chegar em Andrew através dele.

Neil acenou com a cabeça e desceu o corredor para pegar sua bolsa na escrivaninha de Wymack.

Hávia ficado trancada o dia todo, mas de qualquer forma, ele a despejou sobre o sofá para verificar suas coisas. Passou a mão sobre o fichário no fundo da sua bolsa e seu coração acelerou. Ele queria certificar-se de que tudo estava lá, mas Wymack o observava da porta.

– Você planeja usar essas mesmas seis peças de roupas outra vez este ano? – perguntou Wymack.

– Oito –, corrigiu Neil, – E, sim.

Wymack arqueou uma sobrancelha para ele, mas não forçou a barra.

– Lavanderia é no porão. Detergente no armário do banheiro debaixo da pia. Use o que você precisar e pegue o que quiser na cozinha. Você vai me irritar mais se continuar agindo feito esses gatos de rua arisco do que se, por acaso, você comer a última tigela de cereal.

– Sim, treinador.

– Eu tenho uma papelada para rever. Esta bem?

– Vou dar uma corrida –, avisou Neil.

Wymack assentiu com a cabeça e saiu. Neil colocou sua calça de corrida de

um lado e separou sua calça e camisa de dormir sob o sofá para mais tarde. Trocou-se no banheiro e foi em torno de Wymack para trancar sua bolsa novamente.

Wymack nem sequer levantou os olhos dos papéis que estava examinando, embora tenha resmungado o que poderia ter sido um “adeus” quando Neil saiu novamente. Neil trancou a porta, enterrou as chaves no fundo de seu bolso e desceu as escadas.

Ele não sabia onde estava ou para onde estava indo, mas estava tudo bem. Se desse uma direção a seus pés, eles o faria correr contra todos seus pensamentos, e ele ficaria contente em esquecê-los.

CAPÍTULO QUATRO

Neil passou a manhã seguinte explorando o campus, memorizando cada canto. Quando teve certeza de que conhecia tudo a sua volta, deixou o terreno da escola para uma longa corrida. Pouco a pouco seguiu seu caminho de volta. Teve uma hora para se exercitar e almoçar, antes de se encontrar com os outros no estádio, e se assegurou de chegar com antecedência o suficiente para trocar-se em privado.

Quando os outros chegaram, Neil já os esperava na quadra. Ele observou Kevin empurrar Andrew em direção ao gol. Andrew ria de algo, mas Neil não pode ouvir o que Kevin dizia a ele. Aaron e Nicky espalharam bolas pelo chão, na linha do primeiro quarto. Nicky rolou duas para Neil, que as espalhou ao seu redor, no meio da quadra.

Eles começaram os exercícios, alguns dos quais Neil já havia praticado no dia anterior. Os exercícios aumentaram gradualmente em dificuldade. Neil fez uma cara feia cada vez que Andrew defendia seus lançamentos de bola. Ele se sentia aliviado por nem Aaron e muito menos Nicky terem marcado, mas Kevin havia acertado quase um terço de seus lançamentos. Era um showzinho meia boca do ex-campeão nacional, mas, também foi intensamente humilhante, uma vez que Kevin crescera jogando como canhoto. Vê-lo encarar Andrew como destro foi suficientemente ousado; vê-lo pontuar foi surreal.

Kevin os expulsou da quadra em uma pausa para água, depois de uma hora e meia de treino, mas em vez de seguir os defensores e Neil até o vestiário, ele ficou com Andrew, continuando o treino.

Neil o observou sobre o ombro.

– Eu vi primeiro –, disse Nicky.

– Pensei que tivesse o Erik –, disse Neil.

– Eu sei, mas Kevin tá na lista – respondeu Nicky. Quando Neil franziu a testa, Nicky explicou. – É uma lista de celebridades com as quais eu quero fazer sexo. Kevin é o meu número três.

Neil fingiu entender e mudou de assunto.

– Como ninguém perde contra as Raposas tendo Andrew no gol?

– Ele é bom, não é? Mas Andrew ficou de fora a maior parte do ano passado. – Nicky deu de ombros. – O treinador não precisava de um terceiro goleiro quando assinou com a gente, então Andrew esquentou o banco de reserva até novembro. Então o CRE ameaçou revogar nosso status da Primeira divisão e despedir o treinado se o time não começasse a ganhar mais vezes. O treinador subornou Andrew a salvar nossa pele com uma boa garrafa de álcool.

– Subornou? – Ecoou Neil.

– Andrew é talentoso – disse Nicky novamente, – mas ele não se importa se ganhamos ou perdemos. Se quiser que ele se importe, dê a ele algum incentivo.

– Ele não pode jogar assim, sem se importar.

– Agora você tá parecendo o Kevin. Você vai descobrir da forma mais difícil, igual ao Kevin. Ele deu a Andrew uma baita dor de cabeça nesta primavera. – Nicky falava caminhando em direção ao vestiário. Aaron foi à frente deles, para o bebedouro, e Nicky apoiou-se contra a parede, olhando para Neil. – Andrew ficou sem jogar por um mês inteiro, e disse que quebraria os próprios dedos se o treinador o fizesse jogar com Kevin de novo.

Imaginar Andrew destruindo voluntariamente seu talento fez o coração de Neil apertar.

– Mas ele tá jogando agora.

Nicky tomou alguns goles rápidos no bebedouro, assim que Aaron saiu da frente e passou uma mão sob sua boca.

– Só por causa do Kevin. Kevin voltou a jogar, só que usando a mão direita, e Andrew não estava muito atrás dele. Até então, eles brigavam feito cão e gato. Agora, olhe bem. Eles praticamente trocam pulseirinhas da amizade, e eu nem se quer conseguiria enfiar um pé-de-cabra entre eles se minha vida dependesse disso.

– Mas, por quê? – indagou Neil. – Andrew odeia a obsessão de Kevin por Exy.

– No dia que fizer algum sentido para você, me avise –, disse Nicky movendo-se para que Neil pudesse tomar água. – Eu desisti de tentar entender tudo isso há semanas atrás. Você pode perguntar, mas duvido que te respondam. Já que estou aqui, quer um conselho? Pare de olhar tanto para Kevin. Você está me fazendo temer por sua vida.

– O que você quer dizer?

– Andrew é assustadoramente possessivo. Ele me socou quando eu disse que Kevin era um desperdício por ser hetero. – Nicky apontou para seu rosto, provavelmente onde Andrew o socou. – Então, vou paquerar alvos mais seguros até Andrew se cansar dele. Isso significa: você. Matt já foi fisgado e eu não me odeio o suficiente para tentar algo com Seth. Parabéns.

– Como você consegue baixar o nível dos assuntos?– indagou Aaron.

– Que? – perguntou Nicky. – Ele negou, então vai precisar de um empurrãozinho.

– Não preciso de empurrãozinho nenhum –, cortou Neil. – Estou bem, sozinho.

– Sério, não é entediante ficar sempre só na mãozinha?

– Estou cheio dessa conversa –, protestou Neil. – Dessa e de cada futura variação desse tipo. Nicky, não tenho problemas com a sua sexualidade, mas estou aqui para jogar. Tudo que eu quero de qualquer um de vocês é o melhor que possam me dar na quadra.

A porta da quadra se abriu de repente, então Andrew apareceu. Ele os varreu com olhos arregalados, como se estivesse surpreso de vê-los todos ali.

– Kevin quer saber por que estão demorando tanto. Se perderam?

– Nicky tá planejando estuprar o Neil – disse Aaron. – Há algumas falhas no plano, então ele precisa resolver isso primeiro, mas ele vai chegar lá, mais cedo ou mais tarde.

– Você é um idiota –, disse Nicky enquanto se dirigia a porta.

– Uau, Nicky, – disse Andrew. – Você começou cedo.

– Vai realmente me culpar?

Nicky olhou para Neil enquanto falava isso.

Ele só desviou os olhos de Andrew por um segundo, mas foi o suficiente para Andrew se atirar sobre ele. Andrew agarrou a camisa de Nicky com uma mão, o empurrando contra a parede. Nicky gemeu com o impacto, mas não fez qualquer movimento para empurra-lo de volta quando Andrew atirou-se sobre ele. Neil olhou de Nicky para Aaron, mas Aaron pareceu indiferente e sem surpresa pela violência repentina. Neil olhou para Andrew e esperou para ver como isso acabaria.

– Ei, Nicky, – disse Andrew em um sussurro alemão. – Não toque nele, você entendeu?

– Você sabe que eu nunca o machucaria. Mas se ele disser que sim...

– Eu disse NÃO.

– Misericórdia, você é ganancioso –, disse Nicky. – Você já tem o Kevin, por que...?

Ele ficou em silêncio, Neil levou um momento para perceber o motivo. Andrew tinha uma pequena faca pressionada contra a camisa de Nicky. De onde ele a tirou, Neil não sabia, mas ele se recusou a pensar que Andrew a usasse na quadra por baixo de seu uniforme. Deveria haver alguma regra sobre isso. A última coisa que Neil queria era que Andrew apunhalasse alguém no meio de uma partida. As Raposas seriam banidas da liga em um instante.

– Shh, Nicky, shh –, disse Andrew, como se estivesse acalmando uma criança birrenta. – Por que a cara triste? Vai ficar tudo bem.

Neil não era estranho à violência. Ele ouvira todos os tipos de ameaças catalogadas, mas nunca de alguém que sorria brilhantemente como Andrew fazia. Apatia, raiva, loucura, tédio; Essas motivações que Neil conhecia e compreendia. Mas Andrew sorria como se não tivesse uma ponta de faca deslizando entre as costelas de Nicky, e não era porque ele estava brincando. Neil sabia que Andrew queria dizer. Se Nicky desse um suspiro errado, Andrew cortaria seus pulmões em cubos, e as consequências que se danem.

Neil indagou-se: o remédio de Andrew o deixaria sofrer ou faria-o gargalhar no funeral de Nicky. Então se perguntou se Andrew agiria da mesma forma estando sóbrio. Seria a psicose de Andrew ou seu remédio? Ele estava dopado demais para entender o que estava fazendo, ou seu remédio só adicionava um sorriso e a violência estava enraizada nele?

Neil olhou para Aaron, esperando que ele interferisse. Aaron estava tenso, porem quieto enquanto olhava para a faca de Andrew. Neil deu-lhe mais um segundo, mas não podia esperar Aaron para sempre. Ele não sabia o que Andrew acabaria fazendo e não queria descobrir.

– Ei – Neil interviu, olhando para Andrew. – É o suficiente.

– Calado –, disse Nicky em inglês, apenas mais alto do que um sopro de ar. –

Calma, está tudo bem.

– Ei –, disse Neil novamente o ignorando, mas não sabia o que dizer.

Questionar a sanidade de Andrew ou chamar sua atenção terminaria com Nicky no hospital. Ele não fingiria aceitar as investidas de Nicky apenas para tranquilizar Andrew. O que Neil precisava era de uma distração, algo mais importante para Andrew do que Nicky. Só havia uma coisa que Neil sabia. Uma pessoa, sim.

– Estamos brincando ou o quê? – Indagou ele. – Kevin está esperando.

Andrew olhou para Neil como se nada tivesse acontecido.

– Ah, você está certo. Vamos, ou isso nunca vai acabar.

Andrew soltou Nicky e afastou-se. Sua faca desapareceu em seu uniforme antes de chegar à porta.

Aaron apertou o ombro de Nicky e saiu. Nicky parecia abalado enquanto olhava para os gêmeos, ele se recompôs com um sorriso quando percebeu que Neil estava o olhando, Neil não acreditava no que tinha visto.

– Pensando bem, depois disso tudo, você não faz meu tipo mesmo –, disse Nicky quando a porta se fechou atrás de seus primos. – Você precisa beber mais água antes da segunda rodada?

– Isso não está certo –, disse Neil, apontando para a porta.

– Não foi nada – respondeu Nicky.

Neil agarrou o braço de Nicky e o puxou para mais perto.

– Não deixe ele simplesmente ir embora em situações como esta.

Nicky o considerou por um momento, seu sorriso desapareceu em algo

pequeno e cansado.

– Ah, Neil. Você vai tornar isso difícil para você mesmo. Olhe. – disse ele, puxando Neil em direção à porta. – Andrew é meio maluco. Seu limite não é o limite dele, você nunca irá fazê-lo entender o que ele fez de errado. Além disso, você nunca fará ele se importar. Então, fique fora do caminho dele.

– Ele é assim porque vocês sempre o deixam impune. – acusou Neil – Vocês tão colocando todos nós em risco.

– Foi minha culpa. – Nicky abriu a porta e esperou que Neil o seguisse. – Eu disse o que não deveria e tive o que merecia.

Neil não estava convencido, mas não podia exigir melhores explicações para um argumento que ocorrera em alemão, então foi na frente a caminho do pátio interno. Neil olhou primeiro para Andrew, que corria até o centro da quadra, depois para Kevin, que estava de pé no logotipo de pata de raposa no centro da quadra. Aaron estava na porta de acrílico, à espera de Nicky e Neil, e os três entraram juntos na quadra.

Kevin mal esperou que eles parassem ao seu lado, e os dividiu com um movimento de dedos.

– Aaron fica comigo, Nicky e Andrew ficam com a criança. Disputa de dois times com um dos gols livre.

– Não sou criança – refutou Neil. – Você é apenas um ano mais velha do que eu.

Dois, na verdade, mas ele não diria que mentiu sobre seu aniversário e sua idade. Kevin ignorou isso, mas Nicky falou:

– Andrew não deveria estar com você e Aaron? Assim, Neil pode praticar tiros no gol.

Kevin pareceu entediado com a sugestão.

– Se eu achasse que ele chegaria ao gol, eu teria formado assim.

– Quanta agressividade. – disse Nicky, sorrindo para Neil. – Vamos, garoto.

Havia apenas cinco, mas eles montaram como se tivessem duas equipes completas: Neil e Kevin na linha do centro da quadra, Nicky no *primeiro-quarto* atrás de Neil, e Aaron no *quarto-quarto* atrás de Kevin. Andrew atuou como um negociante no jogo, do seu lugar no gol, lançou a bola até o outro lado da quadra. Um segundo, Neil ouviu o estalar da raquete de Andrew, ele começou a se mexer, subindo a quadra antes que Aaron pegasse a bola e fechasse seu caminho.

Kevin deveria ter feito o mesmo, subir a quadra para marcar Nicky, mas havia ficado parado na linha da meia área. Aaron também recuou e deixou Neil passar. Neil não pensou nisso, e pegou a bola no ar. Ele só a manteve por dois segundos antes de Kevin aparecer do nada. Kevin bateu sua raquete com tanta força que a bola foi para um lado e raquete de Neil voou para outro. Neil xingou a dor aguda que esfaqueou seus braços.

– Mantenha a contagem – disse Kevin, antes de ir atrás da bola.

Neil arrastou-se até sua raquete e correu atrás dele, mas Kevin tinha uma boa vantagem.

Nicky tentou afastar Kevin, mas ele havia marcado um ponto alguns segundos depois. Andrew se apoiava em sua raquete ao invés de proteger o gol. Ele olhou sobre ombro quando a área do gol se iluminou em vermelho, mas de forma alguma esboçou qualquer reação.

– Você poderia pelo menos tentar – disse Kevin.

Andrew pensou, então disse:

– Poderia, não é? Talvez da próxima vez!

Nicky pegou a bola e jogou para Andrew, que pegou com sua luva de goleiro. Os quatro prepararam-se novamente, e Andrew começou com outro saque.

Desta vez, Kevin correu de encontro a Nicky, deixando Neil ir em direção a Aaron. Neil correu atrás da bola, mas Aaron se atirou ferozmente sobre ele assim que Neil estava perto o suficiente para pegar a bola – esse tipo de contato físico era uma interceptação parcialmente permitida – Aaron o atingiu com força total. Neil cambaleou, sem equilíbrio, enfiando a raquete no chão para evitar tropeçar em seus próprios pés. Aaron pegou a bola e jogou-a diretamente sobre sua cabeça, para Kevin. Andrew apenas observou Kevin marcar novamente.

– O que Andrew está fazendo? – perguntou Neil.

– Nada –, respondeu Aaron, é tão simples quanto óbvio.

Eles se prepararam para outro saque.

Vinte minutos depois, Kevin empurrou Neil contra a parede com uma mão enluvada no peito, tempo suficiente para exigir:

– Tá tentando?

Neil o empurrou, mas Kevin já estava saindo para pegar a bola e marcar novamente.

O campo parecia bem maior quando ele só tinha um companheiro de equipe para confiar, e a regra que só lhe permitia carregar a bola por dez passos o deixava dependente das paredes da quadra. Neil não estava acostumado a essa jogabilidade. Sua falta de familiaridade com este estilo de jogo só tornou tudo mais fácil para Aaron e Kevin dominarem a partida.

Neil forçou-se a tentar ir mais rápido a cada rodada, mas ali não era

Millport. Sua experiência de infância e sua velocidade não eram suficientes quando enfrentava atletas deste calibre. Neil estava frustrado, então espantado, então frustrado novamente. Ele marcou algumas vezes durante o treino, mas seus pontos eram sem credibilidade, uma vez que não havia um goleiro para contê-lo.

Após quarenta minutos, Kevin chamou-os para uma parada abrupta e recolheu as raquetes dos jogadores defensivos.

– Caiam fora. Os dois, agora mesmo.

– Graças a Deus – disse Nicky, e correu para a porta.

Kevin esperou até Aaron fechar a porta, depois, agarrou a grade frontal do capacete de Neil, o arrastando próximo ao gol de Andrew. Finalmente, Andrew ficou interessado com o procedimento e aprumou-se. Kevin o soltou quando Neil chegou á pata de raposa que marcava as penalidades.

– Bola –, disse ele, e Andrew a jogou. – Kevin empurrou-a contra o peito de Neil, até que Neil a pegou. – Fique aqui e atire em Andrew até ele cansar. Talvez você marque uma vez.

– Uh, ha, ha –, Andrew gargalhou. – Isso não vai acabar bem.

Kevin virou-se e saiu batendo a porta.

Neil recolheu o balde de bolas num canto, onde tinham deixado durante o treino. Colocou o balde no *primeiro-quarto* e voltou para a linha de penalidade para o seu primeiro tiro.

Andrew, que não havia levantado um dedo para impedir Kevin de marcar, não teve a mesma consideração por Neil. Defendeu a bola com sua enorme raquete em um longo brandir de força bruta. Neil a ouviu saltar na parede ao fundo da quadra, atrás dele. Neil olhou sobre o ombro, depois tirou outra bola do balde, tentando novamente.

Neil havia perdido a noção do tempo depois disso. Saques e minutos embaçaram em uma mistura exaustiva. Ele prosseguiu por mais tempo, mesmo com seu braço queimando, ele não sabia como parar. Eventualmente, a dor desapareceu em favor de uma sensação de dormência. Ele sabia que Andrew deveria estar cansado, pois a raquete de Andrew era mais pesada e rebatia cada bola come se desejasse marcar um gol, mas Andrew nem sequer perdeu o ritmo.

Ele soube que havia excedido seu limite quando perdeu o controle de sua raquete. Andrew riu quando a raquete caiu em direção ao gol. Andrew rebateu uma bola em Neil, que não tinha uma raquete para se defender. Ele estendeu os braços instintivamente para proteger o rosto, mas sentiu o golpe em seu braço, mesmo com os protetores. Ele recuou um passo com o impacto, e deu a Andrew um olhar maligno.

– Vamos – disse Andrew. – Tic tac. Não vou te esperar para sempre.

Neil sabia que era uma péssima ideia, mas foi até sua raquete mesmo assim. Pegá-la foi dolorido e, quando tentou levantá-la o suficiente para atacar, sentiu um espasmo afiado em seu braço direito, perdendo o controle novamente. Sua raquete caiu aos seus pés.

– Ah não! – disse Andrew – Acho que Neil teve problemas.

Neil agachou-se e pegou sua raquete. Sentiu-se como se seus músculos estivessem se desintegrando dentro de si, contorcendo-se, apertando, em torno de seu punho e cotovelo, mas Neil envolveu seus dedos ao redor da raquete e a pegou. Andrew ergueu sua raquete em posição de defesa, esperando e observando como Neil estupidamente tentava mais um tiro. Neil só conseguiu levantá-la na altura do ombro entes de deixa-la cair novamente. A bola rolou inofensivamente para longe.

– Consegue ou não? – incitou Andrew.

Com o gosto amargo da derrota, Neil agachou-se perto de sua raquete.

– Já terminei.

Andrew deixou o gol para encontrá-lo, mas parou com um pé em cima da raquete de Neil, que tentou puxa-la, mas não tinha forças. Foi ainda menos bem sucedido em tentar empurrar Andrew, e isso doeu tanto que sua visão escureceu.

– Saia de cima da minha raquete.

– Venha me tirar? – disse Andrew, abrindo os braços em um convite. – Tente, de qualquer forma.

– Não me provoque.

– Palavras ferozes de uma criatura tão insignificante –, provocou Andrew. – Você não é muito inteligente. Típico de um atleta.

– Hipócrita.

Andrew fez sinal de positivo com o polegar deixando Neil para trás.

Neil tentou apoiar-se antes de se inclinar, mas sua mão não suportou seu peso. Ele caiu de costas e nem tentou levantar-se. Estava muito cansado para se importar, então ficou ali ouvindo Andrew sair da quadra. A porta bateu. Neil virou a cabeça para um lado, olhando através das paredes enquanto Andrew saia. Quando teve certeza de que estava só, meticulosamente limpou a quadra. Seu braço latejava enquanto tirava seu uniforme e vestir-se era quase demais para suportar.

– Droga –, sussurrou.

Tinha passado dos limites com sua determinação em alcançar o nível de seus colegas de equipe. Se não conseguisse controlar a si mesmo dando um passo de cada vez, não seria capaz de jogar em agosto.

Ele correu de volta ao apartamento de Wymack, mantendo seu ritmo mais lento do que o habitual, subiu as escadas até o sétimo andar. A porta do

apartamento estava destrancada e Wymack o esperava no corredor com uma lata de café em pó na mão.

– Kevin ligou com antecedência para dizer que você não vai treinar amanhã, e que eu deveria entretê-lo com vídeos de jogos antigos. Disse que você sobrecarregou o braço contra Andrew. Eu disse que você não era tão estúpido. Qual de nós está certo?

– Eu me empolguei.

Wymack jogou o café para ele. Neil o pegou instintivamente, mas não conseguiu segurá-lo. A lata caiu no chão em seus pés e a tampa voou espalhando pó de café por todo lugar.

Wymack caminhou em direção a Neil com um grunhido.

– Idiota.

Recuar de um homem furioso foi instintivo, Neil não percebeu que tinha se encolhido até que Wymack congelou. O rosto de Wymack ficou perigosamente pálido, Neil baixou o olhar. Tendo cuidado de não desviar muito do olhar de Wymack. Precisava atentar-se a quando Wymack começasse a se mover novovamente. Esperou que Wymack dissesse alguma coisa. Depois de um silêncio interminável, percebeu que Wymack não falaria, até que dissesse:

– Hoje foi um erro – disse Neil calmamente. – Não vai acontecer de novo.

Wymack não respondeu. Também não se aproximou. Por fim, apontou para o chão à sua frente.

– Venha aqui –, disse ele, quando Neil começou a limpar a bagunça. – Deixe isso.

Neil pisou sobre a bagunça, ficando a frente de Wymack: dentro do alcance de um braço, e mais um centímetro fora. Ele tinha aperfeiçoado esse truque

quando criança. Ele podia olhar os braços de alguém e julgar a distância segura deles em um piscar de olhos. Se tivessem que se mover para atingi-lo, ele teria tempo suficiente para se esquivar. De qualquer maneira, ele não levaria toda a força intencional do golpe.

– Olhe para mim –, exigiu Wymack. – Agora.

Neil arrastou seu olhar do peito de Wymack para o rosto. A expressão de Wymack ainda estava muito vazia para Neil sentir-se seguro, mas sabia que era melhor não desviar o olhar.

– Quero que você entenda uma coisa – disse Wymack. – Eu sou velho, mal-humorado, que gosta de gritar e jogar coisas, mas eu não distribuo socos, a menos que algum idiota seja burro o suficiente para tentar primeiro. Eu nunca, nunca acertei alguém sem provocação, tenho certeza que não vou começar por você. Me ouviu?

Neil não acreditou, mas disse:

– Sim, treinador.

– Estou falando sério – continuou Wymack. – Não ouse a ter mais medo de mim do que de Andrew.

Neil queria contar que a Idea de Wymack, de encaixá-lo na equipe, o tornara um problema, mas achava que Wymack não queria ouvi-lo. Não havia solução para esse problema.

– Sim treinador.

Wymack gesticulou sobre o ombro e se afastou.

– Eu já comi, mas ainda não guardei o que sobrou. Vou cuidar da sujeira, e você... cuide-se.

Neil comeu ao som do aspirador de pó. Wymack estava em seu escritório no

momento em que Neil terminou de comer, e Neil se retirou mais cedo para o sofá. Ele queria pegar sua bolsa e seu fichário, mas não queria interferir no espaço de Wymack, então olhou para o teto até que finalmente adormeceu.



Demorou duas semanas para Neil perceber que nunca atingiria os padrões de Kevin. Chegou ao ponto de ver a expressão de desaprovação de Kevin cada vez que piscava. Na metade do tempo, Neil não sabia o que estava fazendo de errado e na outra metade não conseguia mudar. Ele corria mais rápido do que qualquer um deles, mas eles eram melhores e mais fortes do que ele. Kevin sabia que Neil era inexperiente, mas não o perdoava por seus erros. Neil não queria piedade, mas compreensão. Quando finalmente cedeu e perguntou a Nicky um conselho sobre como lidar com Kevin, Nicky apenas sorriu e disse:

– Eu avisei.

Isso não ajudou em nada a paciência desgastada de Neil. Felizmente, estar irritado consigo mesmo e detestando a versão condescendente de Kevin como treinador, significava que ele não tinha tempo ou energia para ter medo. Duas semanas jogando com um grupo disfuncional e Kevin ainda não dera sinais de reconhecê-lo. Tudo o que Kevin se preocupava era o quão insuficiente Neil era em quadra – e até onde Neil podia dizer, a paciência era cada dia mais curta. Duas semanas da rejeição desdenhosa de Kevin e comentários grosseiros, desgastaram a paciência de Neil. Ele não se importava em estoura os braços novamente, se com isso Kevin parasse de trata-lo como o incompetente da escola primária.

Tudo era para o Exy, desde a corrida matutina até as horas na academia, o treino da tarde, para a corrida mais longa nas tardes depois do jantar. Ele deu voltas ao redor do campus e subiu e desceu as escadas do estádio. Não importava o que fizesse, era lento de mais, ele foi dormir com tantas dores todas as noites que mal podia se mexer na *“cama”*. Quando sua terceira semana começou, ele já

não conseguia dormir, ocupado de mais analisando os erros do dia.

Uma noite, ele deixou de lado seus cobertores com desgosto e saiu do apartamento. Estava escuro, provavelmente por volta das duas da manhã, estava frio o suficiente, ele deveria ter mudado a calça de pijama. Ele se aqueceu rapidamente e seguiu por Palmetto. Havia poucas luzes na rua ao redor do bairro de Wymack, mas quando Neil chegou à estrada perimetral, a rua sinuosa que cercava Palmetto, o caminho estava iluminado.

Neil conhecia o caminho para o estádio de cor mesmo no escuro. Havia alguns carros no estacionamento, como de costume, e Neil pensou ter visto a figura de um segurança em um dos lugares. Ele discou o código de entrada das Raposas e abriu o portão, então parou a mão na metade do interruptor. As luzes já estavam acesas.

Então, se deu conta de que tinha passado pelo carro dos primos. Ele estava tão acostumado a vê-los ali, quando se encontravam para treinar, que não tinha pensado nisso lá fora. Ele franziu a testa, indagou-se se Wymack o tinha ouvido sair e chamou os outros para verifica-lo, então fechou a porta e correu para o vestiário.

Verificou cada sala, mas não encontrou sinal de ninguém. Alongou-se no saguão antes de atravessar a porta dos fundos e ouviu o som da bola ricocheteando na parede. Olhou em ambos os lados do hall de entrada das Raposas, mas não conseguia ver onde os outros estavam na quadra. Ele estava quase no pátio interno antes de finalmente avistar Kevin.

Kevin estava sozinho, no *primeiro-quarto* com um balde de bolas, sistematicamente lançado-as contra a parede. Neil observou em silêncio, perguntando-se que tipo de exercício estava fazendo. Levou uma dúzia de tiros até Neil perceber que Kevin estava tentando acertar todas as bolas no mesmo alvo. Kevin estava aperfeiçoando sua precisão com a mão direita.

Observar Kevin treinar no meio da noite, feroz e implacável, era quase o

suficiente para que Neil o perdoasse. Kevin era mais exigente consigo mesmo do que com qualquer outra pessoa ao seu redor. Ele estabelecia seus padrões incrivelmente altos e tentava ensiná-los com tudo o que tinha e não entendia os motivos dos outros não reproduzirem o mesmo.

Neil estava observando Kevin, mas não demorou muito para perceber que alguém o observava. Nem precisava olhar para saber quem era; A intensidade do olhar da pessoa colocou seus nervos a flor da pele. Ele não se virou para olhar onde Andrew estava, mas levantou a voz o suficiente para que Andrew o escutasse.

– Não vai jogar com ele?

– Não. – respondeu Andrew, em algum lugar à esquerda de Neil.

Neil esperou, mas Andrew não deu mais detalhes.

– Acho que seria bom se você fosse.

– É?

Neil virou-se lentamente, arrastando olhar pelo banco de reserva vazio para os assentos atrás dele. Andrew estava sentado na primeira fileira da arquibancada, a cerca de dez passos de distância. Ele estava inclinado para frente, braços cruzados sobre seus joelhos, enquanto olhava para Neil. A expressão vazia em seu rosto era surpreendente. Passaram-se semanas desde que Neil o tinha visto sóbrio e já havia se acostumado com Andrew dopado. Neil quase o acusou de violar sua liberdade condicional, novamente, antes de lembrar-se de que horas eram. Andrew provavelmente tinha largado os remédios para dormir.

Mais interessante do que o comportamento calmo de Andrew, era o camiseta larga e a calça de moletom que Andrew vestia. Andrew usara mangas compridas quando o pegou no aeroporto, e Neil só o tinha visto de uniforme desde então. Agora, sem armadura volumosa e luvas no caminho, Neil podia finalmente ver a

marca registrada de Andrew: Braçadeiras pretas que cobriam dos pulsos até os cotovelos. Pelo que Neil ouviu, elas eram uma piada sarcástica para ajudar as pessoas a distinguir os gêmeos uns dos outros. O porquê ele as usava no meio da noite, Neil não sabia.

E nem precisou perguntar. Andrew soube o que ele estava olhando. Enfiou dois dedos na braçadeira e tirou uma lâmina fina. O metal brilhava sob as luzes do teto enquanto Andrew a guardava embaixo do tecido escuro alguns segundos depois.

– É para você se cortar lentamente ou tem alguma proteção contra isso? – perguntou Neil.

– Sim.

– Não foi com essa que você tentou cortar Nicky. Com quantas facas você anda?

– Bastante – disse Andrew.

– O que acontece se um árbitro flagra-lo com uma arma em quadra? – indagou Neil. – Acho que é um pouco mais grave do que um cartão vermelho, você provavelmente seria preso, eles podem até mesmo suspender toda a nossa equipe, até acharem que podem confiar em nós novamente. Então o que?

– Eu ficaria eternamente triste –, replicou Andrew sem expressão alguma.

– Por que você odeia tanto esse jogo?

Andrew suspirou como se Neil estivesse sendo estúpido propositadamente.

– Eu não me importo o suficiente com Exy para odiá-lo. Só é um pouco menos chato do que viver, então da para aturar, por enquanto.

– Não entendo.

– Isso não é problema meu.

– Não é divertido? – perguntou Neil.

– Uma *outra pessoa* me perguntou a mesma coisa há dois anos. Devo dizer o que eu respondi? Respondi que não, algo tão inútil como esse jogo nunca será divertido.

– *Inútil* – repetiu Neil. – Mas, você tem talento.

– Seu elogio é irrelevante e não vai te levar a lugar nenhum.

– Estou apenas afirmando os fatos, você está se depreciando. Você poderia ser alguma coisa se tentasse.

O sorriso de Andrew era pequeno e frio.

– Você, vai ser alguma coisa. Kevin disse que você vai ser um campeão. Quatro anos e você será profissional. cinco anos e será um ídolo. Ele prometeu ao treinador. Prometeu ao conselho escolar. Argumentou até que assinaram com você.

– Ele... O quê?

Neil olhou para ele, o sangue correndo em seus ouvidos enquanto tentava entender as palavras de Andrew. Andrew só podia estar mentindo para ele; Kevin não poderia ter dito coisas assim sobre ele. Até onde Neil podia calcular, Kevin mal conseguia ficar na mesma quadra que ele. De que adiantava Andrew dizer mentiras tão óbvias? Estava tentando irrita-lo?

– Então Kevin finalmente conseguiu convencê-los a assinar com você, e você saiu correndo. – continuou Andrew. – Curioso que alguém com tanto potencial, que se diverte tanto, que poderia ser algo, não quereria nada disso.

Se Andrew estivesse dizendo a verdade, então Kevin havia mentido para todos eles, e Neil só sabia uma razão para tudo isso. Talvez Kevin tivesse se

lembrado dele depois de tudo, e dissera tudo o que precisava para recrutar Neil. Mas se fosse assim, o quanto Kevin sabia? Quanto ele compreendia ou se lembrava do que acontecera há oito anos atrás? Ele lembrava o verdadeiro nome de Neil? Sabia o que significava esse nome?

– Você está mentindo, – disse Neil, finalmente, precisando que essa fosse à verdade. – Kevin me odeia.

– Ou você odeia ele – replicou Andrew. – Não consigo me decidir, suas pontas soltas não somam.

– Não sou um problema de matemática.

– Mas eu ainda vou resolver você.

Neil virou-se sem dizer mais nada. Kevin estava reunindo suas bolas, terminando com o treino. Quando Kevin se dirigiu para a porta, Andrew se mexeu. Neil observou enquanto Andrew se levantava, com os sapatos estalando silenciosamente sobre a arquibancada enquanto descia para o pátio interior.

– Você é um enigma – disse Andrew.

– Obrigado.

– Não agradeça – disse Andrew, enquanto passava por Neil sem olhar para trás. – Preciso de um brinquedinho novo para me divertir.

– Não sou um brinquedo.

– Veremos.

Kevin tirou o capacete assim que a porta da quadra se fechou atrás dele. Ele olhou para Neil e depois para Andrew. Neil olhou para ele, procurando a verdade em seu rosto, procurando alguma razão por trás das grandes palavras de Andrew. Kevin não pode ouvir a conversa da quadra, mas Neil ainda esperava que ele o chamasse pelo seu verdadeiro nome.

Em vez disso, Kevin disse:

– Por que você está aqui?

– Eu queria treinar.

– Como se isso fosse ajudar.

Era rude, mas exatamente o que Neil precisava ouvir. Andrew havia mentido. Neil respirou aliviado enquanto observava Kevin por o balde de bolas ao chão. Kevin colocou sua raquete e capacete no banco para tirar suas luvas e protetores de braço. Andrew o ajudou a tirar, enfiando as luvas debaixo do braço e passando os dedos pelas travas dos protetores. Ele agarrou o capacete de Kevin pela grade frontal e fitou Kevin recolher a raquete novamente.

– Andrew? – perguntou Kevin.

– Estou pronto – respondeu Andrew, e se dirigiu para o vestiário.

Neil não os viu partir. Sentou-se no banco do pátio e olhou para a quadra, ouvindo a porta fechar atrás deles. Estendeu a mão e pegou uma bola fora do balde, e a girou mais e mais em seus dedos.

– Ídolo. – sussurrou Neil, então se deu um tremor violento.

Ele apertou a bola até seus dedos doerem, mentalmente refez seu passado. Ele foi para o Arizona, depois para Nevada. Lembrou-se da praia de areias negras ao longo da costa perdida na Califórnia, onde sua mãe finalmente havia desistido de lutar. Ele nem sequer percebeu que ela tinha ficado tão ferida depois de ter encontrado seu pai em Seattle. Ela tinha sangrado na maior parte do caminho enquanto atravessavam Oregon, mas ele não achou que fosse grave. Não sabia que ela estava com hemorragia interna, um rim e o fígado rompido, seu intestino machucado. Algo irreparável.

Ele não fazia ideia de como ela sabia, se ela soubesse em Portland que algo

estava errado. Mas ela estava com muito medo de parar, se não tivesse visto sua morte se aproximando até que cruzaram a fronteira da Califórnia. Foi quando ela começou a perder a consciência. Ela deveria ter ido para um hospital, mas os rejeitou por causa da estrada traiçoeira da costa perdida. Eles pararam a dois metros da praia, ela o fez repetir todas as mesmas promessas:

"Não olhe para trás, não diminua a velocidade e não confie em ninguém.

Seja qualquer um, nunca você mesmo e nunca seja qualquer um por muito tempo."

Quando Neil entendeu que era uma despedida, já era tarde demais.

Ela morreu ofegante por mais uma respiração, ofegante com algo que poderia ter sido: palavras, dizer seu nome ou medo. Neil ainda podia sentir suas unhas cravadas em seu braço para que ele não escapasse, a lembrança o deixava tremulo. Seu abdômen parecia pedra quando ele a tocou, inchado e duro. Ele tentou puxá-la de seu assento apenas uma vez, mas o som de seu sangue seco rasgando o vinil como velcro o matou.

Ele queimou o carro, despejando cada galão de gasolina que tinham de reserva, jogando nos bancos, de modo que a queimaria até os ossos. Ele não chorou quando as chamas a engoliram, e não se encolheu quando puxou seus ossos para fora, para esfriar. Ele encheu sua bolsa com os restos mortais dela, e a levou á dois quilômetros da praia, enterrou-a o mais fundo que pôde.

Quando chegou a rodovia novamente, ele estava paralisado de choque. Durou mais um dia antes de cair de joelhos na beira da estrada e vomitar suas tripas. De alguma forma ele havia chegado a San Francisco, mas só ficou um dia antes de partir para Millport. Ele deu um passo e uma milha, um dia de cada vez, porque qualquer outra coisa era demais para lidar com sua dor.

Neil fitou a quadra a sua frente e engoliu uma vez, duas vezes, contra a náusea que rastejava em sua garganta. Era por isso que o contrato de Wymack, as elevadas ambições de Kevin e as palavras de Andrew não significavam nada

no final. Não importava o que lhe ofereciam ou prometiam. Neil não era como eles. Ele não era nada e ninguém. O estádio não era para pessoas como ele. Ele treinaria e apreciaria enquanto pudesse, mas este era um sonho em que teria de acordar a qualquer momento. Querer algo mais do que isso só tornaria à despedida mais difícil.

Ele deixou a bola cair de volta no balde e foi até o vestiário. Depois de ter certeza de que Kevin e Andrew realmente tinham ido embora, vestiu seu uniforme e foi para a quadra treinar. Focou cada pensamento nos movimentos que estava fazendo, para que não pudesse pensar nas Raposas ou no estádio, ou no passado. Quando finalmente tinha terminado e limpado tudo, já era manhã. Ele estava cansado demais para voltar ao apartamento, e sabia que voltaria quando Wymack estivesse assistindo o noticiário da manhã, então tomou banho, vestiu-se e dormiu em um dos sofás das Raposas.

Neil acordou novamente ao meio-dia e voltou para o apartamento. As chaves o ajudaram a entrar no prédio, mas a porta de Wymack estava destrancada. Com a porta apenas alguns centímetros aberta, pode ouvir vozes furiosas discutindo. Ele colocou uma orelha na fenda e prendeu a respiração, esforçando-se para entender as palavras.

– Droga, Kevin, eu disse para sentar!

– Não vou! – Kevin disparou de volta.

Se Wymack não tivesse dito seu nome, Neil não teria reconhecido sua voz. A voz de Kevin estava distorcida de medo e pânico.

– Como você pode deixá-lo fazer isso?

– Eu não tenho nada a dizer sobre isso e você sabe disso. Ei!

Houve um forte baque quando corpos atingiram a parede, e Neil aproveitou a luta para escorregar para dentro. Fechou a porta o mais silenciosamente que pôde, mas seu sigilo acabou por ser inútil. Parecia que Wymack e Kevin estavam

derrubando tudo o que Wymack possuía, e Neil estremeceu com o som agudo do vidro quebrando.

– Olhe para mim – exigiu Wymack. – Olhe para mim, maldição, respire.

– Eu avisei a Andrew que ele iria me procurar, eu disse a ele!

– Não importa. Você assinou um contrato comigo.

– Ele pode pagar minha bolsa de estudos em um instante. Você sabe que ele faria. Ele pagaria você e me levaria para casa e eu... Eu não posso voltar lá. Não posso, eu não posso. Eu tenho que ir. Eu tenho que ir. Eu deveria ir agora, antes que ele venha. Talvez ele me perdoe se eu voltar. Se eu fizer que ele me persiga com certeza vai me matar.

– Cale a boca – disse Wymack. – Você não vai a lugar nenhum.

– Eu não posso dizer não ao Riko!

– Então não diga uma palavra – disse Wymack. – Mantenha sua boca fechada e deixe que Andrew eu resolvemos. Sim, Andrew. Não me diga que você esqueceu o psicopata. Tenho o número da Betsy na discagem rápida. Quer que eu passe no escritório dela para que você possa falar com Andrew? E dizer que você está pensando em voltar?

Um segundo de silêncio. Neil esperou, segurando a respiração, até que Wymack falou de novo. Estava mais calmo dessa vez, mas a preocupação tornou sua voz mais áspera do que reconfortante.

– Não vou deixar você voltar lá – disse Wymack. – Ninguém diz o que eu tenho que fazer. Seu contrato diz que você pertence a mim, ele pode nos enviar todo o dinheiro que quiser, mas você não vai voltar. OK? Deixe que Andrew e eu nos preocupemos com o merdinha do Riko. Preocupe-se com seu jogo e mantenha a equipe onde eles precisam estar. Você prometeu que conseguiríamos passar para as quartas de finais neste ano.

– No passado –, esclareceu Kevin, infeliz. – Isso é o presente.

– O CRE está nos dando até junho antes de anunciar a notícia, eles viram a segurança que tivemos com a sua transferência, então eles estão esperando até que todos estejam aqui, onde eu possa ficar de olho neles. Eu lhe avisei por que você precisa saber, mas eu preciso que você mantenha isso longe de Andrew, até então. Me diga que você consegue encará-lo hoje sem ter um ataque.

– Andrew vai descobrir, ele não é burro.

– Então você tem que ser um bom mentiroso –, disse Wymack, com uma voz dura. – O CRE está procurando uma razão para tira-lo de nós, e você sabe que nós não vamos lhe devolver. Então, o que vai fazer?

Ficaram em silêncio por tanto tempo que Neil pensou que tinham terminado. Finalmente, Kevin disse:

– Me dê o seu celular.

– Se você acha que vou deixar você usar meu celular para ligar para ele, você...

– Jean –, cortou Kevin. – Eu tenho que ligar para o Jean. Eu tenho que ouvi-lo dizer.

Aparentemente, esse foi um acordo aceitável, porque Wymack parou de discutir. Neil olhou sobre o ombro, perguntando-se se deveria ir até lá. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas seria terrível tirar Kevin de seu pedestal. Estava se debatendo para sair silenciosamente da porta, quando Kevin falou. O som sombrio de Kevin trouxe Neil de volta, Kevin estava falando francês.

– Me diga que não é verdade? – indagou Kevin. – Me diga que não.

Neil não pôde ouvir a resposta, á julgar pela batida forte do telefone, não era o que Kevin queria ouvir. O sofá rangeu sob o peso de alguém e Neil imaginou

Kevin afundando na almofada em desespero.

– Espere aqui – disse Wymack, e alguns segundos depois entrou no corredor, então enxergou Neil no final do corredor, mas não disse nada.

Neil o observou desaparecer na cozinha. Ele reconheceu o som do armário de bebidas de Wymack, o clique da fechadura e o tilintar suave das portas de vidro. Wymack voltou com uma garrafa de vodka e deixou-a com Kevin.

– Beba –, disse ele, fora da vista. – Eu volto já.

Wymack voltou para o corredor.

Neil apontou por cima do ombro, para a porta, em uma pergunta. Wymack seguiu Neil para fora do apartamento e fechou a porta atrás dele. Neil olhou para o corredor em busca de espiões, mas as outras portas estavam fechadas.

– Eu não ia contar a ninguém até junho. – disse Wymack. – O quanto você ouviu?

– Kevin está tendo um colapso nervoso –, replicou Neil. – Não sei o motivo.

– Edgar Allen fez um pedido de transferência com o CRE que foi aprovada esta manhã, eles fazem parte do distrito sudeste a partir de 1º de junho.

Demorou um minuto para as palavras de Wymack fazerem sentido. Tinha sido difícil enfrentar Kevin no Arizona. Como Neil poderia arriscar um encontro com Riko também? Só porque Kevin não se lembrara dele não significava que Riko também não. Neil não queria descobrir da maneira mais difícil se Riko era quem tinha a melhor memória entre os dois.

– Isso é impossível –, disse Neil.

– Na verdade, não. Eles são a única equipe na Virgínia Ocidental, então foi tão fácil conseguir um voto e algumas assinaturas.

– Isso é impossível –, repetiu Neil. – Não podemos jogar contra os Corvos. Que comissão sã colocaria a melhor e a pior equipe para se enfrentar?

– Quem sabe ganhamos algo com isso. – disse Wymack. – A transferência de Kevin gerou muitas reações, mas também trouxe um novo interesse em Exy. O CRE vai acompanhar até a uma conclusão final: Reunir Kevin e Riko na quadra, desta vez como rivais, pela primeira vez. Não importa quem ganhe. Eles sabem quais golpes publicitários e financiamentos podem conseguir com tal evento.

– Eu não posso jogar contra Riko – disse Neil. – Eu não estou preparado.

– Riko não é problema seu – replicou Wymack. – Deixe-o com Matt. Seu problema é ficar em torno dos defensores e do goleiro deles.

– Você não pode protestar? – indagou Neil. – Estamos nos preparando para uma partida que todos sabem que não podemos vencer.

– Eu poderia, mas isso não é nada bom – prosseguiu Wymack. – O CRE não vai voltar atrás, principalmente quando significa desprezar um Moriyama. Há algo que você precisa saber sobre os Moriyamas, mas eu não queria ter essa conversa com você ainda. Eu queria que você se estabelecesse um pouco mais, ou pelo menos esperava que você conhecesse melhor a equipe antes de deixar cair isso sobre você. Agora que o CRE está forçando a barra, eu não tenho muitas escolhas. O que eu vou dizer é um segredo aberto. Ou seja, nós o conhecemos.

Ele gesticulou formando um círculo com os dedos, provavelmente significando as Raposas.

– Ninguém fora de nossa equipe pode saber, não importa quem seja, entende? As pessoas podem se machucar se isso vazar. Pessoas podem morrer.

Neil apontou por cima do ombro para às portas do apartamento.

– E eles?

– Eu sou o único neste andar. – informou Wymack. – Esse edifício foi construído ao mesmo tempo em que o estádio Foxhole. Pensara que nossa equipe seria grande coisa e as pessoas gostariam de viver na região para estarem próximos ao estádio para os jogos. Mas não tivemos um bom desempenho, então os apartamentos não encheram. Os andares inferiores são bastante cheios, e os andares do meio ficam alugados durante a temporada de futebol, mas os dois andares aqui em cima são vazios. E não, você não pode entrar em nenhum deles, então nem pense nisso.

Neil deixou aquela acusação sem comentário.

– Você está enrolando, treinador.

Wymack cruzou os braços sobre o peito e olhou para Neil.

– Sabe o real motivo de Kevin ter vindo parar em Palmetto?

– Ele quebrou a mão – respondeu Neil. – Ele não conseguia jogar, então se transferiu como treinador assistente. Suponho que ele esteja seguindo Andrew.

– Eu o trouxe aqui – corrigiu Wymack. – Ele apareceu no meu quarto de hotel no banquete de inverno, sua mão estava uma bagunça ensanguentada. Ele não queria que avisássemos os Corvos ou o levássemos para um hospital, então Abby enfaixou o melhor que pode, eu o trouxe para a Carolina do Sul com a gente.

– Isso não faz sentido – disse Neil. – Como ele foi da estação de esqui para o hotel?

– Ele não estava nas montanhas.

– Mas ele quebrou a mão num acidente, esquiando –, insistiu Neil.

– Mentira –, disse Wymack. – Não foi um acidente.

Neil o olhou sem entender, e Wymack deu um rápido aceno antes de

explicar.

– O CRE fez uma festinha de fim de ano alguns dias antes do banquete de inverno no distrito sudeste. Os conselheiros da NCAA fizeram com que todos falassem sobre Riko e Kevin. Eles disseram que tinham algumas preocupações sobre a temporada. Eles tinham certeza de que Riko estava subornando Kevin, que Kevin estava se vendendo para não ofuscar Riko em quadra. Eles queriam saber se era obra do treinador Moriyama. Em resposta, Moriyama pôs Riko e Kevin para disputar um contra o outro.

– Riko venceu, – prosseguiu Wymack, – Mas acho que não foi de forma honesta. Se fosse, talvez as coisas fossem diferentes. À noite, assim que treinador Moriyama os dispensou Riko quebrou a mão de Kevin.

Foi como ser esfaqueado na barriga

– O que?

Wymack arrastou seu polegar ao longo da parte de trás de sua mão, traçando o caminho da lesão de Kevin.

– Kevin não fala sobre seu tempo em Evermore, mas eu tenho certeza que não foi a primeira vez que Riko ou Moriyama colocaram a mão sobre ele. Pela primeira vez, Kevin foi esperto o suficiente para arrumar as malas e ir embora. Bela família, não acha?

– Não acredito no conceito de família.

– E eu tão pouco.

Ele falava sério. Neil, finalmente entendera o olhar de Wymack em Millport, aquela compreensão que tinha baixado a sua guarda. Neil procurou seu rosto, procurando a história por trás daquele cansaço. O que acontecera a Wymack fora há tanto tempo que nem sequer amargurava-se por isso, mas ainda sentia e dedicava seu tempo no Foxhole.

– Por que ninguém mais sabe o que Riko fez? – perguntou Neil.

– Porque ele é um Moriyama – respondeu Wymack, cansado. – Este é a parte onde começa a ficar confuso.

Ele pensou por um minuto, em seguida, levantou os dedos indicadores.

– A família Moriyama é dividida em duas partes: A família principal e a secundaria. A principal consiste nos filhos primogênitos, e a secundaria é para todos os outros. Treinador Moriyama – Tetsuji – é o líder da família secundaria, e seu irmão mais velho, Kengo, chefia a principal. Kengo tem dois filhos, Ichirou e Riko. Como Ichirou nasceu primeiro, ficou com Kengo na família principal. Riko foi o segundo a nascer, então Tetsuji transformou-se seu tutor legal e Riko tornou-se parte da família secundaria. Entende?

– Acho que sim.

– As famílias são distantes, – explicou Wymack. – Kengo e a família principal estão em Nova York, onde Kengo é o CEO de uma empresa de comércio internacional. Um dia ele vai passar o negócio para Ichirou. Tetsuji e Riko ganham uma porcentagem dos lucros, mas sem importância e sem voz em quaisquer decisões de negócios. Foi assim que Tetsuji teve a liberdade de estudar no Japão e desenvolver o Exy. Contanto que não fizesse nada para prejudicar a reputação da família, ele era livre para fazer o que quiser. E o que ele mais gosta é: criar a equipe mais terrível e poderosa do país. Tudo isso é de conhecimento público.

Neil olhou além de Wymack na porta, pensando no pânico de Kevin.

– E a verdade?

– O verdadeiro negócio da família Moriyama é assassinato.

Neil lançou um rápido olhar para ele. Wymack levantou uma mão para afastar quaisquer perguntas, sua expressão era sombria.

– Os Moriyamas são imigrantes da yakuza. Sabe o que é a yakuza? É a máfia japonesa. O pai de Kengo trouxe o grupo para a América á duas décadas atrás e montou uma loja no norte. Não sei no que todos eles estão envolvidos e não quero saber. Não sei o quanto Kevin sabe, já que ele está ligado a Riko e a família secundaria, mas Kevin sabe que a família principal usa os jogos dos Corvos como disfarce para grandes reuniões. Muitas pessoas entram e saem de Edgar Allan, que é uma maneira conveniente de trazer seus contatos longínquos. Eles têm salões VIP'S ao longo dos andares superiores onde fazem negócios.

– Eles são uma gangue. – Neil disse lentamente.

Wymack assentiu com a cabeça, observando-o cuidadosamente e esperando para ver como Neil reagiria. Neil mal notou a atenção. Ele estava pensando na última vez em que tinha visto Kevin e Riko juntos. Lembrou-se de que treinavam e discutiam sobre posicionamento dos pés. A brincadeira acabara abruptamente quando eles foram chamados no andar superior. Se Neil fechasse os olhos podia se lembrar de todos os detalhes da sala para onde foram, das janelas tingidas do chão ao teto até a pesada mesa de reunião que ocupava o espaço. O chão estava coberto, alguém colocara uma lona para aparar todo o sangue.

Neil finalmente sabia onde tinha estado e por quê. Ele nunca tinha entendido como eles passaram de práticas de Exy para o assassinato, ou porque Kevin e Riko estavam lá também. Mas se os Moriyamas eram uma gangue, fazia sentido. O pai de Neil trabalhava em Baltimore e segurava as pontas dos orientais com punho de ferro. A fronteira ocidental de seu território terminava na Virgínia Ocidental. Nesse sentido, ele era vizinho de Tetsuji Moriyama, e isso teria chamado à atenção de Kengo. O pai de Neil e o pai de Riko eram sócios de negócio; por isso Neil fora autorizado a treinar no estádio de Edgar Allen.

Wymack interpretou seu longo silêncio como medo.

– Eu estou dizendo isso porque todo mundo aqui já sabe a história de Kevin, mas não se preocupe com a yakuza. Como eu disse, Kengo e Ichirou continuam

em Nova York e não dão a mínima para o que Tetsuji e Riko fazem. Só é relevante explicar porque Tetsuji e Riko são violentos e podres. Eles têm muito poder por trás de seus nomes e uma visão bastante distorcida de seus lugares no mundo. E nós temos algo deles.

– Kevin –, disse Neil.

– Esperava que tivessem deixado ele em paz. – disse Wymack. – Todos disseram que Kevin nunca voltaria a jogar. Edgar Allen teve que liberar Kevin de seu contrato escolar por causa da gravidade da lesão e Tetsuji não se importou quando trouxe Kevin como treinador. Eu pensei que eles estivessem prontos para deixá-lo ir. Tetsuji criou Kevin para ser uma estrela. Ele investiu tempo e dinheiro no desenvolvimento de Kevin como atleta. Kevin é propriedade valiosa. Qualquer lucro que Kevin fizer é legitimamente dos Moriyamas.

– Mas o Kevin está deficiente.

– Ele ainda tem um nome.

A cabeça de Neil estava girando enquanto tentava resolver tudo.

– Ele quer que Kevin se transfira de volta?

– Se ele quisesse isso, ele apenas diria.

– Kevin não voltaria, provavelmente. – disse Neil, descrente. – Não depois do que Riko fez.

Wymack deu-lhe um olhar de compaixão.

– Tetsuji nunca adotou Kevin formalmente, sabe por quê?... Moriyamas não acreditam em estranhos ou parecidos... Tetsuji pegou Kevin e o treinou, mas também deu Kevin para Riko, literalmente, Kevin não é humano para eles. Ele é só um projeto. Ele é um bichinho de estimação, o nome de Riko está gravado em sua coleira. O fato de ter fugido é um milagre. Se Tetsuji ligasse amanhã e

dissesse para ele voltar para casa, Kevin voltaria. Ele sabe o que Tetsuji faria se recusasse. Ele ficaria com medo de dizer não.

Neil pensou estar doente. Ele não queria ouvir mais nada; Já tinha ouvido demais. Ele queria correr até que tudo começasse a fazer sentindo em sua cabeça.

– Então, por que todo esse trabalho de mudar de distrito?

– Os Moriyamas estão prestes a cobrar seu investimento, – respondeu Wymack. – Honestamente, ninguém espera que Kevin volte, mas ele assinou conosco para jogar. Sua arrogância é inspiradora, e ele ainda é uma estrela. Se ele não conseguir manter seu desempenho, os fãs e críticos seguirão em frente e o esquecerão. Tetsuji acha que ele vai se queimar, então ele tem que aproveitar o momento.

– Nossas equipes vão fazer uma fortuna nesta temporada. As pessoas vão nos perseguir a cada passo e apostar em nossos jogos. Haverá canais esportivos, mercadoria e todos os tipos de acrobacias publicitárias. Tetsuji está colocando Riko e Kevin um contra o outro e todos sabem como vai acabar. Ele colocará tudo sobre a mesa e deixará que seus Corvos nos destruam na quadra. Riko será o jogador supremo e Kevin ficará na sarjeta.

Neil engoliu em seco.

– E se o treinador Moriyama lhe disser que pare de jogar?

Wymack ficou quieto por um minuto interminável, então disse:

– Kevin só teve forças para partir porque Riko destruiu sua mão. Isso foi injusto demais. Por causa disso eu gostaria de ver Kevin desafiar Tetsuji, mas provavelmente nunca mais o veríamos com uma raquete. O dia que Kevin deixar de jogar definitivamente, será na sua morte. Ele não tem nada a perder. Ele foi criado para não ter nada a perder. Você entende? Não podemos perder para os Corvos este ano. Kevin não vai sobreviver a isso.

– Não podemos vencer contra eles –, Neil insistiu. – Somos a pior equipe do país.

– Então tá na hora de deixarmos de ser os piores –, replicou Wymack. – É hora de voar.

– Você realmente não acha que podemos.

– Se você acha que não podemos, o que está fazendo aqui? Você não teria assinado um contrato se já tivesse desistido de si mesmo. – disse Wymack, dando meia volta. – Preciso ter certeza de que Kevin não está cortando os pulsos. É melhor que ele não te veja agora. Posso chamar Abby para vir buscá-lo se quiser sair com os outros, mas eu preciso que você mantenha isso em segredo de seus companheiros de equipe até junho. Preciso de tempo para descobrir como vamos lidar com essa temporada.

– Eu não vou dizer nada, – prometeu Neil, dando alguns passos para trás. – E não se preocupe comigo, vou correr ou algo do tipo.

– Kevin deve sair daqui às quatro horas – disse Wymack. – É quando Andrew termina com Betsy, então Nicky vai buscá-lo no escritório dela.

Neil assentiu com a cabeça e saiu descendo as escadas. Neil achou que seria horrível se Kevin se lembrasse do garoto com o pai assassino, mas isso era pior. Neil não se lembrava dos Moriyamas, mas definitivamente eles se lembrariam dele, já que tinham feito negócios com seu pai. O carniceiro de Baltimore não era um homem facilmente esquecível. Nem sua esposa que lhe roubara cinco milhões de dólares na noite que fugiu com o único filho do carniceiro, que colocou todos seus capangas para caçá-los durante anos.

Em algum lugar o CRE estava trabalhando em colocar os Moriyamas no futuro de Neil. Ele desistiria antes da partida, não tinha escolha. Jogaria até o jogo contra os Corvos e depois fugiria. Se tivesse sorte, o jogo seria no final da temporada de outono, assim não colocar em risco a posição de atacante.

Era estúpido e suicídio ficar por tanto tempo. Neil sabia que deveria partir agora, antes de conhecer seus companheiros de equipe, ou então o CRE divulgara seu nome e ele nunca pisaria em um estádio com Kevin Day ao seu lado.

Antes, parecia um risco aceitável, já que nenhum dos capangas de seu pai praticava esporte. Sem chance de algum deles o verem na TV, com tanto que Kevin não se lembre dele e o entregasse. Agora que sabia quem eram os Moriyamas e sabia que estariam o observando, não fazia sentido ficar.

Neil crescera se perguntando por que Kevin e Riko estavam naquele quarto a oito anos atrás, e como eles haviam superado. Ele se perguntava por que suas sortes e circunstâncias eram tão diferentes que poderiam se tornar estrelas internacionais, enquanto a vida de Neil se expandia tão rapidamente fora de controle. Havia os odiado e adorado toda a sua vida, invejado seus sucessos. Agora parecia que esteve errado o tempo todo; Kevin também não havia escapado.

Neil abriu a porta da escadaria, a empurrou com tanta força que bateu contra a parede. Correu antes de estar a meio caminho do corredor. Chegou a velocidade máxima antes de chegar à rua, indo tão rápido que quase caiu, mas mesmo assim não conseguiu escapar de seus pensamentos.

CAPÍTULO CINCO

As Raposas não tinham planos de iniciar seus treinos antes da segunda-feira, 10 de junho, entretanto se mudaram para o campus um dia antes para se instalarem no dormitório dos atletas com antecedência. Neil encontrou os horários estimados da chegada das Raposas em uma lista grudada na geladeira de Wymack. O primeiro deles não chegaria até às duas da tarde e o último até as cinco. Neil estava impaciente para finalmente ter toda a equipe reunida. Uma vez que estivessem ali, Kevin teria toda uma equipe para gritar e deixa-lo em paz.

Até o momento, Kevin fora bem sucedido em manter-se calmo em frente a Andrew. Neil atribuía isso a anos de sorrisos falsos para a imprensa, sempre fingindo estar bem em quanto vivia com um gângster abusivo. No entanto, todo esse estresse precisava ser descarregado e Neil era o alvo mais conveniente. As duas semanas entre a votação do CRE e o inicio dos treinos oficiais, foram tão difíceis de tolerar que Neil quase começou a odiar tanto Kevin quanto Exy. Kevin tinha ido de impossível de agradar á insuportável de ficar perto. Na maioria das vezes, os primos deixavam Kevin fazer o que quisesse com Neil e fingiam que não havia nada de errado.

Neil era muito melhor em instigar lutas do que ganhá-las, mas valeria a pena perder se pudesse apenas dar um murro no rosto de Kevin uma vez. Apesar de tudo, iniciar uma briga era totalmente fora do personagem "Neil". Ele odiava tanto ser um bunda mole, mas não tinha escolha. Não podia deixar Kevin ou Andrew enxergarem seu verdadeiro eu. Então cerrou os dentes e tentou controlar-se o máximo possível.

Agora só tinha que sobreviver mais algumas horas. Ele e sua bolsa foram a um passeio com Wymack ao estádio, onde Wymack recolheu um pacote com as chaves dos dormitórios da equipe. Neil pegou a sua e a papelada de regras dos dormitórios. Leu tudo antes de assinar todas as linhas pontilhadas. Wymack

trocou os papéis por um catálogo escolar. Neil tinha perdido o inicio das matriculas adiantadas dos atletas, por ter assinado o contrato muito tarde, então teria que se matricular com a turma de calouros em agosto.

Ele não tinha pressa; Neil ainda não sabia o que queria cursa. Levou o catálogo para o salão das Raposas e sentou-se em uma das cadeiras para folheá-lo. Ele sabia que deveria escolher um curso aleatório, já que nem sequer duraria um semestre ali, mas era interessante ver quantas opções tinham em Palmetto. Brincou com a ideia de estudar algo extravagante, mas ele era muito pragmático para comprometer-se com algo assim. Se quisesse algo útil, havia apenas uma escolha óbvia.

Língua estrangeira era a chave da liberdade a qual ele não poderia perder. Neil era fluente em alemão. Sua segunda melhor língua era francês, graças há oito meses na França e dez meses em Montreal. Sua compreensão sobre o idioma estava desaparecendo com o desuso, embora continuasse a assistir e ler notícias estrangeiras pela internet, e assim evitar perde-las totalmente. Neil poderia pedir ajuda aos primos com o alemão, mas não queria que soubessem que ele entendia suas conversas particulares. Neil não tinha certeza do quanto de francês Kevin sabia, mas não queria passar mais tempo com Kevin do que o necessário.

Neil leu atentamente a seção de idiomas modernos, considerando-os. Havia cinco idiomas disponíveis como especializações, e outros três que poderiam ser secundários. A escolha inteligente seria o espanhol. O espanhol de Neil nunca fora bom e já havia perdido o pouco que sabia a algum tempo, sendo substituído pelo alemão e francês que aprendera depois. Se pudesse recupera-lo, um leque de possibilidades se abriria no hemisfério Sul.

Neil perdeu uma hora folheando a lista de cursos necessários, buscando horários de aula e estabelecendo um cronograma ideal. Quando achou que já tinha criado seu cronograma, percebeu conflitos nos horários, então teve que mudar de planos e começar de novo. O problema estava no tempo que precisaria para treinar. Quando o ano letivo começasse, as Raposas se reuniriam duas horas

pela manhã e por cinco horas à tarde. Também precisava se encaixar nas cinco horas semanais de tutoria que Palmetto exigia de todos os seus atletas. Levou seis rascunhos antes de encontrar uma agenda que funcionasse.

Ele olhou o relógio, viu que ainda tinha meia hora para matar e considerou correr algumas voltas.

Havia acabado de se levantar quando Abby chegou.

Neil tinha visto Abby algumas vezes nesse verão, principalmente quando Wymack sentia preguiça de cozinhar e queria que Abby fizesse isso por ele. Neil nunca procurou sua companhia por vontade própria, uma vez que vê-la significava ver o grupinho de Andrew. Ele não tinha a menor noção do que ela fazia para suporta-los sob o mesmo teto.

– Ei, Neil – disse Abby. – Chegou um pouco cedo para a reunião.

– Treinador não vai me deixar entrar na Fox Tower até Matt chegar.

Ela olhou para o relógio.

– Ele vai estar aqui antes que você perceba, já que você tem tempo de sobra, vou fazer uma avaliação física.

– Física?

– Apenas um check-up geral: peso, altura, todas essas coisas. Temos que fazê-lo hoje em vez de amanhã, porque há uma extração de sangue envolvido. Não vou deixá-lo entrar na quadra se tiver que espera-lo dormir para fazer isso. Quando foi a última vez que viu um médico?

– Há muito tempo atrás.

– Não gosta de médicos?

– Os médicos não gostam de mim. É necessário?

– Você não poderá jogar até que eu autorize, então sim –, disse Abby, destrancando a porta do consultório médico.

Ela acendeu as luzes ao entrar, aparentemente sem perceber que Neil mal se moveu. Demorou alguns minutos antes dela sair para procurá-lo.

– Quando estiver pronto, de preferência que seja hoje, tenho que examinar todos e são muitos.

Neil levantou-se, carregou sua bolsa e entrou no escritório. Deixou sua bolsa no chão e sentou-se na maca. A primeira parte do exame de Abby foi simples como ela dissera que seria. Ela mediu seu peso e fez uma série de testes de reflexos. Pegou dois frascos de sangue do braço esquerdo, os etiquetou e trancou numa gaveta. Então fez um gesto para ele e disse:

– Tire a camisa.

Neil a fitou.

– Por quê?

– Não consigo ver marcas de agulhas através[2] de algodão, Neil.

– Não uso drogas.

– Bom para você – disse Abby. – Continue assim. Agora tire a camisa.

Neil olhou para a porta fechada e não disse nada. Abby olhou para ele e também não disse nada. Depois de cinco minutos disto, ela foi a primeira a ceder.

– Eu quero fazer isso menos doloroso o possível, mas não posso te ajudar se você não puder me ajudar. Diga-me, por que você não vai tirar a camisa?

Neil procurou uma forma delicada de dizer. O melhor que conseguiu foi:

– Não estou bem.

– Neil, eu trabalho para as Raposas, nenhum de vocês está bem. É provável que eu tenha visto algo pior do que você está tentando esconder de mim.

O sorriso de Neil era sem graça.

– Acho que não.

– Confie em mim – confortou Abby. – Eu não vou julgá-lo, estou aqui para ajudar, lembre-se, sou sua enfermeira agora, essa porta está fechada e trancada. O que acontece aqui permanece aqui.

– Você não vai contar ao treinador?

– Não é da sua conta –, disse Abby, gesticulando entre sua mão livre. – Eu só relatarei a ele se achar que afetará seu desempenho em quadra ou, se você quebrar alguma regra eu precisarei fazer uma intervenção.

Neil olhou para ela, perguntando-se se poderia acreditar nela e soube que não tinha escolha. Sua pele já formigava antecipadamente.

– Não me pergunte sobre –, disse ele finalmente. – Não vou falar sobre isso. Ok?

– Ok –, concordou Abby, facilmente. – Mas saiba que quando quiser, estarei aqui, assim como Betsy.

Neil não diria nada a essa psiquiatra, mas acenou com a cabeça. Abby baixou a mão e Neil puxou a camisa sobre sua cabeça antes que perdesse a coragem. Abby achava estar preparada. Neil sabia que ela não estava, e certou.

Sua boca se abriu em um suspiro silencioso e sua expressão era de incredulidade. Ela não fora rápida o suficiente para disfarçar seu vacilo, Neil viu seus ombros ficarem rígidos com a tensão. Ele olhou para seu rosto enquanto ela olhava para ele, observando seu olhar varrer as marcas brutais de uma infância

assustadora.

Elas começavam na base de sua garganta, uma cicatriz curvada para baixo ao longo de sua clavícula. Uma enrugada com bordas irregulares estava à distância de um dedo, cortesia de uma bala que o atingiu bem na borda de seu colete a prova de balas. Uma mancha de pele descolorida, do ombro esquerdo até o umbigo, marcava onde ele havia saltado de um carro em movimento e se esfolado no asfalto. Em todos os lugares, as velhas cicatrizes desbotadas cruzavam-se aqui e ali de sua vida em fuga, seja de acidentes estúpidos, fugas desesperadas ou conflitos com bandidos locais. No abdômen tinha cicatrizes maiores que se sobrepunham, resultado do confronto com os capangas de seu pai durante fugas. Seu pai não era chamado de carniceiro á toa; sua arma favorita era o cutelo. Todos os seus homens eram bem sucedidos em lutas com facas, e mais de um deles haviam tentado esfaquear Neil como um porco no frigorifico.

E lá no ombro direito estava o contorno perfeito de ferro quente. Neil não se lembrava do que tinha dito ou feito para irritar tanto seu pai. Provavelmente havia sido depois de mais uma das visitas da polícia local. A polícia não tinham nada de concreto para incriminar seu pai, então apareciam frequentemente o quanto podiam na esperança de encontrar alguma prova. O trabalho de Neil era ficar quieto e imóvel até que fossem embora. Neil adivinhou naquele dia que havia se mexido um pouco mais, porque assim que eles se foram, seu pai arrancou o ferro das mãos de sua mãe e usou-o para acertá-lo. Neil ainda se lembrava de como sua pele era antes do metal quente.

Neil apertou as mãos em sua camisa e estendeu os braços, mostrando seus antebraços para ela.

– Tenho marcas de agulhas?

– Neil –, disse Abby suavemente.

– Sim ou não?

Abby voltou sua atenção para seu físico. Então deu a ele a aprovação para

colocar sua camisa novamente. Neil a puxou sobre sua cabeça. Abby preencheu o resto de seu formulário em silêncio.

– Pronto – disse Abby. – Neil...

– Não. – Neil pegou sua bolsa e saiu da sala o mais rápido que pôde.

Ele esperava que ela o seguisse, mas Abby permaneceu em seu escritório e o deixou ir. Neil folheou seu catálogo tentando acalmar-se do que acontecera. Desejou tanto um cigarro que seus dedos doeram. Ele queria algo que o fizesse sentir-se um pouco menos sozinho. Empurrou seu catálogo de lado e verificou sua condição, certificando-se de que tudo estava coberto por sua camisa. Todas suas camisas eram de um tamanho maior, uma vez que roupas largas escondiam suas cicatrizes melhor, mas Neil ainda se sentia nu e vulnerável.

Neil enfiou o catálogo em sua bolsa, dependurou a alça por cima do ombro e foi pelo corredor com a intenção de esperar o resto da tarde no pátio interno. Chegou até a entrada do saguão quando a porta se abriu atrás dele. Neil hesitou e olhou para trás, quando alguém entrou do outro lado do corredor.

O recém-chegado parecia surpreendentemente alto se comparado as Raposas que Neil havia aturado nesse verão. Nicky tinha quase 1.72 e Kevin era um pouco mais alto, mas aquela cara parecia ter dois metros. Parte da ilusão que Neil teve atribuía-se a seu cabelo negro espetado para cima, duro de gel.

O penteado fez com que Neil o reconhecesse imediatamente, o rosto do cara o fez lembrar-se de um nome. O estranho atravessou o corredor até ele e estendeu a mão. Neil aceitou-a e fez seu melhor para manter seu olhar fixo no rosto de Matthew Boyd. Acabou por ser difícil; As mangas curtas de Matt não cobriam as marcas de agulhas desbotadas, mas visíveis em ambos os braços. Não era mais surpreendente que Abby tivesse sido tão persistente durante o exame.

– Matt Boyd – disse o recém-chegado, dando uma sacudida firme à mão de Neil. – Do terceiro ano, e defensor titular das Raposas. Você deve ser o Neil.

Neil não se deu o trabalho de responder.

Wymack tinha ouvido a chegada de Matt e saiu de seu escritório para jogar um chaveiro na cabeça de Matt. O barulho chamou a atenção de Matt, que se virou a tempo das chaves atingirem e seu rosto. Matt agarrou o chaveiro e fez uma careta para o treinador.

– Cruzes, treinador. É bom ver você também, mas que tal um simples “oi”?

– Digo o mesmo, você passou em frente a minha porta aberta sem dizer nada.

– Você parecia ocupado.

– Estou sempre ocupado, isso nunca te impediu de me interromper antes.

Matt deu de ombros e olhou ao redor.

– E os monstros?

– Provavelmente destruindo a Fox Tower enquanto conversamos. Conheceu o Neil?

– Estava tentando. – Matt olhou para Neil como se soubesse de algo. – Eu não acredito que você morou com o treinador todo esse tempo. Como sobreviveu?

– Não fiquei por perto durante muito tempo –, respondeu Neil.

– Neil está treinando com Kevin e Andrew todos os dias –, informou Wymack.

– Ai meu Deus –, disse Matt com entusiasmo. – Você é um ser humano horrível, Treinador.

– Ele sabe disso – disse Abby, aparecendo na entrada do consultório e

apoiando o ombro contra o batente da porta. – Bem-vindo de volta, Matt. Viajou bem?

– Bem o suficiente, mas eu bebi tanto café que provavelmente não vou dormir por uma semana. – Matt voltou a olhar para Neil: – Já se instalou no dormitório?

– O treinador não me deixou entrar sem você –, respondeu Neil.

– Maneira de mantê-lo esperando –, disse Wymack. – Pegue-o e saiam daqui.

– Vamos lá – disse Matt. – Vamos buscar suas coisas no apartamento do treinador.

– É só isso.

Matt olhou para sua bolsa, em seguida, em torno da sala, para as malas que não existiam. Ele lançou um olhar interrogativo para Wymack, que balançou a cabeça e olhou para Neil.

– Tá de sacanagem? Você tem que ver o quanto eu trouxe na minha caminhonete e o quanto eu tive que deixar para trás. Você realmente espera durar um ano só com uma bolsa? Essa coisa tem poderes de expansão que eu não conheço ou algo assim?

– Você pode leva-lo para fazer compras essa semana –, disse Wymack. – Estou cansado de vê-lo com as mesmas roupas todos os dias, e me avise quando forem eu darei o cartão para que possam gastar.

Neil ficou ligeiramente ofendido.

– Eu tenho dinheiro.

– Bom para você –, replicou Wymack. – Pensei que vocês dois estivessem de saída.

– Não senti sua falta nem um pouquinho –, disse Matt. – Vamos, Neil.

A caminhonete de Matt estava estacionada a dois vãos dos carros de Wymack e Abby, uma coisa azul monstruosa que parecia que poderia fazer um buraco no estádio sem perder a velocidade. Matt não estava brincando sobre quantas coisas ele trouxera: o bagageiro da caminhonete estava cheia de móveis seguros por uma dúzia de cabos. Os bancos traseiros estavam estendidos e cheios de malas e caixas. Matt tirou uma mochila do assento do passageiro e jogou com o resto para que Neil pudesse se encaixar. A caminhonete ganhou vida com um rugido silencioso, Neil sentiu mais do que ouviu, e o rádio explodiu á vida meio segundo depois. Matt fechou sua porta e partiu.

– Nós não somos todos maus, apenas para que você saiba –, disse Matt enquanto saia do estacionamento. – Dan odiou saber que sua primeira impressão de nós seria a dos vagabundos. Ela tinha certeza de que você não ficaria tempo o suficiente para conhecer o resto de nós. Ela estava prestes a voltar ao campus antes do tempo, mas o treinador disse para ela não se preocupar. Que cedo ou tarde você teria que lidar com eles.

– Eles são interessantes –, disse Neil.

– Interessantes – repetiu Matt. – Essa é a descrição mais inofensiva que já ouvi sobre eles. É sério? Bom, se eles te derem algum problema, me avise. Ok? Vou chutar o rabo de Kevin por você.

– Obrigado, mas eu posso lidar com eles por conta própria.

– Eu pensava a mesma coisa. – Matt passou a mão pelos cabelos, torcendo as pontas por todos os lados. – Andrew deixou bem claro que não iria ser manipulado por qualquer um. Se mudar de ideia, sabe onde me encontrar. A oferta ainda está de pé, pense até a formatura.

Neil não precisaria da ajuda de Matt, mas agradeceu:

– Obrigado.

Matt apontou para o para-brisa.

– Aí está.

A maioria dos edifícios, escritórios e dormitórios de Palmetto State estavam dentro do circuito gigante conhecido como Rodovia Perimetral. A Torre das Raposas era uma das poucas exceções, apenas porque uma colina forçava a Perimetral a abraçar uma grande área verde do campus, perto da torre do relógio. O morro poderia ter sido um local agradável para os alunos relaxarem entre as aulas, exceto que alguém pensara em construir o dormitório dos atletas no topo. Tinha quatro andares de altura, seu próprio laboratório de informática e estacionamento.

O estacionamento ficava nos fundos, e o carro de Andrew era o único estacionado lá. Matt evitou todas as vagas delimitadas em favor de estacionar ao lado da calçada. Ambos descarregaram a caminhonete na calçada, e Neil esperou com a pilha enquanto Matt estacionava em uma vaga. Conseguir subir tudo até o terceiro andar foi um pesadelo, pois várias mobílias não couberam no elevador. A escada era muito estreita e não tornou nada fácil para eles, e o corrimão sempre no caminho os atrapalhado. Foi dificultoso pela diferença de altura entre eles, e o fato de Neil não ter largado sua bolsa. Ele não queria deixá-la em seu quarto ou na caminhonete de Matt, então a carregou de cima para baixo a cada viagem.

Sua suíte era a 321. Lá dentro havia uma pequena cozinha á direita da porta, e no centro uma espaçosa sala de estar. Três mesas estavam alinhadas contra a parede, esperando para serem cobertas por materiais escolares e livros. Um curto corredor que terminava no banheiro e levava ao quarto. Duas camas foram acopladas contra uma parede e uma terceira elevada na altura do peito, contra a outra parede, para caber um armário debaixo. Havia apenas um guarda-roupa, mas com divisórias e cabides pendurados na barra vazia.

Foi um erro tentar fazer tudo se encaixar. Finalmente, empurraram todas as mesas contra a parede com janela, perto o suficiente para encostar uma na outra,

de modo que Matt pode colocar seu sofá contra uma parede e uma mesa de café no meio da sala de estar. Ele trouxera as prateleiras de seu rack no carro, mas a maioria dos parafusos ainda estava no lugar. Levou alguns mitos para monta-lo novamente, e Matt prontamente a preencheu com uma TV e console de videogame. Neil o deixou organizando seus filmes e voltou para o quarto.

Os colchões estavam nus, o que significava que Neil teria de comprar lençóis. Ele não havia dormido em uma cama de verdade desde que partiu de Seattle. Ele tinha arrombado um carro para dormir nos bancos traseiros na Califórnia, dormiu no ônibus para Nevada e cochilou em assentos de passageiros enquanto viajava com caminhoneiros para o Arizona. Sua casa em Millport não tinha mobilhas, então tinha dormido no chão e usado suas camisetas como travesseiro.

Dormir sozinho era desconcertante. Ele tinha se acostumado a dormir com sua mãe, pois sua paranoia não o deixara fora de seu alcance. Eles dormiam de costas um para o outro, protegendo uns aos outros, sempre com armas debaixo dos travesseiros, que eram desconfortáveis, mas tranquilizantes.

– Vou sair para pegar Dan e Renee no aeroporto –, avisou Matt da porta. – Quer vir comigo?

– Eu tenho que ir à loja –, respondeu Neil.

– Se importa com qual das camas vai dormir? Eu sou muito alto para dormir em cima. E Seth tem um horário meio estranho para dormir, então, se você não tiver nada contra altura, a suspensa ficará ótima para você. Voltarei dentro de uma hora ou algo assim, você pode pegar carona com a gente para o estádio quando as meninas estiverem instaladas. Dan não vai acreditar que você está bem até vê-lo com seus próprios olhos.

– Eu estarei aqui até lá –, disse Neil, então Matt saiu.

Neil esperou até a porta se fechar, antes de soltar a bolsa do ombro. Caminhou de um lado para o outro pelo dormitório novamente, desta vez com

uma sensação estranha em seu estomago. Seu armário estava do outro lado do campus, e o armário de Wymack estava ainda mais distante. O único lugar quase seguro em todo o quarto era sua cômoda, isso só porque as gavetas estavam fechadas. Nada ali tinha uma fechadura, exceto a porta da frente.

Poderia levar a bolsa com ele, a loja era só a duas quadras da li, mas ele precisava comprar tantas coisas que talvez não conseguisse carregar tudo ao virar da esquina. Ele contou o tempo na cabeça, somando a ida de Matt para o aeroporto, a espera da bagagem das meninas e a volta. Mesmo que Matt só tivesse saído á uma hora, ele e Neil deveriam voltar para o dormitório ao mesmo tempo. A fechadura da suíte teria que ser suficiente por enquanto. Neil poderia procurar uma solução melhor na loja.

Ele tirou a carteira de sua bolsa e a enfiou na gaveta inferior da cômoda. Mal cabia, mas pelo menos fechou. Ele pressionou os dedos na madeira por um segundo, procurando coragem para se afastar, verificou a fechadura três vezes antes de sair. O quarto seguinte era das meninas, e depois o quarto dos primos. Nicky estava sentado na porta. Ele sorriu ao enxergar Neil.

– Oi, estranho –, disse Nicky. – O que achou do Matt?

– Parece boa pinta –, respondeu Neil, sem parar durante o caminho.

– Ele é um gato –, gritou Nicky para ele com uma risada.

Neil desceu as escadas, verificou o relógio acima do portão de entrada e correu para a loja. O ar condicionado parecia o paraíso sobre sua pele quente enquanto caminhava pelos corredores, puxando o que precisava sem demorar. Se abasteceu de tudo, dês de lençóis á tintas de cabelo, mantimentos e uma bolsa carteiro. Sua bolsa esportiva era do tamanho perfeito para tudo o que tinha, significava que não havia espaço livre para livros ou cadernos. Ele verificou a pequena seção de ferramentas, sem encontrar uma fechadura que pudesse instalar em qualquer lugar em seu quarto, e voltou para seção escritório e material escolar.

No final do corredor havia cofres à prova de fogo: pequenos demais para caber sua bolsa, definitivamente muito pequenos para caber suas roupas, mas suficientemente grandes para o que ele precisava esconder. Neil arrastou um para o caixa registrador e colocou tudo na esteira magnética. O cofre tornou sua viagem de volta ao dormitório mais do que um pouco desconfortável, já que era muito pesado para ser carregado em uma sacola de plástico sem arrebentá-la.

Ele sabia que bastante tempo já tinha se passado, mas o voo das meninas pareceu ter chegado antes do previsto, pois a caminhonete de Matt estava no estacionamento quando Neil voltou. Neil rodeou o carro e colocou uma mão sobre o capô, mas não pôde dizer se o calor era do sol ou do motor. Ele correu para dentro e subiu com o coração martelando em seu peito.

A porta de Nicky estava fechada, mas a das garotas estava parcialmente aberta. Neil ouviu vozes em seu caminho, mas não parou para dizer olá. Correu para o quarto. Somente quando tocou a maçaneta e sentiu que ainda estava trancada pode respirar um pouco mais aliviado.

Ele jogou as sacolas no chão do quarto para observar suas coisas novas, pegou os lençóis, ainda embalados, e empilhou seus mantimentos em cima da cômoda. Rasgou a caixa de papelão do seu pequeno cofre, ignorando as instruções e avisos, e empurrou tudo mais de lado para pegar sua bolsa. Foi trabalhoso abrir a gaveta, já que sua bolsa estava tão apertada, mas finalmente arrancou-a deixando-a cair a sua frente. Ele abriu o zíper em um movimento longo, dobrou a aba fora do caminho e paralisou-se.

À primeira vista, sua bolsa parecia inviolável. Tudo estava lá dentro, na mesma ordem em que deixara: dobrado, mas dobrado recentemente e de uma forma grosseira. Neil tinha o TOC de sua mãe, ele dobrava suas roupas de uma maneira muito específica. Até mesmo o ladrão mais cauteloso ignoraria esse detalhe, já que Neil dobrava tudo igualmente. O código de Neil estava nas etiquetas. Ele sempre duplicava a dobra da etiqueta em uma camisa no topo.

Alguém havia mexido em suas coisas e colocado tudo de volta – na mesma

ordem, mesmas camadas, as mesmas dobras –, mas as etiquetas foram todas alisadas por uma mão bem cuidadosa.

Neil arrancou suas roupas e as jogou, procurando desesperadamente o fichário enterrado no fundo. Do começo ao fim, parecia um diário de um criminoso. Os compartimentos de plástico transparente estavam cheios de recortes de jornal, fotografias e qualquer outra coisa que pudera encontrar sobre Kevin e Riko. Os recortes estavam colados á folhas de papeis, que Neil organizara nos compartimentos de plástico para criar um bolso interno entre duas folhas, escondido. Nesses bolsos estavam os bens mais importantes de Neil.

A maior parte dos esconderijos escondia dinheiro: Cheques para quantias de cinco dígitos que ele poderia sacar quando precisasse de dinheiro, números que detalhavam onde ele e sua mãe tinham escondido dinheiro quando estavam em fuga, e maços de dinheiro presos á elásticos. Uma lista de contatos de emergência, codificada com um poema infantil, no final. Apenas um deles morava nos Estados Unidos. Sua mãe se casara com um criminoso americano, mas tinha sida criada em uma família britânica. Seu irmão, Stuart Hatford, deu-lhe a lista quando ela fugira de seu marido. Ela, por sua vez, dera a Neil antes de morreu.

O número do telefone de Stuart estava na página seguinte, enterrado em uma folha coberta de cima a baixo por números aleatórios. Neil só podia encontrá-lo usando seu nome de nascimento. Teria de contar as linhas abaixo com o numero de letra que havia em seu nome e sobre nome. Neil nunca tinha ligado, e esperava nunca fazer isso. Não fazia sentido fugir de uma família assassina se simplesmente esbarrasse nos braços de outra.

O último resquício em seu fichário continha uma receita de oftalmologista forjado. Neil não precisava de receita, mas não conseguia comprar lentes de contatos coloridas sem medir o diâmetro e a curvatura dos olhos. Dobrado com esta, havia uma caixa de lentes marrons.

Neil folheou os maços de dinheiro e fez a conta de cabeça. Estava na quantia

certa, mas isso não o fez sentir-se melhor. Se alguém havia mexido em suas coisas e encontrado este fichário, então, descoberto o que estava escondendo, como deveria explicar-se? Só em dinheiro e cheques, Neil estava levando duzentos e cinquenta mil dólares.

O fato de alguém ter entrado e mexido em suas coisas fez seu estomago doer de raiva. A coisa mais inteligente a ser feita era fingir não notar nada de errado e esperar que o bandido viesse até ele. Era o que sua mãe faria. Infelizmente, Neil herdara o temperamento de seu pai.

Poderia ter sido Matt, mas Neil duvidava. Não que ele confiasse em Matt; Neil não confiava em ninguém, especialmente em alguém que acabara de conhecer. Mas não havia como Matt chegar ao aeroporto, voltar, ajudar as meninas com suas coisas e ainda ter tempo de vasculhar e arrumar a bolsa de Neil. Isso deixava um suspeito óbvio.

Neil enfiou o dedo na lateral de seu fichário tirando duas finas agulhas que restaram do conjunto de arrombamento de sua mãe. Ele as segurou entre seus lábios para que não as perdesse. Enfiou o fichário dentro do cofre e fechou, alem da fechadura do cofre pôs um cadeado. Deu uma sacudida violenta, certificando de que estava seguro e empurrou o cofre sob a pilha de roupas. Ele cuspiu as agulhas na sua mão e saiu de seu quarto. Neil olhou para a porta de Andrew e não se surpreendeu ao vê-la trancada. Neil se agachou e começou a trabalhar, mas não demorou muito. Era uma fechadura barata e mais fácil de manusear do que a de seu antigo vestiário. Quem tivera construído os dormitórios não contava com pessoas como Neil ou Andrew. Neil levantou-se, enfiou as agulhas no bolso e empurrou a porta do quarto.

O grupinho de Andrew estava espalhado pela sala. Aaron e Nicky afundados em puffes enquanto jogavam vídeo game, Kevin lia revistas em uma das mesas e Andrew estava sentado na mesa próxima à janela para fumar. Todos ficaram imóveis quando a porta se abriu, e olharam para Neil.

Andrew foi o primeiro a reagir. Sacudiu as cinzas do cigarro pela janela e

sorriu.

– Tente de novo, Neil. Você está no quarto errado!

Aaron parou o jogo e direcionou o olhar para Nicky.

– Nós trancamos a porta –, disse ele em alemão, – não é uma pergunta.

– Da ultima vez que vi, sim... – Respondeu Nicky.

Ele mudou para o inglês e voltou-se para Neil amigavelmente.

– Ei, parece que Matt já chegou. Você conheceu Dan e Renee?

A falsidade em suas palavras e o sorriso de Nicky enfureceu Neil ainda mais. Os primos podiam continuar usando o pensamento em alemão, conversando entre si por suas contas, mas Neil manteria sua fluência em segredo até o último momento possível. Isso não significava que Neil voltaria atrás, então escolheu o francês e focou sua raiva somente em Kevin.

– Fique longe das minhas coisas.

Ele desejou poder sentir alguma satisfação ao ver as expressões estupefatas pelo uso do idioma e o tom irritado, mas não sentiu nada.

– A próxima vez que algum de vocês mexerem no que não lhes pertence, eu juro que farei vocês se arrependerem.

Um longo tempo se passou e ninguém respondeu. Nicky estava muito ocupado olhando para Neil para dizer qualquer coisa, e Aaron olhava para Kevin, enquanto esperava por uma tradução. A surpresa de Andrew deu lugar ao que apenas um tolo interpretaria como deleite, e o mesmo inclinou-se sobre a mesa.

– Uau, outro dos muitos talentos de Neil. Quantos alguém pode ter?

Neil o ignorou, olhando para Kevin.

– Diga que você entendeu.

– Entendi –, disse Kevin em francês, – Mas não me importo.

– Comece a se importar. Deixei você pegar no meu pé por duas semanas porque eu sei o quanto você está assustado com a mudança de distrito, mas eu já estou cheio. Andrew vai descobrir sobre isso na reunião de hoje à noite. Você deveria estar se preparando para lidar com essa bomba em vez de me perseguir.

– Se preocupe com sua incompetência. Eu me preocupo com Andrew.

– É melhor – disse Neil. – Coloque uma coleira no seu monstrinho de estimação ou eu vou...

– Um pirralho assustada como você?

– Foda-se, aleijado!

Do outro lado da sala, o rosto de Kevin ficou pálido.

– Do que você me chamou?

– Te chamei de peso morto – respondeu Neil.

Kevin levantou-se da cadeira tão rápido que a derrubou. Neil saiu da sala e bateu a porta entre eles. Ele só deu dois passos em direção ao seu quarto quando Kevin abriu a porta novamente.

Kevin pôs as mãos no pescoço de Neil em um instante, empurrando Neil contra a parede. Neil segurou os pulsos de Kevin, tentando afrouxar o aperto o suficiente para tentar respirar. Tentou dar uma joelhada em Kevin, mas Kevin o esmagou contra a parede com seu corpo.

– De que merda você me chamou? – Kevin perguntou novamente.

Neil não tinha fôlego para responder. Não importava; a voz irritada de Kevin e o som alto do corpo de Neil contra paredes de concreto do dormitório foi o suficiente para encher o corredor com Raposas. Andrew foi o primeiro a aparecer na porta dos primos, mas foi Matt quem partiu para cima de Kevin. Ele deu um mata leão em Kevin e puxou sua cabeça para trás em um ângulo perigoso.

– Solta ele, Day –, rosnou Matt.

– Ei, ei, acalme-se –, disse Nicky sobre o ombro de Andrew. – Vamos, Matt.

Kevin soltou uma mão de Neil e acertou uma cotovelada nas costelas de Matt. Matt grunhiu e apertou seu pescoço, forçando Kevin soltar Neil completamente se quisesse respirar outra vez. Matt afastou Kevin de Neil, mas Kevin se soltou antes de tentar dar um soco em Matt, que desvio e lhe deu um soco, o suficiente para derruba-lo.

O olhar no rosto de Matt avisava que estava apenas começando, mas Andrew pisou entre eles antes de Matt ir atrás de Kevin novamente. Andrew estava sorrindo e sua postura era casual, mas Matt não tentou a sorte contra um baixinho psicopata. Matt deu um passo para trás, silenciosamente, e olhou preocupado para Neil. Kevin ficou de pé, atrás de Andrew e olhou para Neil. Neil recusou-se a olhar para alguém e fingiu que a parede mais distante, nos fundos, era a coisa mais interessante que tinha visto em anos.

Naquele momento, as garotas entraram em cena. Uma se moveu ao lado de Matt, com expressão de pura raiva. Ela varreu o grupo de Andrew e Neil com um olhar fulminante, e disse:

– O que vocês acham que estão fazendo? É o nosso primeiro dia de volta. Por que já estamos brigando?

– Tecnicamente, nós nunca saímos –, disse Andrew, – e Neil esta aqui algumas semanas, então é o seu primeiro dia de volta, não o nosso. – Ele inclinou-se para o lado, olhando atrás dela em direção ao quarto. – Oi, Renee. Já

era hora!

A primeira garota não deu a Renee a oportunidade responder.

– Explique-se. Agora, Andrew.

– Você tá me olhando como se fosse culpa minha. – Andrew moveu um dedo para ela. – Por que você não olha direito? Neil entrou no nosso quarto, o que significa que ele trouxe a briga até nós. Dan, seu preconceito é cruel e antiprofissional.

Danielle Wilds virou-se para Neil. A capitã das Raposas era mais alta do que ele, mas não muito. Seus cabelos castanhos estavam cortados implacavelmente curtos e estava desgrenhado. Ela varreu Neil com um rápido olhar da cabeça aos pés, os olhos castanhos estreitados.

– Qual o problema?

– Nenhum –, respondeu Neil. – Quando Dan gesticulou uma mão entre ele e Kevin, Neil encolheu os ombros. – Apenas uma diferença de opiniões. Nada de mais.

– Estamos nos entendendo esplendidamente –, disse Andrew. – Neil até concordou em ir de carona ao estádio com a gente.

– Ah, sério? – perguntou Dan, obviamente cética.

Todos olharam para Neil.

– Sim – respondeu Neil. – Eu imaginei que a caminhonete de Matt estaria cheia, então aceitei a oferta.

Dan parecia disposta a argumentar, mas Matt a acalmou com um toque em seu braço. Dan lançou a Andrew um olhar suspeito e sacudiu a cabeça.

– Não sei quem começou isso, mas a briga termina agora.

– Sempre otimista –, disse Andrew, e deu sua saudação de dois dedos para Neil. – Vejo você em breve, não vá fugir, ok?

– Nem em sonhos –, mentiu Neil.

Andrew desapareceu em seu quarto. Aaron e Nicky o seguiram. Kevin foi o último a se mexer. Ele lançou a Neil um olhar frio em despedida e bateu a porta. Neil os olhou, perguntando-se como sobreviveria aquele passeio de carro.

---

[2] *("Marcas de Agulhas" É termos médicos, refere-se á drogas injetáveis).* [Voltar]



CAPÍTULO SEIS

Enquanto estava no quarto de Dan, Neil esqueceu-se da realidade. Um mês convivendo com o grupo problemático de Andrew e Wymack volátil, haviam danificado quase que irreparavelmente sua impressão sobre as Raposas. Agora, bebia um copo de chá gelado e comia biscoitos que Renee trouxera de casa. Eles lhe perguntaram sobre a briga mais uma vez, Neil não falou nada, e eles não o pressionaram. No momento, as garotas revisaram alguns projetos de caridade que envolveria as Raposas no outono.

Dan sentou-se contra o ombro de Matt, seus dedos entrelaçados com o dele, e assentiu cada vez que Renee sinalizou uma ideia com dedos. Ela parecia bastante amigável, agora que Andrew estava fora de vista, mas Neil já tinha visto sua ferocidade. Ela era de fibra forte, sua mãe teria dito. Neil supôs que ela realmente tinha que ser a capitã de uma equipe ralé como essa.

Sua companheira de quarto, Renee, era um mistério. A goleira das Raposas estava no ultimo ano e tinha o cabelo branco platinado cortado na altura do queixo. As pontas de seu cabelo estavam tingidas em várias cores pastel. Era interessante, mas estranho quando se comparado com sua pouca maquiagem, roupas conservadoras e um delicado colar de prata com pingente de cruz. Nicky a chamara de “doce”. Neil entendeu depois que a ouviu falar. Ele não fazia Idea de como ela havia se qualificado nas Raposas.

Ás cinco horas, Wymack ligou para avisa-los que Seth e Allison estavam no aeroporto a caminho do campus. Eles lavavam os copos quando Nicky apareceu para apanhar Neil.

– Estou cronometrando seu tempo –, disse Dan, mostrando seu relógio a Nicky. – Eu sei quanto tempo leva daqui até o estádio, principalmente do jeito que você dirige. Leve-o direto para lá, entendeu?

Nicky acenou para ela.

– Tenha um pouco de fé nesse cara, Dan.

– Esse trabalho é da Renee. O meu é ter certeza de que começaremos o ano com dez jogadores.

– Nós não vamos matar ele.

– Kevin já tentou –, comentou Matt.

– Não, aquilo foi um carinho. – Nicky acenou para Neil. – Podemos ir? Essas pessoas estão fazendo me sentir extremamente desconfortável.

Ele não esperou por Neil, desaparecendo no corredor. Quando Neil saiu do quarto das meninas, Nicky corria pelos lances de escada. Neil teve que correr atrás dele. Nicky o esperou assim que ambos estavam juntos e diminuiu a velocidade. Ele arqueou as sobrancelhas para Neil com uma surpresa exagerada.

– Então você fala francês.

– Sim.

– Por que francês?

– A família da minha mãe é francesa. – Era uma mentira que provavelmente sua mãe, britânica, rolaria em seu túmulo arenoso. – Ela não me deu escolha sobre qual língua estudar. Como Kevin aprendeu?

– Você não sabe? – indagou Nicky. – Mas você sabia que ele entenderia.

– Eu o ouvi usar uma vez.

– Jean o ensinou – disse Nicky.

– Jean Moreau?

– Ele é um defensor que os Corvos importaram de Marseille. Ele e Kevin eram chegados, e ele ensinou francês para Kevin. Ei, talvez você possa me ensinar umas cantadas. Kevin se recusou a me ajudar.

– Tenho certeza de que nunca aprendi as coisas que você quer dizer.

– Que desperdício! – reclamou Nicky.

Andrew esperava por eles encostado no carro. Kevin já estava no banco do passageiro, e Aaron sozinho no banco de trás. Andrew estava entre Neil e a porta, sendo assim, Neil parou a sua frente. Nicky continuou, rodeou o carro até o assento do motorista, deixando Neil a mercê da inexistente misericórdia de Andrew.

– Estava nos esperando – disse Andrew, fingido surpresa. – Um mentiroso que pratica honestidade casualmente. Esperto. Isso deixa as pessoas intrigadas. Muito eficaz. Eu reconheço. Consigo fazer o mesmo sozinho, reparou? Então, vamos. Depois de você.

Neil entrou e sentou no banco de trás. Andrew entrou depois dele, imprensando Neil entre ele e seu irmão. Nicky já tinha o motor ligado. Assim que Andrew fechou sua porta, Nicky arrancou como se quisesse levar o asfalto junto. Neil procurou automaticamente pelo cinto de segurança, mas um dos irmãos estava sentado sobre ele.

Andrew estirou-se ao seu lado.

– Depois de tudo o que fizemos por você, você teve que começar uma briga com a gente. Que vergonha, Neil.

– Vocês começaram essa briga há um mês –, acusou Neil. – Se quer que isso acabe, me deixe em paz.

– Eu gosto de brigar. O problema é quando o Treinador, Abby e outros intrometidos começam a choramingar. Mostre alguma consideração.

– Você deveria mostra consideração e fica longe das minhas coisas.

– Como pode ter tanta certeza que fomos nós, a final? Talvez tenha sido Matt. Somos inocentes até que se prove o contrário.

– Ainda não ouvi você negar.

– De qualquer maneira, você não acreditaria em mim.

– Não acredito em nenhuma palavra que você diz.

– Acredite nisso, Neil: você não pode colocar uma coleira em mim. Não pense que consegues. Ok? E não seja estúpido em dizer para outras pessoas que vai. Não é seguro. Você vai me forçar a te quebrar.

– Você? – indagou Neil. – Você não conseguiria.

O sorriso de Andrew curvou-se ainda mais.

– Ahhh, isso soa como um desafio. Posso Mãe?

– Sua mãe tá morta. Acho que ela não se importa com o que você faz.

– Eu sei, com certeza ela nunca se importou. Bem, ela se ofendeu com a parte de estar morta, mas eu achei engraçado. Você está certo. – Ele bateu a palma da mão em sua testa como se tivesse lembrado algo óbvio. – Eu faço o que eu quero. Considere isso seu convite oficial, seu miserável suicida. Vou leva-lo para Columbia com a gente nesta sexta-feira. – Ele levantou cinco dedos, sorrindo para Neil através deles. – Você tem cinco dias para conhecer os outros. Cinco dias de treinos e todos os absurdos ridículos do Treinador, então é a nossa vez na sexta-feira. Você vai poder nos conhecer fora de quadra.

– Vamos levá-lo para jantar – disse Nicky sobre o ombro. – Nós morávamos em Columbia, então conhecemos os melhores lugares. Melhor ainda, temos um lugar para ficar, então não precisamos nos preocupa em dirigir bêbados ou exaustos na volta. Vai ser um estouro.

– Não bebo nem danço – replicou Neil.

– Tudo bem – disse Andrew. – Kevin não dança mais, e eu nunca o forcei. Você pode beber refrigerante e conversar com a gente enquanto os outros fazem papel de idiotas. Não podemos passar este ano com um pequeno mal-entendido entre nós, por isso vamos ter uma noite para corrigi isso.

Corrigir era uma estranha escolha de palavras. Neil sabia que um deles teria que dar o braço a torcer para que se entendessem, e ele tinha certeza de que Andrew também entendia isso. Era evidente que Andrew esperava que ele fosse o primeiro a ceder.

Neil sabia que deveria aceitar. Já passava da hora de admitir. Mas Neil queria provar que a si mesmo que estava errado, por mais estúpido que fosse.

– Se eu for, prometa que nunca mais tocará em nada meu?

– Tão possessivo – disse Andrew.

– Claro que sim – respondeu Neil. – Tudo o que eu tenho cabe em uma bolsa.

Andrew considerou isso, então respondeu com um sorriso mal-humorado.

– Certo, uma noite com a gente e nada mais de invasões. Sexta a noite vai ser divertida.

Neil duvidava muito disso.

Eles chegaram ao estádio um minuto à frente de seus companheiros de equipe, os respeitadores da Lei, e esperaram na calçada a caminhonete de Matt chegar. Assim que os veteranos estacionaram e saíram, Andrew apontou para Neil.

– Olhem só, ele está inteirinho.

– Você está sangrando em algum lugar? – perguntou Matt.

– Em nenhum lugar vital –, respondeu Neil.

Renee interveio antes que seus amigos pudessem reagir.

– Por que não esperamos por Seth e Allison lá dentro? Eles estão demorando e está um pouco quente aqui fora.

– Talvez eles tenham sofrido um acidente e não sobreviveram –, disse Nicky com esperança.

– Sério, Nicky –, disse Renee. – É um pouco inadequado, não acha?

Ela disse tão gentilmente, com um leve sorriso no rosto, mas mesmo assim Neil sentiu a repreensão. Era sutil, mas de alguma forma mais mortal do que os olhares furiosos que Matt e Dan lançaram em Nicky, talvez porque ela estava tão docemente decepcionada com a atitude de Nicky. Ele simplesmente desviou o olhar dela e desconfortavelmente deu de ombros.

– Vamos – disse Dan, abrindo o caminho para a sala das Raposas.

Quando chegaram, Wymack e Abby aguardavam no centro da sala. A irritação de Dan desapareceu enquanto cumprimentava o casal. O grupo de Andrew foi direto para um dos sofás, enquanto Matt esperava pelas meninas em outro. Neil escolheu uma poltrona, onde podia ficar de olho em todos. Depois da saudação amigável, Renee sentou-se no sofá com Matt. Eles deixaram um espaço entre eles para Dan. Dan ficou com Wymack um pouco mais, conversando animadamente sobre as ligas principais de Exy nesse verão.

Levou quase vinte minutos até que as duas últimas Raposas chegaram, e Neil sentiu a tensão na sala mudar quando a porta se abriu. Neil notou as reações de seus companheiros de equipe e mentalmente dividiu a equipe em quatro grupos: Dan três, Andrew quatro, os recém-chegados, e ele sozinho.

Seth Gordon foi o primeiro a entrar na sala, trazendo hostilidade na bagagem. Ele não parecia contente em ver nenhum deles novamente, depois de um mês de férias, ele apenas grunhiu em saudação a equipe. Olhou apenas um segundo para Neil com uma expressão feroz, mas apenas isso. Ele se jogou em uma das cadeiras vagas, com todo seu ódio reprimido, e olhou para a porta á espera de sua companheira.

Allison Reynolds estava apenas alguns segundos atrás dele. Ela parou na porta, fitando ferozmente seu companheiro ranzinza. Neil havia visto fotos de Allison ao pesquisar sobre as Raposas, mas deu uma segunda olhadinha. Os Reynolds eram bilionários graças a seus resorts de luxo. Allison crescera uma princesinha moderna e uma celebridade, pela sua associação com os clientes de sua família. Havia rumores de que ela fora deserdada quando escolheu Exy e a universidade pública ao invés dos negócios da família, mas Allison ainda parecia uma estrela de passarela. Todos os outros estavam de jeans amarrotados da mudança. Mas Allison parecia pronta para uma sessão de fotos com perfeitos cachos platinados, salto alto e um vestido apertado.

– É bom ver vocês dois também –, disse Wymack secamente.

Allison ignorou-o e virou o rosto para Abby.

– Sobreviveu ao verão.

– Graças a Deus – disse Abby. – Não foi nada fácil, com certeza.

Allison varreu a sala com um olhar, levantou o lábio com desprezo nivelado ao ver o grupo de Andrew. Seu olhar fixou-se em Neil, o estudando por um momento com expressão cautelosa.

– Vou sentar com você –, disse ela.

Ela atravessou a sala e sentou-se no braço da poltrona. Não havia espaço para ela ali; Ela teve que se inclinar contra ele para manter o equilíbrio. Enlaçou um braço ao redor de seu ombro, para evitar escorregar, e cruzou as pernas. O

movimento fez a barra de seu vestido subir ainda mais, deixando coxas tonificadas e bronzeadas á mostra.

Neil olhou com sua visão periférica, mas manteve o olhar no rosto de Allison. Sua pele ardia com a memória dos fortes golpes de sua mãe. A vida de fugitivo significava que não havia tempo para amigos ou relacionamentos, mas não o impedia de observar as garotas enquanto crescia. A atenta vigilância de sua mãe percebeu seu olhar persistente e sua crescente distração. Com medo de que ele derramasse seus segredos sobre uma paixão infantil, ela o espancava como se pudesse matar seus hormônios com as mãos. Alguns anos dessa violência e Neil finalmente entendeu o recado: garotas eram perigosas de mais para se relacionar.

Allison era bonita, mas estava fora de seus limites.

– Posso trocar de lugar se você quiser sentar aqui –, sugeriu Neil.

– Não, aqui está bom. – Ela sorriu, mas tinha um ar petulante, provavelmente porque Seth os olhava como se pudesse matá-los. Allison olhou de volta para Wymack e estalou os dedos em um gesto impaciente. – Isso vai ser rápido, não é? Foi um voo longo e eu estou exausta.

– Vocês que atrasaram isso –, acusou Wymack, e apontou um dedo para Neil. – Primeira ordem do dia: Neil Josten, nosso novo atacante substituto. Algo a dizer? – Quando Neil sacudiu a cabeça, Wymack empurrou um polegar entre Allison e Seth. – Você já conheceu todos os outros, aqui estão os últimos deles: Seth Gordon, atacante titular, e Allison Reynolds, nossa negociante defensiva, perguntas, comentários, preocupações?

Seth apontou para Neil e disse com raiva.

– Estou puta preocupado...

Neil supôs que Wymack já tinha ouvido esse argumento antes, porque continuou falando por cima de Seth como se não tivesse ouvido.

– Tudo bem, então. Seguindo em frente. Abby?

Abby distribuiu maços de papeis grampeados.

– As mesmas coisas chatas de sempre. Assinem seus nomes nas linhas apropriadas e me devolvam isso amanhã de manhã, vocês não podem treinar até que eu os tenha nos arquivos.

– Os treinos de verão começam às 8:30, aproveitem para dormir enquanto podem, quando o semestre começar passará para as 6:00. Nos encontraremos na academia. Eu repito, estaremos nos encontrando na academia. Quem estiver atrasado porque veio aqui em vez de lá, vai levar uma sapatada no meio da cara. Vocês só estiveram fora por um mês. Eu sei que vocês todos já sabem como isso funciona.

– Sim, Treinador –, disse a equipe em coro.

– Vocês vão fazer exame físico antes de sair. Andrew, você é o primeiro. Seth, você é o segundo. E vocês, tirem no palitinho ou algo do tipo. Vocês decidem. Nem pensem em ir embora antes de passar na Abby.

E ele enviou um olhar irritado para Andrew. Nicky e Andrew afetaram olhares inocentes que não enganava ninguém.

Abby saiu de seu lugar, posicionando-se atrás de Kevin. Wymack hesitou antes de alcançar os papéis empilhados do avesso ao seu lado.

– A última ordem de trabalhos de hoje é nossa programação.

– Já? – perguntou Matt. – É só em junho.

– Ainda não temos datas, mas o CRE fez algumas alterações que vão fazer com que esta primavera pareça um passeio, eles estão notificando os treinadores do nosso distrito, um por um, para tentar controlar as consequências. Isso pode ficar feio.

– O que poderia ser pior do que a merda com que lidamos no ano passado? – indagou Seth. – Matt contou nos dedos. – As invasões, ligações telefônicas ameaçadoras, imprensa raivosa, vandalismo...

– O meu favorito foi quando disseram á policia que tínhamos um laboratório de metanfetamina no dormitório –, disse Dan, azedamente. – As invasões da policia são incríveis.

– No entanto, as ameaças de morte foram criativas –, disse Nicky. – Talvez dessa vez eles cumpram o que prometeram matem um de nós. Vamos votar. Eu voto no Seth.

– Vá se foder, viadinho –, disse Seth.

– Não gosto dessa palavra – disse Andrew. – Não a use.

– Poderia dizer "Vá se foder, anormal", mas vocês não saberiam com qual de vocês eu estaria me referiando.

– Não dirija a palavra á nós – disse Aaron. – Você nunca tem nada de útil a dizer.

– Chega – gritou Wymack. – Não temos tempo para discussões mesquinhas este ano. Temos uma nova faculdade em nosso distrito.

Neil olhou para Kevin, onde ele estava sentado com o rosto pálido e imóvel. Quatro pessoas em um sofá significava que o grupo de Andrew estava espremido com Kevin e Andrew no meio. Mesmo medicado, Andrew adorava ver como Kevin ficava quando tenso, mas com seu remédio nas veias, tudo parecia engraçado. Ele sorriu para Kevin, mas o sorriso desapareceu de seu rosto quando Wymack começou.

– Edgar Allen vem para o sul.

O choque silenciou a equipe, mas não por muito tempo.

– Corta essa – disse Dan, bruscamente. – Não foi engraçado, treinador.

Seth, aparentemente, pensou o contrário, pois começou a rir. Aaron, Nicky e Matt afogaram-se mutuamente enquanto exigiam explicações. Allison fez um ruído estridente de descrença, que deixou o ouvido direito de Neil zumbido. Renee, como Neil, observaram Andrew e Kevin e nada disseram.

Wymack tentou explicar a lógica do CRE, mas manteve sua atenção em Andrew. Não demorou muito para que a equipe percebesse sua distração. O tumulto morreu lentamente. Fazendo o sorriso de Andrew voltar. Desta vez, foram todos os dentes. A droga de Andrew o tornava um maluco, mas não o tornava menos cruel. Neil sabia o que significava aquele sorriso e se preparou para a violência.

– Ei, Kevin –, disse Andrew. – Ouviu isso? Alguém sente saudades de você.

– O CRE não podia ter aprovado –, disse Kevin, tão baixinho que Neil mal o ouviu.

– Você disse que ele viria atrás você.

– Só não sabia que seria assim.

– Mentiroso –, acusou Andrew, e Kevin estremeceu.

Andrew esforçou-se ao sentar de lado no sofá, assim visualizando Kevin melhor. Encostou sua costa contra Nicky. Nicky se inclinou para longe de seu primo perturbado, os nós dos dedos pálidos agarravam o braço do sofá. Andrew não notou ou não se importou com o desconforto que causara a Nicky. Ele só tinha olhos para Kevin. Kevin pareceu que vomitaria, mas não estava em pânico por causa dessa bomba. Andrew não teve dificuldades em interpretar esse pseudo esforço.

– Você sabia – disse Andrew. – Quanto tempo? Um dia, dois, três, quatro, cinco?

– Treinador me contou quando foi aprovado, em maio.

– Maio. Maio, Day. Mayday. Um pouco curioso, Kevin Day. Quando me contaria?

– Eu disse a ele para não contar –, disse Wymack.

– E você preferiu o Trenado invés a mim? – perguntou Andrew, enquanto ria. – Ohhhh meu. Favoritismo, decepção, traição, o quão isso é familiar. Depois de tudo o que fiz por você.

– Andrew, pare com isso, – advertiu Abby.

– Me ajude – pediu Kevin, em um quase sussurro.

Andrew estalou a língua e inclinou a cabeça para um lado.

– Ajudar você? Ajudar alguém que mentiu na minha cara durante um mês? Como?

– Quero ficar – disse Kevin. – Vou pedir mais uma vez: não deixe que ele me leve embora.

– Você é o único que diria sim a ele –, acusou Andrew. – Talvez tenha esquecido.

– Por favor.

– Você sabe o quanto odeio essa palavra.

Kevin baixou o olhar para suas mãos, elas estavam repousando em seu colo, os olhos na cicatriz que corria através das costas de sua mão. Neil só conseguiu vislumbres dela, ele não queria que Kevin o flagrasse olhando fixamente. Era uma bagunça áspera ao longo dos finos ossos de sua mão. Riko quebrara aquela mão, no entanto, não parecia jogo limpo. Andrew soltou um suspiro exagerado e estendeu a mão, bloqueando a visão de Kevin de sua cicatriz.

– Olhe para mim – exigiu Andrew.

Kevin lhe lançou um olhar aterrorizado. Neil não tinha certeza de como Andrew podia sorrir e, ao mesmo tempo, ter um olhar vazio sobre o efeito da droga. Neil sentiu o desespero de Kevin por toda a sala, era uma sensação tão familiar que pensou que estivesse maluco.

– Vai ficar tudo bem –, disse Andrew. – Eu prometi, não prometi? Não acredita em mim?

Demorou um tempo, mas Kevin finalmente relaxou. A beirada dos olhos molhada, enquanto absorvia cada grama de força que Andrew poderia lhe dar. A confiança inabalável que Kevin tinha em Andrew era incrível. O motivo de Kevin acreditar que um anão psicótico poderia protegê-lo contra uma família distorcida como os Moriyamas, Neil não sabia. Neil pensou que deveria ficar impressionado, mas tudo o que sentia era amargura. Ele engoliu em seco contra a agitação em seu estômago e desviou o olhar.

Wymack os observou um minuto mais, depois assentiu com a cabeça.

– O CRE fará o anúncio oficial no final do mês. Eles concordaram em esperar até que vocês estivessem aqui, onde é mais fácil protegê-lo. Isso não significa que vocês devam ser descuidados. Chuck – o reitor da universidade, Charles Whittier, Neil – ele reeditou ordens, os repórteres ficarão fora do campus quando não tiver escolta policial neste verão. Haverá duas vezes mais policiais ao redor do campus, e eu preciso que salvem os números de telefones uns dos outros para caso de emergências. Compreendido?

Neil não tinha um celular, mas se juntou aos outros, dizendo:

– Sim, treinador.

A sala ficou em silêncio, e Neil não pode aguentar mais.

– Mais alguma coisa, Treinador, ou estamos liberados?

– Isso é um problemão –, disse Dan. – Muda tudo. Você não entende.

– Neil descobriu quando Kevin também soube –, disse Wymack. – Já tive essa conversa com ele, então ele entende muito bem. E não, não há mais nada. Abby, eles são todos seus. Faça com eles o que quiser.

Neil levantou-se e dirigiu-se para a porta sem olhar para trás. Dan tentou chamá-lo de volta para seu exame, mas Abby a tranquilizou.

Renee o alcançou, lá fora.

– Infelizmente, com essa notícia, significa que Andrew não vai poder lhe dar uma carona de volta –, disse ela. – Kevin precisa dele agora e isso supera qualquer acordo entre vocês dois. Se você não se importar em esperar um pouco, você é mais do que bem-vindo em voltar com a gente. Há muito espaço na caminhonete de Matt.

Neil queria dizer não, mas o que saiu foi:

– Por que Kevin confia tanto em Andrew?

Renee sorriu.

– Porque ele sabe que pode.

– Com tanta coisa em jogo – pressionou Neil, como se ela não entendesse o que estava acontecendo tão bem quanto ele.

Talvez não. Talvez ela não pudesse entender o que Kevin estava arriscando e o que ele enfrentaria se Andrew falhasse. Ela não era como eles. Ela era normal, ou tão normal quanto as Raposas esperavam ser. Gangues e rixas sangrentas eram coisas de filmes. Neil odiou o fato de ela não poder entender, mas odiou mais o que fez.

– Com tanta coisa em jogo ele realmente acha que Andrew é o bastante?

Renee estendeu a mão para ele.

– Neil – disse ela, tão suavemente que ele se perguntou se ela tinha o escutado. – Neil, por favor, espere por nós.

– Não –, disse Neil, dando um passo para trás. – Eu sei o caminho. Obrigado.

Ele rolou seus papéis formando um tubo e correu para longe. Ela não chamou por ele, mas ele sentiu seu olhar. Assim que chegou ao estacionamento, acelerou o ritmo da corrida.

A corrida não fez nada para acalmar a inquieta ansiedade que lhe corroia o estômago. Chegou ao dormitório com a sensação pior do que quando deixou o estádio. Ele tentou distrair-se com suas coisas, mas acabou andando de um lado para o outro com sua bolsa vazia em suas mãos. Na quinta vez, ele não aguentou mais. Caiu de joelhos e puxou sua cômoda, descarregando apressadamente seus poucos trajes para poder chegar ao seu cofre. Ele deu um soco no código e abriu a fechadura de combinação, precisando ver seu fichário. Virou-a do inicio ao fim, checando e contando tudo.

Ele não deveria ter vindo. Não deveria ter ficado uma vez que soube da mudança de distrito e descobriu quem eram os Moriyamas. Andrew vasculhando suas coisas deveria ser a última gota, embora Andrew ainda não tivesse dito nada sobre o que estava no seu fichário. Talvez Andrew não fosse esperto o suficiente para descobrir os esconderijos nele, ou talvez tenha largado o fichário assim que percebeu que era basicamente um santuário para Kevin e Riko. Mas Neil não podia simplesmente supor que Andrew não tinha encontrado seu dinheiro. Com tudo o que sabia, Andrew só estaria esperando o momento exato para jogar em sua cara.

O pânico lhe dizia para ir embora, mas Neil não conseguiu se mover. Uma voz mais calma sobre seu medo o impediu de se levantar novamente. Neil ainda se lembrava do colapso de Kevin com Wymack no mês passado. Ele conhecia a

mesmo sensação. Todos os dias Neil acordava e reaprendia a respirar. Dando á si mesmo dois minutos a cada manhã, calculando suas chances de ser pego, a pesar dos benefícios de permanecer onde quer que esteja, o medo gritava mais alto.

Kevin sentia o mesmo? O olhar morto que Kevin tinha era o mesmo olhar que Neil enxergou em seu reflexo. Quando Neil deixasse de agir, quando deixasse de se preocupar com quem o observava, quando abandonasse as mentiras que o manteve vivo, essa seria sua única expressão.

Neil recolocou seu cofre e tirou os cigarros que tinha comprado na loja mais cedo. Aproximou-se da janela, destravou as duas fechaduras que a fechavam e empurrou o vidro para cima o máximo que pôde. Uma tela o impediu de se inclinar para fora, mas ele se apertou contra ela tão forte que a tela rangeu. Acendeu um cigarro e o observou queimar. O cheiro acre da fumaça e o fogo tomaram conta de seus nervos, mas a dor tão familiar e pacifica que se seguiu tornou tudo pior.

Não importava o quão igual ele e Kevin fossem, a diferença crítica entre eles fez Neil sentir-se anos-luz distante de tudo isso. Kevin tinha Andrew para apoia-lo, e Neil não tinha ninguém para confiar em seu desespero e solidão. Se Neil partisse hoje, amanhã ou na próxima semana, partiria sozinho. Dois, cinco, dentro de dez anos, se Neil ainda estivesse vivo, ainda estaria sozinho. Ele poderia ser qualquer um, em qualquer lugar do mundo, mas estaria sozinho até o dia em que morresse. Ele nunca confiara em alguém o suficiente para deixá-los entrar em sua vida.

E era por isso que Neil não podia partir.

Mesmo que tudo em Neil gritasse para fugir, Neil não poderia ir, não depois de ver o pequeno show entre Kevin e Andrew. Talvez ele fosse patético, ou talvez estivesse com ciúmes demais para ir embora. Talvez Neil só precisasse entender.

Por que Kevin sempre teve mais?

Kevin viveu com uma família terrível, mas tinha casa, reputação e seguidores. Ele crescera sob os holofotes, enquanto Neil fora deixado olhando sobre o ombro há uma dúzia de países ao redor do mundo. Kevin perdera a mão, mas ganhara sua liberdade. Ele era teimoso e habilidoso o suficiente para começar de onde tinha parado, mesmo que isso significasse aprender a jogar com sua mão mais fraca. Ele tinha um treinador e um companheiro de equipe dispostos a desafiar os Moriyamas por ele.

Por quê?

Por que Kevin merecia tudo isso?

Por que Kevin mereceria Neil?

Por que Neil deveria hesitar em ficar e se preocupar com ele quando a sua vida estava em jogo? Depois da maneira que Kevin lhe tratou este verão, Neil deveria estar feliz. Este seria o momento propício para esquivar-se. A equipe presumiria que Neil era um garoto assustado que não conseguiu lidar com a verdade sobre os Moriyama, e a imprensa ficaria muito ocupada seguindo Kevin e Riko para se preocupar com outra Raposa fujona. Ele deveria enviar a Riko um telegrama em agradecimento e atravessar a fronteira do México.

Mas Neil não podia, ainda não.

Ele sacudiu um pouco de cinzas no parapeito da janela e a empurrou com seu dedo, deixando um borrão escuro na pintura branca. Ele olhou para as nuvens a procura do rosto furioso de sua mãe.

– Um de nós tem que fazer isso, mãe.

Mas não seria Neil.

Óbvio que ele era muito estúpido para sobreviver sem sua mãe, caso entrasse em confusões como esta. Mas, talvez, pudesse ser Kevin. Talvez ele fizesse isso, de alguma forma, conduzindo seu talento e a obsessão psicótica de Andrew, e a

proteção feroz de Wymack. Talvez, ao lado das Raposas, Kevin ficaria seguro durante esta temporada. Sua mão ficaria boa novamente, e ele livre. Neil não poderia partir sem saber se Kevin estava bem. Ele não queria descobrir isso à distância.

Ele sugou uma respiração lenta e profunda, tentando inalar o máximo de fumaça que pode, observou seu cigarro queimar até o filtro. Acendeu mais dois cigarros, antes que seus colegas de quarto aparecessem. Neil apagou o terceiro quando ouviu a porta da frente se abrir e raspou as cinzas do parapeito para debaixo do tapete. Triturou as cinzas com o sapato, enfiou o que restou do cigarro em sua bolsa, para mais tarde, e chutou suas coisas fingindo alguma aparência de ordem. Seu cofre estava fechado e trancado, então saiu para cumprimentar seus companheiros. Ele se sentiu distante ao vê-los entrar. Talvez já estivesse morrendo, sua alma estúpida desaparecendo de seu corpo em preparo para seu final brutal.

Seth entrou por primeiro, jogando suas malas de lado. Ele estava no meio de uma conversa e precisava de suas mãos desocupadas para gesticular irritadamente. Matt estava logo atrás, com um olhar tolerante em seu rosto e uma terceira bagagem em suas mãos. Matt fechou a porta e passou a bolsa para Seth, que a jogou com as outras.

Neil não tinha certeza de com quem Seth estava mais furioso: Abby, Allison ou o grupo de Andrew. Seu discurso foi e voltou sem um padrão lógico. Ele só parou quando ficou sem mais xingamentos em sua boca. Finalmente jogou as mãos para cima com um desgosto e virou-se para Neil.

– E para ficar ainda pior, vou ficar preso com um amador de merda como substituto!

– Kevin o aprovou –, disse Matt.

– Como se isso me fizesse sentir melhor.

Seth olhou furioso para Neil.

Neil olhou para trás, sem se importar com sua raiva. Sua apatia só serviu para irritar Seth ainda mais.

– Já éramos ruins; agora seremos mais práticos. Quando os outros descobrirem isso, vamos vencer só porque eles estarão muito ocupados rindo do que nos levando a sério. Deveríamos ter desconfiado que ele faria isso. Confiei nele para escolher o nosso substituto, porque ele disse que poderia nos levar além das oitavas de finais. Mas isso é repugnante.

– Pelo menos dê uma chance a Neil – disse Matt.

– Day está fodendo com a gente –, disse Seth. – Não é justo.

– Essa atitude que não é justa – replicou Matt, apontando para ele. – Kevin nunca recrutaria alguém só para nos prejudicar... Nós fazemos isso perfeitamente por conta própria. Se você quer que ganhemos este ano, comporte-se como tal. Precisamos de uma linha ofensiva coesa. Com você e Kevin é uma causa perdida, vocês vão ter que fazer funcionar com Neil.

– Ele é baixinho, não pode jogar, e parece que tem um distúrbio de comportamento.

– O treinador diz que ele tem potencial. – Matt olhou para Neil. – Andrew disse que você é rápido.

Neil franziu a testa.

– Quando ele disse isso?

– Quando você acha, idiota? – indagou Seth. – Nós conversamos todos os tipos de merda sobre você depois que foi recrutado.

– Dan perguntou o que eles achavam de você –, disse Matt, antes que Neil pudesse reagir. – Nicky acha que você precisa de mais tempo com a gente. Aaron disse que você tem que ser mais agressivo. Kevin não disse nada, o que

normalmente seria estranho, já que Kevin não é conhecido por meias palavras, mas acho que ele estava distraído. Mas Andrew apostou que você pode ultrapassar qualquer um na equipe. O treinador disse que você bateu a marca de uma milha a cada quatro minutos no Arizona. Isso é verdade? Você é um pouco baixinho para correr tão rápido.

– Eu gosto de correr –, respondeu Neil.

– Foda-se a corrida – disse Seth. – Aprenda a pontuar. Ouvi que ainda não conseguiu furar a defesa de Andrew.

– Não –, admitiu Neil. – Ainda não.

– Quando você conseguir, então você pode falar comigo –, disse Seth. – Até então, fique fora do meu caminho e tente não atrasar de mais a minha linha.

– Bem-vindo ao Foxhole –, acrescentou Matt, secamente. Seth pegou sua mala e invadiu o quarto. – Ei, vamos jantar no *Downtown* hoje à noite. Podemos nos divertir antes de tudo explodir nas nossas caras, e eu não quero estar aqui quando Andrew estiver entre as dosagens. Vocês dois conseguem se aturar enquanto verifico as garotas?

– Provavelmente – respondeu Neil.

Seth e ele se aturaram até a volta de Matt, mas apenas porque se ignoraram. Seth estava ocupado arrumando suas coisas, e Neil feliz por ficar fora do seu caminho. Quando Seth terminou no quarto, foi para a sala, Neil arrumou a bagunça que havia feito antes. Matt montou seu computador em uma das mesas e matou o tempo na internet até chegar a hora de se encontrar com os outros.

"*Downtown*". Referia-se a uma longa rua de lojas fora do campus a uma curta distancia da Torre das Raposas. Na maioria dos casos, as lojas vendiam equipamento para o campus, mas havia algumas livrarias e meia dúzia de barzinhos. Parecia uma cidade fantasma agora, com tão poucos alunos ao redor. Metade dos lugares por onde passaram tinham placas de que reabririam no

outono. O resto permaneceu aberto na esperança de atrair os estudantes durante o verão e os atletas que estariam durante as próximas duas semanas.

Eles acabaram em um lugar que era metade bar, metade pizzaria. A mesa do canto em forma de L era perfeita para Neil sentar-se na extremidade e assistir seus companheiros. Ele esperava a mesma loucura que tinha visto na casa de Wymack em sua primeira noite na Carolina do Sul, especialmente depois de ver a tensão que Seth e Allison adicionaram à equipe, mas ficou agradavelmente surpreso. Quaisquer que fossem suas diferenças, os veteranos tiveram anos para se acostumar uns aos outros, todos na mesa conversavam entre si. Mesmo Seth e Allison fizeram tentativas gentis, embora Neil atribuísse essa cortesia à cerveja.

Ele ficou fora de tudo isso, e na maior parte do tempo eles o esqueceram. Ele havia conhecido o grupo de Dan depois de sua briga com Kevin, Seth e Allison simplesmente não se importavam em conhecê-lo melhor. As únicas vezes em que alguém lhe perguntou alguma coisa foi quando Dan ou Matt queriam sua opinião sobre o assunto em questão.

Eles estavam no meio do jantar quando Dan e Matt se retiraram. Neil os assistiu sair, mas além de Allison cutucando Renee de maneira significativa, ninguém disse nada sobre isso. Tampouco mencionaram a mudança de distrito, embora estivesse na mente de todos. Eles praticamente tinham o restaurante para si, a falta de burburinhos de outras conversas significativas os calou mais facilmente.

Dan e Matt voltaram tempo depois, parecendo um pouco mais exaustos. Dan pegou a conta do garçom em seu caminho de volta para a mesa. Seth brindou Matt com o que restou de sua cerveja, seus olhos fixados em Allison ao fazê-lo.

Dan e Matt voltaram para o dormitório de mãos dadas. Renee andou atrás deles com Seth e Allison. Neil estava feliz em ficar para trás. Quando chegaram, Nicky esperava por eles no corredor.

– Ei, Renee –, chamou Nicky. – Você se importa em ligar para o celular do

Andrew?

– Ele perdeu? – perguntou Renee, puxando o dela para fora de sua bolsinha.

– Já tentei –, disse Nicky. – E, uh, um cara levou ele. Ele não está retornado nenhuma das minhas ligações.

– Jesus, Nicky – disse Matt. – O treinador disse para você ficar de olho nele esta noite.

– Eu sei o que ele disse. – Nicky fez uma careta para Matt. – Experimente algum dia.

– Onde está o Kevin? – perguntou Dan.

– Não saiu da cama desde que voltamos –, disse Nicky. – Aaron está reparando ele.

Renee levantou uma mão para pedir silêncio. Todos ficaram em silêncio imediatamente para observá-la. Ela pôs seu telefone em sua orelha, mas sem dizer nada, provavelmente ouvindo o sinal de chamada. Neil soube que alguém havia atendido pelo modo que Renee sorriu, mas sem entender como Renee podia sorrir tão calorosamente ao falar com Andrew.

– Acordei você? – perguntou Ela em vez de *OI*. – Esperava falar com você esta noite, mas Nicky disse que você tinha saído. Ah. Tudo bem, então. Vou tentar de novo amanhã. Almoço, talvez. Ok, boa noite. – Ela desligou e guardou o celular. – Ele está com o Treinador. Talvez o treinador quisesse ter certeza de que ele tomaria seu remédio esta noite.

Renee deu um aperto encorajador no ombro de Nicky.

– Ele está bem, Kevin também, descanse um pouco, não podemos fazer outra coisa senão trancar as portas e rezar.

– Obrigado –, agradeceu Nicky, e desapareceu de volta para seu quarto.

Eles se separaram para os seus quartos. Neil se esticou no colchão. O simples prazer de ter uma cama de verdade não durou muito. Depois que as luzes estavam apagadas e seus colegas de quarto tinham se acalmado, Neil ficou apenas com a escuridão e seus pensamentos. Ficou acordado por bastante tempo durante a noite, pensando em Kevin, e quando dormiu, sonhou que seu pai estava á sua espera no Estádio Foxhole.

CAPÍTULO SETE

Em seu terceiro dia em quadra, Neil não fazia ideia de como as Raposas haviam se classificado para o campeonato durante a primavera passada. Sua suposição, de que a equipe era composta de quatro grupos, pareceu parcialmente precisa, porem flexível.

Sempre que Allison e Seth brigavam, Allison acabava com as garotas, e Seth com Matt. Parecia que Allison e Seth não tinham um meio termo: ou trocavam insultos, ou ficavam aos beijos no vestiário, independentemente de quem estivesse por perto. Neil não entendia o que desencadeava a constante e abrupta mudança de emoções. E esperava nunca entender.

Toda a primeira semana de treinos de verão foi consumida por picuinhas internas, à medida que a hierarquia do time se encaixava novamente. Quando Dan agia como capitã, ela os governava com mãos de ferro, a que Neil havia presenciado no primeiro dia. Ela não hesitava em arrastá-los para seus devidos lugares, e as Raposas a deixavam com a palavra final em tudo. Até mesmo Andrew seguia suas ordens, embora Neil supusesse que ele se divertia com o suposto destemor dela.

Kevin sabia mais sobre o esporte do que qualquer um deles, e tinha alguma autoridade persistente da sua passagem como treinador assistente, mas sua personalidade fria era desestimulante e sua abordagem tornava difícil para os outros ouvi-lo sem replicar. Ele causara a maioria das discussões durante a semana, geralmente entre ele e Seth.

Kevin e Seth se detestavam, como uma segunda versão do que Seth e Nicky sentiam um pelo outro. Bastava apenas uma palavra errada para transformar as discussões em agressões físicas. A briga atingiu o auge na tarde de quarta-feira, quando Andrew deixou o treino mais cedo para sua sessão de terapia semanal. No momento em que ele se foi, Seth correu até Kevin com os punhos voando.

Matt foi a força bruta que os manteve na linha quando as palavras de Dan não foram suficientes. Devido à lesão de Kevin, e a apatia de Andrew, Matt também era o melhor jogador que as Raposas tinham. Neil pensou em privado: Matt deveria ter sido nomeado capitão, pela solidariedade que ele poderia trazer a equipe. Independente do que havia acontecido entre ele e Andrew ano passado, ele parecia ter um entendimento com os primos, o que significava que as Raposas tinham uma linha de defesa sólida. Seu relacionamento com Kevin fugia do entendimento de Neil. Sua habilidade e comprometimento significava que Kevin estava disposto a trabalhar com ele e a ouvi-lo, mas os dois passaram de uma compreensão perfeita para um antagonismo absoluto. Eles lembravam um pouco Allison e Seth, porem, sem as insinuações sexuais desesperadas.

Renee era a próxima na linha e o olho do furacão. Distribuiu conselhos amigáveis, incentivou os esforços de seus companheiros e atuou como mediadora ocasionalmente. Não se envolveu nas brigas dos outros, quer para tomar partido ou pregar a paz, e ninguém discutiu com uma palavra que ela dissesse. Até mesmo Andrew parecia bastante calmo com ela. Neil os viu conversando lado a lado várias vezes ao longo da semana. Era óbvio que mais ninguém aprovava essa estranha amizade, mas nenhum dos goleiros se importou com os olhares infelizes. Neil não sabia o que pensar disso. E tinha menos certeza do que pensar sobre Renee, então a evitou sempre que pode.

O restante das Raposas variou de ordem constantemente na hierarquia. Seth foi o que mais variou dentro da equipe. Ele era o único do quinto ano na equipe, já que todos os outros tinham desistido ou reprovado, até agora, mas era bastante individualista para fazer diferença. Seu humor era tão volátil que Neil tinha certeza de que ele usava alguma coisa. O Porquê de Abby e Wymack não acabarem com isso, Neil não sabia. Allison carregava o peso por sua antiguidade e atitude agressiva em quadra, mas ela absolutamente detestava os primos e não gostava de trabalhar com eles.

Aaron jogava melhor do que Nicky, e se manteve a uma distância clínica de tudo. Nicky dava seu melhor, mas gostava de dramaticidade e discutir com Allison e Seth mais ainda. A posição de Andrew era difícil de entender. Sua

influência sobre Kevin e sua habilidade o tornaram útil, mas seu esforço era tão pouco quanto Wymack o deixando sair impune das coisas.

Neil ainda não tinha um lugar nessa hierarquia. Seus companheiros de equipe tinham tão pouca consideração por ele que nem sequer tinham a duvidosa “honra” de lhe passar a bola. Ele não estava surpreso, já que era um inexperiente recém-chegado à bagunça, mas isso não facilitava o tratamento. Dan esforçou-se em incluí-lo, o verificando sempre que estava por perto na quadra, mas ela estava sobrecarregada administrando o resto da equipe. Allison não levou Neil a sério, Matt muito longe para ajudar e Neil não queria lidar com Renee. Os primos estavam mantendo distância esta semana. O que restava: Seth e Kevin.

Kevin e Seth tiveram que lidar com Neil, uma vez que jogavam na mesma posição, mas Neil preferia que eles o ignorassem. Nada que ele fazia era bom aos seus olhos. Eles o chutaram de escanteio como um inútil, não importava o quanto tentasse. Neil odiava essa atitude, mas estava determinado a não perder a paciência diante da equipe novamente. Felizmente, os atacantes estavam mais dispostos em lutar entre si do que contra ele, então se sentiu confortável em assistir Seth e Kevin brigarem com paus e pedras.

Wymack raramente interferia nas brigas. Ele deixava que se matassem, em seguida, os punia com exercícios pesados. Parecia que ele tinha decidido há muito tempo que a equipe só funcionaria testando uns contra os outros e estabelecendo seu próprio ranking. Neil achou uma loucura no inicio, mas à medida que a semana avançava pode ver a equipe e finalmente descobrir os limites e alianças entre eles.



Na sexta-feira, Neil estava desesperado pelo fim de semana. O estresse de preocupação com Kevin e Riko, a irritação com o comportamento de seus companheiros de equipe em quadra e as brigas intermináveis de Kevin e Seth estavam o desgastando. Ele não conseguia mais lidar com isso, mas também não

podia escapar. Havia passado o dia todo treinando com as Raposas, em seguida, voltou para o dormitório e os viu como todas as noites. Neil estava sufocado por sua própria presença. Tudo que queria fazer era desaparecer do campus no fim de semana. Teria que encontrar um pouco de espaço para respirar antes de enlouquecer.

Neil havia esquecido os planos de Andrew para ele.

Quando Neil saiu do chuveiro após o treino de sexta-feira, esperava que todos os outros tivessem ido embora. Neil ia aos treinos com a equipe compartilhando a caminhonete de Matt com Allison, Seth e Renee, mas sempre voltava sozinho para o dormitório. Os outros demoraram a entender seu gosto de voltar para o dormitório sozinho, mas não perguntaram o motivo. Talvez fosse coisa das Raposas, sabendo da existência de um limite que eles não deveriam cruzar e perguntas que nunca receberiam respostas. Neil não tinha certeza, mas apreciava essa atitude.

No entanto, sexta-feira foi diferente. Neil arrastou seu uniforme sujo para o vestiário e enxergou Nicky o esperando em um dos bancos com uma sacola de presente preta.

– Você sobreviveu à sua primeira semana –, disse ele. – Se divertiu?

– Vai ser assim todo o verão?

– Praticamente – respondeu Nicky. – Pelo menos você não está entediado, não é?

Neil jogou o uniforme em uma das cestas da lavanderia, verificou seu armário para se certificar de que estava seguro e se virou, encontrando Nicky logo atrás dele. Neil estendeu a mão para afastar Nicky do seu espaço. Nicky esperava por essa reação e empurrou o saco preto na palma aberta de Neil.

– Isto é para você – disse Nicky. – Andrew disse que você não tem nada apropriado para onde estamos indo. Ele me disse qual tamanho comprar, e eu

escolhi. Confie em mim, é incrível.

Neil olhou para ele, espantado.

– O que?

– Você não se esqueceu da nossa festa, não é? Aqui.

Nicky enganchou as alças da sacola sobre os dedos de Neil. Neil o observou, tentando lembrar-se da última vez que alguém lhe dera um presente, não se lembrou de nada. O fato de Andrew ser o primeiro foi perturbador.

Nicky interpretou seu desconforto como suspeita e riu.

– Sem truques. É mais para nós do que para você, honestamente. Nós não podemos ser vistos em público com você vestido igual um mendigo. Sem ofensas. – Ele esperou um momento antes de finalmente perceber que algo não estava certo. – Neil?

– Obrigado –, disse Neil, mesmo com a incerteza em sua voz.

Nicky o encarou.

Neil retribuiu o olhar, recusando-se a dar qualquer outra coisa. Finalmente, Nicky tocou em uma mecha do cabelo de Neil.

– Nós vamos buscá-lo ás nove, tudo bem? Eu sugiro que cochile até então. Nós vamos ficar fora a noite toda. Temos todos os contatos certos para manter a festa em movimento até o amanhecer.

Nicky sorriu e puxou outra mecha do cabelo de Neil.

– Falando nisso, livre-se delas, suas lentes de contatos, quero dizer...

O estômago de Neil contorceu-se.

– Calado.

Nicky deu um olhar exagerado ao redor, como se estivesse à procura de espiões.

– Olhe, não é como se fosse segredo. Mas qualquer um pode ver o circulo em seus olhos, significa que você usa lentes. Um dia eu percebi. Só não pensei que fossem coloridas até Andrew dizer. É sério? Castanho? Como você consegue ser tão chato?

– Eu gosto de marrom.

– Andrew não –, disse Nicky. – Tire-os.

– Não.

– Por favor – pediu Nicky. – Ninguém além de nós vai vê-lo e já sabemos que são falsos, não as use.

– Ou o que? – indagou Neil.

O silêncio de Nicky foi o suficiente. Neil estava pronto para ignorar aquele aviso, mas restringiu-se. Ele estava certo de que poderia manter a compostura contra Andrew, mas não enfrentaria Andrew sozinho. Estava saindo com todo o grupo de Andrew, para longe dali. Nicky estava tentando ajudá-lo a passar a noite com o pé direito. Neil não pensou muito nessa consideração. Pois sabia de qual lado Nicky ficaria se as coisas ficassem feias.

– Ás nove –, repetiu Nicky.

Neil não respondeu, e partiu.

Neil deu-lhe alguns minutos de vantagem. Quando teve certeza de que os primos estavam longe, correu pelo campus até a biblioteca e matou algumas horas analisando notícias no laboratório de informática. Jantou rapidamente no caminho de volta para o dormitório em uma das três lojas de conveniência da

universidade.

Seu quarto estava vazio.

Neil lembrou-se vagamente de Matt dizendo algo sobre ir ao cinema com Dan. E não fazia ideia de onde Seth estava, mas, felizmente, ele ainda estaria fora quando Neil começasse a se arrumar. Ele estava sozinho, mas verificou a fechadura do dormitório antes de trocar de roupa. O quarto não tinha fechadura, o que o incomodava, mas o banheiro sim. Ele se trancou lá, para se arrumar.

Quando terminou, ficou um longo minuto estudando seu reflexo. Sem saber o que pensar do resultado. Não importava quantas vezes ele e sua mãe mudassem suas identidades e idiomas, uma coisa permanecia a mesma: ambos visavam um estilo simples que se misturava a multidão cotidiana. Neil usava camisetas desbotada, jeans simples e tênis gastos, geralmente em cores pálidas de tanto serem lavadas.

Estas roupas eram o oposto, cada centímetro era de um preto vivaz. Calça cargo clara e curta para combinar com o coturno. Camisa de mangas compridas, ajustada, e estilizada para parecer estar rasgada por alguns lugares. Uma camada interna aparecia através dos rasgos, escondendo a pele de Neil, mas ele passou as mãos sobre o pano uma dúzia de vezes, certificando-se de não haver nenhum buraco aberto. Ele tinha certeza de que podia sentir as protuberâncias de suas cicatrizes através do tecido fino.

Só restava uma coisa a mudar.

O estômago de Neil se agitou um pouco em nervosismo quando tirou as lentes. Piscou algumas vezes, se adaptando a sua ausência. Uma olhada para o espelho quase lhe tirou o fôlego. Havia mais de um ano que Neil não via seus olhos naturais, já que nunca saia da cama sem colocar as lentes. Seus olhos eram uma sombra fria de azul que só pareceu mais brilhante em contraste com seu cabelo e roupas escuras. Ele não podia encará-los por muito tempo; Estes eram os olhos de seu pai.

Neil juntou suas roupas e saiu do banheiro. Quando se virou em direção ao quarto, para deixar as roupas, teve um vislumbrei do grupo de Andrew na sala. Andrew havia arrombado sua fechadura novamente. Neil imaginou o estrago que o salto grosso de seu coturno faria no rosto de Andrew e gostou do que sua mente sugeriu.

Ele colocou a roupa na gaveta inferior da cômoda, decidindo usá-lo em vez do cesto, e se virou para ver Andrew na porta do quarto. Andrew encostou-se ao batente, os braços cruzados sobre o peito, observando Neil. Neil aproveitou a oportunidade para examiná-lo, notando antes de tudo a falta de expressão no rosto de Andrew. Andrew estaria sóbrio esta noite. Neil indagou-se, se Andrew entendia os termos de sua liberdade condicional ou simplesmente não se importava.

Neil não podia sair com Andrew no caminho, então se aproximou e esperou Andrew sair do caminho. Foi o que Andrew fez, mas apenas para alcança-lo com uma mão. Neil ficou tenso quando os dedos de Andrew entrelaçaram em sua nuca, mas Andrew só queria puxar a cabeça de Neil para baixo. Neil concentrou-se na maçã do rosto de Andrew, para não olha-lo diretamente, e deixou Andrew estudar seus olhos.

– Mais um pouco da inesperada honestidade – disse Andrew. – Alguma razão especial?

– Nicky pediu educadamente. Você podia experimentar.

– Já falamos sobre isso, não espere nada do tipo. – Andrew deu a Neil outro olhar lento mais uma vez e o soltou. – Estamos indo.

Nicky se animou quando os dois entraram na sala, mas sua expressão feliz mudou quando olhou para Neil.

– Oh, cara, Neil. Você tá tão gato. Posso dizer isso ou é contra as regras? Só... Caramba. Aaron, não me deixe ficar muito bêbado.

Andrew parou próximo de Nicky, o suficiente para tirar um cigarro do bolso. Colocou entre seus lábios e acendeu, sem se importar com os detectores de fumaça do dormitório, e levou o isqueiro próximo ao rosto de Nicky.

– Não me obrigue a te matar – ameaçou Andrew.

Nicky levantou as mãos em autodefesa.

– Eu sei.

– Sabe?

– Juro –, disse Nicky fracamente.

Andrew afastou o isqueiro e saiu da sala. Kevin e Aaron seguiram. Nicky passou por Neil com um último olhar apreciativo e saiu para o corredor. Ele esperou enquanto Neil trancava a porta. E os dois seguiram os outros em direção ao carro, em silêncio.

Neil terminou no mesmo lugar da última vez, preso entre Aaron e Andrew no banco de trás. Neil esperava por problemas, mas os irmãos se apoiaram contra suas respectivas janelas e adormeceram poucos minutos depois de deixarem o campus. Neil não podia dormir em tal companhia, então passou as horas se perguntando sobre quantas coisas poderiam dar errado essa noite.

A lista foi extensa.

Quando os faróis do carro começaram a vislumbrar as placas de saída para Columbia, Nicky fez um gesto sobre seu ombro para Neil.

– Você pode acordar Andrew? De preferência sem tocá-lo.

– O que? – perguntou Aaron, sonolento ao despertar com a voz de Nicky.

– Não lembro qual saída decidimos que era o atalho. E Você?

Aaron respondeu se aproximando de Neil e empurrando o ombro de Andrew. A reação de Andrew foi imediata e violenta. Aaron tirou a mão do caminho a tempo, mas não havia lugar para Neil ir. O cotovelo de Andrew atingiu seu diafragma com força suficiente que Neil debruçou-se sobre seus joelhos. Aaron, completamente frio, estalou os dedos sobre a cabeça de Neil, para Andrew.

– Saída – disse ele.

Andrew apoiou-se sobre as costas curvada de Neil impulsionando-se entre os bancos da frente. Olhou até que passaram por um sinal e disse:

– Ainda não. É a saída que leva para a Casa do Waffle.

– Aqui é a Carolina do Sul – disse Nicky. – Todas as saídas levam a Casa do Waffle. Neil, ainda está respirando?

– Sim – respondeu Neil com voz rouca. – Eu acho.

Andrew caiu de volta em seu assento e soltou Neil.

Neil conseguiu sentar-se ereto novamente, mas não pôde deixar de pressionar sua mão na camisa. Parecia que o cotovelo de Andrew tinha aberto um buraco através dele.

Ele lançou um olhar para Aaron, que deu de ombros em sua acusação silenciosa, e então para Andrew. Andrew não retribuiu, distraído demais com as suas mãos. Ele as tinha a sua frente, até que um carro passou indo na direção contraria, Neil percebeu o que ele estava olhando. No flash de luz dos faróis que passou, Neil visualizou os dedos de Andrew tremendo.

– Nicky – disse Andrew.

Nicky olhou para trás. Ele não podia ver os tremores na escuridão, mas percebeu para onde Andrew estava olhando. Nicky percorreu a rua em direção à

saída.

– Estamos quase lá.

– Estacione.

– Estamos em uma rampa de saída.

– Agora!

Nicky não discutiu. Jogou o carro para o acostamento quase inexistente, freou tão bruscamente que Neil esperou que o carro ficasse desgovernado. Uma buzina soou quando um carro passou por eles. Andrew empurrou a porta, a abriu, afastou-se do carro o mais longe que pôde e vomitou na grama ao lado da estrada. Sentado perto o suficiente, Neil pôde sentir a forma como o corpo inteiro de Andrew tremeu com o esforço. Parecia que o esôfago de Andrew estava se rasgando em pedaços.

– Onde estão seus biscoitos? – perguntou Nicky quando Andrew ficou ofegante.

– Ele comeu mais cedo – disse Kevin.

– Todos eles? – perguntou Nicky, horrorizado. – Misericórdia, Andrew.

– Cale a boca –, disse Andrew, cuspindo algumas vezes. Tentou cegamente alcançar o apoio de cabeça do banco de Kevin, o encontrou na terceira tentativa e puxou-se para dentro do carro. – Só nos leve até lá.

Nicky acelerou, mas, uma vez dentro dos arredores de Columbia, o tráfego noturno atrasou-os. O primeiro destino foi um restaurante chamado *Sweetie's*. Era tarde demais para o jantar, mas o estacionamento estava lotado. Nicky os deixou na porta, para que pudesse dar uma volta e procurar uma vaga.

Havia quatro grupos à frente deles à espera de assentos. Andrew desviou para a mesa de saladas e agarrou dois pacotes de *cream cracker* de uma tigela.

Kevin observava enquanto Andrew comia as bolachas de forma metódica caminhando entre eles. Andrew respondeu a isso com um olhar frio.

Ele terminou o lanche antes de Nicky se juntar a eles. Alguns minutos mais tarde, finalmente, e sentaram em uma mesa nos fundos. Antes que o garçom saísse, Andrew encheu o avental do homem com seus pacotes de bolachas vazias. O garçom nem sequer piscou em descortesia, mas os deixou com o menu. A garçonete não estava muito atrás dele, e Nicky devolveu os menus sem ter lido.

– Estamos aqui apenas pelo sorvete especial –, disse Nicky.

– Sem problema – disse ela. – Vou buscar para vocês.

O sorriso de Nicky se desfez assim que ela saiu, e virou um olhar preocupado para Andrew. Andrew apoiava o rosto em uma das mãos. A outra mão plana à sua frente sobre a mesa, seu tremor parecia mais nítido agora. Um tremor percorreu o corpo de Andrew que sugou uma respiração longa por entre os dentes cerrados.

Kevin puxou um frasco de pílulas do bolso e as colocou sobre a mesa, entre ele e Andrew.

– Apenas pegue.

Andrew ficou imóvel enquanto olhava o frasco.

– Vá se foder.

Neil finalmente entendeu.

– Você está em abstinência.

Andrew o ignorou.

– Guarde isso antes que eu empurre na sua goela.

Kevin franziu o cenho, mas fez o que lhe foi dito.

Não demorou muito para o sorvete chegar. A garçonete entregou-lhes taças e uma pilha de guardanapos no meio da mesa. Assim que ela saiu, Andrew espalhou os guardanapos com impaciência. Debaixo de todos eles havia uma pilha de pacotes cheios de um pó amarelo pálido.

– Estamos em público – advertiu Aaron.

Andrew o ignorou em favor de abrir dois saquinhos e despeja-los em sua boca.

Nicky cutucou Neil.

– Experimente o sorvete, você vai adorar.

Neil obedientemente mergulhou na porção que lhe foi servido, mas não deixou que Nicky ou a comida o distraísse de Andrew. Andrew pegou o resto dos pacotes e escondeu em um de seus bolsos. Mexer-se seria um erro, a julgar pelo olhar apertado em seu rosto. Andrew pressionou a costa de sua mão na boca e engoliu em seco tão forte que Neil o ouviu sobre a mesa.

Um minuto e Andrew estava relaxado o suficiente para começar a comer. Seja lá o que tinha engolido acabara com os tremores da abstinência, pois o rosto calmo estava de volta em quanto terminava de comer. Quando a conta chegou, Andrew a empurrou para Aaron, que tirou uma pequena pilha de notas de vinte. Quando saíram, Neil olhou para trás, primeiro olhou as pessoas pegando pacotes de bolachas da mesa de saladas, depois a garçonete embolsando o dinheiro que tinham deixado.

Foi uma curta distância do restaurante até o verdadeiro destino da noite. O *Eden's Twilight* era uma boate de dois andares a poucos quarteirões da estrada principal. Havia uma fila de pessoas esperando para entrar e as roupas que usavam fizeram o traje de Neil parecer simples de mais. A maioria dos homens usava couro, metade das mulheres tinha espartilhos, e um bom número de ambos

os sexos estavam cobertos de fivelas e correntes.

Nem a fila e nem o estilo desencorajou os primos. Nicky aproximou-se do meio-fio para deixá-los sair. Os dois seguranças na entrada se animaram com a chegada, e Aaron os cumprimentou com um soco e um aperto de mãos complicado que Neil não tentou entender. Um dos seguranças tirou uma etiqueta laranja do bolso traseiro e a entregou, Aaron trouxe para Nicky que logo a anexou ao espelho retrovisor e dirigiu-se para estacionar o carro em algum canto.

Andrew saudou os seguranças e abriu o caminho para o clube, ignorando completamente a fila. Kevin o seguiu, e Aaron indicou a Neil para ir à sua frente.

Um segundo par de portas se abriu para um manicômio. Os quatro estavam sobre um estrado, que cobria o assoalho, com várias mesas. Escadas desciam a uma pista de dança lotada. E um lance de escadas levava até o segundo andar, que parecia mais uma varanda do que qualquer outra coisa. O DJ estava no térreo, em uma plataforma própria, posicionado entre os andares. Alto-falantes maiores que Neil revestiam as paredes, Neil pôde sentir a batida da música esmaga seus ossos.

Neil parou de assistir aquilo, para não ficar para trás, e segui Kevin pelo salão. Demorou um pouco até encontrar uma mesa. Estava coberta com copos, mas os banquinhos estavam abandonados, então eles tomaram posse. Andrew tirou os copos enquanto Aaron pegava mais duas cadeiras. Assim que estavam acomodados, Andrew agarrou a gola da camisa de Neil e o puxou atrás de si em direção ao bar.

Três barmans trabalhavam, mas Andrew estava interessado em um específico e disposto a espera-lo. Quando o homem finalmente conseguiu chegar até eles, lançou a Andrew um pequeno sorriso.

– Andrew, de volta tão cedo? Quem é sua mais nova vítima?

– Ninguém – disse Andrew. – O de sempre.

O homem assentiu e olhou para Neil.

– E para você?

– Eu não bebo –, respondeu Neil.

– Refrigerante então – disse o homem, afastando-se.

Ele voltou com uma bandeja de bebidas.

Andrew pegou-a facilmente com experiência, que fez Neil se perguntar se ele já tinha trabalhado ali antes. Quando o barman deslizou para Neil seu copo de refrigerante, Andrew abriu o caminho de volta através da multidão empurrando bêbados fora de seu caminho com sua mão livre. Nicky estava esperando por eles na mesa e se afastou do caminho para Andrew colocar a bandeja na mesa.

– Um brinde! – gritou Nicky, e todos beberam juntos.

Neil tomou o refrigerante mais rápido do que pretendia. Os outros bebiam em uma velocidade mórbida e Nicky cutucou Neil para acompanhá-los. O refrigerante o fez se sentir desidratado e a cafeína subiu para a cabeça mais rápido do que o esperado. Ele tinha desistido de refrigerantes ao entrar para os Cães selvagens de Millport, ano passado, então não estava acostumado a isso. Quando se levantou para ajudar Andrew a pegar a segunda rodada de bebidas, pensou em mudar para água, mas o barman passou seu refrigerante antes que pudesse dizer.

Os pacotinhos do Sweetie’s, que Andrew guardara, reapareceram assim que voltaram para a mesa. Andrew sacudir um no rosto de Neil em provocação. Quando Neil apenas olhou, Andrew sorriu e passou para os outros. Até mesmo Kevin pegou um, por algum motivo Neil se sentiu decepcionado.

– Pó-de-anjo –, disse Nicky enquanto rasgava seu pacote. – Tem gosto de açúcar e sal, dá um pouco de adrenalina. Tem certeza de que não quer?

– Usar drogas é estupidez.

– Aí! – disse Andrew com um sorriso frio. – Isso foi preconceituoso.

– Não vou pedir desculpas por pensar que estão sendo idiotas.

– Seria você o justiceiro? – perguntou Andrew. – Está tentando dar seu melhor pisando no meu calo porque sentiu o trágico peso de sermos mais santinhos que você?

– Justiça é para quem não conhece outros métodos melhores.

– Calma, calma –, disse Nicky, distribuindo doses ao redor da mesa.

O garçom colocara um pouco de refrigerante em um pequeno copo de *shot* para Neil, e Nicky o colocou a sua frente.

– Pó não é prejudicial. Só torna a noite mais interessante. Acha que Kevin arriscaria seu futuro por uma noite no clube?

– Que futuro? – indagou Neil.

Kevin lançou a Neil um olhar furioso, mas Nicky interveio antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

– Beba conosco se não quiser pó –, disse Nicky, segurando o pacote aberto em uma mão e o copo na outra. – Juntos, no três.

Discutir seria inútil, uma vez que os quatro deixaram o bom senso na porta, então Neil pegou seu copo em silêncio. Nicky contou, e Neil bebeu seu shot. Assim que a bebida atingiu o final de sua garganta, Neil soube que havia cometido um erro grave.

Seu refrigerante tinha sabor doce, mas o sabor na língua de Neil não era açúcar. Neil levantou-se, mas Andrew o agarrou pelos cabelos e o colocou de volta no banco. Uma torção cruel puxando sua cabeça para trás em um ângulo

perigoso, e Andrew prendeu a mão de Neil sobre a mesa. Neil levantou a outra mão para se livrar das garras de Andrew, mas Nicky pegou seu pulso.

– Eu percebi, você não? – perguntou Andrew. – Você é um idiota.

– Você... – cuspiu Neil.

– Pensou que ficaria seguro indo lá em cima e pedindo sua bebida? Roland sabe o que significa quando eu trago pessoas de fora aqui.

Neil puxou a mão sob as garras de Andrew, mas Andrew deu um puxão em sua cabeça em aviso. Uma sensação de calor desceu o pescoço de Neil que chiou de dor e ficou imóvel. Andrew levantou de sua cadeira inclinando-se para frente, deixando Neil tomar seu peso enquanto olhava em seus olhos.

– Quase lá – disse ele. – Só um minutinho e ele vai apagar. Até então, por que você não vai se divertir um pouco? A noite é uma criança.

Neil não viu Aaron se levantar, no entanto ele esperava atrás de Neil quando Andrew o soltou. Neil estendeu a mão com a intenção de socar Andrew, mas Aaron agarrou a costa de sua cadeira e puxou o suficiente para derrubá-lo. O mundo girou em uma velocidade doentia mesmo depois de Neil ter ido ao chão. Neil pôde sentir as drogas através de seu sistema nervoso. Seu coração bateu mais forte do que a batida eletrônica, o sacudindo de dentro para fora.

Nicky e Aaron demoraram a levantar Neil do chão. Eles o arrastaram pala longe da mesa. Neil tropeçou mais de uma vez, incapaz de sentir o chão sob seus pés. Tentou se livrar do aperto de Aaron, mas não conseguiu até que tinham chegado às escadas da pista de dança. Então Aaron os deixou ir. Neil desceu as escadas aos tropeços com apenas Nicky amortecendo sua queda. Nicky passou um braço em volta de sua cintura e o arrastou entre a multidão.

Silhuetas e luzes desfocadas passaram ao seu redor o fazendo sentir-se enjoado. Ele arranhou o braço de Nicky enquanto lutava para se libertar. Nicky não o soltou até chegar ao meio da pista de dança. Puxou Neil contra seu corpo e

segurou o queixo de Neil em seus dedos forçando a cabeça de Neil para trás.

O beijo de Nicky foi mais agressivo do que Neil esperava que fosse, e havia mais do que apenas língua. Tinha queimação de vodka, Nicky também compartilhou com ele o sabor doce do pó de anjo. Neil não queria engolir, mas queimava demais para segurá-lo na boca.

– É assim que o jogo continua –, disse Nicky contra seu lábio. – Pare de lutar se quiser sobreviver.

– Foda-se –, rosnou Neil.

– Boa sorte, Neil.

Nicky o largou e desapareceu na multidão rápido de mais para Neil segui-lo. A súbita perda de apoio o fez cair. Ele não podia sentir suas pernas. Foi bastante trabalhoso para agachar-se, e dois estranhos tiveram que ajudá-lo. Neil aproveitou o momento para se afastar, mas não sabia qual caminho tomar. Ele não podia ver a saída através de todas as pessoas, especialmente com as luzes piscando.

Uma mão se aproximou de suas costas e o empurrou. O empurrão o livrou da multidão, jogando-o contra a parede dos fundos. Andrew apoiou o ombro contra a pintura escura, fora de seu alcance. Neil queria rasgar sua garganta, mas estava se esforçando para permanecer em pé. Ele se contentou em canalizar seu ódio em um olhar feroz.

– Tanta ingratidão – disse Andrew. – Essas bebidas foram caras.

– Eu te odeio.

– Pegue uma senha e entre na fila com o resto da equipe. Não vou perder o sono.

– Melhor não dormir, eu vou te matar.

– Você vai? – perguntou Andrew. – Vai fazer isso sozinho, ou vai pagar alguém para fazer o trabalho sujo? Você certamente tem bastante dinheiro para pagar um assassino de aluguel. Me pergunto, o que um Zé-ninguém como você está fazendo com tanta grana.

– Encontrei na calçada.

– Jura? – disse Andrew pausadamente. – É por isso que não gasta ou só gosta de parecer um sem-teto? A equipe está dividida, sabia? A maioria acha você uma caçamba de lixo, como a Dan. Renee pensa grande. Eu também. Eu acho que você é algo um pouco mais como nós. – Andrew inclinou-se para ele pronunciando cada sílaba. – Fugitivo.

Se estivesse sóbrio Neil estaria mais preparado para ouvir essa palavra. Com o pó de anjo em seu corpo e a música alta martelando sua pele, ele não conseguiu esconder sua hesitação.

– Cuide da sua vida.

– Hoje é a noite de cuidar da vida do Neil –, disse Andrew. – Não notou? Me dê algo verdadeiro ou não vou deixar você ficar.

– A equipe não é sua. A decisão não é sua.

– Não me obrigue a provar que você está errado. Que tal se eu chamar a polícia e pedir para checar seu nome? Será que vão encontrar algo interessante?

– Que ameaça mais escrota – disse Neil. – A polícia nunca faria favores para alguém como você.

– Conheço um policial que faria – insistiu Andrew. – Se eu ligar e lhe disser que você é um garoto problemático, ele faria uma prioridade.

– Cale a boca. Por que não pode me deixar em paz?

– Porque eu não confio no jeito que você olha para ele – disse Andrew. –

Edgar Allen vai estar em nosso distrito e você entrou na minha equipe. Você, um Zé-ninguém do Arizona que de alguma forma conseguiu atrair o olhar de Kevin. Você, uma mentira da cabeça aos pés, com um saco cheio de dinheiro e o pau duro para cima de Kevin e Riko. Entende?

Neil estava tão confuso quanto furioso.

– Eu não sou um espião. Você está brincando comigo?

– Prove –, disse Andrew. – Tem um minuto para pensar no assunto. Você tá testando minha paciência. Volto logo.

Andrew afastou-se da parede e entrou na multidão. Neil observou-o ir, então se apoiou contra a parede e agachou-se. Ele não sabia qual caminho o levaria à saída, mas se pudesse pelo menos encontrar uma escada na pista de dança conseguiria descobrir algo. Sua sobrevivência dependia de sua saída desse clube enquanto ainda tinha alguma consciência sobre si.

Finalmente, enxergou as escadas através de um espaço entre as silhuetas. Ele se levantou, apenas para ser parado por Nicky descendo delas. Nicky agarrou seus ombros o puxando de volta para a multidão, Ignorando o jeito que Neil o empurrou para se libertar.

Esse beijo teve um gosto pior, Neil sentiu sua boca dormente.

E o resto da noite seguiu em explosões de cores e luzes.

CAPÍTULO OITO

Neil acordou em uma cama desconhecida em um quarto igualmente desconhecido. Essa sensação desorientadora era compreensiva, depois de ter se mudado tantas vezes, por isso não foi motivo para alarme imediato.

O peso de um braço sobre ele era de alguém que seu corpo conhecia, mas de alguma forma parecia confuso. Havia algo errado, sua mente confusa não estava preparada para processar. Ele piscou fortemente contra a dor de cabeça martelando seu crânio. Sentia-se meio morto, embora não conseguisse entender o motivo.

Sua primeira tentativa de mover-se lhe deu uma forte dor nas costas, então relaxou nos lençóis. A espera aliviaria a dor de seu movimento repentino.

– Mãe? – disse ele, sussurrando quase inteligível.

A pessoa atrás dele havia compreendido, a julgar pelo tom irônico.

– Não exatamente.

Neil conhecia aquela voz.

De repente, os acontecimentos da noite anterior despertaram em sua mente: luzes de laser piscando, música, silhuetas e a voz de Andrew em seu ouvido. Ele afastou-se, mas não muito longe. A dor fez com que afundasse no colchão. Nicky puxou seu cabelo, empurrando sua cabeça para fora da cama. Havia uma lata de lixo que Neil mal tinha percebido antes de se atirar nela. Nicky sussurrou palavras tranquilizadoras que Neil não conseguiu ouvir.

Assim que pode respirar novamente, Neil virou-se e empurrou Nicky com toda a força remanescente. Estava muito indisposto e fraco para conseguir empurrar Nicky para o outro lado da cama, mas o coturno, que ainda usava,

deixaria hematomas nos braços e peito de Nicky.

– Ei, ei –, protestou Nicky, tentando desviar, – Está tudo bem. Aí! Poderia relaxar?

– Não toque em mim, porra – Neil gritou selvagemmente.

Nicky recuou e sentou-se na beira da cama.

Neil lutou para levantar-se, usando a cabeceira da cama e o criado mudo como suporte. Ficar em pé exigiu tanto esforço que teve que parar e tomar fôlego, uma vez que conseguiu.

– Ele acordou? – Alguém perguntou da porta.

Neil pegou o despertador e atirou no recém-chegado, que se abaixou a tempo. O despertador atingiu o batente da porta. Aaron esperou até cair no chão antes de voltar para a porta. Neil pretendia procurar outra arma, mas mover-se tão rápido virou seu estômago do avesso. Pegou a lata de lixo, de novo, e se engasgou com tanta força que quase caiu.

– Onde está Andrew? – perguntou Nicky, saindo da cama e aproximando-se ao lado de Neil.

– Ele e Kevin foram buscar nosso almoço.

– Acho que o Neil não pode comer qualquer coisa.

– Ele pode ficar só olhando.

Nicky colocou uma mão cuidadosa no ombro de Neil.

– Vem. Vou pegar um pouco de água.

Neil a retirou, mas suas pernas recusavam a sustentar seu corpo. Por duas vezes Nicky lhe deixou levantar, antes de passar um braço em volta das costas de

Neil e estabilizá-lo.

– Calma, agora só vou ajudá-lo até a cozinha, tudo bem? Sem gracinhas, eu prometo.

– Como se eu confiasse em você.

– Você não tem escolha –, disse Aaron, indo à frente deles.

Nicky ajudou Neil pelo corredor até a cozinha e o colocou na mesa com um copo de água. A garganta de Neil queimava, mas ele recusou-se a beber. Ele encarou Nicky, que olhou para Aaron por ajuda. Aaron olhou de volta por cima de sua xícara de café, indiferente e inútil. Nicky suspirou e voltou-se para Neil novamente.

– Posso dar uma olhada na sua cabeça, ou você vai me morder se eu tocar em você?

– O que eu disse ontem à noite? – perguntou Neil.

– Para mim, nada além de uma ameaça de morte muito criativa. – A boca de Nicky curvou-se em um quase sorriso, mas a suprimiu, talvez entendendo que Neil o esmurraria. – Não sei como foi sua conversa com Andrew, mas não terminou bem. Dizem por ai que você mesmo pagou cem dólares para um garçom te desmaiar. Foi a maneira mais rápida de acabar com sua noite.

Neil não se lembrava, e as lacunas em sua memória o fizeram tremer.

– Beba um pouco – disse Nicky. – Hoje você vai precisar de bastante água. O pó vai desidratá-lo igual uma minhoca no sol.

Neil respondeu derramando o copo na mesa.

– Isso foi muito maduro –, disse Aaron.

Neil atirou o copo para ele. Aaron deu um tapa e deixou o copo quebrar no

chão.

Nicky suspirou.

– Não diga que eu não avisei, você pode tomar banho primeiro, ok? Quando terminar, Andrew vai ter chegado e você pode perguntar sobre a noite passada.

Nicky levou Neil até o banheiro. Começou a dizer algo, mas Neil fechou a porta em sua cara e trancou-a. Neil aproveitou a privacidade dando-se trinta segundos para absorver a raiva pela estupidez da noite passada. A raiva não o ajudaria agora e não apagaria o acontecido, ou não acontecido, da noite passada.

Neil verificou sua cabeça no espelho e encontrou uma protuberância considerável perto de sua orelha esquerda. O tocou com dedos cuidadosos, depois bebeu punhados de água da pia. O zumbido em sua cabeça acalmou-se e sua garganta não estava queimando tanto, então fez um balanço do lugar. Havia uma pilha de roupas novas sobre a tampa do vaso fechado. O chuveiro estava abastecido, e uma toalha limpa pendurada em um gancho na parte de trás da porta. Uma janelinha entre o espelho e o chuveiro, com vidraça translúcida opaca bloqueando o exterior.

Agora, a janela era a única coisa que realmente importava.

Nicky queria que Neil esperasse por Andrew, mas Neil não conseguiria ficar por tanto tempo. De maneira alguma ficaria no carro com eles em um longo passeio de volta para Palmetto. Ele teria as respostas e as explicações que precisava, mas não em território desconhecido com todos contra ele.

No bolso de moedas de sua carteira tinha um par de lentes extras. Neil abriu os pacotes de papel e as usou, trocou as roupas da noite passada por jeans e camiseta. A roupa tinha um ajuste perfeito. A lembrança de como tinham conseguido seu tamanho só o deixou com mais raiva. Neil descartou suas roupas do clube dentro do vaso sanitário, empurrando-as tão profundamente na água quanto pôde e fechou a tampa. Abriu a cortina do chuveiro e o ligou. O som da água era quase o suficiente para esconder o som de Neil abrindo a janela. Sair

por ali precisaria de muito contorcionismo, já que ele era bastante grande para a janela, mas o desespero era um lubrificante valioso.

O enjoo persistente causado pelas drogas o impediu de mover-se o mais rápido que queria, mas ele já havia viajado de formas muito piores e não tinha desistido. Ele andou sem saber para onde estava indo e folheou sua carteira para contar o dinheiro. Tinha levado várias centenas de dólares em um monte, preparado para o pior cenário, de não ter seu fichário por perto. Ele tinha mais que o suficiente para voltar ao norte do estado.

Seguir as ruas maiores finalmente o levou a uma estrada principal. Só teve que ir algumas quadras antes de poder pegar um táxi. A seu pedido, desceu em um posto de gasolina mais próximo. Havia um telefone público decrépito no canto do estacionamento. Neil empurrou duas moedas e discou o número de Matt de cabeça.

Neil consultou o relógio. Eram quase dez.

– Matt, é o Neil. Eu acordei você?

– Não, já estou acordado –, disse Matt, mas Neil ouviu o bocejo em suas palavras. – Onde você esteve? Eu não ouvi você voltar ontem à noite.

– Estou em Columbia, com Andrew.

– Você o que? – Matt passou de meio adormecido a desperto em um segundo. O alarme em sua voz fez Neil sentir-se pior. – Credo, Neil, por que diabos você fez isso? Ele...? – Matt ignorou o que diria e perguntou outra vez: – Você está bem?

– Estou bem – mentiu Neil.

Ele esperou que tivesse soado convincente, mas talvez Matt não estivesse lhe dando olvidos, porque ouviu:

“Eu vou acabar com ele.” A voz de uma garota falava algo ao fundo, abafado de mais para Neil entender. Neil imaginou que Matt havia afastado o telefone da orelha para responder, pois sua voz estava mais calma quando respondeu: – Ele está em Columbia.

– Jesus Cristo! – Isso definitivamente foi Dan, furiosa.

Matt estava de volta na linha em um piscar de olhos.

– Sério, você está bem?

– Estou bem –, disse Neil novamente, – Mas preciso de um favor. Eu acho que Andrew vai procurar algo meu, hoje. Se eu não estiver, você pode mantê-lo fora do nosso quarto? Fico te devendo uma.

– Você não vai me deve nada –, respondeu Matt. – Eu não te disse que sou bom nessas coisas?

– Obrigado –, agradeceu Neil. – Devo voltar em breve, eu acho.

– Você deve ter cuidado. Ok? – disse Matt. – Te vejo em algumas horas.

Neil desligou e entrou no posto de gasolina. Abasteceu-se com garrafas de água e um mapa, repassou a conversa na cabeça varais vezes enquanto andava pelos corredores. A reação de Matt ao paradeiro de Neil dizia muito. Matt já passara por isso; ele sabia o tipo de coisas que Andrew fazia em Columbia. Era o que Matt queria dizer quando disse que Andrew o colocou em seu lugar no ano passado. Era o que Andrew e Abby haviam discutido no primeiro dia de Neil. Aparentemente, levou a psiquiatra da equipe a cuidar de Matt depois que Andrew acabou com ele. Andrew tinha considerado a advertência de Abby a partido de Neil, ou Neil tinha evitado o pior ficando inconsciente?

Neil pegou um bloco de notas e uma caneta na mesa do caixa, que lhe emprestou uma lista telefônica para que pudesse procurar o número do serviço de táxi. O táxi chegou cinco minutos depois, levando-lhe ao estacionamento de

caminhões mais próximo, na Interestadual 20.

Havia uma dúzia de caminhões em todo estacionamento, a maioria em torno das bombas de combustível. Neil sentou-se na calçada para desdobrar seu mapa. Encontrou três combinações de estradas principais que o levaria para a região noroeste do estado. Então engoliu a náusea e aproximou-se do caminhoneiro mais próximo com um sorriso no rosto.

– Bom dia, sou sociólogo. Estou trabalhando no meu projeto de verão, posso perguntar para onde você está indo?

Levou quatro tentativas até Neil encontrar um condutor no sentido norte. A carroça estaria indo pela 77, que não era a primeira escolha de Neil, mas pelo menos cruzaria a I85 perto de Charlotte, Carolina do Norte. Era a interestadual que importava se quisesse voltar para Palmetto. Encontrar um caminhão era apenas uma parte do problema. A outra metade seria convencer um motorista a levar um estranho junto.

Ele ofereceu ao caminhoneiro seu maior sorriso.

– Estaria disposto a me dar uma carona até Charlotte? Eu posso pagar cinquenta dólares pela viagem e tenho algumas perguntas sobre este tipo de trabalho.

– Não estou interessado em levar passageiros – respondeu o motorista.

Neil aceitou sem argumentação e seguiu em frente. Nenhum dos outros cinco iria para onde ele precisava, então ele esperou num canto enquanto os doze caminhões eram lentamente substituídos. Quando novos caminhões chegaram, ele tentou novamente. Desta vez, teve sorte na terceira tentativa. Não só a mulher estava disposta a levá-lo, mas estava indo para o noroeste, na I-26. Era a rota mais rápida para 85. Neil só teve que esperar até que o tanque estivesse cheio e, em seguida, partiram.

Neil já tinha feito caronas assim do Novo México para Phoenix. A entrevista

que ele havia inventado era fácil. Tomou nota de tudo que a motorista disse, cuidadosamente para desempenhar o papel de estudante interessado. Ela o deixou em uma segunda parada de caminhões em frente ao *Spartanburg* e despediu-se com uma buzinada.

Seria mais fácil pegar uma carona ali.

Neil refez sua entrevista novamente. O motorista tinha perguntas para ele também, e Neil inventou suas respostas enquanto partiam. Foi trabalhoso convencer o motorista, de que sim, estava tudo bem em ser deixado na interestadual, mas Neil já tinha conseguido o que queria. O caminhão parou no acostamento alguns quilômetros depois para deixar Neil. Era um pouco depois do meio-dia. O enjoo tinha aliviado, mas sua cabeça ainda doía. Neil saiu a pé, caminhando até o posto de gasolina mais próximo. Comprou duas garrafas de água, sentou-se na calçada para beber e comprou mais algumas. Enquanto esperava a dor de cabeça passar, estudou seu mapa. Estava a cerca de dezessete quilômetros do campus. O caminho era curto o suficiente, provavelmente não pegaria uma carona, ficaria bem andando. Seria mais rápido correr, mas ele não estava se sentindo bem o suficiente para experimentar.

Sem caminhoneiros para distraí-lo, poderia usar a caminhada para pensar. A única lembrança que ele tinha de ontem à noite eram as acusações de Andrew. Ele não sabia o que mais Andrew tinha lhe perguntado, ou o que tinha dito em resposta. Esperançosamente, ele tinha sido esperto o suficiente para mentir, apesar das drogas.

No entanto, uma coisa era certa. Neil não poderia permiti-se a outra noite como essa. Se Andrew realmente pensava que Neil era uma ameaça a Kevin, o quão longe iria para provar seu ponto? Neil não queria pagar para ver, mas evitar isso significava comprometimento. Ele tinha que contar algo para Andrew. A verdade estava fora de questão, no entanto, Andrew sentia o cheiro de mentira a quilômetros. O que Neil necessitava era de algo que pudesse explicar tudo: seu dinheiro, a aparência e sua obsessão por Kevin.

Neil passou quase três horas bolando uma meia verdade perfeita. Os detalhes que teria de abrir mão fazia seu sangue correr frio, mas se conseguisse que Andrew ficasse quieto, Kevin não o identificaria.

Neil ainda não estava pronto para enfrentar Andrew e não queria lidar com a curiosidade de seus colegas de time sobre sua ausência prolongada, então, em vez disso, foi para o apartamento de Wymack. Quando chegou, eram quatro e meia. Wymack tinha feito Neil ficar com a chave reserva, mas de qualquer forma Neil bateu em sua porta. Wymack abriu a porta como se quisesse arranca-la da parede, mas a surpresa tirou a fúria de seu rosto assim que viu Neil.

– Onde diabos você se meteu? – perguntou Wymack, olhando Neil de cima a baixo. – Andrew voltou de Columbia há horas atrás, Matt me ligou para dizer que você não estava com eles.

– Peguei um caminho diferente.

– É? – Wymack gesticulou para suas roupas encharcadas e sua pele suada. – O que você fez, correu até aqui?

– Caminhei – disse Neil, e Wymack o fitou.

Tardiamente, Neil percebeu que Wymack estava sendo sarcástico. Ele não aguentava mais, então Neil foi em sua direção com um dedo para cima.

– Eu pedi carona até o Spartanburg, depois para Northlake, e andei de lá até aqui, eu sei que é de repente, mas posso ficar aqui por um tempo?

Wymack agarrou seu cotovelo e o puxou para dentro. Diminuiu a velocidade e bateu a porta atrás de Neil.

– Você é estúpido ou só maluco? Você tem alguma ideia do que poderia ter acontecido com você de lá até aqui? O que você estava pensando?

– Estava pensando que não voltaria com eles –, respondeu Neil.

– Você deveria ter me ligado – disse Wymack. – Abby ou Eu, ou qualquer um dos colegas de time, tudo que você tinha a dizer era que não queria ficar com Andrew, qualquer um de nós teria ido buscá-lo.

Neil olhou para ele, muito assustado para responder. Wymack jogou a mão livre para cima em desgosto exagerado e arrastou Neil pelo corredor até a cozinha.

– Ande e beba um pouco de água – disse ele, soltando Neil.

Neil fez o que lhe foi dito, mas observou enquanto Wymack saía da cozinha. Wymack andava de um lado para outro pelo corredor com passos pesados e irritados. Em sua segunda passada seu telefone estava em sua orelha. Ele estava fora de vista quando alguém atendeu, mas Neil ouviu sua voz furiosa, alta e clara.

– Você tem cinco segundos para levantar essa sua bunda e vir ao meu apartamento, seu psicopata retardado! Se você ousar dizer que não, eu juro por Deus que vou jogar o contrato de Kevin em um depósito de lixo.

Neil deduzira que Wymack não ficara na linha a espera de uma resposta, pois já tinha desligado o telefone quando voltou alguns segundos depois. Ele carregava uma toalha e algumas roupas, e as empurrou para Neil.

– Você tá uma bagunça, saia da minha frente e se limpe antes que eu aperte seu pescoço.

Neil levou tudo pelo corredor até o banheiro e se trancou. Ele manteve a água morna enquanto lavava o suor do dia. As roupas que Wymack lhe dera eram ridiculamente grandes, mas pelo menos cobriram suas cicatrizes. Neil embolou suas roupas sujas na toalha molhada e saiu do banheiro com elas. Ele se sentiu relaxado pela primeira vez o dia todo, mas desapareceu com o som da voz zangada de Wymack.

Neil se arrastou pelo corredor em direção à sala de estar.

Andrew estava em silêncio no meio da sala, enquanto Wymack caminhava de um lado para o outro. A julgar pelo olhar impaciente em seu rosto, Andrew ainda estava sóbrio. Ele também estava de frente para a porta, o que significava que tinha avistado Neil primeiro.

– Fez um bom passeio? – perguntou ele, interrompendo o sermão de Wymack.

Neil rebateu seu olhar frio com um caloroso:

– Vai se foder.

Wymack estalou os dedos à frente de Andrew, tentando convencer Andrew a olhar para ele em vez de Neil.

– Eu não sei qual é a rixa entre vocês dois, mas termina aqui e agora. Abby e eu deixamos claro que não toleraríamos uma repetição do ano passado, Andrew.

– Não foi uma repetição. – A forma que Andrew falou pareceu já ter discutido esse ponto várias vezes. – Nós só demos pó de anjo, você acha que ele teria voltado aqui sozinho, do contrário?

– Não vem com essa pra cima de mim! Que porra você estava pensando?

– O que você estava pensando trazendo ele aqui? – rebateu Andrew.

Neil decidiu interromper antes que Andrew compartilhasse alguma de suas teorias.

– Treinador. Preciso conversar com o Andrew por um minuto, podemos usar seu escritório?

– Não –, respondeu Wymack. – Não confio em vocês dois, vão acabar se matando, então vocês vão ficar aqui até que isso seja resolvido.

Deixava apenas uma opção, mas Neil odiava perder sua carta curinga tão

cedo no jogo. Esperava que Wymack não pudesse falar alemão e trocou de idioma para focar em Andrew.

– Qual é o seu problema? Como pode ameaçar Nicky por dar em cima de mim, mas me drogou contra a minha vontade? Por que só não me deixa em paz?

Isso tirou a irritação do rosto de Andrew antes de responder em alemão.

– Isso foi inesperado. Ninguém te avisou que eu odeio surpresas?

– O que te faz pensar que eu me importo?

– Quantos idiomas você fala, fugitivo?

Neil o ignorou.

– Me diga por que você fez isso?

– Já fiz –, disse Andrew. – Ainda estou esperando sua resposta.

– Eu te respondi, já disse que não sou idiota. Você é retardado se pensa que sou.

– Então me corrija.

– Me dê um motivo.

– Além do óbvio? – questionou Andrew. – Se eu não puder ter uma resposta de você, eu vou buscá-la onde eu puder. Que tal eu começar com seus pais?

– Boa sorte –, disse Neil, sentindo frio por toda parte. – Eles estão mortos.

– Você os matou?

Ele perguntou tão casualmente, como se quisesse ganhar tempo, Neil só pode olha-lo por um minuto. Era um salto irracional de lógica que Neil não entendia como ele mesmo não pensou em perguntar isso. Então se lembrou com

quem estava falando e perguntou:

– Você matou os seu?

Andrew fez um gesto desdenhoso de dedos.

– Eu não tenho pais.

Era uma meia verdade.

Os gêmeos não sabiam quem era seu pai, e só Aaron crescera com sua mãe biológica. Andrew fora entregue para adoção quando tinha apenas alguns dias de nascido. Ele passou treze anos na casa de adoção e três no reformatório. Ele só se mudara para casa de sua mãe quando recebeu a liberdade condicional. Cinco meses depois, ela morreu em um acidente de carro. Neil duvidou de que Andrew tivesse ido ao funeral.

– Não matei meus pais –, disse Neil, mas não pôde continuar.

O medo era um aperto em torno de seus pulmões, tornando impossível respirar. Neil confiava na história que havia criado em sua caminhada, mas não queria dizer isso em voz alta. As palavras saíram em pedaços e ele esperava que sua relutância acrescentasse realismo às mentiras.

– A família de Riko fez isso.

Isso chamou a atenção de Andrew. Neil engoliu em seco, tentando limpar o aperto de sua garganta, e obrigou-se a explicar.

– Meu pai fazia parte de uma facção que negociava com os Moriyamas. Ele não era de muita importância nos grandes esquemas, mas tinha muitos contatos e sabia como fazer as coisas. Ele fez alguns negócios em Edgar Allen, que foi como eu conheci Kevin e Riko. Naquela época, eu não sabia quem eles eram. Eu só estava animado para conhecer crianças da minha idade. Pensei que íamos ser amigos.

– Então meu pai começou a ficar arrogante, estúpido e começou a desviar dinheiro. Ele roubou o dinheiro dos Moriyamas, que seria para seu chefe. Eles descobriram, é claro. Os Moriyamas o executaram junto com minha mãe, antes que seu chefe pudesse chegar até ele. Eu peguei o que ele tinha roubado e fugi. Tenho fugido desde então.

Andrew não estava mais sorrindo, mas Neil sim. Ele sentiu seus lábios curvarem, sabendo que era um sorriso doentio e maníaca. Ele enterrou as mãos em sua boca, tentando desviar os olhares de seu sorriso, mas estava congelado no lugar.

– Tive sorte por Kevin não me reconhecer –, disse Neil. – Não sei se ele lembra de mim, mas eu me lembro dele. Vê-lo me ajuda a lembrar de meus pais. Ele é tudo o que resta da minha vida real. Mas se Kevin ou Riko me reconhecerem e contarem ao chefe do meu pai, eu sei o que vai acontecer comigo.

Andrew nada disse por bastante tempo, Neil pensou que tinha estragado tudo, mas finalmente Andrew se mexeu. Wymack mudou de posição, pronto para intervir se as coisas ficassem violentas, mas Andrew apenas parou a frente de Neil.

– Então por que veio? – perguntou Andrew.

– Porque eu estou cansado –, Neil respondeu, tentando soar derrotado. – Eu não tenho outro lugar para ir, e tenho muita inveja de Kevin para ficar longe dele. Ele sabe o que é odiar todos os dias de sua vida, acordar com medo todos os dias, mas ele tem você, dizendo que tudo vai ficar bem. Ele tem tudo, mesmo quando perdeu tudo, e eu... – Neil não queria dizer isso, mas a palavra já estava lá quebrando a barreira entre eles. – Nada. É o que sempre vou ter e serei, um nada.

Andrew estendeu a mão e forçou Neil tirar os dedos da boca. Ele puxou a mão de Neil para longe e olhou para Neil sem nada entre eles. Neil não entendeu

a expressão em seu rosto. Não havia nenhuma censura sobre os pais desonesto de Neil ou piedade por suas mortes, nenhuma comemoração por ter feito Neil admitir tanto, e nenhum ceticismo óbvio para uma história tão estranha. Qualquer que fosse esse aspecto foi escuro e intenso o suficiente para engolir Neil completamente.

– Me deixe ficar – disse Neil, calmamente. – Não estou pronto para desistir disso ainda.

Aquele olhar estranho deixou o rosto de Andrew. Sua expressão limpou a dura indiferença e ele soltou Neil.

– Fique, se puder. Você e eu sabemos que não vai demorar muito tempo.

O estômago de Neil deu uma virada nauseante.

Ele estava mentindo desde que aprendeu a falar. O que ele acabara de contar a Andrew era cinquenta por cento verdades, a coisa mais honesta que já dissera a alguém sobre sua vida, e Andrew escutou tudo sem piscar. Neil não sabia como se sentir sobre isso. De forma alguma sentiu alivio, pois Andrew ainda poderia fazer perguntas, mas ele havia sido profundo de mais. Perguntou-se, por um momento, se Andrew conseguiria lidar com toda a verdade tão calmamente, mas isso era muito perigoso e estúpido para considerar.

– Vou partir depois do jogo contra Edgar Allen – disse Neil. – Já não me pareço como parecia antes, mas não posso arriscar que família de Riko me reconheça.

– Você tem uma inesperada vontade de viver para alguém que não tem motivos para isso. Da próxima vez que tivermos uma conversa franca como essa, talvez eu peça explicações.

– Nunca mais teremos uma conversa como essa.

– Não teremos –, concordou Andrew.

Neil hesitou, depois perguntou:

– Você vai contar para o Kevin?

– Não faça perguntas idiotas.

O alivio foi tão grande que quase se deixou cair de joelhos. Neil sugou uma respiração lenta e estridente e fechou os olhos. À medida que a raiva e o medo do dia diminuíam, ele sentia-se exausto e vazio. Talvez, à noite com Andrew em Columbia tivesse sido horrível, e, talvez, nunca quisesse dizer tais coisas em voz alta, mas ter o ar limpo entre ele e Andrew em algum grau tirou um enorme peso de seu ombro. Havia convencido Andrew a recuar e deixá-lo em paz. O Estádio Foxhole era seu até o jogo contra os Corvos. Não era liberdade, nem segurança, mas ele poderia respirar aliviado. Isso era o suficiente.

– Vamos embora –, disse Andrew em inglês.

Neil abriu os olhos.

– Para onde vamos?

– Voltar ao dormitório – respondeu Andrew. – Seus colegas de equipe estão nos incomodado desde que voltamos, exigindo que voltemos a Columbia para procurar você nas ruas.

– Ele pode ficar aqui se quiser –, interviu Wymack. – Posso ligar para Dan e avisar que ele está seguro.

Andrew não olhou para Wymack.

– Neil quer vir comigo.

Um dia atrás, essas palavras poderiam ter sido uma ordem ou uma ameaça, mas hoje Neil só escutou a verdade. Havia escolhido as Raposas. Tinha escolhido confiar em Andrew, seja lá o que isso significasse e quais consequências trouxessem. Não havia nenhuma razão ou necessidade de

esconder-se atrás de Wymack agora.

– Obrigado pelo banho – agradeceu Neil a Wymack. – Vou lavar suas roupas e trazê-las de volta na segunda-feira.

Wymack olhou entre eles, obviamente, perguntando-se se eles haviam realmente resolvido as coisas com facilidade e continuou:

– Sem pressa.

– Agora vamos – disse Andrew, e levou Neil para fora.

Wymack havia comunicado com antecedência, pois quando voltaram para o dormitório todas às Raposas estavam no corredor esperando por eles. Kevin, Aaron e Nicky encostados na parede próxima à porta de sua suíte. Os veteranos em um pequeno grupo no meio do corredor, fora do quarto de Dan. Neil queria ignorar as perguntas e se esconder em seu quarto, mas assim que esteve perto o suficiente Dan agarrou-o pelos ombros e o apalpou a procura de ferimentos.

– Você está bem? – perguntou Dan.

– Estou bem.

– Andrew? – perguntou Kevin.

Andrew parou em frente à porta, tempo o suficiente para fitar Kevin.

– Lavo minhas mãos disto. Ele é problema seu agora.

Ele desapareceu em seu quarto. Aaron e Nicky trocaram olhares antes de segui-lo. Kevin foi o último a ir, não sem primeiro enviar um olhar a Neil. Neil olhou a porta se fechar atrás deles, e então enfrentou o resto de seus companheiros de equipe. Dan ainda parecia zangada, e Matt parecia atento a uma briga. Seth e Allison já estavam voltando para o quarto de Neil, provavelmente aborrecidos pelo final pacífico. O olhar de Renee lhe procurava. Neil não conseguiu segurar seu olhar por muito tempo.

– O treinador disse que você pegou carona até aqui –, disse Dan. – Eu gritaria com você por ser tão burro, mas o treinador disse que já fez isso.

– Lição aprendida – disse Neil. – Da próxima vez telefono para um passeio de volta.

– Não vai ter uma próxima vez. – Dan suspirou pesadamente e esfregou o rosto. – Vamos.

Eles voltaram para a suíte de Neil.

Seis pilhas de cartas estavam viradas para baixo na sala, de um jogo interrompido, e rodeadas por latas de cerveja amassadas. Allison e Seth vasculhavam a geladeira quando Neil passou. Renee continuou na sala para pegar suas cartas, mas Dan e Matt seguiram Neil até o quarto. Eles pararam na porta e observaram Neil ir a seu cofre. Neil traçou as linhas com os dedos e puxou a fechadura da combinação. Não parecia violado, mas não podia verificar o conteúdo com uma plateia.

– Você estava certo – disse Matt. – Andrew tentou entrar.

– Nós não deixamos –, acrescentou Dan. – Ele não foi mais longe do que a porta da frente.

– Obrigado.

– Graças a Renee –, disse Dan. – Ela não toma partido muitas vezes.

– No entanto, é muito mais fácil quando ela toma –, concordou Matt.

– Andrew parece gostar dela – disse Neil.

– Eles se entendem – disse Matt, mas não explicou. – Estamos no meio de um jogo. Você devia participar. Vai ajudar a espairecer, eu acho. Passar muito tempo com Andrew irrita qualquer um.

– Eu acho que vou dormir mais cedo. Foi um dia longo.

– Vamos levar nossas coisas para o meu quarto – disse Dan, fechando a porta assim que saíram.

Neil esperou até que suas vozes sumissem antes de destrancar seu cofre. Encontrou tudo em seu devido lugar. Quando trancou novamente, percebeu que suas mãos tremiam. Ele ergueu os dedos trêmulos onde podia vê-los melhor e indagou-se sobre a vibração igualmente fraca em seu peito.

Esperança era uma coisa perigosa, e inquietante, mas pensou que talvez gostasse disso.

CAPÍTULO NOVE

Neil não avistou o grupinho de Andrew novamente até o treino da segunda-feira. Ele parecia feliz em manter distância, e eles finalmente haviam perdido o interesse por ele. Quando tiveram que interagir em quadra, foram curtos e civis. Até mesmo Kevin não reclamou. Suas observações sarcásticas desapareceram, substituídas por um olhar pesado e inabalável que de alguma forma fez Neil se sentir ainda mais insignificante do que antes. Neil recusou-se a perder sua condescendência, mas ser um inseto no microscópio de Kevin o deixava nervoso.

Ele ainda estava tentando resolver isso quando se deitou na cama naquela noite, mas não teve muito tempo para se concentrar. Alguém bateu na porta da suíte, muito forte para ser uma das meninas. Matt estava em seu computador na outra sala, e Neil ouviu sua cadeira ranger enquanto ele se levantava para investigar. Neil não ouviu o que ele ou o visitante disseram, mas definitivamente ouviu a porta se fechar contra o corpo firme de alguém.

– Kevin, eu juro por Deus...

O nome de Kevin foi o suficiente para tirar Seth da cama.

O veterano do quinto ano jogou os lençóis e rolou para fora da cama. Diante de Seth e Matt, Kevin não teve escolha senão recuar, a porta fechou-se alguns segundos depois. Neil olhou para a porta do quarto, o coração martelando no peito. Kevin não tinha ido ali para nenhum dos dois, significava que ele estava a sua procura. Neil não sabia a motivação, mas esperou desesperadamente que não fosse nada a ver com a conversa tida com Andrew. Por que havia pensado que Andrew manteria sua história em segredo? Andrew e Kevin eram como gêmeos siameses.

Dormir depois disso foi quase impossível e levantar-se para treinar na manhã

seguinte foi uma tarefa árdua. Ele se preparou para o pior, mas a terça-feira foi uma repetição de segunda-feira: A mesma indiferença dos primos e os olhares avaliativos de Kevin. Neil ficou quase aliviado, até que Kevin foi ao seu encontro no final do treino. Ele acabara de desligar o chuveiro quando Kevin bateu uma vez na porta da sua cabine de banho.

– Da próxima vez que eu for até você, é para me seguir –, disse Kevin.

– Por quê? – indagou Neil.

– É hora de ter o que é meu –, respondeu Kevin. – Andrew não vai mais interferir.

Neil não entendeu, mas Kevin não ficou para explicar.

Às dez horas, bateram na porta de seu quarto novamente. Neil assistia a um filme com Seth e Matt, mas se certificou de que seria o único a se levantar do sofá. Ele não ficou surpreso ao encontrar Kevin esperando do outro lado. Seth praguejou violentamente com a visão de Kevin na porta. O som do filme foi abruptamente cortado quando alguém fez uma pausa, e o sofá rangeu quando os outros se levantaram ao mesmo tempo.

– Que parte do 'Você não é bem-vindo' você não entendeu? – questionou Matt.

Kevin os ignorou e empurrou uma bola de Exy contra o peito de Neil.

– Vamos.

Neil hesitou, mas não teve muito tempo para decidir. Seth e Matt estavam aproximando-se rapidamente atrás dele, preparados para uma briga. Neil estendeu o braço para detê-los. Se Seth estivesse à frente poderia ter se atirado em Neil para por as mãos na garganta de Kevin, mas Matt o puxou.

– Volto mais tarde – disse Neil sobre o ombro.

– Você é demente? – perguntou Seth.

– É – respondeu Neil. – Terminem o filme sem mim. Não me importo.

Seth bufou e saiu imediatamente, mas Matt foi até o corredor assistir Neil e Kevin. Neil não olhou para ele, seguiu Kevin no andar de baixo para o estacionamento dos fundos. Havia mais carros agora do que no início do verão, mas Neil não tinha visto rostos novos ao redor do dormitório. Qualquer equipe que estivesse de mudança deveria estar em um andar diferente da equipe de Exy, e Neil não estava com pressa para conhecê-los.

Andrew esperava por eles no carro. Neil ficou surpreso mesmo sabendo que não deveria. Kevin não iria a lugar nenhum sozinho. Não importava o horário da noite; Com Edgar Allen em seu distrito, Kevin não ficaria corajoso repentinamente. Neil pensou sobre a última vez que foi ao estádio no meio da madrugada e descobriu que Andrew observava Kevin praticar. Isso o fez se perguntasse: quantas vezes eles fizeram isso?

Andrew estava no banco do motorista, com os braços cruzados sobre o volante improvisando um travesseiro para repousar sua cabeça. Seus olhos estavam fechados e ele não se mexeu quando Kevin abriu a porta do passageiro. Kevin se inclinou e olhou-o.

– Posso dirigir, você sabe –, disse Kevin.

– Você só vai dirigir meu carro no dia em que eu estiver morto –, disse Andrew. – Vai entrar ou vamos voltar para a cama?

Kevin suspirou pesadamente, como se Andrew estivesse sendo extraordinariamente difícil e entrou. Neil entrou e sentou-se no meio do banco traseiro, onde pode enxergar ambos. Andrew girou a chave na ignição quando se aprumou, e levou-os até o estádio.

Kevin lhes deixou atravessar os portões e vestiário com seu molho de chaves. Andrew ficou na sala de espera, enquanto Kevin e Neil colocavam os

equipamentos, observando os dois juntarem suas raquetes, alguns equipamentos e seguirem para o pátio interno. Quando Kevin e Neil foram até a entrada da quadra, subiu a arquibancada para aguardá-los.

Kevin afastou a porta, colocou as bolas e a raquete de lado, fazendo com que Neil se movesse imediatamente. Eles deram algumas voltas ao redor da parede de acrílico, fizeram um intervalo e se alongaram no meio da quadra. Quando Kevin esteve satisfeito, começou a fazer exercícios. Eles começaram com um simples jogo de captura e rapidamente intensificaram para exercícios mais complicados. Neil reconheceu só alguns deles. Os quais ele não conhecia eram mais difíceis de entender e a impaciência de Kevin, ausente nos dois últimos dias de treinos, reapareceu de forma hostil.

O último exercício foi o mais difícil.

Kevin pegou cones do vestiário e posicionou formando uma linha de seis. O objetivo era: rebotar a bola na parede da quadra, com a precisão de que atingisse os cones. Não bastava ter uma pontaria precisa; Neil precisava ser preciso e poderoso. Neil não esperava que fosse tão difícil, no entanto nunca precisou de tamanha precisão antes.

Rebotes eram usados para passa à bola aos companheiros de equipe por toda a área. Os companheiros de equipe eram alvos inteligentes e móveis que poderiam reagir à trajetória da bola, enquanto esses cones eram alvos estáticos.

Na primeira rodada, Neil conseguiu atingir o total de um cone. Kevin conseguiu três dos seis, no entanto o fez com sua mão mais fraca, então seus erros não fizeram Neil se sentir melhor.

– Você teve bastante tempo livre para aperfeiçoar exercícios como esse –, começou Neil depois de falhar na segunda rodada.

– Esse é um exercício dos Corvos –, disse Kevin. – Ninguém é autorizado a jogar até que ele ou ela possa acertar cada cone em qualquer ordem que o mestre mandar. Os calouros passam semanas e meses tentando ganhar um lugar na

equipe.

– Mestre?

– Treinador Moriyama – Kevin esclareceu, depois de uma pausa.

Neil atentou-se a expressão amarga vinda com a resposta de Kevin, porem não soube se era por ter feito Kevin dizer seu nome ou por ter cometido um deslize tão óbvio. Kevin se recompôs, mudando sua raquete para a mão esquerda e dando-lhe um giro experimental.

– Chame os cones para mim, não pare.

Neil não achou uma boa ideia, Kevin jogar com a mão esquerda, mesmo tendo passado seis meses de seu acidente, mas não discutiu. Ele chamou os cones em ordem aleatória com apenas um segundo de intervalo. Kevin não esperou ele terminar, pegou as bolas do chão, posicionou a sua frente e lançou contra a parede. Todos os seis arremessos de Kevin acertaram os cones na ordem exata que Neil chamou. Kevin atingiu o último cone com força suficiente que ricocheteou para longe.

Entre a briga das Raposas na semana passada e a intimidação de Kevin durante todo o mês de maio, Neil quase esqueceu o porquê gostava tanto de Exy. Ele havia feito o seu melhor nos treinos e trabalhou principalmente para manter seus colegas de equipe por perto. Quando Neil examinou a lesão de Kevin, finalmente se sentiu inspirado novamente. Em seu calcanhar estava um anseio, uma pressa desesperada.

– Eu quero fazer isso – disse ele.

– Então comece tentando.

Kevin voltou a posicionar seus cones e voltou a girar sua raquete na mão direita. Deu a sua mão esquerda uma pequena sacudida quando retornou a sua posição de antes.

– Este é o primeiro de oito exercícios de precisão dos Corvos. Quando dominar este, vamos seguir em frente. Nos encontraremos todas as noites da semana, exceto sexta-feira, até que você possa fazer todos eles de olhos fechados.

– Mas já perdemos um mês de treino –, disse Neil. – Por que não começamos em maio?

– Porque você atiçou Andrew desnecessariamente –, disse Kevin irritado. – Ele disse que eu não poderia ficaria sozinho com você e não deixaria que eu o trouxesse aqui.

– E você sempre faz o que Andrew manda? – questionou Neil.

– Ele é a única razão pela qual eu posso ficar aqui, então sim – respondeu Kevin. – Agora cale a boca e treine. Estamos atrasados de onde você deveria estar.

Eles passaram a meia hora seguinte no mesmo exercício antes de trocar para os de agilidade. Kevin encerrou beirando meia-noite e meia. Neil ficou desapontado por parar depois de apenas duas horas, mas enquanto ajudava Kevin a coletar as bolas e cones a fadiga apareceu. Ele estava bocejando quando seguiu Kevin para fora da quadra.

Kevin foi às arquibancadas a encontro de Andrew, então Neil foi tomar uma ducha por primeiro. Estava quase terminando quando Kevin se juntou a ele. Neil secou-se e vestiu-se no calor úmido do banheiro e entrou no vestiário para largar o uniforme. Ele esperou por Kevin, e depois seguiu Kevin até ao salão para juntar-se a Andrew na saída. Andrew não falou nada a nenhum deles quando voltaram ao dormitório, e ambos subiram as escadas para o terceiro andar em silêncio.

Neil foi silencioso enquanto entrava na suíte, no entanto o excesso de cuidado foi desnecessário. Matt estava em sua mesa, com olhos turvos e postura inclinada. Ele se animou um pouco enquanto Neil fechava a porta, e através da

luz de seu monitor Neil pode ver a preocupação no rosto de Matt.

– Tá legal?

Neil percebeu que Matt estava a sua espera. A surpresa brigou com a culpa inesperada em um desconfortável remorso.

– Sim. Ele está me ensinando os exercícios dos Corvos.

– Você vai odiar se levantar de manhã –, disse Matt, desligando o computador.

Neil sabia que não iria.

Ele ficaria cansado e dolorido, mas se levantaria para poder voltar ao estádio. Não valia a pena discutir, então murmurou algo ininteligível e seguiu Matt para o quarto. Matt jogou-se na cama enquanto Neil recolhia suas roupas de dormir, e quando Neil acabou de se trocar Matt já estava dormindo. Neil subiu a escada de sua cama e desmaiou assim que sua cabeça bateu no travesseiro.

Pareceu questão de segundos até que o despertador acordou-o novamente. Neil voltou a verificar seu relógio para ter certeza de que estava certo, esfregou a exaustão dos olhos e desceu a escada para se preparar para o dia.

Talvez o treino da noite passada tivesse sido um quebra-gelo no estranho mundo de Kevin, pois os comentários impacientes retornaram pela manhã. Eles haviam escutado as desilusões irritadiças de Kevin durante todo verão, porém os insultos e hostilidades começaram depois de ouvir sobre a mudança de distrito. Neil tentou apreciar essa diferença, quase conseguiu.

Os primos ainda não tinham nada a lhe dizer, contudo Neil percebeu que Nicky observava Kevin e ele de vez em quando durante o treino. Parecia que Nicky não tinha percebido o gelo descongelando entre os dois. Neil esperou que ele dissesse alguma coisa, mas, quando Neil olhou para ele, Nicky fingiu ter encontrado algo interessante. Neil o deixou escapar, não querendo ser o primeiro

a romper o silêncio depois de Nicky ajudar Andrew a droga-lo em Columbia.

A paciência de Nicky durou até à tarde de quarta-feira.

Andrew tinha sessões semanais com sua psiquiatra, às quartas-feiras. Nicky o deixou no centro médico enquanto as Raposas almoçavam e buscou-o a tempo para o treino da tarde. Os garotos estavam todos no vestiário, verificando as travas em suas armaduras e pegando seus uniformes novamente, quando Nicky começou.

Quando Nicky finalmente falou, em alemão, não foi diretamente para Neil.

– Acha que ele nunca vai nos perdoar? – indagou Nicky.

– Isso importa? – retrucou Aaron. – Ele não é problema nosso.

Neil ignorou o protetor apertado em torno de seu pescoço e se virou para encará-los. Andrew sabia que ele falava alemão, sendo assim, os dois deveriam saber que Neil podia entendê-los. Neil se perguntou se eles esperavam que ele se juntasse a conversa, como se Nicky estivesse o convidando indiretamente a perdoá-los ou condená-los sem que os outros escutassem, mas nenhum dos dois direcionou o olha para ele.

– O que você quer dizer com “ele não é problema nosso”? – perguntou Nicky, mas Aaron não respondeu. Nicky esperou, então perdeu a paciência. – Estamos realmente fazendo isso tudo de novo? Você quer ficar brigado com esse pessoal até a formatura?

– Quero que me deixem sozinho.

– É um esporte coletivo!

Os outros estavam ignorando-os, provavelmente pela conversa ocasional em alemão, mas o tom estridente de Nicky chamou atenção. Seth lançou uma cara irritada, mas Matt lançou um olhar curioso entre os primos. Kevin nem levantou o olhar, em tom de soberania, ocasionalmente usado em brigas, até o momento.

Nicky não pareceu notar a atenção que estava recebendo.

– Você não pode viver assim, Aaron. Não posso viver assim. É cansativo e deprimente.

– OK.

– Ok? Só “Ok”. Não está OK. Misericórdia. Às vezes você é tão parecido com Andrew, o que é horrível.

O rosto de Aaron ficou pálido.

– Vá à merda.

– Ei –, disse Matt, em voz alta. – Acabem com isso vocês dois. Mas que merda?

Aaron afastou-se do banco e disparou, deixando Nicky olhando furioso para ele. Matt olhou da porta para Nicky, o cenho franzido.

– Nicky? – ele perguntou.

Nicky lançou um olhar comovente e inclinou todo seu corpo em direção a Matt.

– Aaron feriu os meus sentimentos! Daria um beijinho para curar, Matt?

– Viadinho – disse Seth, ao sair.

Matt não deixou ser influenciado.

– Você tá bem?

Nicky fingiu confusão.

– Suponho que sim. Por quê?

Matt olhou para Kevin, depois para Neil, esperando que um deles o apoiasse. Kevin o ignorou, então Neil deu de ombros. Matt o deixou e terminou de se arrumar. Nicky vestiu seu uniforme e partiu alguns segundos depois. Neil o observou ir.

Não era fingimento. Eles não deixariam seus argumentos tomarem um lado tão pessoal sabendo que Neil ouvia tudo. Mas significava que Andrew não tinha contado a eles, e Neil não sabia o motivo de Andrew esconder um segredo tão grande de sua própria família. Talvez, tivesse esquecido depois de se dopar, no sábado à noite, mas era importante de mais para ser esquecido.

Neil não sabia qual jogo Andrew estava jogando ou o que esperava obter em troca do seu silêncio. Ele observou Andrew, quando o mesmo voltou do escritório de Betsy Dobson, mas quando teve a oportunidade de perguntar, o deixou escapar. Andrew estava dopado e alegre; Neil não queria que ele mudasse de ideia em uma explosão dispersa de alegria.

Naquela noite, Kevin estava à sua porta novamente. Neil ofereceu uma boa noite a seus companheiros descontentes e seguiu Kevin em direção ao carro. Andrew fumava no banco do motorista, mas descartou o cigarro assim que chegaram. Levou-os para o estádio, esperou que ambos se trocassem e subiu a arquibancada enquanto eles adentraram a quadra.

Quando Kevin trancou a porta da quadra, Neil perguntou:

– Com que frequência você vem aqui?

– Toda noite –, respondeu Kevin.

Neil olhou sobre o ombro em direção a arquibancada, mas sem conseguir enxergar Andrew.

– Ele não fica entediado disso tudo? Se nunca treina com você, então por que ele faz as suas vontades?

– Ele *vai* treinar – afirmou Kevin. – Ele só ainda não sabe.

– Pensei que não fosse otimista.

Kevin ignorou isso e começou a definir cones para uma corrida.

– Vamos.

Neil tirou Andrew de seus pensamentos e se concentrou nos exercícios de Kevin.

Eles tiveram duas semanas de treinos antes do CRE fazer o anúncio oficial sobre a mudança de distrito.

O treino do dia acabou e a equipe estava de volta ao dormitório quando Wymack ligou para alertá-los. Matt ligou a TV e mudou para a ESPN, para ver a notícia. Eles perderam o anuncio da notícia, mas ainda puderam ver as reações no programa. O apresentador gesticulava descontroladamente falando uma milha por minuto. Um de seus convidados balançava a cabeça em desaprovação exagerada; O outro continuou tentando e não interrompeu.

– Aí vem – disse Matt. – Eles vão ficar por cima de nós como feijão no arroz. O telefone do treinador vai ficar fora do gancho por semanas.

– Não assinei para fazer parte de um show de horrores – reclamou Seth, abrindo outra lata de cerveja. – Vamos mandar ele de volta para o norte e terminar com isso.

– Por que você odeia tanto ele? – perguntou Neil.

Seth olhou para Matt.

– Eu avisei que esse garoto era idiota.

– Por que você odeia tanto ele – esclareceu Neil, – a ponto de desejar tal coisa?

– Porque eu estou cansado dele conseguir tudo o que quer só por ele ser Kevin Day – cuspiu Seth.

Quando Matt começou a dizer algo, Seth apontou um dedo de advertência para ele e continuou:

– Sabe o que a fama te dá, seu merdinha? Tudo. Tudo o que ele deve fazer é pedir algo, e alguém dará. Não importa o que. Não importa quem. Todo mundo está morrendo de vontade de dar tudo o que ele quiser. Quando ele quebrou a mão, seus fãs gritaram por ele. Eles inundaram nosso vestiário com cartas e flores. Eles choramingaram, “O incrível Kevin Day não vai poder mais jogar”. Que suas vidinhas tinham acabado. Que sofreriam a perda para sempre. Mas me diga –, disse Seth, inclinando-se para frente no sofá olhando para Neil, – quando foi à última vez que alguém chorou por você? Nunca, certo? Eles estavam lá para Kevin a cada passo, mas onde estavam quando precisávamos deles?

– Então você tá com inveja –, disse Neil.

Seth fez como se fosse jogar a lata de cerveja em Neil.

– A vida dele não é mais importante do que a minha só porque ele é mais talentoso.

– Admita, seus ataques de raiva dificulta que qualquer um se importe com você –, disse Neil. – Você e Kevin são impossíveis de aturar, mas ele joga melhor. Óbvio que escolheriam ele.

– Olhe aqui, retardado – começou Seth, indignado.

– Ele tem razão – interviu Matt. – Esse é o seu último ano, Seth. Talvez seja hora de recomeçar. Dê ao povo alguém melhor e você vai conquistá-los.

– Que razão? – Seth voltou a cair no sofá novamente. – Nós somos a piada da NCAA e Edgar Allen vai nos massacrar no outono. Não importa o que eu faça. Ninguém nunca vai recrutar uma Raposa para a liga profissional.

– Bela atitude, Seth – disse Matt. – Continue encorajando o resto.

– Eu estou encorajando vocês – disse Seth. – Estou incentivando todos vocês a deixarem de ser estúpidos. Vocês não chegarão a lugar nenhum enquanto jogarem nesta equipe.

– Você é covarde de mais para tentar – disse Matt. – Neil e eu provaremos que você esta errado. Certo, Neil?

– Eu só estou aqui para jogar – disse Neil. – Não me importo com o futuro.

Matt olhou para ele.

– Você realmente não acredita nisso?

Neil deu de ombros.

– Lamento.

Matt olhou entre eles. Seth ergueu sua cerveja em um brinde silencioso, de alguma forma olhando tanto presunçoso quanto irritado.

– Não posso acreditar em vocês dois –, disse Matt por fim.

Nenhum dos dois garotos o respondeu.

Matt olhou para o teto a procura de respostas, e disse:

– Acho que nosso plano de jantar fora é arriscado. Eu não vou para o *Downtown* se a imprensa estiver fora; Não me importo com a quantidade de escolta policial no campus oferecido por Chuck. Vamos pedir alguma coisa e assistir um filme, ou algo do tipo. Fiquem onde estão, fiquem afundados na derrota ou algo do tipo enquanto vou ver a Dan.

Seth o vaiou pelas costas enquanto Matt saia, depois se virou para Neil.

– Talvez você não seja tão idiota quanto eu imaginei.

– Talvez eu seja – Neil o refutou, deixando Seth terminar sua bebida sozinho.

CAPÍTULO DEZ

As aulas estavam programadas para começar na quinta-feira, 24 de agosto, então o treino de quarta-feira foi uma bagunça. Neil esqueceu que as Raposas se encontrar contrariam com a psiquiatra, Betsy Dobson, antes de iniciar o semestre. Wymack dividiu-os em duplas durante a manhã, tentando emparelha-los de uma forma que não deixaria buracos na equipe. Matt e Dan foram os primeiro, depois Aaron e Kevin, Seth e Allison, Nicky e Andrew. Neil e Renee seriam os últimos.

Quando Andrew e Nicky voltaram ao estádio, Wymack chamou Neil e Renee. Andrew esperou por eles no pátio interno, o suficiente para entregar suas chaves a Renee.

– Obrigado – Renee agradeceu toda sorridente. – Vou cuidarei bem dela.

– Kevin não tem permissão para dirigir seu carro, mas Renee tem? – perguntou Neil.

– É divertido dizer não ao Kevin – disse Andrew, com um sorriso malicioso.

– Andrew só permite que Renee e eu dirija seu carro – disse Nicky.

Seu sorriso não tocou os olhos quando observou Renee girar as chaves na mão. Nicky só tinha coisas agradáveis a respeito de Renee, mas Neil logo percebeu que ninguém, incluindo Nicky, queria que Renee e Andrew fossem amigos. Nicky provavelmente concordava com os veteranos ao pensar que Andrew era uma péssima influência para alguém tão doce como Renee.

– Nem Aaron? – perguntou Neil.

– Não faça Bee esperar – cortou Andrew, e voltou à quadra.

Nicky apenas deu de ombros e o seguiu. Neil olhou entre Renee e Wymack, mas nem uma resposta para ele. Renee apenas sorriu calorosamente e disse:

– Vamos?

Neil e Renee se separaram no vestiário, tempo o suficiente para trocar de roupa e refrescar-se. Não havia motivo para tomar banho quando voltariam para o intervalo do almoço e depois mais exercícios, contudo ambos não queriam parecer bagunçados e suados no escritório de Betsy. Neil tirou a armadura, secou-se e vestiu o uniforme mais leve que tinham, para o cardio de mais tarde. Encontrou Renee no salão de espera e deixaram o estádio juntos.

Depois de todo o verão evitando com exatidão ficar a sós com Renee, Neil ficou preso com ela durante toda uma viagem do campus até o *Reddin Medical Center*. Ele queria perguntar o porquê de ela e Andrew se darem tão bem, mas não queria puxar conversa, então olhou fixamente pela janela esperando que ela entendesse a pista. De alguma forma, ela entendeu e preencheu o silêncio entre eles com o rádio.

Havia mais carros no *Reddin* do que Neil esperava, mas ele sabia que não deveria se surpreender. O ano letivo estava ao virar da esquina. A Torre das Raposas estava cheia agora, ele havia observado o tráfego no campus enquanto o resto do corpo estudantil se mudava para os outros dormitórios. Longos treinos e noites trancado em seu quarto significavam que tinha evitado a todos, até agora, mas pessoas continuavam a aparecer em seu dormitório à procura de Matt ou Seth. Neil fez seu melhor para manter-se fora de vista, já que Wymack ainda não tinha liberado seu nome ou rosto para o CRE. Ele queria proteger seu anonimato o tempo que pudesse.

Reddin era dividido ao meio, psiquiatras em um corredor fora da vista e uma série de escritórios de médicos mais próximos da entrada. Renee assinou o nome de ambos no balcão de recepção e foi pelo corredor em busca do escritório de Betsy. Neil sentou-se em um dos sofás azuis na sala de espera e tentou não olhar o relógio. Cada minuto que passava o deixava mais tenso, mas ele não conseguia

relaxar. A ideia de ficar trancado com uma psiquiatra por meia hora era horrível.

Pareceu uma eternidade, até que Renee voltou com uma mulher logo atrás. A Dra. Betsy Dobson tinha cabelos castanhos pálidos na altura do queixo e um pouco de curvas extras. Anos de sorrisos ficaram marcados em seu rosto de jeito que só o calor genuíno poderia cicatrizar. Parecia amigável, mas não inofensiva. Os olhos castanhos olhando para ele através de óculos de armação estreita eram brilhantes e inteligentes. Neil instantaneamente teve aversão a ela, com nervosismo e séria desconfiança em relação a sua profissão.

– Você deve ser Neil – disse ela. – Bom Dia.

Neil forçou-se a se levantar e atravessou a sala até ela. Ela estendeu a mão em sua aproximação, e Neil logo deu um aparto. Renee sorriu um pouco, talvez lhe em encorajamento, e caminhou em busca de um assento. Neil resistiu ao desejo de limpar a mão na calça e seguiu Betsy pelo corredor.

Havia apenas uma porta aberta e o nome de Betsy em uma placa ao lado. Neil convidou-se a adentrar e olhar em volta. Uma poltrona e um sofá com uma mesinha de café entre eles. Uma plantinha em um vaso no centro da mesa, as almofadas cuidadosamente arrumadas no sofá e na poltrona. Uma mesa no canto com torradeira e chaleira. Uma pequena estante contra a parede, mas apenas as três prateleiras de baixo tinham livros sobre elas. A de cima estava coberta de bugigangas de vidro, porém mesmo sua bagunça parecia organizada, uma vez que todos estavam definidos na mesma distancia uns dos outros.

– Você tem TOC – disse Neil quando Betsy entrou na porta atrás dele.

– Culpada das acusações –, disse Betsy alegremente. – Me chamo Betsy Dobson. Mas pode me chamar como quiser; respondo por qualquer coisa “Betsy”, “Doc” ou “Ei você”. Devo chamá-lo de Neil, ou prefere Sr. Josten?

– Tanto faz.

– Então, por enquanto, vou chamá-lo de Neil. Se você não se ofender ou

sentir que isso torna nosso relacionamento muito pessoal, apenas me avise e eu vou mudar para algo mais apropriado às nossas necessidades. Parece justo? – Ela deu-lhe um momento e disse: – Fique a vontade, eu vou fazer um pouco de chocolate quente.

Neil sentou-se no canto do sofá e disse:

– Mas estamos em Agosto.

– Chocolate é bom em qualquer época do ano, não acha? – perguntou Betsy.

– Não gosto de doces – respondeu Neil.

Betsy tirou uma caneca e um pote de achocolatado de uma das gavetas da mesinha.

– Como você já sabe, hoje é um compromisso casual para que possamos nos conhecer. Não é uma sessão formal onde vou analisar tudo o que você diz para comentar e aconselhar, então não se esqueça disso. Já esteve em um conselheiro antes?

– Não. Nem sei por que tenho que estar aqui agora.

– A Universidade de Palmetto o tornou obrigatório há alguns anos –, esclareceu Betsy. – O conselho espera muito de todos os seus alunos, e muito mais de seus representantes atléticos. Desta forma, eles permitem uma maneira de extravasar a pressão e o estresse nivelados em vocês.

– Eles estão controlando seus investimentos, você quer dizer –, acusou Neil.

– É uma ótima maneira de ver as coisas. – Betsy terminou de mexer a bebida e trouxe a caneca para a mesinha em frente à dele. – Conte-me um pouco sobre você, Neil.

– O que você quer que eu diga?

– De onde você é?

– Millport, Arizona.

– Nunca ouvi falar.

– É um lugar pequeno –, disse Neil. – As únicas pessoas que vivem lá são muito velhas para se mudar ou muito jovens para escapar. Não há nada a fazer, exceto praticar esportes ou bingo. Nós nos mudamos para lá porque é mais próximo de Tucson e Phoenix. Minha mãe trabalhou em uma e meu pai na outra.

– O que eles fazem?

Neil não falava muito sobre sua família em Millport, entretanto já chegou ao Arizona sabendo quem eram os Jostens e quais eram seus problemas. As respostas escondidas de seus colegas de escola e treinador teriam de ser suficientemente boas para Betsy.

– Minha mãe é engenheira –, respondeu Neil. – Meu pai está em treinamento para tirara a CDL[1].

– Será que eles vão tirar uma folguinha para assistir seu primeiro jogo?

Neil fingiu surpresa.

– Não. Eles não gostam de esportes.

– Mas Exy é obviamente muito importante para você – insistiu Betsy. – Você é realmente muito talentoso, me pergunto se eles não viriam para te dar apoio.

– Não. Na verdade não... – Neil gesticulou como se estivesse procurando por palavras. – Não somos muito próximos assim. Eles cerificam de eu ter chegado à escola, receber minhas provas e manter minhas notas, esse tipo de coisa. Eles nem sequer sabiam os nomes dos meus professores e nem assistiam meus jogos. Não vai mudar agora que estou na faculdade. Eles vivem suas vidas; Eu vivo a minha. É assim que funciona para nós.

– Como é?

– Já disse – continuou Neil. – Não quero falar sobre meus pais com você.

Betsy aceitou e continuou sem perder o ritmo.

– Você esta se dando bem com seus colegas de equipe?

– Tenho certeza de que a maioria deles são clinicamente perturbados.

– Quando você diz que acha que eles são “perturbados”, quer dizer que você se sente ameaçado por eles?

– Quero dizer, eles têm problemas – explicou Neil. – Você sabe mais do que eu. O jogo da sexta-feira provavelmente será um desastre, mas não acho que alguém se surpreenderá.

– Você está pronto para jogar?

– Sim e não –, respondeu Neil. – Eu sei que não sou bom o suficiente para jogar com uma equipe da primeira divisão, mas quero tentar. Assisto muitos jogos pela TV, mas nunca estive em um estádio de verdade em noite de jogo. Usamos um campo de futebol no Arizona que mal cabe duas mil pessoas. O treinador disse que a noite de abertura já esta esgotada. Quero ver com que o Estádio Foxhole parece quando está cheio. Aposto que deve ser insano.

– E sexta-feira é a sua estreia –, acrescentou Betsy. – O CRE tem sido generoso, deixando David ficar quieto sobre você por um tempo. Só consigo imaginar as consequências quando tirarem o coelho da cartola.

Demorou um pouco para Neil reconhecer o nome, por que somente Abby havia usado o primeiro nome de Wymack. Betsy ter dito David tão facilmente insinuou um relacionamento mais íntimo do que ele esperava que a psiquiatra e o treinador tivessem. Talvez fosse por ela passava bastante tempo com a equipe de Wymack, mas Neil não estava convencido.

Neil lembrou-se vagamente de seu primeiro jantar na Carolina do Sul, quando Abby disse que convidara Betsy para jantar com eles. Os três eram uma espécie de amigos, o que não era bom para Neil. O quanto eles, Betsy, Abby e Wymack, haviam conversado sobre as Raposas?

– Você é amiga do treinador –, acusou Neil.

– Abby e eu estudavamos juntas em Charleston e mantivemos contato após a formatura. Conheci David através dela –, disse Betsy. – Somos amigos, mas eu respeito à santidade ética de nosso relacionamento entre médico e paciente. O que você e eu falamos aqui fica entre nós. Eles nunca vão perguntar, e eu nunca vou contar. Acredita em mim?

– Como poderia? – indagou Neil. – Acabei de conhecer você.

– Eu respeito isso –, disse Betsy. – Espero poder ganhar sua confiança ao longo do tempo.

– Possivelmente.

Ele olhou para o relógio, calculou quanto tempo restava e engoliu um suspiro. Betsy notou sua distração, sem comentou sobre. Em vez disso, completou o resto da sessão com conversa ociosa sobre a temporada e o próximo semestre.

Neil continuou alimentando-a com suas respostas fáceis que não levantariam nenhuma bandeira e contou os minutos em sua cabeça. Quando seu tempo acabou, ele se levantou e saiu da sala. Betsy o seguiu pelo corredor, mas parou na entrada da sala de espera para apertar sua mão.

– Foi bom conhecê-lo.

– Você também –, mentiu.

Renee ficou de pé, ofereceu a Betsy outra despedida e foi com Neil para o

carro. Quando destrancou as portas, ela olhou do teto para Neil e disse:

– Não foi tão ruim, foi? Andrew estava convencido de que seria um desastre. Ele apostou dinheiro de que você odiaria Betsy.

– Você apostou com ele?

– Sim –, respondeu Renee. – Foi uma aposta particular entre nós dois.

Neil passara o verão escondendo a verdade de seus companheiros de equipe, poém conversar meia hora com Betsy o deixou muito cansado para se importar. E a honestidade, neste caso, colocou Renee em desvantagem. Andrew era um problema, no entanto, mais fácil de entender do que os sorrisos amigáveis de Renee.

– Espero que não tenha perdido muito –, lamentou Neil. – Por que Andrew a tolera, afinal? Vocês dois deveriam se odiar por princípio.

– Ou você pensa muito bem de mim ou muito mau de Andrew –, disse Renee entrando no carro. – Neil deslizou para o assento do passageiro. Renee esperou até que eles estivessem dentro antes de girar a chave na ignição. – Minha fé me mantém e Andrew sempre foca olho no olho, ele e eu nos entendemos.

Renee deveria ter algo á mais do que seu pingente de crucifixo e sorrisos delicados, a final, ela havia se qualificado na equipe problemática de Wymack, Neil sabia, mas não pensou que tivesse a julgado mal. Ele refletiu sobre tudo o que poderia estar errado com ela, desde dupla personalidade até a insanidade clínica. Nenhuma de suas teorias era plausível, mas o manteve ocupado na viagem de volta ao estádio.

O retorno sinalizava a pausa para o almoço. Eles comeram em grupos dispersos na arquibancada. Tiveram meia hora para digerir e terminaram o dia com duas oras de treinos cardio exaustivo. Os treinos normais prolongavam-se até o jantar, mas com as aulas começando no dia seguinte Wymack estava

disposto a dar uma pausa.

Neil foi o último a sair do chuveiro e encontrou todos esperando por ele no salão. Wymack fez um gesto para que ele se sentasse. Neil foi até a poltrona habitual e olhou ao redor da sala, se perguntando o que estaria acontecendo. Nenhum dos outros parecia incomodado por essa reunião inesperada. O grupo de Andrew ficou mais distraído com Andrew, que já estava profundamente adormecido. Ele estava completamente acordado há alguns minutos, contudo havia passado a semana ajustando o horário de seu medicamento em preparação para o ano letivo. Seu corpo ainda não estava acostumado e ele estava dormindo em horários estranhos. Wymack trabalhou em torno dele quando podia.

– Tudo bem vermes –, disse Wymack levantando os dedos para chamar a atenção de todos. – As aulas começam amanhã, significa que estamos mudando nosso horário de treinos. As manhãs começarão às seis horas, na academia. Os treinos da tarde serão aqui. Dei uma olhada no cronograma de vocês. Sei que podem chegar aqui a tempo, então nenhuns de vocês chegarão atrasados, me ouviram?

– Sim, treinador –, disseram eles.

– Então, o campus não é mais só nosso –, continuou. – Todo mundo esta indo e vindo, o que significa muita gente para lidar. O policiamento do campus dobrou de número neste verão, mas eles não podem proteger tudo e todos. Sejam espetos, tenham cuidado. Se alguém estiver procurando por problemas, procurem ajuda. Se a imprensa aparecer pedindo respostas, digam que não diremos nada até o programa da Kathy no sábado.

– Kathy? – perguntou Dan.

– Kathy Ferdinand. – Wymack fez uma careta e franziu o cenho para Kevin. – Você não contou a eles?

– Não há necessidade –, respondeu Kevin.

– Tipo, a apresentadora do programa matinal, Kathy Ferdinand? – perguntou Matt.

– Ela mesma –, disse Wymack. – Tínhamos que fazer publicidade em algum momento. Foi parte do nosso acordo com Chuck e o CRE. Kevin escolheu Kathy porque ela concordou em esperar até o nosso primeiro jogo. Sábado de manhã, vamos viajar até *Raleigh* para dar a primeira entrevista exclusiva.

– Ela deve ter desmaiado quando você concordou – disse Matt. – Quando foi à última vez que você fez uma aparição pública oficial?

– Quatro de Dezembro – respondeu Kevin.

– Por que não nos disse antes? – Perguntou Dan. – Vou acordar cedo para assistir.

– Ou vocês podem ir ao estúdio conosco –, sugeriu Wymack, ignorando o olhar que Kevin enviou. – Kathy convidou toda a equipe para a transmissão. Se aparecermos, nós ganharemos assentos na primeira fila. De qualquer maneira vamos pegar o ônibus para caber todos, então vai ter bastante espaço.

– Você quer que a gente vá? – perguntou Renee a Kevin.

– Realmente, não importa –, respondeu Kevin.

Nicky sorriu e aproximou-se de Andrew para dar um tapinha no ombro de Kevin.

– Ele só sabe que tem que ser bonzinho para o programa. Ele não quer que vocês vejam seu lado civilizado. Já imaginaram como os fãs reagiriam se visse o verdadeiro Kevin Day?

– Ainda se lembra de como sorrir? – perguntou Matt.

Kevin olhou para ele, mas Matt apenas riu.

– Bem, vale a pena ir. Estou dentro.

– Vou comprar donut's na viagem –, disse Dan. – Renee? Neil?

– Não, obrigado –, disse Neil.

– Vetei sua escolha sobre o assunto – disse Wymack. – O CRE vai atrás de você na sexta de manhã. Não quero você fora da minha vista até que o burburinho inicial desapareça.

– Eu sei me cuidar sozinhos.

– Me olhe, deixe de ser orgulhoso. Não é seu trabalho cuidar de si mesmo. O seu trabalho é ter um bom desempenho, é trabalho da Abby e meu cuidar de você. Aprenda suas prioridades. – Wymack deu-lhe um segundo para argumentar algo, então deu um aceno satisfatório e olhou em volta para a equipe. – Perguntas, comentários, preocupações? Não? Então, saiam daqui e vão dormir. Kevin, acorde esse palerma sem levar um murro na cara. Não quero que comece o ano letivo com um olho roxo.

– Deixa comigo. – Nicky fez uma careta e deu uma forte sacudida em Andrew.

O burburinho da conversa não tinha sido suficiente para acordar Andrew, mas a sacudida de Nicky conseguiu despertá-lo em um instante. Andrew se moveu antes mesmo de estar completamente acordado, batendo o punho com muita força no peito de Nicky. Todo o corpo de Neil doeu em empatia. Nicky deu um grito doentio quando Andrew tirou seu fôlego, e caiu de costas contra o braço do sofá. Andrew se moveu no sofá para encarar Nicky. Neil não esperava que Andrew se sentisse culpado por sua reação, mas certamente não esperava a surpresa de Andrew também.

– Nicky, você está morrendo? – perguntou Andrew.

– Estou bem –, arfou Nicky.

– Nós terminamos aqui –, disse Kevin. – Vamos.

Andrew olhou em volta da sala, analisando tudo e todos.

– Perdi a reunião.

– Kevin vai resumir para você mais tarde – disse Wymack. – Saiam daqui antes que eu faça vocês darem mais voltas na quadra.

A sala ficou vazia em segundos.

Na manhã seguinte o treino matinal terminou às oito horas, de modo que as Raposas chegariam pontualmente no primeiro dia de aula. Era ótimo, e Neil finalmente aceitou a oferta de Matt para uma carona de volta ao dormitório. Ele trocou suas roupas suadas por algo mais apropriado para a aula, pegou sua bolsa carteiro e saiu a tempo de se juntar a pequena multidão de atletas que desciam o morro da Torre das Raposas.

A maioria usava suas camisas de time, em celebração pelo primeiro dia, de modo que a calçada e a faixa de pedestre parecia uma aberração de laranja e branco. A intenção de Neil era camuflar-se o máximo possível, então optou por pular a tradição. Ele não teria escolha amanhã; toda a equipe usaria as cores nos dias de jogos.

Ele chegou a sua aula de inglês com tempo de sobra, então conseguiu pegar uma mesa no canto de trás. A professora não apareceu até o alarme tocar, e então ela chegou saltitante com cachos esvoaçantes. Ela era uma animada professora assistente que distribuiu a composição do primeiro ano[2] como se fosse a melhor coisa a estudar em Palmetto. Neil a ouviu enquanto ela analisava o cronograma de aula e decidiu que ela estava louca. Em vez de provas, eles teriam de fazer relatórios que variavam no tempo de entrega.

De repente, Neil estava grato pelas horas de tutoria que tinha entre os intervalos em seu dia. Isso tornava o cronograma uma dor de cabeça, mas pelo menos poderia obter alguma ajuda com isso. Ele era um escritor mediano, na

melhor das hipóteses, mas essa senhora deixara claro que mediano não seria o suficiente.

As únicas coisas que Neil queria fazer eram: separar silabas e auto-apresentações. Assim que terminou, ela os liberou com uma despedida alegre, até a próxima terça-feira. De lá, ele foi para química, que era uma aula suficientemente grande realizada em um auditório. Neil tomou um lugar na fileira superior. Era impossível ver o quadro de onde estava, mas pelo menos tinha uma parede nas costas.

Ao contrário da aula de inglês, o professor de química só passou alguns minutos revendo o cronograma antes de começar uma revisão geral da química introdutória. Sua voz era uma monotonia inabalável que derrubaria qualquer criatura viva no sono. Neil recorreu a esfaquear-se com a ponta da caneta cada vez que começasse a adormecer.

Provavelmente, deveria ter cancelado o treino da noite passada com Kevin em preparação para hoje, mas achou que Kevin não concordaria.

Neil estava condenado à passa o ano letivo exausto.

Depois de setenta e cinco minutos de ciência chata, Neil finalmente escapou de volta para a luz solar. O campus estava vívido na sua ausência. Os dorminhocos atrasados e madrugadores foram finalmente entrosados ao campus, o que significava andar lado a lado com as pessoas nas calçadas entre as aulas. Mais da metade dos alunos ostentavam as cores da escola, e Neil enxergou algumas tiaras com orelhinhas de Raposa.

O anfiteatro no meio do campus estava cheio de stands representando várias organizações estudantis. Os voluntários distribuiram apetrechos, folhetos e indicando edifícios aos calouros perdidos.

Os aglomerados ao redor das mesas zumbiam com energia suficiente para abastecer uma pequena cidade, a maior parte das conversas centrada nos jogos de futebol de sexta-feira ou de sábado. Neil pegou uma pequena pilha de imãs de

geladeira dos voluntários quando passou por eles. Olhou cada um enquanto caminhava. Havia um para cada equipe de outono com horários impressos em cada um. Neil ficou com Exy, jogou o resto no lixo e enterrou seu imã no bolso onde não teria que olhar as datas. Wymack tinha a programação de outono finalizada há algumas semanas. Palmetto State enfrentaria Edgar Allen na sexta-feira, 13 de outubro. Neil se sentia perto o suficiente de ser sufocado.

Ele desviou dos alunos em direção a um dos três salões de refeitório de Palmetto. Dois eram para o corpo estudantil em geral. O terceiro era apenas para atletas, justificado em geral, devido aos horários de treinamento das equipes e às necessidades nutricionais. Todos os três salões foram organizados como buffets, mas os atletas só tinham direito a um alimento insalubre disponível por dia, enquanto os menus dos refeitórios regulares disponibilizavam frequentemente pizzas e uma grande variedade de sobremesas. O plano de refeições incluído no contrato de Neil deva-lhe acesso ilimitado a qualquer um dos salões, mas Wymack recomendou encarecidamente que ficasse no seu.

O refeitório estava lotado quando Neil chegou, embora devesse, pois só tinha capacidade para cem pessoas. Ele passou o cartão de refeição no registro da frente, recolheu uma bandeja e tentou colocar comida suficiente para sustentá-lo até o final do treino, às oito horas daquela noite. Depois disso, ele estava livre para voltar ao dormitório, uma vez que tinha programado a maioria de suas aulas na segunda-feira, quarta e sexta-feira.

Seu quarto estava vazio quando chegou então Neil se acomodou em sua mesa com seus materiais. Era apenas o primeiro dia de aula, e já tinha três tarefas: Um breve artigo, um capítulo de cinquenta páginas para ler e uma página de perguntas sobre o referido capítulo. Neil pensou por um minuto sobre qual parecia menos difícil. Cinco minutos depois, ainda não estava inspirado, então repousou a cabeça sobra a mesa.

Ele não percebeu ter adormecido até que um gatilho de arma o acordou. Neil deu um salto tão alto que derrubou sua pilha de livros no chão. Depois percebeu que o *crack* que tinha ouvido não era uma arma, mas a fechadura na porta da

suíte.

E a sombra de Matt confuso parado na porta.

– To vendo que já está pegando pesado no trabalho –, disse Matt secamente.

– Tipo isso.

– Eu diria que ficaria mais fácil, se... – Matt deu de ombros. – Você, provavelmente, reduzisse os treinos tardios agora que as aulas começaram.

– Estou bem – disse Neil.

Ele sabia que nunca abandonaria esses treinos. Se tivesse que escolher entre os trabalhos e Exy, a resposta seria a óbvia. Neil estaria ali por mais alguns meses. E não desistiria de um único segundo de seu tempo no estádio, não importava o que isso custaria.

– Você sempre diz isso –, retrucou Matt. – Estou começando a achar que você não sabe o significado.

Realmente não havia uma boa maneira de responder a isso, então Neil deixou passar. Felizmente, Matt não forçou a barra, e, atravessou a sala em direção ao seu computador.

Neil passou há ultima meia hora até o treino pensando em outubro e nos Corvos.

---

[1] *(CDL é uma licença da carteira de motorista que permite dirigir veículos grandes e pesados)* [Voltar]

[2] *(Composição do primeiro ano/calouro: é um curso introdutório nas universidades americanas. Serve para melhorar as habilidades de escrita dos alunos na área em que pretendem se graduar.)* [Voltar]

CAPÍTULO ONZE

A euforia de quinta-feira nem se comparava com a de sexta. Toda a universidade estava decorada com bandeirolas laranja e branco. Fitas e flâmulas penduradas enfeitavam cada poste na calçada. A banda estudantil fazia uma pequena apresentação no anfiteatro, e o jornal estudantil, edição daquela manhã, informava detalhes sobre o desfile da tarde. Lideres de torcidas andavam pelo campus em pequenos grupos, exibindo suas saias curtas e sorrisos brilhantes, espalhando o espírito escolar onde podiam.

O tráfego em torno do campus estava horrível, já que os espectadores lotaram os estabelecimentos para o jogo de abertura em casa no final de semana. Nenhuma das Raposas esperava vencer, uma vez que iniciariam a temporada contra seus rivais Breckenridge. Até Edgar Allen ser transferido, Breckenridge era a maior e melhor universidade do distrito. Felizmente, para a equipe de futebol, as probabilidades para o jogo da tarde eram muito maiores. Seria decepcionante se Palmetto perdesse os dois jogos de abertura.

A polícia do campus trabalharia o dia todo, ajudando a direcionar o tráfego e certificando-se de que os visitantes não interrompessem as aulas. Neil odiava a visão de seu uniforme esportivo, mas tê-lo era melhor do que lidar com a imprensa. Ele teve muitos problemas para se enturmar com seus colegas de classe, agora que usava sua camiseta de Exy. A camiseta causara olhares onde quer que ele fosse. Neil queria sair de classe e se esconder na Torre das Raposas até o horário do jogo, mas os atletas não podiam sair sem um atestado médico legítimo. Alguém do comitê de atletismo passara o dia todo contando cabeças através das janelas da sala de aula, Wymack seria o primeiro a ouvir que Neil estava ausente.

Felizmente, os companheiros de Neil haviam antecipado os problemas. Matt estava a sua espera, no lado de fora da sala de espanhol, para levá-lo até a sua

próxima aula. Não importava se a universidade apoiaria sua equipe de Exy ou não; Neil era um segredo finalmente revelado. Qualquer um que acompanhasse as notícias saberia que o CRE hávia passado o pano nas regras para proteger o anonimato de Neil. Neil tinha verificado a internet periodicamente durante todo o verão, certificando-se de que estava funcionando. No entanto, a partir desta manhã seu nome estava em todos os lugares.

Quase tão perturbador foi descobrir que Andrew não havia mentido para Neil em maio. Em quase todos os artigos que falavam sobre a experiência patética de Neil, Kevin era citado como tendo grandes esperanças por ele. Kevin realmente dissera que Neil teria o estádio a seus pés. Foi uma afirmação ousada de um ex-campeão, e só aumentou a intriga em torno do décimo jogador das Raposas. Os olhares que Neil recebeu fez sua pele arrepiar, mas Matt os manteve em movimento entre a multidão sem problemas.

Depois de matemática, Renee levou Neil à história ignorando cuidadosamente um grupo de torcedores antes que notassem os uniformes no meio deles. Allison o encontrou depois de sua aula de história. Ele tinha um período vago, então ela o arrastou para almoçar com ela e Seth. Os nervos de Neil mataram sua fome, no entanto obedientemente colocou comida na bandeja e sentou-se com eles.

Era a primeira vez que Neil ficava a sós com os dois, e foi melhor do que esperava. Eles estavam em um estágio "on" de seu relacionamento, o que ajudou. Eles, principalmente, conversaram entre si, poupando apenas algumas palavras para ele, mas Neil estava contente de assistir. Ver Seth agir de uma maneira que não era completamente hostil foi fascinante, mas ele ainda não sabia o que Allison via nele. Uma garota com dinheiro e conexões poderia ter qualquer um e qualquer coisa, mas ela escolhera ser uma Raposa e namorar Seth. Neil achou que nunca entenderia essa decisão.

– Bem? – perguntou Allison, tirando Neil de seus pensamentos. – Quem você vai levar para o baile?

Eles passaram a maior parte do almoço conversando sobre o banquete de boas-vindas do comitê de Exy. Todas as universidades do sudeste iriam nesse baile, incluindo os Corvos. Neil não tinha a intenção de ir, mas ainda não havia encontrado uma desculpa.

– Não vou convidar ninguém –, respondeu Neil.

– Isso é ridículo –, argumentou Allison. – Até o monstro tem um par.

Neil não esperava por isso, porém conseguiu imaginar algo.

– Renee?

– Ela ainda não o convidou, mas é inevitável. – Allison pegou seu pão beliscado pedaços e passou o resto de molho de salada nele. – Há uma aposta sobre se ele vai responder sim ou não. O pote está enchendo rápido, então aposte logo.

As únicas coisas que as Raposas tinham em comum além de Exy e trabalho árduo era suas estranhas obsessões por apostar nas coisas mais idiotas. Neil tinha percebido isso em apenas duas semanas de treino. Não se passava uma semana sem apostas.

Neil olhou entre Seth e Allison.

– Andrew e Renee são...?

Seth pareceu que vomitaria.

– Espero que não.

Allison deu de ombros.

– Renee prometeu que isso nunca aconteceria. Eu acredito nela –, disse Allison, olhando para Seth como se estivesse o desafiando a contradizê-la.

Ele espetou seu frango e ficou quieto. Allison apontou um pedaço de pão para Neil.

– Está ficando sem tempo para encontrar um par. Peça para Aaron te ajudar com uma das Lupinas. Tenho certeza que a Katelyn conhece uma ou duas bonitinhas para você.

A última coisa que Neil queria era se envolver com uma líder de torcida. Ele não tinha boas lembranças da equipe de Millport.

– Quem é Katelyn?

– A namorada não oficial do Aaron. Procure ela no jogo hoje à noite. É ridículo vê-los desejar um ao outro a distância. – Allison olhou o relógio e afastou a cadeira. – Tenho que ir. Encontro com meu orientado.

Ela se inclinou sobre a mesa para dar um beijo rápido em Seth e levou sua bandeja.

Seth e Neil terminaram alguns minutos depois. Seth levou Neil a sua aula de linguagem. Depois, Dan encontrou Neil e o acompanhou do campus até a Torre das Raposas. Ela o deixou na calçada, pois ainda teria outra aula antes de terminar o dia.

– Descanse –, disse ela. – A noite vai ser longa.

Neil estava muito tenso durante manhã para seguir esse conselho, mas foi direto para sua cama, de qualquer maneira.

Ele vivera em várias cidades como Millport ao longo dos anos e lidou com a curiosidade das pequenas cidades desconfiadas na maioria das vezes. De alguma forma, Palmetto tinha mais contra ele, talvez porque sua camisa e seu lugar na equipe exigia a atenção das pessoas. Ele não havia conseguido se misturar, não com essas cores e não depois do jogo desta noite. Havia vinte e um mil pessoas matriculadas na Palmetto State University. Neil não estava mais jogando para si

mesmo; Ele estava jogando para representá-los.

O treino da tarde de sexta-feira foi cancelado por causa do jogo. Esperava-se que o time estivesse no estádio quinze para as seis, para a apresentação às sete. Matt recolheu Neil de seu quarto às cinco da tarde para um jantar leve com os veteranos. Dan terminou primeiro e foi verificar a suíte de Andrew. Sua expressão era sombria quando voltou, Matt deu um aperto reconfortante em sua mão.

– Ele vai ficar bem – disse Matt. – Ele ficou bem ano passado.

– Pensei que Kevin não tivesse jogado ano passa –, disse Neil.

Os veteranos trocaram olhares entre si.

Neil olhou de um rosto para o outro, tentando interpretar a conversa silenciosa. Seth e Allison irradiaram impaciência e desaprovação, Renee sorriu um pouco. Matt fez uma cara estranha dando de ombros, deixando a decisão para Dan. Finalmente, Dan suspirou e virou-se para Neil.

– Há algo que ainda não contamos – começou Dan. – Nós íamos te contar a um tempo atrás, mas você e Andrew estavam tendo tantos problemas que achamos melhor esperar. Não sabíamos como você reagiria.

– Nós não confiamos em você para manter o bico fechado –, traduziu Allison.

Dan fez uma carranca para ela, mas sem negar.

– Então, tecnicamente Andrew é legalmente obrigado a tomar sua medicação, certo?

Neil tinha a sensação de que sabia para onde esta conversa estava indo, mas não acreditou.

– Sim. Faz parte de seu acordo judicial.

– Ele fez um acordo com o treinador –, disse Dan. – A única razão pela qual ele assinou o contrato conosco, foi porque o treinado concordou em suspender seus medicamentos em noites de jogo. Primeiro o treinador nos contou, já que ficaríamos na quadra com ele, mas ninguém pode saber. Nem mesmo Betsy sabe disso. Ela é a médica dele; Ela teria que colocar um fim nisso.

– Como Andrew vai defender nosso gol em péssimo estado? – perguntou ele.

Em Columbia, Andrew havia aliviado sua abstinência com álcool e pó de anjo, mas ele não poderia fazer isso ali. Neil ainda se lembrava de quão violento Andrew tremia quando vomitou na beira da estrada.

– Ele não está mal ainda –, disse Matt. Pondo uma mão no nível dos olhos. – A abstinência de Andrew é um processo de três estágios. Imagine que você está drogado o dia todo. Então, de repente, você parar de usar drogas. Primeiro você tem um colapso. – Ele baixou a mão na altura da cintura. – Esse é o primeiro estágio. Ele não fica ruim até o segundo estagio.

– Andrew ajusta sua agenda ás sextas-feiras, dependendo do horário em que nós jogamos –, continuou Dan. – Ele sentirá falta da dose de meia hora antes do início da partida, é por isso que sempre joga o primeiro tempo. Geralmente ele pode ficar no primeiro estágio até o intervalo. Então ele toma seu remédio novamente e passa o resto da noite no banco.

Neil supôs que foi nesse estado que Andrew dormiu durante todo o caminho para Columbia. Ele quase chegara ao *Sweetie's* antes de ficar violentamente atordoado.

– Como é o terceiro estágio?

– Dar drogas a ele ou ser esfaqueado na cara –, disse Matt secamente. – Não é engraçado. Felizmente, só vimos isso acontecer uma vez.

– Ele não vai ficar tão ruim está noite –, disse Dan. – Além disso, você vai

ficar meia quadra de distância dele. Só achamos que você deveria saber, mesmo que alguns meses atrasado. Você vai ficar bem com isso?

– Vai comprometer nosso jogo? – perguntou Neil.

– Não mais do que qualquer outra coisa –, disse Matt.

– Então não me importo –, disse Neil. – Ele pode fazer o que quiser.

Não era completamente verdade, mas Neil não sabia como expor suas resalvas em palavras.

Andrew dissera que odiava esse jogo, por que pioraria sua condição, afastando-se de seu remédio, por eles? Pelo menos, estando medicado ele poderia achar o jogo divertido. O único palpite que Neil tinha era de que Andrew odiava seu remédio mais do que odiava o Exy. Era interessante de se considerar, mas Neil não tinha tempo para pensar sobre isso essa noite.

Não demorou muito para que limpassem a bagunça do jantar e encontrassem o grupo de Andrew no corredor. Andrew estava no topo do mundo, como de costume, mas a expressão de Kevin parecia tensa. Para Kevin, esta noite seria o primeiro jogo da temporada depois da sua lesão e sua estreia como atacante destro com as Raposas. Kevin teria que brilhar se honestamente quisesse voltar. Neil não sabia como ele faria isso, jogando com sua mão fraca e uma equipe como as Raposas de apoio.

Eles deixaram o dormitório cedo, mas o tráfego estava tão ruim que quase chegaram atrasados. O estádio se transformou em um hospício em algum momento entre os treinos da manhã e o agora. As vagas de estacionamento estavam cheias. Seguranças por todos os lugares direcionando fãs e observando os bêbados. Cada portão foi aberto e os guardas usavam detectores de metal.

Uma fila de viaturas da polícia e duas ambulâncias mantiveram a passagem limpa para os carros dos atletas. Dois guardas aguardavam do lado de fora de suas portas, depois de uma checagem de rotina para certificar de que ninguém

entraria com coisas ilícitas eles foram autorizados a entrar no vestiário.

Neil estava a meio caminho do vestiário masculino quando Kevin o agarrou pelo colarinho de sua camisa e o arrastou pelo corredor até a porta dos fundos. Kevin a abriu e empurrou Neil à sua frente. Neil tropeçou um passo, retomando o equilíbrio um segundo depois chegando ao pátio interno.

O Estádio Foxhole foi o segundo estádio universitário em que estivera, sendo o Ninho dos Corvos de Edgar Allen o primeiro, mas ele nunca havia presenciado uma noite de jogo.

Admirar os assentos vertiginosamente vazios era uma coisa, vê-los cheios era outra totalmente diferente. Nem todos os sessenta e cinco mil assentos estavam ocupados, ainda, mas pelo menos quarenta e cinco mil estavam. O estádio vibrou ao som de dezenas de milhares de pés. Os gritos e risos da multidão foram ensurdecedores, e isso foi antes que a multidão tivesse um motivo para histeria. Neil perguntou-se o quão alto seria depois que as Raposas marcassem. Talvez, seria alto o suficiente que quebraria seus ossos.

Não demorou muito para alguém perceber que Neil e Kevin estavam no pátio interno. Quando o setor mais próximo ficou louco, o barulho acendeu uma pequena onda nas arquibancadas. O Orange Notes, a banda do campus, ainda se organizava em sua seção, mas reagiram á histeria sem pensar duas vezes. A fileira de tambores batucou um ritmo feroz e algumas trombetas começaram a tocar o grito de guerra da universidade. Poucos segundos depois, os alunos se juntaram a eles gritando palavras uns aos outros e a quadra vazia.

– Não desperdice seu tempo –, disse Kevin em seu ouvido. – Eles vieram te ver jogar, então dê a eles algo para acreditar.

– Eles não estão aqui por mim –, refutou Neil. – Eles estão aqui para ver o famoso Kevin Day.

Kevin colocou uma mão no ombro de Neil e deu-lhe um pequeno empurrão.

– Vá se trocar.

Neil deu uma última olhada nas arquibancadas antes de voltar para o vestiário.

Wymack os chamou para o vestiário quando todos estavam equipados e passou a lista dos Chacais de Breckenridge. Matt deu uma olhada na formação inicial e fez uma carranca.

– Ei, Seth. Parece que Gorila voltou.

– Merda.

Seth estendeu a mão pedindo o papel.

– Pelo menos eles estão nos levando a serio –, disse Aaron.

– Para a defesa é fácil falar.

Allison pegou a lista da mão de Matt e deu para Seth.

– Gorila? – perguntou Neil.

– Número 16, Hawking – disse Nicky. – Conhecido como Gorila. Um e noventa de altura e trezentos quilos de pura combatividade. Você vai reconhecer quando o ver, confie em mim. Ele parece um jogador de futebol americano que se perdeu no caminho para o campo.

– Ele também é tão burro quanto uma porta, ele ficou de fora do campeonato ano passado porque ficou de recuperação –, acrescentou Matt. – É algo como um ritual anual para ele.

– Ele é defensor –, avisou Dan, olhando para Neil, – e ele adora contato físico. Não fique entre ele e a parede, Neil. Ele vai quebrar todos os ossos do seu corpo, se você der uma oportunidade.

– Não se preocupe –, confortou Matt. – Ele provavelmente vai estar muito ocupado caçando Kevin e Seth para perceber você.

– Este é o meu rosto de tranquilidade –, disse Neil, apontando para sua expressão vazia.

– Vocês querem desperdiçar o meu tempo? – indagou Wymack. – Vamos, mexam-se. Aquecimento no nosso lado da quadra. Vamos revezar os arremessos primeiro, Andrew e Renee duas vezes para cada. Andrew foque no nosso lado da quadra. Acerte uma única bola no lado em que os Chacais estiverem aquecendo e você não ficará por muito tempo.

Neil olhou para Andrew, que parecia bem até agora. Mas talvez ainda estivesse um pouco longe do primeiro estagio para sentir a abstinência.

Wymack continuou falando.

– Os titulares da partida: Seth, Kevin, Dan, Matt, Aaron e Andrew. Tenho três substituições em cada tempo, então todos terão uma troca, exceto os goleiros. Kevin, saía fora se sua mão começar a doer. Não seja estúpido.

– Já se passaram oito meses –, disse Kevin.

– Não arrisque seu primeiro jogo de retorno –, disse Abby.

Kevin fez uma cara raivosa, desistindo de discutir.

Foi o suficiente para Wymack e Abby, então enviaram as Raposas para recolherem seus capacetes e raquetes. Eles se alinharam no portão em ordem de escalação, com Dan na frente em sua posição de capitã. Wymack tinha um fone de ouvido que o conectava ao locutor. Quando ouviu o OK, levou sua equipe para o banco. O capacete de Neil abafou alguns gritos da multidão, mesmo assim ouviu o suficiente enquanto seguiu as Raposas para dentro da quadra.

Neil sabia que as Raposas eram a menor equipe da NCAA, e Breckenridge

uma das maiores, no entanto não esperava que a diferença fosse tão grande. Os Chacais, dourados e preto, pareciam espremidos em seu banco, fazendo as Raposas parecerem patéticas e minúsculas. Neil tentou não se sentir intimidado. Quando falhou, colocou tudo o que tinha em exercícios de aquecimento. Os vinte minutos voaram mais rápido do que ele esperava, os árbitros os espalharam pela quadra: os Chacais para a porta norte, as Raposas na sul.

Mal se ouviu a voz do locutor sobre o barulho da multidão, mas quando se aproximou do tempo da partida, alguém pensou em aumentar o volume. No momento em que chamou o nome dos jogadores escalados, sua voz ecoou nas paredes do estádio. Enquanto seus nomes eram chamados, as Raposas levantaram suas raquetes em saudação silenciosa. A multidão rugiu em resposta a cada um, e a bateria do Orange Notes batucou com tudo que suas baquetas pudessem aguentar.

– E nos Chacais de Breckenridge –, disse o locutor, e passou a lista de jogadores escalados para jogar.

Os nomes dos Chacais foram recebidos com uma mistura de vaias e aplausos educados das Raposas, mas havia grandes setores de fãs dos Chacais presentes no lado norte do estádio. Sua banda tocou seu grito de guerra assim que o ultimo nome foi anunciado, mas o Orange Notes prontamente os abafou com a música de Palmetto.

Os seis árbitros da partida abriram as porteiras de ambas as extremidades da quadra e entraram. Ao seu sinal, Dan e o capitão adversário se encontraram no meio da quadra para um aperto de mão obrigatório, em seguida, jogaram uma moeda para o alto, assim decidindo quem daria o primeiro saque. O árbitro principal sinalizou o primeiro saque para os Chacais. Três árbitros seguiram cada capitão e organizaram-se ao longo das paredes, acima de cada linha marcada na quadra, os denominados *quartos*.

Wymack fez sinal para seus titulares se mexerem, enxotando-os.

– Vão lá e façam com que eles se arrependam de terem pisado aqui. Quero os reservas no banco incentivando-os. Se vocês trombarem em algum árbitro eu vou acabar com vocês. Vão.

Dan liderou sua equipe até o portão e bateu na parede, sinalizando que estavam preparados. O locutor chamou a formação titular de ataque e defesa das Raposas. Kevin foi o primeiro a entrar na quadra, e todo o estádio entrou em histeria ao vê-lo. Não importava qual universidade às torcidas estivessem apoiando; Kevin vestia um uniforme depois de oito meses ausente. Todas as previsões diziam que ele nunca mais jogaria, mas, agora ele carregava uma raquete com sigo para o meio da quadra, como se sempre soubesse que retornaria.

Seth seguiu Kevin, se juntando a ele na *meia área*. Dan, a negociante ofensiva das Raposas, posicionou-se entre a *meia área* e o *primeiro quarto*. Matt e Aaron se separaram no *primeiro quarto*. Andrew foi o último a tomar sua posição, no gol.

Os Breckenridge foram em seguida. Nicky apontou para o Gorilla assim que o jogador fez sua entrada, porém Neil nem precisou de ajuda para reconhecê-lo.

– Não se esqueça de agradecer a Seth e Kevin mais tarde, por serem esmagados em seu lugar.

Nicky pareceu estar brincando, mas de qualquer maneira, Neil assentiu. Qualquer um que fizesse Matt parecer delicado, em comparação, seria alguém que Neil não gostaria de enfrentar.

Nicky fitou Neil.

– Ei – disse ele, soando estranhamente hesitante. – Não tivemos a oportunidade de conversar depois de... Bem. Eu queria pedir desculpas, mas fiquei com medo. Tudo bem entre nós?

– Ainda não sei – respondeu Neil.

Nicky ponderou por um minuto, então, suspirou e disse:

– Justo o suficiente.

Os árbitros fecharam as porteiras com um estrondo retumbante. Tubos de ventilação e ventiladores ao longo do teto manteriam o ar circulando dentro da quadra. A ventilação cortava os ecos dos saques e rebotes, mas os jogadores tinham que gritar para serem escutados. Neil não sabia o que estavam dizendo uns aos outros, enquanto esperavam o inicio da partida, ele duvidou de que Seth estivesse sendo amigável com os atacantes dos Chacais. Seth devolveu um gesto para Kevin alguns segundos depois.

– Oh, Senhor –, murmurou Abby atrás de Neil. – Eles poderiam pelo menos fingir que se dão bem enquanto jogam contra essa equipe.

– Impossível! – disse Nicky. – Dez dólares; de que eles vão cair na porrada nos primeiros quinze minutos.

– Não vou aceitar essa aposta –, recusou Allison.

– Você poderia tentar ser um pouco otimista, é o primeiro jogo da temporada –, disse Renee.

– Talvez você não tenha visto quem estamos enfrentando –, disse Nicky, apontando para a equipe adversária. – Acha mesmo que otimismo vai nos ajudar?

– Não vai doer – disse Renee com um sorriso.

Allison começou a dizer algo, mas a campainha de alerta a abafou.

Se olhasse para cima, Neil quase podia enxergar o painel pairando no centro da quadra. O cronômetro, a pontuação, arremesso e estatísticas seriam exibidos nos quatro lados, assim como nas telas de *replays*. Nesse momento, o painel começou a contagem regressiva até o ultimo segundo antes do inicio, entretanto,

Neil não se esforçou para vê-lo. Não querendo tirar os olhos da quadra. Ele pressionou as mãos enluvadas contra a parede se inclinando para frente, tentando ver tudo de uma só vez. Seu coração martelava no peito, irradiando calor intenso por cada centímetro de seu corpo. Ele prendeu a respiração esperando o primeiro saque.

A campainha disparou novamente, e o jogo começou.

O negociante Chacal lançou a bola para o alto com sua raquete. O movimento característico fez com que Chacais e Raposas quebrassem a formação e corressem para frente, assumindo suas marcações e lugares na quadra.

O nervosismo que Neil sentiu, anteriormente, evaporou sobre o peso selvagem do entusiasmo da multidão. Os gritos agitaram sua pele e o pisotear de cem mil pés foi acompanhado pelo mesmo ritmo de sua pulsação.

Dois corpos colidiram brutalmente assim que o jogo começou. A arquibancada rugiu em aprovação. A bola fugiu, batendo na parede em frente aos reservas, e se distanciou a toda velocidade. Dan pegou-a antes que fosse longe de mais e arremessou para Seth. O impulso a deixou contra a parede, um segundo depois, e o negociante Chacal a esmagou. A parede estremeceu com o peso dos dois. Dan praticamente o empurrou de um lado, para voltar à partida, e os substitutos bateram na parede em apoio.

Neil observou ao longo da quadra, a frente dos atacantes Chacais que lutavam contra Aaron. Matt e Aaron empurravam os atacantes Chacais para longe do gol, não querendo deixar muito espaço vazio entre eles e Andrew. Andrew, sozinho na marcação branca que delimitava o território do goleiro, observou jogo se desenrolar a sua frente. Girando sua raquete em círculo, uma postura despreocupada, em zombaria aos esforços dos Chacais.

Neil voltou sua atenção para a bola, que acertou a parede ao fundo. Novamente, Dan pegou a bola por primeiro e atirou para o alto passando sobre a

cabeça de Seth. Gorila e Seth correram em disputa, para pegar a bola no rebote. Seth pegou-a, mas não conseguiu segurá-la por muito tempo. Meio passo depois, Gorila atingiu sua raquete. O golpe não pareceu ser muito forte, mas a raquete de Seth voou longe. Enquanto a bola saltitava, Gorila pegou-a do chão e arremessou-a em direção ao gol da casa. O tiro atingiu a parede alguns centímetros á esquerda do gol.

Andrew apenas observou a bola saltar para longe.

Um dos atacantes Chacais contornou Matt e correu atrás da bola. Andrew parou de girar sua raquete e mudou de postura, preparando-se bem a tempo. O atacante deu um tiro veloz no gol, e Andrew defendeu vigorosamente enviando a bola para o centro da quadra. O negociante Chacal tentou pegá-la, mas a bola voou mais rápido que o previsto e escapuliu para fora da rede de sua raquete. Dan roubou-a dele. Ele empurrou-a em resposta e a bola saiu rolando. Dan bateu sua raque no chão, furiosa enquanto se levantava para persegui-lo. O negociante Chacal já tinha a posse de bola e correu em direção ao gol das Raposas.

– Vai garota – gritou Abby. – Pega ele.

Dan não conseguiu alcança-lo a tempo de impedi-lo de passar a bola, porém ela não diminuiu a velocidade. Ela colidiu contra o negociante levando ambos ao chão. A torcida dos Chacais gritou em indignação, exigindo um cartão por essa investida violenta, mas os árbitros nem se mexeram.

Esse tipo de contato físico era permitido, porém somente contra o jogador em posse da bola. A tal agressão era válida durante os dois primeiros segundos após a bola ter deixado a raquete do jogador, no caso, o que estivesse com a posse de bola. Os árbitros sabiam que, às vezes, os atletas simplesmente estavam indo rápido de mais para conseguir parar a tempo. Isso deixava uma lacuna para colisões vingativas como a de Dan, mas isso só tornava o jogo mais divertido para os torcedores.

Por ser tão baixinho, Aaron passou por debaixo do braço do atacante

adversário. Ele interceptou a bola em uma jogada impossível e continuou em direção ao lado das Raposas. Devolveu a bola para Andrew sem desacelerar. Andrew rebateu a bola em um golpe, tirando-a do lado das Raposas. A bola saltou do teto e caiu de volta na briga.

– Mexam-se, Raposas – rugiu Wymack.

– Vai, Raposas. Vai! – Gritavam as Lupinas em coro.

A multidão entrou no ritmo e repetiu o canto de volta para as líderes de torcida. Os reservas se juntaram na torcida, mas Neil ficou em silêncio anestesiado pela velocidade e habilidade da partida.

Ele assistira seus companheiros se digladiarem em brigas internas durante todo o verão, mas agora, Neil finalmente os enxergava como uma equipe. Por mais que, de tempos em tempos, as Raposas se odiassem; ambos odiavam seus oponentes mais ainda. Eles ainda estavam longe de serem realmente ótimos, mas foram bons o suficiente que lhe deram arrepios. Neil finalmente entendeu como as Raposas conseguiram o terceiro lugar no outono passado, desta forma garantindo uma vaga no campeonato.

Infelizmente, os Breckenridge eram melhores. Doze minutos depois, eles finalmente quebraram a linha defensiva das Raposas.

Um atacante Chacal pegou a bola e correu em direção a Aaron. Aaron intimidou-se, dando ao atacante um caminho livre em direção ao gol, e todos os Chacais se organizaram na linha do *primeiro quarto*. O atacante aproximou-se perigosamente do gol antes de fazer o arremesso. Andrew rebateu a bola de volta para ele, fazendo seu capacete saltar.

O negociante Chacal pegou a bola em seguida, e Dan foi um segundo lenta para impedi-lo de atirar no gol. Andrew defendeu novamente, no entanto, os Chacais o pressionaram, todos perto de mais para que ele jogasse a bola para longe. Ele a arremessou para cima, mas Gorila, que estava perto o suficiente e alto o suficiente, aparou a bola no ar.

– Tirem ele dai! – gritou Wymack da parede.

Gorila derrubou duas Raposas como se não fossem nada e correu para o gol. Matt jogou-se sobre Gorila, como se sua vida dependesse disso, jogando os dois para fora do campo. O atacante que Matt deixou desprotegido pegou a bola e atirou, o gol ficou iluminado de vermelho atrás de Andrew. A torcida dos Breckenridges ficou louca quando a campainha sinalizou o primeiro ponto.

Wymack praguejou violentamente, andou irritadamente em círculo, procurando, mas sem encontrar, algo para descontar sua raiva.

– Boa tentativa, Raposas! – gritou Renee, batendo palmas.

Os Chacais comemoraram com tapinhas nas costas enquanto corriam para seu lado da quadra. Gorila foi o último a ir, pois ainda estava se separando de Matt no chão, antes de seguir, parou em frete ao gol para dizer algo a Andrew. Seja o que fosse, Andrew não pareceu impressionado. Ele posicionou sua raquete a sua frente, cruzou os braços sobre a cabeça da raquete e pousou o queixo em seus braços. Gorila acenou com uma mão para ele, em despedida, e correu pela quadra. Dan passou por Matt, verificando se estava tudo bem com ele.

Eles quase chegaram a sua formação inicial sem incidentes, mas Kevin e o defensor que lhe marcava se esbarraram em quanto voltavam para suas respectivas posições. Kevin o empurrou para trás, quase o suficiente para derrubá-lo. O defensor Chacal virou-se para dizer algo, e Seth fez um gesto expansivo abrindo os braços, voltando para seu lugar. Kevin ignorou o Chacal em favor de dizer algo a Seth, que respondeu com um soco.

– Ganhei! – comemorou Nicky. – Passaram apenas treze minutos.

– Ninguém aceitou sua aposta –, disse Abby, parecendo cansada enquanto observava Kevin e Seth brigarem.

– Não apostem nesses retardados – reclamou Wymack.

Dan alcançou os dois e os separou com dificuldade. Ela enfiou o dedo no rosto de Seth enquanto o repreendia, repetindo o mesmo com Kevin. Seth e Kevin finalmente se separaram na *meia área* para tomar suas posições. Os árbitros nas portas esperaram para ver se precisariam intervir, em seguida, decidiram que Dan tinha tratado o problema adequadamente e os deixou ir.

O jogo começou novamente com outro saque dos Breckenridges, desta vez as Raposas dispararam para cima com a raiva de terem perdido o primeiro ponto. Kevin pareceu levar isso para o lado pessoal e jogou com sede de vingança. Assim que Dan lhe deu a bola, ele correu com toda velocidade para a área desprotegida e fez um ponto perfeito. O gol adversário ficou vermelho, e a multidão vibrou atrás do banco das Raposas. Neil mal pode ouvir seu próprio grito triunfante sobre o som dos alunos animados. Orange Notes soou o grito de guerra e os alunos cantarolaram como se estivesse indo à guerra.

O grito de guerra não cessou, até que Kevin e seu marcador começaram uma briga. Matt, Dan e três Chacais os separaram. No momento em que colocaram uma distância segura entre os dois, os árbitros apareceram. O cartão amarelo foi levantado para o Chacal, por ter desferido o primeiro golpe, a multidão aplaudiu. Nos telões foi exibido um desenho animado de um Chacal levando uma pancada na cabeça por um martelo gigante. A torcida dos Chacais se aborreceu, mas a raiva foi abafada pela multidão.

Quando as equipes voltaram para a formação inicial, os árbitros se retiraram. Dan reiniciou a partida. Vinte minutos se passaram, quando Gorila esmagou Seth contra a parede. A torcida rugiu em repudio e emoção quando Gorila correu atrás da bola desprotegida. Neil esperava que Seth fosse atrás dele, mas Seth ficou ineficaz contra a parede e depois foi ao chão.

– David – disse Abby, mas Wymack já corria pela parede pondo-se ao lado de Seth.

Um dos árbitros se agachou ao lado e gesticulou para Seth através da parede. Wymack bateu na parede, chamando sua atenção. Dolorosamente, Seth forçou-se

a levantar sobre as mãos e joelhos. Neil olhou dele para o jogo, frustrado e impotente. Enquanto Seth não sinalizava os árbitros para sair, o jogo prosseguia deixando Kevin com dois defensores lhe marcando.

Não demorou muito para Dan perceber a situação de Kevin. Ela se virou, desperdiçando segundos preciosos e perdendo de vista a bola para encontrar seu atacante desaparecido. Do outro lado da quadra, Kevin ficou preso entre a defesa dos Chacais. Ele perdeu a bola e sua raquete, mas, de alguma forma, manteve-se de pé.

– Seth, sinalize! – gritou Nicky, chutando a parede.

Finalmente, Seth levantou sua raquete alertando aos árbitros que não conseguiria prosseguir na partida. Um sinal paralisou o jogo. Matt tinha acabado de pegar a bola, então entregou a Andrew pra mantê-la segura. A multidão ficou em silêncio assistindo o esforço de Seth para se levantar. Ele cambaleou de um lado para o outro na parede e se inclinou contra ela, esperando recuperar o equilíbrio antes de tentar caminhar. Dan correu para ajudá-lo, e Allison o acompanhou do lado de fora da quadra. Abby correu a frente dela em direção ao aportão.

Wymack bateu no ombro de Neil.

– Se mecha.

Um lampejo de nervosismo virou o estômago de Neil. Agora que tinha visto as equipes em ação, só reforçava o que havia dito todo esse tempo: ele não estava pronto para jogar em um time como este. Não tinha muita escolha, era verdade, então agarrou sua raquete e correu por atrás de Allison, em direção a portão da quadra.

– Aproveite – gritou Nicky atrás dele.

Allison pegou Seth das mãos de Dan, na porta, e o manteve de pé para que Abby tirasse o seu capacete. Allison ajudou Seth ir até o banco, e Dan gesticulou

para que Neil entrasse na quadra. Acima, o locutor anunciou a substituição:

– E no lugar de Seth Gordon entra o novato Neil Josten, número dez, de Millport, Arizona.

Neil indagou-se, se a tampa de seu caixão soariam como a porta da quadra se fechando.

– Pronto? – perguntou Dan.

– Pronto para tentar –, respondeu Neil.

– Vamos tentar –, disse ela, batendo raquetes com ele.

Eles adentram a quadra juntos.

No momento em que Seth finalmente foi retirado da escala, as duas equipes voltaram a seus lugares de partida. Dan tomou sua marca. Como Neil era uma substituição no meio do jogo, sua posição inicial era encostado contra a parede da quadra.

– É verdade? – O negociante Chacal o chamou. – O treinador disse que você é um novato do primeiro ano.

– Tá brincando comigo? – Perguntou uma garota, e Neil ficou surpreso. – O defensor que Kevin estava lutando durante todo o jogo era uma mulher. – O campeão nacional e um amador? A Carolina do Sul está ficando ainda mais louca do que o habitual.

– Um amador e um aleijado, você quer dizer –, zombou o negociante.

Andrew bateu sua raquete contra a baliza do gol, fazendo com que vários atletas saltassem e dessem mais do que alguns olhares cautelosos. Neil não podia ver a expressão de Andrew de onde estava, mas esperava que Andrew estivesse fingindo um sorriso. Seus oponentes denunciariam sua sobriedade num piscar de olhos, sabendo que isso o tiraria do gol das Raposas. Neil esperou pelo pior, mas

Andrew deu dois passos no território do goleiro e esperou. Uma campainha tocou a cima de suas cabeças assim que todos estavam calmos e imóveis.

Andrew levantou a bola na mão enluvada.

– Ei, Pinóquio – disse ele, sem olhar para Neil. – A alegria em sua voz era muito zombadora para ser real, Neil duvidou de que alguém, além das Raposas, tivesse notado. – Hora de correr. Essa é para você.

Andrew quicou a bola no chão e rebateu com toda a força. Neil não esperou para vê-la. Afastou-se da parede e voou pela quadra o mais rápido que pôde, deixando para trás o defensor e o atacante que estavam começando a se mover. A marcadora de Kevin percorreu a quadra em sua direção, tentando interceptá-lo, porém Neil foi mais rápido do que ela esperava e correu até o fundo da quadra.

A bola atingiu a parede dos fundos e voltou.

Neil saltou para pegá-la antes que a bola passasse por cima de sua cabeça.

Sua marcadora estava lá, pronta, mas ele correu e deslizou-se para longe, contando os passos instintivamente enquanto esticava sua raquete fora do alcance dela. A raquete da garota por pouco não caiu quando ela lhe deu um soco. Ele só podia carregar a bola por dez passos e já havia usado seis. Ele sabia que não conseguiria mantê-la por muito tempo, então se virou e passou a bola para Dan. Sua marcadora colidiu contra ele um segundo depois, Neil derrapou com a raquete e braços esticados no chão em busca de equilíbrio.

Dan repassou a bola para Kevin.

Gorila era enorme, mas seu tamanho o tornava mais lento. Kevin passou por ele em direção ao campo das Raposas e pegou a bola, em seguida, virou-se rapidamente arremessando a bola na parede dos fundos, no lado dos Chacais, criando espaço aos atacantes. Gorila derrubou a raquete de Kevin em retaliação. Kevin xingou e recolheu seu braço violentamente.

O goleiro Chacal deixou o gol para atirar a bola de volta ao outro lado da quadra. Matt interceptou e mirou alto, querendo que ela atingisse o teto e caísse perto dos atacantes. Kevin a pegou, mas só teve dois passos para mirar e atirar antes de Gorila o atingir. Kevin caiu no chão com tanta força que rolou para longe.

O goleiro retornou à bola para Gorila que a atirou no lado das Raposas, e os defensores Chacais perseguiram Neil e Kevin, forçando-os recuarem. Eles foram arrastados até o primeiro quarto das Raposas. Neil decidiu que odiava a estratégia de "todos contra o goleiro". Foi frustrante vê-los massacrar os tiros em Andrew, principalmente por estar tão recuado. Ele não conseguiria entrar na briga, amenos que houvesse uma oportunidade das Raposas pegarem uma bola perdida. Enquanto isso, ele só podia assistir enquanto os Chacais esmagavam as Raposas.

Três lançamentos depois, os Chacais marcaram.

– Vocês não são páreo contra nós –, disse a garota defensora dos Chacais para Neil. – Vocês são péssimos.

– Prefiro ser uma Raposa a um Chacal. Vocês só conseguem vencer porque lesionam seus oponentes –, replicou Neil. – Vocês são uma equipe de valentões patéticos.

Ela puxou Neil contra seu peito.

– Repita. Eu duvido você repetir.

Neil não se impressionou com a atitude da garota. Ele deu um olhar aborrecido e pressionou um dos dedos contra o ombro dela.

– Sai da minha frente. Você já tem um cartão. Comece outra briga e vai ficar fora o resto do jogo.

– Leverett! – gritou o negociante em aviso. – Afaste-se!

Ela curvou o lábio para Neil em desprezo, recuou dois passos exagerados e depois se virou voltando á sua posição inicial.

Os Chacais começaram assim que todos estavam prontos. Neil não conseguiu ir muito longe antes de encontrar Leverett novamente. Ela o empurrou com o ombro enquanto o forçava a recuar para a *meia área*. Do outro lado da quadra, Kevin tomou posse de bola, mas perdeu-a um segundo depois quando Gorila bateu em sua raquete. Neil não sabia se Gorila estava realmente batendo a raquete com força, ou se Kevin estava apenas com medo de segurara-la quando a vibração percorria de suas mãos aos cotovelos. Neil não tinha certeza da resposta esperada. Ele não queria que Kevin se machucasse, mas as Raposas não podiam se dar o luxo de ter seus problemas psicológicos dentro de quadra.

Matt roubou a bola do atacante e passou para Aaron. A única chance clara de Aaron foi Andrew. Ele demorou dois segundos para chegar à marca do atacante, na *meia área,* e Andrew jogou a bola na parede lateral em frente a Aaron, que pegou no rebote. Aaron a lançou com toda a força.

– Neil!

Neil já estava em movimento, observando a raquete de Aaron, e percebeu que o passe era para ele. Leverett bateu em sua raquete, tentando arruinar sua pegada, e Neil rangeu os dentes com o golpe em seu pulso. Ele esticou seu bastão, sobrepondo o de sua oponente. Isso lhe custou preciosos segundos para pegar a bola e quase sobrecarregou o braço tentando.

Leverett colidiu contra ele novamente, tentando derruba-lo, mas Neil abraçou sua raquete contra seu corpo, protegendo a bola entre seu tórax e a rede. Leverett bateu na raquete novamente tentando liberar a bola. Neil recuou um passo, se preparando para a investida, deu a ela uma oportunidade de pegar a bola, em seguida, bateu ombro contra ombro com força suficiente para derrubá-la de bunda no chão. Ele recolheu a bola que caiu e correu.

– Fodido, miserável! – Gritou ela atrás dele.

Neil carregou a bola em dez passos e atirou para Kevin. Kevin pegou, só para ter sua raquete derrubada novamente. Gorila havia atingido sua raquete na disputa pela bola. Kevin pressionou sua mão esquerda no abdômen e procurou Matt.

– Tire ele da minha cola!

Matt ouviu, porém não respondeu.

No momento seguinte, em que ambos os times estavam na linha do *primeiro-quarto*, Matt derrubou seu atacante e correu atrás de Gorila. Matt largou sua raquete deixando as mãos livres para um gancho poderoso, ele acerou Gorila bem debaixo de sua armadura torácica. Gorila caiu com o golpe e uma campainha marcou a falta. Gorila precisou de alguns segundos para recuperar o fôlego e correr atrás de Matt. Matt recuou de suas mãos gigantes, colocando o máximo de pessoas que podia entre Gorila e ele. Gorila empurrou seus colegas de equipe para fora do caminho enquanto perseguiu Matt por toda a quadra.

Assim que Matt passou pelo gol, Andrew entrou no caminho de Gorila. Ele parecia ridiculamente pequeno enquanto obsevava Gorila olhar para ele, apesar da diferença ele se manteve firme e esperou com sua raquete ao seu lado. Gorila gesticulou exigindo que ele saísse do caminho, mas Andrew permaneceu em silêncio e imóvel. Neil prendeu a respiração, esperando que Gorila tirasse Andrew a força. Andrew podia ser psicótico, mas também era do tamanho de meio Gorila. Um soco perfeito do Gorila racharia seu crânio ao meio.

Felizmente, os árbitros chegaram antes que as coisas pudessem piorar. Matt aceitou seu cartão amarelo sem discutir e deu a Kevin um polegar positivo. Através das portas aberta, da quadra Neil ouviu a multidão protestar e incentivar a breve confusão. Matt deixou a quadra correndo, para Nicky entrar, e foi saudado pela torcida como um campeão que retorna para casa. Gorila deixou a quadra pelo lado dos Chacais alguns segundos depois. Neil o observou mancar através da parede.

– Matt sabe bater – disse Neil.

Dan sorriu.

– A mãe dele é boxeadora profissional. Ela ensinou alguns truques para ele... O que foi agora...?

Neil seguiu sua distração até a porta da quadra, onde Wymack esperava. Era quase a hora de Allison substituir Dan, mas Wymack tinha Seth e Allison com ele. Wymack fez um gesto entre eles, deixando a escolha para Dan. Um segundo e Dan entendeu, ela virou-se a procura de Kevin.

Kevin estava com Andrew dentro da área do gol, a mão esquerda estendida para que Andrew pudesse tirar a luva externa. Andrew soltou as fivelas, depois a colocou debaixo do braço para que pudesse remover a braçadeira de Kevin. Deixou somente a luva interna de Kevin, desatou o nó do dedo médio para que pudesse deslizar o pano preto sobre o pulso. Kevin flexionou os dedos lentamente, olhando para sua cicatriz, em seguida, virou a mão e flexionou os dedos novamente.

– Kevin! – chamou Dan.

Kevin e Andrew olharam em sua direção e seguiram o dedo apontando para a porta. Neil não pode ouvir o que Andrew disse, mas Kevin sacudiu a cabeça. Andrew empurrou a luva de Kevin contra seu peito e deu um passo para trás, Kevin foi para a porta de saída da quadra. Dan apertou o seu ombro no caminho. Assim que Kevin estava fora do alcance de sua voz, ela murmurou algo maldoso em voz baixa e enviou um olhar enojado para Gorila através da parede de acrílico.

A multidão lá fora cumprimentou a chegada de Kevin com o mesmo entusiasmo que mostraram a Matt. Ele só havia jogado meia hora, mas por ora foi bom de mais tê-lo em quadra.

– Alinhem-se para um arremesso de falta –, disse Dan enquanto Seth

ocupava o lugar de Kevin na quadra.

Os árbitros saíram e os trancaram.

Raposas e Chacais se afastaram, dando espaço para que o substituto de Gorila tentasse o tiro contra o gol. A campainha autorizou o defensor. Ele tomou alguns segundos extras para pensar suas opções, em seguida, disparou no canto do gol. Andrew defendeu, rebatendo a bola no outro lado da quadra.

Neil correu pela quadra o mais rápido, querendo mais do que nunca que as Raposas ganhassem este jogo. Ele sabia que não conseguiriam, mas a forma de jogar dos Chacais o irritou. Gorila realmente tentou lesionar a mão de Kevin em seu primeiro dia de retorno a quadra, o que era incrivelmente cruel. Neil esperava que Matt tivesse quebrado algumas costelas com aquele soco.

Neil pegou a bola no ar enquanto voava em sua direção. Correu em direção ao gol, dando cinco passos antes que Leverett estivesse em sua cola. Ele disparou um tiro no gol, que o goleiro desviou. Seth esquivou-se de sua marcação novamente para pegar a bola, mas não tinha um arremesso limpo a sua frente. Então jogou a bola de volta para Neil.

Leverett correu para intercepta-lo, mas Neil não deixou. Ele bateu na vara dela com quase força suficiente para derrubar ambos. Ela xingou quando perdeu o controle, então não havia nada que impedisse Neil de chegar ao gol. Ele pegou a bola e carregou-a em todos os dez passos, calculando os ângulos e a linguagem corporal do goleiro enquanto corria. Seu último passo foi um meio passo que ajudou impulsioná-lo e colocar toda sua força no lance.

O gol se iluminou de vermelho quando a bola de Neil atingiu seu alvo. A campainha disparou, e Neil virou-se para a meia área enquanto seus colegas de equipe aplaudiam.

Leverett entrou na sua frente.

– Você teve sorte.

– Não, você que esta ficando lenta –, respondeu Neil.

Ela se moveu como se quisesse agredi-lo, mas parou, talvez lembrando de seu cartão amarelo. Neil empurrou-a para fora do caminho e continuou. Ela cuspiu obscenidades para Neil, mas ele deu as costas ignorando-a. Ele estava mais interessado em Seth, que tinha atravessado a quadra para dar um tapa violento em seu ombro. Neil bateu raquetes com ele em comemoração e se separam para suas respectivas posições na *meia área*.

Dan gritou atrás de Neil.

– Vamos fazer isso de novo, Raposas!

Neil não marcou novamente até o segundo tempo. Dois pontos não seriam o suficiente para conquistar sua titularidade na linha ofensiva, mas fez com que ele se sentisse melhor em estar na quadra. Foi quase o suficiente para aliviar a dor da sua eventual derrota para os Breckenridges em nove pontos contra sete.

A temporada finalmente tinha começado, Neil teria até outubro para melhorar.

CAPÍTULO DOZE

Na manhã seguinte, o despertador de Neil disparou acordando-o atordoado um minuto antes de lembrar-se do motivo pelo qual estava se levantando. Ele enfiou o despertador debaixo do travesseiro desejando que Kevin e Wymack tivessem uma morte precoce e arrastou-se até a beira da cama. O despertador de Matt soou assim que Neil descia a escada. Seth resmungou algo rude no outro lado do quarto quando Matt não o desligou imediatamente. O travesseiro de Matt abafou sua resposta, mas seu tom parecia hostil.

Ao descer a escada, Neil parou e esfregou o sono dos olhos. Matt finalmente encontrou seu despertador e silenciou-o. Seth bufou, rolou ruidosamente e imediatamente voltou a roncar. Matt o encarou com os olhos turvos do outro lado do quarto antes de olhar para Neil.

Matt parecia tão mal quanto Neil se sentia.

Wymack avisara na noite passada que eles acordariam cedo, mas para as Raposas não dava para começarem a temporada sem uma festinha. Previsivelmente, o grupo de Andrew ficou de fora da comemoração, mas Neil e seus colegas de quarto acabaram indo para o quarto das meninas. Os veteranos acabaram com metade de uma garrafa de vodka sem a ajuda de Neil e Renee. No momento, todos achavam que valia a pena. Depois de terem menos de uma hora de sono, Neil já não tinha tanta certeza.

Alguém bateu na porta da suíte. Neil foi ao corredor para atender. A luz do corredor era mais brilhante do que Neil esperava. Neil esfregou os olhos novamente, tanto para tirar a turbidez quanto para não ter que olhar Wymack. Deveria ser impossível para Wymack parecer bem acordado àquela hora, mas lá estava ele completamente desperto.

– Pare de bocejar e se mexa –, disse Wymack batendo palmas no rosto de

Neil. – Temos um horário a seguir. Quero todos no ônibus em cinco minutos.

Neil fechou a porta na cara dele e foi se vestir.

Ele ainda estava morto de cansaço quando saiu de seu quarto, um minuto depois, mas sua cabeça estava entrando em modo de sobrevivência. Renee deu-lhe um sorriso cansado e um meio aceno de mão. Dan foi aos tropeços até Matt, passando seu braço ao redor do pescoço dele, ela adormeceu contra ele quase que imediatamente. O grupo de Andrew foi o último a aparecer. Neil deu uma olhadinha no protetor de pulso que Kevin usava e instantaneamente sentiu-se mais acordado.

Wymack apontou para Kevin.

– Como diabos eles te acordaram?

– Não me deixaram dormir

Kevin enviou a Andrew um olhar amargo, mas Andrew o ignorou.

– Inteligente –, disse Wymack, e os direcionou para as escadas. – Vamos.

Abby esperava do lado de fora do ônibus da equipe. Foi a primeira vez que Neil via o ônibus, já que geralmente era trancado em um lugar fechado para evitar vandalismo. Ele foi pintado para combinar com o estádio, mobilhas laranjadas e patas contra o fundo branco. No interior, ao invés das tradicionais duas filas havia apenas uma. Os assentos eram grandes o suficiente para acomodar confortavelmente dois atletas, ou apenas um para tirar uma soneca. Em seu estado, exausto. Neil achou ser o melhor ônibus já inventado.

Andrew levou seu grupo para o fundo. Abby ficou na primeira fileira. Matt e Dan sentaram atrás dela, e Renee ficou sozinha atrás deles. Neil deixou uma fileira vazia entre Renee e ele. Ele se inclinou contra a janela e olhou para o assento á sua frente quando Wymack se instalou no banco do motorista. Ele escutou o motor ligar, enxergou o dormitório desaparecer em sua visão periférica

e depois se inclinou para deitar no assento.

Já estava dormindo antes de chegarem à estrada.

Eram quase seis quando chegaram ao Raleigh, Carolina do Norte. Wymack parou no fast food mais próximo, Abby e Renee entraram para comprar café da manhã para a equipe. Assim que elas saíram, Wymack ficou no corredor encarando seu time.

– Tudo bem –, disse ele, então rapidamente esqueceu o que falava ao dar uma boa olhada na parte de trás do ônibus. – Vão todos parara o inferno. Hemmick! Você deveria acorda-los dezesseis quilômetros atrás.

– Eu não quero morrer – respondeu Nicky.

Dan tentou disfarçar sua risada com uma tosse. Wymack não se deixou enganar, olhou ferozmente para ela enquanto se dirigia até o fundo do ônibus, irritado. Dan não se intimidou e sorriu para Renee. Curioso, Neil se virou em seu assento para assistir. Wymack foi até a última fileira, tirou a carteira do bolso de trás e a jogou em Andrew. A julgar pelo barulho que soou, Andrew acordou com a tamanha violência de sempre.

Wymack estendeu uma mão em exigência.

– Devolva.

O couro rangeu enquanto Andrew se movia. Andrew sentou-se alguns segundos depois com a carteira de Wymack em mão. Wymack a enfiou no bolso mais uma vez e foi até a fileira de Kevin. Ele começou a empurra-lo com a sola do sapato contra o corpo de Kevin.

– Levante –, disse ele repetidamente, aumentando o tom cada vez até que estava quase gritando. – Levanta esse rabo e se mecha!

Kevin estendeu as mãos tentando afastar Wymack de perto. Wymack

agarrou seu cotovelo e arrastou Kevin do banco para o corredor. Antes que Kevin pudesse cair, Wymack o empurrou para trás, o jogando fortemente contra seu assento. Kevin recostou-se contra a traseira de sua cadeira imediatamente, parecendo a todos os efeitos acenar com a cabeça. Wymack bateu na parte de trás de sua cabeça para acordá-lo.

– Eu te odeio –, disse Kevin dramaticamente.

– Notícias de última hora: Eu não me importo. Esta foi sua brilhante ideia?

Andrew inclinou-se de lado para descansar contra a janela e olhou para o estacionamento.

– Chegamos?

– Estamos perto o suficiente –, respondeu Wymack. – Você já sabe o que fazer.

Andrew não respondeu, mas Wymack não o pressionou. Ele estava distraído com Kevin, que já estava adormecendo novamente. Wymack sacudiu seu ombro. Kevin permaneceu dormindo, então Wymack o arrastou de seu assento e o deixou caminhar de um lado para o outro no ônibus. Neil o observou passar. Kevin caminhava, mas seus olhos mal estavam abertos.

– Bom-dia, luz do dia –, disse Matt com alegria exagerada.

– Vá se foder –, xingou Kevin.

Dan bocejou em sua mão.

– Fico feliz em ver que você ainda é uma pessoa que acorda cedo.

– Vá se foder você também.

Kevin deu meia-volta quando chegou ao banco do motorista e foi até o fundo do ônibus. Tentou se sentar novamente, mas Wymack o virou com uma

mão em seu ombro. Kevin entendeu e continuou fazendo voltas. Andar o manteria acordado, não muito. Ele parecia meio adormecido toda vez que passava pelo assento de Neil.

– Kevin –, chamou Andrew, mexendo-se pela primeira vez desde que se inclinou contra a janela.

Kevin estava na metade da jornada, mas virou-se ao som de seu nome e voltou. Wymack saiu do caminho para que Kevin pudesse chegar ao assento de Andrew. Kevin tirou o remédio de Andrew do bolso e entregou o frasco. Ele e Wymack observaram enquanto Andrew colocava uma pílula em sua mão e a engolia a seco. Neil esperava que Andrew devolvesse o frasco, mas Andrew se acomodou no banco enquanto a guardava em seu bolso.

Estranho, pensou Neil, sobre Kevin ser o único a ter o remédio de Andrew. Kevin também o tinha no *Sweetie's*. Neil queria perguntar o porquê Kevin guardava, mas achava que nenhum deles explicaria.

Abby e Renee voltaram um minuto depois com sacos de comida e uma bandeja de bebidas. As Raposas comeram hambúrgueres e os donuts prometidos por Dan. O café ajudou a espertá-los, assim como o lembrete de que eles estavam prestes a encontrar uma das melhores apresentadoras de talk show do país. Dan, Matt e Renee zumbiram com entusiasmo quando o ônibus voltou para a estrada.

Foram mais quinze minutos para chegar ao edifício de dois andares que abrigava o programa diário de Kathy Ferdinand. Wymack estacionou no portão de segurança e saiu para conversar com o guarda. Neil olhou pela janela enquanto ele e o guarda verificavam as identidades e as papeladas. Wymack voltou alguns minutos depois com uma etiqueta de estacionamento e uma pilha de crachás para convidados. O portão rangeu quando se abriu e Wymack os conduziu ao estacionamento dos funcionários.

Wymack foi o primeiro a descer. Ficou ao lado da porta e entregou os

crachás enquanto as Raposas passavam. Abby os seguiu e trancou a porta do ônibus. Estavam quase chegando ao prédio quando a própria Kathy entrou no estacionamento para cumprimentá-los. Ela parecia mais desperta do que Wymack. Neil esperava que fosse apenas sua maquiagem, porque não poderia ser possível ou natural.

– Kevin –, disse ela, estendendo a mão para ele. – Já faz tanto tempo. Estou tão feliz que tenha vindo.

– É bom vê-la novamente –, disse Kevin, e sorriu quando pegou sua mão.

Atrás de Kathy, Dan fingiu desmaiar nos braços de Matt. Neil entendeu a piada. Nos quatro longos meses convivendo com Kevin, ele só o vira sorrir apenas uma ou duas vezes. O sorriso de Kevin era frágil e amargo. Neil tinha em seu fichário fotos de Kevin sorrindo ao lado de Riko, mas a maioria delas tiradas após os jogos, quando a dupla parecia mais triunfante e condescendente do que qualquer outra coisa. Esse sorriso era outra coisa; Esta era a face público de Kevin. Era para entrevistadores e fãs que ficariam melhores sem conhecer o lado arrogante e cruel de um campeão mundial. Kevin parecia uma celebridade encantadora. Neil achou terrivelmente desorientador.

Kathy sorriu para o resto da equipe. O sol da manhã cintilava em seus dentes perfeitos que só o dinheiro poderia comprar.

– Vocês foram incríveis na noite passada. Kevin, você tem o toque mágico. A equipe melhorou muito desde que você foi transferido.

– Eles já estavam meio encaminhados –, disse Kevin.

Foi à primeira coisa positiva que Neil ouviu Kevin dizer sobre as Raposas. Normalmente, Kevin só se preocupava em apontar seus defeitos. Ele sentiu a mentira no tom de Kevin, mas Kevin era muito bom ator para mostrar a Kathy seus verdadeiros sentimentos sobre a equipe.

– Eles merecem estar na primeira divisão. Este ano eles vão mostrar isso.

– Claro –, disse Kathy distraída.

Ela tinha acabado de localizar Neil. O seu olhar era faminto.

– Neil Josten, bom dia. Suponho que você já tenha ouvido as boas notícias? Depois das onze horas da noite passada, seu nome foi o terceiro mais buscado dos atacantes de Exy da NCAA. Isso coloca você logo depois de Riko e Kevin. Como se sente?

Neil sentiu um frio na barriga.

– Eu não precisava saber.

– Você falou com ele? – perguntou Kathy a Kevin.

– Achei que não precisávamos falar sobre isso.

– Sobre o que? – perguntou Neil.

– Quero você no meu programa esta manhã –, disse Kathy.

Neil pensou ter ouvido mal. Olhou fixamente para ela, esperando a piada terminar.

– Todo mundo quer saber quem você é –, acrescentou Kathy, abrindo as mãos em um gesto amplo. – Você é uma adição misteriosa na equipe das Raposas, um novato de uma pequena cidade do Arizona. O treinador Hernandez disse que você aprendeu Exy em um ano, apenas lendo guias e treinando. Kevin diz que você vai assinar com a liga dos EUA após a formatura. São ambições e sonhos de um começo tão humilde, você não acha? Chegou a hora da sua estreia.

– Não –, disse Neil. – Ela o encarou. Neil balançou a cabeça. – Não, eu não estou interessado.

O sorriso dela se contraiu um pouco. Ela estendeu a mão, como se fosse dar um tapinha no ombro, mas Neil saiu de seu alcance. Abby fez um gesto para ele

silenciosamente, o avisando para se comportar. Neil a ignorou.

– Não seja tímido – insistiu Kathy. – Se você conseguiu jogar na frente de sessenta e cinco mil pessoas em um jogo transmitido ao vivo pela ESPN2, você pode se sentar no palco por dez minutos. Essa é a parte mais fácil. Eu só vou fazer algumas perguntas sobre por que você começou a jogar e onde você espera chegar, esse tipo de coisa... Está tudo roteirizado para você pensar em suas respostas antes de entrar no palco. Seus fãs merecem uma resposta.

– Não tenho fãs, eles não querem minhas respostas –, disse Neil.

– Seja esperto, Neil. – Ela falou com o ar de alguém que tinha visto muito mais do mundo do que um mero adolescente. Neil queria esmurra-la por isso. – Você não pode passar esta temporada fugindo da imprensa enquanto estiver jogando com Kevin Day.

– Já disse que não.

A impaciência finalmente apareceu na expressão dela.

– Você não esta pensando grande. Este ano pode ser decisivo para você. Se quiser chegar a algum lugar, precisa da nossa ajuda. Tudo tem sido tão perfeito para você. Não deixe que desmorone tão cedo ou você se arrependerá pelo resto de sua vida. Kevin, você entende, não é?

– Ele vai –, respondeu Kevin.

– A decisão não é sua –, disse Neil em um francês venenoso.

Ele não percebeu o que fizera de errado até sentir o olhar penetrante de Wymack. O grupinho de Andrew sabia que Neil falava francês. Neil poderia explicar aos veteranos mais tarde e eles não pensariam duas vezes sobre isso. Mas Wymack, como Andrew, também o ouvira falar alemão fluentemente. Neil serrou os dentes e se recusou a devolver o olhar de Wymack.

O sorriso de Kevin nunca falhava, mas sua resposta em francês foi fria.

– Você está sendo um idiota.

– Não posso aparecer na televisão.

– Você já apareceu –, replicou Kevin. – Você vai fazer isso hoje, ou você e eu terminamos aqui. Vou desconsiderá-lo em quadra e você vai seguir seu caminho na mediocridade sozinho. Devolva suas chaves do estádio para o treinador quando retornarmos ao campus. Você não vai precisar mais delas.

Foi como ser esfaqueado no peito.

– Não é justo.

– Você prometeu ou não, que tentaria?

– Mas isso não é... Não quero...

– Prometeu ou não?

Neil achou que se engasgaria com todos os argumentos que não disse. Ele estava certo de que seu café da manhã voltaria em um segundo. A ideia de subir no palco e deixar uma câmera gravá-lo atentamente deixou-o nauseante, mas não tão assustador quanto Kevin o interrompendo. Neil só tinha até meados de outubro para jogar com as Raposas, e então abandonaria Exy para sempre. Toda vez que olhava um calendário, morria um pouco por dentro. Não podia desistir de nada antes do jogo contra os Corvos. Ele não sobreviveria. Kevin assentiu com a cabeça para Kathy e voltou para o inglês.

– Está resolvido.

O sorriso de Kathy voltou imediatamente.

– Perfeito.

Ela fez sinal para que eles a seguissem em direção ao edifício. Kevin pegou o ombro de Neil e o empurrou atrás dela. Neil se livrou de seu aperto e deu uma pancada na mão de Kevin. Kevin tentou agarra-lo novamente, mas Matt alcançou Neil e empurrou Kevin de volta. Abby enviou-lhes um chiado para que eles se comportassem, mas Kevin e Matt estavam muito ocupados encarando um ao outro para notar. Com Kevin recuando um passo, agora Andrew estava na linha de visão de Neil. Andrew inclinou a cabeça para um lado enquanto considerava Neil, e Neil cometeu o erro de olha-lo.

Aparentemente, as drogas de Andrew já estavam fazendo efeito, porque seu sorriso era brilhante e zombeteiro.

– Você é tão burro.

Andrew estava certo, então Neil não desperdiçou fôlego se defendendo. Se virou e caminhou logo atrás de Kathy.

Dan o alcançou em alguns passos.

– Neil? Você não precisa fazer isso se não quiser, você sabe.

Neil apenas sacudiu a cabeça, irritado demais para falar.

Kathy os entregou a dois assistentes. Um homem leu uma lista de regras sobre o comportamento adequado dentro do estúdio. As Raposas foram encaminhadas para encontrar seus assentos, Neil e Kevin foram conduzidos em outra direção. Eles desceram um corredor e viraram a esquina para um camarim. Os assistentes tiraram algumas rápidas medidas de seus corpos e desapareceram.

O temperamento de Neil só piorou ao percebeu que o camarim era um lugar de um cômodo com nenhum lugar para se esconder de Kevin. Uma parede inteira de pura vaidade, revestida com espelhos e luzes. Seis bancos foram organizados contra o balcão. Uma arara de roupas vazia estava no meio da sala. Neil cruzou os braços sobre o peito, tentando apertar o suficiente para esconder suas cicatrizes sobre a pele.

O assistente voltou para deixar as roupas, prometeu que os maquiadores estariam lá em dez minutos e saiu de novamente. O sorriso de Kevin desapareceu no momento em que a porta se fechou. Ele folheou os cabides e jogou um terno em Neil. Neil deixou cair no chão a seus pés. Kevin apontou para a roupa.

– Vista –, disse ele. – Quando Neil não se moveu o obedecendo, Kevin acrescentou: – Estou mais preocupado com você transformando essa entrevista em um desastre do que com suas cicatrizes. Supere isso.

Neil olhou para ele até Kevin começar a se trocar, então pegou suas roupas e deu as costas para Kevin. Ele colocou sua nova camisa por cima da que estava usando e lutou para escondê-la embaixo. Deu um pouco de trabalho, mas ele conseguiu manter a maior parte de sua pele escondida. Vestir a calça seria mais fácil, já que a maior parte das cicatrizes estava em seu tronco. Neil alisou sua camisa de forma obsessiva, e então levou suas roupas descartadas ao balcão. Manteve distancia de Kevin tanto quanto pode.

– Pare de se comportar feito uma criança –, disse Kevin.

– Eu não deveria estar fazendo isso.

– Sim, você deveria e você vai dar uma boa impressão, quer você queira ou não. – Kevin verificou seu reflexo e puxou suavemente as mangas de sua camisa. Depois de um momento de consideração, tirou seu protetor de pulso e as colocou de lado. – Siga as instruções de Kathy, mas não a deixe dominar. O show é sobre nós, não sobre ela. Ela é a apresentadora, não a estrela.

– Sorria e minta –, disse Neil para o seu reflexo.

– Não há razão para mentir –, disse Kevin. – Ela só vai falar sobre Exy.

– Não há razão para mentir –, repetiu Neil. – Disse quem mentiu na cara dura sobre as Raposas, o que disse ao CRE...

Neil hesitou, incapaz de dizer as palavras. Ele inclinou a cabeça para frente e pressionou sua testa contra o espelho. Contou sua respiração para não entrar em pânico, mas sua barriga tremia de nervosismo. Ele cerrou o punho no canto do balcão e se obrigou a ficar calmo.

– Quem disse ao CRE, o quê?

Neil fechou os olhos.

– Por que você disse ao CRE que eu jogaria na seleção?

– Porque você vai, quando parar de se comportar de maneira impossível e fizer o que eu mando.

Andrew não mentiu.

As reportagens não tinham mentido.

Apesar das palavras rudes e da impaciência grosseira, Kevin acreditava no potencial de Neil. Kevin queria treina-lo. Ele queria jogar com Neil, ele queria moldá-lo na estrela que ele fora um dia. Kevin nunca perdoaria Neil por desaparecer sem avisá-lo nesta temporada, e Neil odiava isso. Por mais complicada que fosse a obsessão de Neil por Kevin, havia uma verdade inegável: ele não queria que Kevin o odiasse.

– Então, o que vai dizer a Kathy? – perguntou Kevin.

– Que eu te odeio –, murmurou Neil.

– Você não vai.

– Como tem certeza?

– Porque se você fizer isso, Andrew não vai deixar você chegar perto de mim.

Neil abriu os olhos e virou a cabeça para Kevin.

– Claro. Quase esqueci o seu cão de guarda. Como você ganhou, afinal?

– Quando você sabe o que alguém quer, é fácil manipulá-los. Como neste caso –, Kevin disse, gesticulando de Neil para a sala em que estavam. – Tive a impressão de que Andrew não queria nada.

Kevin não se incomodou em explicar. Então eles esperaram em silêncio até os maquiadores chegarem. Kevin os deixou entrar quando bateram. Ele era todo sorridente, com charme educado quando os maquiadores começaram a trabalhar. Quando os dois estavam prontos, foram escoltados até a sala de espera. Um monitor mostrava o set, que estava vazio. Neil verificou o relógio na parede e viu que ainda restavam dez minutos. Ele passou o tempo examinando as perguntas que lhe seriam feitas. A maioria delas era básica, o mesmo tipo de perguntas que seus colegas de equipe lhe haviam feito durante o verão.

Um assistente veio buscar Kevin quando estava quase na hora do programa começar. Neil observou-o partir, depois olhou para o monitor. Às sete horas, a música de abertura do programa começou e Kathy caminhou pelo palco pedindo aplausos. Ela parou no centro para acenar para a plateia matutina.

– Bom-dia, senhoras e senhores! Eu sei que é um pouco cedo para a maioria de nós estarmos acordados no sábado, mas temos um ótimo programa para você hoje. Nossa atração musical são quatro homens extremamente talentosos, os *Hobgoblin's Thunder*. – Ela fez uma pausa para os aplausos resultantes. – Mas vamos começar a manhã com a noite passada e o início da temporada de Exy da NCAA!

Isso causou ainda mais aplausos. Kathy sorriu enquanto andava lentamente em frente ao palco.

– Quantos de vocês tiveram a oportunidade de ir aos jogos da noite passada? Oh, uau! Quantos, como eu, assistiram os jogos no conforto de sua própria casa? – Ela levantou a mão e riu da resposta que recebeu da plateia.

– Alguns de vocês, provavelmente, já estão apostando nos rankings da temporada e adversários da primavera. Certo? Este ano tem potencial para ser a maior temporada universitária que já vimos. Pensem em todas as mudanças, todas as possibilidades surpreendentes. Vamos falar um pouco sobre isso hoje, mas para isso, vou precisar de alguns convidados especiais.

– Faz nove meses dês de sua última aparição pública, há quase nove meses. Apresento a vocês nosso primeiro convidado do dia: O antigo atacante da seleção americana, os Gatos selvagens de Baltimore, e os Corvos de Edgar Allen, principal atacante das Raposas de Palmetto State University, Kevin Day!

Ela quase não conseguiu terminar a introdução. Em "nove meses", os maiores fãs de Exy entre a multidão entenderam rapidamente, e antes de seus títulos serem mencionados o público aplaudia e gritava. A câmera seguiu Kevin sair da coxia para o palco. Com as roupas caras do estúdio e seu sorriso no rosto, Kevin parecia cada centímetro o ídolo adorado que Kathy estava vendendo. Ele a cumprimentou quando chegou ao centro do palco, inclinou-se para beijar seu rosto e virou-se para encarar a multidão. Kathy levantou as mãos, um sorriso de um milhão de *watts* no rosto, e Kevin acenou para o público.

Se passou um longo minuto até que a multidão se acalmou, e, em seguida, Kathy posicionou-se atrás de sua mesa. Havia dois sofás no palco, um de cada lado da mesa. Kevin sentou-se à da sua direita, meio de lado para olhar tanto Kathy quanto o público. Kathy inclinou-se sobre a mesa sorrindo para Kevin, parecendo incrivelmente satisfeita consigo mesma. Neil achou que ela já estava imaginava a sua audiência.

– Kevin, Kevin, Kevin –, disse ela meneando a cabeça ao mesmo tempo. – Ainda não consigo acreditar que tenho você aqui. Espero que me perdoe quando digo que é surreal vê-lo de volta, sozinho! Ainda penso em você como parte de uma equipe.

– Pelo menos agora tenho espaço para me esticar –, disse Kevin, cuidadosamente, evitando a resposta verdadeira. – Eu poderia resolver isso em

um minuto. Não creio que você esperava que estivéssemos acordados e apresentáveis após o jogo da noite passada.

Ela riu e levantou as mãos.

– Suponho que você está certo. Você se veste muito bem, como sempre.

Alguém na plateia aplaudiu em aprovação, e Kevin riu.

– Obrigado.

Kathy derramou água em dois copos e colocou um na borda da mesa, onde ele poderia alcançar.

– Então, vamos falar sobre a noite passada. Primeiro, isso significa que a temporada da NCAA começou e você está usando laranja. Por favor, não se ofenda, já que não tenho nada contra o seu novo time, mas por que se transferiu para Palmetto State? Eu entendo que você veio como treinador assistente, mas uma vez que você sabia que poderia jogar novamente, por que assinar com as Raposas? Tenho certeza de que você teve mais opções. Por que iria do topo do ranking para o fundo?

– O treinador Wymack era amigo da minha mãe. Tenho certeza que você sabe, ela o ensinou a jogar. Mesmo depois de sua morte e do treinador Moriyama me acolher, o treinador Wymack manteve contato comigo. – Kevin analisou sua mão esquerda, afastando o olhar do rosto da apresentadora. – Em dezembro passado, pensei que nunca mais jogaria. Eu estava decepcionado. O treinador Wymack foi o único em que pensei, e ele não me decepcionou. Ele e sua equipe me receberam sem hesitar. Eu gosto de trabalhar com eles.

Kathy estendeu a mão por cima da mesa e apertou sua mão esquerda. Kevin tirou o olhar de sua cicatriz e sorriu. Kathy devolveu o sorriso e disse:

– Admito que esperava vê-lo de volta a Edgar Allen neste outono. Independentemente de onde você esteja, é maravilhoso vê-lo em ação

novamente. Você merece uma salva de palmas por isso.

O público estava satisfeito em agrada-la.

Kathy apertou a mão de Kevin e soltou.

– É lamentável que o seu primeiro jogo tenha sido contra Breckenridge, não acha? Você fez três pontos na noite passada, o veterano do quinto ano, Seth Gordon, empatou dois pontos junto com o novato da equipe. Vamos falar sobre Neil Josten, podemos?

– Claro.

– Você realmente sabe como mudar as coisas por aqui, não é? – perguntou Kathy. – O que você estava pensando recrutando alguém tão inexperiente quanto Neil?

– Neil é exatamente o que as Raposas precisam no momento –, disse Kevin. – Sua inexperiência é irrelevante. Olhamos centenas de arquivos à procura de um atacante substituto para este ano, e Neil foi o único que chamou nossa atenção. Sabíamos assim que o vimos que precisávamos contratá-lo. Tivemos a sorte de chegar até ele antes de alguém.

– Vocês fizeram um grande esforço para consegui-lo, eu ouvi –, disse Kathy. – Vocês até se recusaram a divulgar seu nome ao CRE, isso é verdade?

– Nossa principal preocupação era manter Neil seguro –, respondeu Kevin. – A primavera foi muito difícil para Palmetto State. Anuncia-lo como parte da equipe colocaria um alvo em suas costas. No início, o CRE hesitou em confiar cegamente, mas no final eles nos apoiaram.

– Você achou que o CRE não manteria o segredo?

Kevin não respondeu imediatamente, provavelmente pensando na maneira mais eficaz de responder.

– Deixe-me colocar desta forma: "Três pessoa podem manter um segredo se dois deles estiverem mortos" Não quero ofender com isso, mas vamos ser honestos. Dezesseis pessoas são designadas para o CRE e um deles é o treinador de uma equipe ferozmente competitiva. Até mesmo as fofocas compartilhadas em confiança podem vazar e destruir a vida de alguém.

Foi uma lição que Kevin aprendera da maneira mais difícil, pensou Neil. As fofocas do CRE ocasionaram no violento embate entre Riko e Kevin.

– Tanto trabalho e esforço para um único jogador – disse Kathy. – Mal posso esperar para ver o que vocês estão preparando.

A porta da sala de espera se abriu e um ajudante se inclinou para chamar Neil.

– Um minuto. É hora de se mexer.

Neil se levantou e seguiu o ajudante na coxia próxima ao palco. Uma mulher que os esperava tinha um rádio ligado ao ponto na orelha de Kathy. Ela olhou para Neil, verificando sua aparência e enviou a Kathy um OK.

– Por que não damos mais uma olhada nele? – perguntou Kathy. – Vamos ver o garoto que substituiu Riko Moriyama ao lado de Kevin. Apresento Neil Josten, o mais novo membro das Raposas de Palmetto!

Neil cerrou os dentes, depois relaxou a expressão. A plateia aplaudiu antecipadamente e Dan gritou seu nome. Neil atravessou o palco até a mesa de Kathy. Ela levantou-se para cumprimenta-lo, então fez um gesto no sofá ao lado de Kevin. E sentaram-se ao mesmo tempo. Kathy serviu-lhe água, e Kevin passou o copo para Neil.

– Não é uma imagem interessante? – perguntou Kathy ao público. – Kevin tem um parceiro novamente.

Ela apoiou o queixo em sua mão e inclinou-se sobre a mesa sorrindo para

Neil.

– Não estou exagerando quando digo que você é o assunto do momento, Neil. Você é o amador que chamou a atenção do campeão nacional. Esse tipo de coisa só acontece em contos de fadas, você não acha? Como se sente?

– Injusto –, respondeu Neil. – Eu só dei a Millport tudo o que tinha porque sabia que seria a minha única chance. Kevin era a última pessoa que eu esperava encontrar no Arizona.

– Sorte a nossa que tenham o encontrado –, disse Kathy. – Você tem um talento natural. É uma pena que tenha começado tão tarde. Imagine onde você estaria hoje se tivesse começado há alguns anos atrás. Talvez você teria sido recrutado por Edgar Allen ou o pela seleção nacional, se Kevin estiver certo sobre seu potencial. Por que esperou tanto tempo?

Neil pensou em sua pequena equipe da liga infantil e mentiu entre os dentes.

– Sinceramente, nunca estive interessado em esportes de equipe antes. Tentei apenas em Millport porque era novo na cidade e pensei que me ajudaria a conhecer pessoas. Não imaginei que as coisas aconteceriam assim.

– Se não se importar, eu vou tomar seu lugar – disse Kathy com uma piscadela. – Não me incomodo de ficar perto de Kevin.

– Você quer realmente ficar no meio de dois atacantes? – perguntou Kevin.

– É possível? – perguntou Kathy. – Não é segredo que houve algumas hostilidades entre você e os atacantes das Raposas no ano passado. Na noite passada, tornou-se óbvio que ainda existem problemas para trabalhar com Seth. Embora não pareça ser o caso de vocês dois.

Neil olhou para Kevin pelo canto do olho, mas Kevin não se incomodou em corrigi-la.

– Seth se gradua em maio, então há menos chance ou necessidade de acomodar seu estilo de jogo para o meu. Neil, por outro lado, está apenas começando. Temos todo o tempo do mundo.

Kathy pulou sobre essa frase imediatamente.

– Isso implica que você vê isso de modo permanente. Você realmente não tem planos de retornar a Edgar Allen? Depende do quão bem você se ajusta com a mão direita nessa temporada, ou você pretende se formar em Palmetto State sem levar isso em conta?

A pausa de Kevin soou alto de mais nos ouvidos de Neil.

– Gostaria de permanecer o tempo que o treinador Wymack quiser.

Neil lançou mais um olhar para Kevin, não gostando desta resposta vaga.

– Ahh, os Corvos devem ficar tristes ouvindo isso – lamentou Kathy. – Imagino que Riko sente sua falta.

– Nos veremos novamente no outono.

– Exato. Eles estão em seu distrito agora –, acrescentou Kathy. – Por que da grande mudança?

– Eu não pretendo entender as motivações do treinador Moriyama.

– Quer dizer que eles não lhe contaram? – A surpresa de Kathy pareceu genuína.

– Estamos todos muito ocupados. É difícil manter contato.

– Bem, então. – Kathy se recuperou com um sorriso brilhante. – Tenho um presente para você!

A música disparou nos alto-falantes, uma melodia escura com bateria

pesada. A multidão saltou de pé e começou a gritar junto:

– Rei! Rei! Rei!

Neil olhou para eles, reconhecendo a música, mas incapaz de acreditar no que a multidão dizia. Ele enxergou facilmente as Raposas, pois eram os únicos corpos inertes na multidão. Eles ficaram sentados, os rostos branco de choque.

Neil olhou para o rosto pálido de Kevin. O movimento na visão periférica de Neil voltou sua atenção ao canto do palco. O homem que entrou usava a mesma roupa que Kevin, em uma versão negra da cabeça aos pés. Quando ele pegou a mão de Kathy, sua manga ondulou em torno de seu braço, mostrando abotoaduras no formato de asas da mascote dos Corvos. O número tatuado na maçã do rosto, no lado esquerdo, disse a todos na plateia quem tinha acabado de entrar no palco de Kathy.

Fazia nove meses que Riko Moriyama e Kevin Day estiveram juntos na mesma sala, nove meses desde que Riko quebrara a mão de Kevin, e agora estavam reunidos na televisão, ao vivo. O público aplaudiu entusiasticamente, encantados com a surpresa de Kathy, mas não alto o suficientemente para afogar a voz suave de Kevin ao lado de Neil.

As palavras soaram como uma prece desesperadora.

CAPÍTULO TREZE

O autoproclamado Rei do Exy beijou a bochecha de Kathy em saudação. A conversa de Riko e Kathy foi abafada pelo barulho da plateia, mas Kathy parecia radiante quando voltou ao seu lugar. Riko caminhou poucos passos que o separava de Kevin no sofá e ficou a sua frente. Ele estava sorrindo, mas nem Kevin e nem Neil eram estúpidos o suficiente para achar que estava feliz. Um único olhar em seus olhos seria suicídio.

Qualquer resentimento que Neil sentia em relação a Kevin, por forçá-lo a participar do programa, tinha evaporado. Não podia ficar bravo quando Riko estava ali, não quando Riko era para Kevin o que seu pai significava para ele. A pequena raiva nem se comparava com esse terror instintivo.

Só depois que a plateia se acalmou, Riko falou:

– Kevin. Já faz tanto tempo.

Houve confusão e um barulho violento na plateia. Neil não queria tirar os olhos de Riko, mas era instintivo olhar.

Renee estava sentada de lado no colo de Andrew, um pé apoiado no chão para impedi-lo de empurrá-la. Ela manteve uma mão sobre a boca dele enquanto ambos olhavam para o palco. Matt segurava um dos pulsos de Andrew com as duas mãos. Wymack segurava o outro. Os olhares nos rostos das Raposas variou de horror a fúria.

Riko se moveu e Neil ignorou sua equipe em favor de encarara-lo. Riko o ignorou completamente e estendeu a mão para Kevin em convite. Kevin observou-a por alguns segundos, então estendeu a mão e Riko o puxou para perto. A multidão aplaudiu quando Riko abraçou Kevin, aparentemente não percebendo o quão lento Kevin devolveu o abraço.

Riko afastou-se segurando Kevin pelo braço.

– Acho que você encolheu desde a última vez que te vi. Eles não estão te alimentando aqui? Sempre ouvi dizer que comida do sul é um pouco pesada.

– Eu acho que corro bastante na quadra.

– Que milagre!

Havia sarcasmo em sua voz, mas Kathy sorriu e fez um gesto entre eles.

– Realmente é um milagre. Deem uma boa olhada, todos. Sua dupla dourada está de volta, mas pela primeira vez são rivais. Riko, Kevin, os agradecemos do fundo de nossos corações por tolerar nosso incessante fanatismo.

Ela fez sinal para que ambos sentassem.

Riko se afastou de Kevin para sentar em outro sofá. Kevin afundou em sua poltrona, porém estava prestando mais atenção a Riko do que onde estava sentando. Ele acabou por ficar com sua coxa pressionada contra a de Neil, forte o suficiente que Neil podia senti-lo tremer.

Kathy olhou para Riko.

– Pelo que ouvi de Kevin, parece que nenhum de vocês se falou há algum tempo. Está certo?

– Isso mesmo – respondeu Riko. – Parece surpresa.

– Bem, sim – disse Kathy. – Nunca pensei que fosse possível para os dois se separarem.

– Um ano atrás, teria sido impossível –, disse Riko, – Mas você tem que entender o quão emocionalmente devastador foi dezembro. Foi Kevin quem se lesionou, mas todos nós sofremos. Alguns de nós não conseguiram lidar com a realidade do que esse acidente significava, inclusive eu mesmo. Kevin e eu

crescemos em Evermore. Construímos nossas vidas em torno dessa equipe e nossa parceria de trabalho. Não podia acreditar que o perderíamos. Não podia aceitar que nossos sonhos fossem destruídos. Nem ele poderia, então nós nos afastamos.

– Mas, por nove meses?

Ela olhou para Kevin, então ele respondeu, no entanto sua voz perdeu a calmaria por algo mais aborrecido.

– Talvez fosse inevitável. Fizemos Exy o centro das nossas vidas, Kathy. Mostramos o nosso melhor, mas não mostramos o que nos custou. Conciliar três equipes, faculdade e a pressão pública, foi desgastante e recusamos admitir isso. Não queríamos acreditar que tínhamos limites.

Kathy assentiu.

– Não consigo nem imaginar toda aquela pressão e estresse. Suponho que tenha desgastado a amizade de vocês.

– Somos humanos às vezes – disse Riko, – e, portanto, não podemos deixar de ter nossas diferenças, humm, Kevin?

– Nenhuma família é perfeita –, acrescentou Kevin calmamente.

Kathy assentiu em simpatia.

– Posso dizer como foi horrível quando vocês dois desapareceram? A última vez que ouvimos sobre os dois, vocês haviam ido esquiar para comemorar o final do semestre e ninguém viu nenhum de vocês em público por um mês. Eu temi o pior, mas não percebi que o pior realmente tinha acontecido até o treinador Wymack fazer seu pronunciamento.

– O pior foi perder tudo de uma só vez –, disse Riko. – Assinamos com a seleção nacional no ano passado, o que significava que só restava um sonho para

realizarmos: Jogarmos nas Olimpíadas de verão. Sabíamos que estava próximo, que era apenas questão de tempo, que o esforço de uma vida inteira e o sacrifício estava prestes a ser pago. Então Kevin lesionou a mão.

– Tudo mudou –, disse Kevin, tão baixo que ninguém ouviria se não fosse pelo microfone. – Não estávamos prontos para reconhecer isso. Era mais fácil simplesmente ir embora. – Imprudente –, ele admitiu olhando para Riko –, porém, mais fácil.

– Sinto muito –, disse Kathy com tristeza.

Kevin olhou para a água sem dizer nada. Finalmente, Kathy entendeu que a conversa caminhava na direção errada. Ela se virou para Riko, dando a Kevin tempo para se recompor.

– Mas olhe para ele agora. Não é incrível o quão longe ele chegou neste ano?

– Não tenho tanta certeza –, respondeu Riko, – digo como irmão, como seu melhor amigo. Você o viu ontem à noite, Kathy. Me preocupo que esse desejo e obsessão o leve a se machucar novamente. Será que ele se recuperaria emocionalmente e psicologicamente outra vez?

Seu tom era de preocupação, contudo Neil podia praticamente sentir suas palavras como facadas no peito de Kevin. Tudo o que Riko dizia tinha o intuito de machucar Kevin, e estava funcionando. Não era lugar de Neil falar, mas ele já tinha ouvido o suficiente. Seu temperamento não aguentaria mais a crueldade de Riko.

– Pensei que amigos motivassem uns aos outros –, disse ele antes que Kathy pudesse responder a Riko. – Acreditar nele agora seria o mínimo que você poderia fazer depois de abandoná-lo completamente no inverno passado.

Algumas pessoas na plateia vaiaram. Matt e Dan gritaram para equilibrar a situação.

– Ah, perdoe meus maus modos –, disse Kathy a Neil. – Eu não esqueci você ai, eu só me distraí. Vou lhes apresentar, não sei se precisam de apresentação. Riko, Neil. Neil, Riko. O passado e o presente de Kevin, ou devo dizer passado e futuro?

Riko finalmente olhou para Neil.

– Respondendo a sua acusação: Meu relacionamento com Kevin é único, não espero que você entenda. Não reflita em nós as suas ideias ínfimas sobre amizade.

– Era único –, refutou Neil, e enfatizou novamente: – Era. Tenho certeza de que esse relacionamento morreu quando ele não conseguiu continuar na sua equipe.

– Kevin escolheu deixar Edgar Allen –, disse Riko. – Ficamos chateados com sua ausência, mas felizes em saber que ele encontrou uma posição de treinador.

– Mas não estão felizes por ele ter voltado a jogar –, disse Neil. – Não foi por isso que se transferiram para o nosso distrito? Você acha que Kevin não deveria jogar novamente, então você quer tirá-lo do caminho. Você destruirá qualquer oportunidade que ele tiver de retornar, e fará com que ele assista enquanto sua equipe vence mais uma vez. Você está esfregando na cara de Kevin tudo o que ele perdeu, e de onde eu estou sentado parece que você está gostando.

– Só vou pedir uma vez para que diminua esse tom.

– Não posso – respondeu Nei. – Tenho um pequeno distúrbio de comportamento.

O sorriso de Riko era frio.

– Um pequeno?

Kathy interveio antes que as coisas ficassem desagradáveis.

– Neil trouxe um ponto válido, e que eu gostaria de discutir. A mudança de distrito é algo inédito. Por ser Edgar Allen, torna-se mais surpreendente ainda. Tanto o seu treinador quanto o CRE deram um motivo satisfatório, entretanto não acho que a teoria de Neil esteja muito longe do verdadeiro motivo: Kevin.

– Kevin desempenhou um papel pequeno na nossa decisão –, explicou Riko. – E não pelas razões que este pivete afirma. Não foi uma decisão bem aceita da nossa parte, e fizemos críticas justas sobre isso. O norte diz que estamos nos transferindo para manter nosso ranking seguro, como se tivessem alguma chance de nos desbancar, e o Sul chora por achar injusto jogar contra nós. Nós somos a melhor equipe do país, afinal, e o distrito sudeste, para ser honesto, para ser educado, é insignificante. Suas equipes são horríveis. Esperamos que nossa transferência mude isso. Estamos aqui para inspirar o sul.

– Você quer fazer do o Sul o que Kevin está fazendo das Raposas –, concluiu Kathy.

– Sim, mas será muito mais fácil se Kevin estiver com a gente –, disse Riko.

– Como assim?

– Kevin não pode e não vai jogar com a gente novamente. Ele sabe disso; Foi por isso que ele não voltou. Nosso afeto por ele não perdoa suas novas limitações em quadra, e ele respeita demais os Corvos para nos arrastar ladeira a baixo. Isso não significa que Evermore não seja sua casa. Seu trabalho com as Raposas provou que podemos encontrar um lugar para ele em nossa equipe. Gostaríamos que ele voltasse como um de nossos treinadores.

– Parece uma escolha difícil, Kevin –, disse Kathy. – Devo admitir que ambas as ideias me fascinam. Por mais que eu goste de ver as Raposas melhorarem, vê-lo longe de Edgar Allen parte meu coração.

– Francamente, você não quer que ele volte, quer? – indagou Neil. – Não

consigo acreditar nisso.

– Isso não tem nada a ver com você –, disse Riko.

– Pare de ser tão egoísta –, continuou Neil, Kathy ficou boquiaberta. Kevin apertou o braço de Neil em advertência, mas Neil deu de ombros. – O sonho de Kevin sempre foi ser o melhor em quadra, que direito você tem de tirar isso dele? Qual o motivo de querer que ele se conforme com menos? As Raposas estão lhe dando a oportunidade de jogar enquanto vocês oferecem o banco. Ele não tem motivos para se transferir de volta.

– Palmetto é um desperdício para seu talento.

– Não tanto quanto Edgar Allen – replicou Neil.

Alguém na plateia riu, entretido com os convidados de Kathy.

– A sua equipe está no topo? Grande coisa, parabéns. Continuar do topo é muito mais fácil do que recomeçar da sarjeta. Kevin está recomeçando agora. Ele vai enfrentar equipes novas e está aprendendo a jogar com a mão menos dominante. Quando conseguir, e vai, ele será melhor do que você já foi. Sabe por quê? – Neil perguntou, mas não deixou Riko responder. – Não é apenas o seu talento natural. É porque ele está com a gente. Há apenas dez Raposas este ano. Um substituto para cada posição. Pense nisso. Ontem à noite jogamos contra os Breckenridge. Eles têm vinte e sete jogadores. Eles podem trocar de jogadores o quanto quiserem, porque eles têm um fila de reservas. Não temos esse luxo. Nós jogamos com esforço.

– Faltou esforço –, disse Riko por sobre os aplausos das Raposas. – Vocês perderam. Sua universidade e uma piada na NCAA. Seu time não tem conceito de trabalho em equipe.

– Sorte a sua –, insinuou Neil. – Se fôssemos uma equipe unida, vocês não teriam chance contra nós.

– Essa sua arrogância sem fundamento é uma ofensa para todos nós que conseguimos nossos lugares na primeira divisão. Todos sabem que o único motivo pelo qual Palmetto se qualificou para essa divisão foi por causa do seu técnico.

– Engraçado, tenho certeza de que foi assim que Edgar Allen se classificou.

– Nós ganhamos nosso prestígio mil vezes antes. Vocês ganharam nada além de piedade e desprezo, nenhum dos quais deve ser tolerado em um esporte. Um amador como você não tem direito de dar palpite.

– Mesmo assim, vou te dar mais uma –, disse Neil. – Acredito que você quer Kevin no banco não por se preocupa com a saúde dele. Você sabe que essa temporada vai ser um desastre para sua reputação. Você e Kevin sempre jogaram nas sombras um do outro. Sempre foram uma dupla. Agora, terão que enfrentar um ao outro como rivais pela primeira vez, e as pessoas finalmente saberão quem é o melhor, mais cedo ou mais tarde. – Neil gesticulou apontando para a tatuagem em seu rosto. – Acho que você deve estar com medo.

O sorriso de Riko poderia ter congelado o inferno.

– Não tenho medo de Kevin. Eu conheço ele.

– Você não só vai engolir essas palavras –, disse Neil. – como vai engasgar com elas.

– Isso soa como um desafio –, cortou Kathy com um rápido olhar entre eles. – Vocês têm sete semanas até a partida e eu, agora mesmo, já estou contando os segundos. Há tanta expectativa para este ano, mas uma pergunta não pode esperar: laranja ou preto, Kevin? Qual é a cor do seu futuro?

Kevin apertou a mão ao redor do braço de Neil, cortando a circulação até a ponta dos dedos de Neil.

– Já disse –, respondeu Kevin sem olhar para Riko. – Eu gostaria de ficar em

Palmetto o quanto quiserem.

As Raposas aplaudiram. O resto da plateia rapidamente se juntou. A tensão entre os atacantes se infiltrou na plateia, dando inicio a uma discussão incontrolável.

Kathy nem tentou acalmá-los, mas apontou para as câmeras. Neil mal ouviu anunciarem o fim do segmento e cortarem para os comerciais. Uma luz no piso do palco apagou-se, indicando que estavam fora do ar. Kathy cobriu o microfone no colarinho da camisa e olhou para os convidados.

– Vocês fizeram o meu dia –, disse ela com um largo sorriso no rosto.

Os três ficaram de pé e Kathy apertou suas mãos.

– Fiquem com as roupas, temos refrescos lá atrás e lugares à frente se quiserem assistir o resto do programa.

– Obrigado –, disse Kevin.

Neil não tinha a intenção de ficar mais tempo. Ele olhou para a plateia. Wymack cortou uma mão através de sua garganta e empurrando o polegar sobre o ombro. Neil esperava estar certo em traduzi-lo como "Vamos dar um fora daqui". Ele passou por Kevin para colocar a água na mesa da Kathy. Kevin parecia não estar se movendo, então Neil colocou seu corpo entre Riko e Kevin e o puxou para a coxia.

Riko os seguiu até a coxia comportadamente. Os ajudantes que esperavam nos bastidores passaram correndo para ajudar Kathy com os ajustes durante o intervalo comercial. Neil pensou que, talvez, um autógrafo demoraria o suficiente para distrair Riko, mas, talvez, o curto tempo fosse mais importante do que um autógrafo.

Neil odiou a ideia de ter Riko logo atrás de si, mas assim que Neil se virou para encará-lo Riko avançou. Riko agarrou Neil pelos ombros e o pressionou

contra a parede. Neil enrijeceu enquanto encaravam um ao outro, fixo mais no olhar mortal de Riko do que nos dedos deixando marcas em seu ombro. Riko tinha o mesmo olhar que seu pai: ele olhava para Neil e via apenas carne que sabia como fazer sangrar.

– Kevin, eu não aprovo –, disse Riko. – livre-se dele o mais rápido possível.

– Você viu nosso jogo ontem à noite –, disse Kevin calmamente. – Ele tem potencial.

– Potencial.

Riko bateu Neil contra a parede novamente e virou-se para Kevin, que o olhava de rosto pálido e tenso.

– Você disse que o goleiro tinha potencial e então disse que era inútil quando eu lhe ofereci. Você vai ficar entediado desse aqui rapidamente. Acredite em mim.

Kevin pressionou os lábios em uma linha rígida e desviou o olhar. Riko fez um ruído baixo de nojo em sua garganta. E começou a falar algo em um idioma que Neil não entendeu. Neil imaginou que fosse japonês. Seja lá o que for, parecia furioso. Kevin se encolheu e ofereceu uma resposta fraca. Riko apontou um dedo para ele em acusação furiosa, ficando mais irritado a cada segundo. Neil observou Kevin se afundar sobre a opressão de seu irmão, – e não o seu dono – então, Kevin abraçou seus instintos de sobrevivência.

Agarrou a camisa de Riko e o puxou para perto.

– Deixa o garoto em paz.

Riko virou-se para Neil com um olhar sinistro e uma expressão irreconhecível. Ele estendeu a mão para Neil, mas Kevin segurou seu braço para detê-lo. Riko bateu o cotovelo no rosto de Kevin sem falhar. Neil recuou o mais rápido possível, o suficiente para voltar ao palco novamente. Ele tinha acabado

de começar a tropeçar em cabos quando Andrew apareceu a sua frente.

– Riko –, disse Andrew, abrindo os braços como se pretendesse abraça-lo em saudação. – Quanto tempo.

Riko recuou um pouco com a surpresa, começando a mudar sua expressão para algo mais civilizado.

– Estávamos falando sobre você –, disse Riko.

– Falando com as mãos? É o que tá parecendo – respondeu Andrew. – Não toque nas minhas coisas, Riko. Não gosto de compartilhar.

Ele se afastou sem olhar para trás e empurrando o ombro de Neil.

Neil entendeu, contornando Andrew e Riko. Ele esperava que Riko o detivesse, mas toda a atenção de Riko estava em Andrew. Neil agarrou Kevin pelo braço e o arrastou pelo corredor, procurando a saída. Estavam quase lá, quando a equipe juntou-se a eles. Abby deu os últimos passos em direção a Kevin e o esmagou com um forte abraço. Kevin agarrou-se a ela como se fosse sua preciosa vida, enquanto a equipe pairava nas proximidades.

Wymack olhou para Neil.

– Você é totalmente retardado ou o que? Teria sido mais seguro ficar em Palmetto, afinal.

– Deixa ele em paz, David –, disse Abby, abafado contra o ombro de Kevin.

– Quando disse que Abby e eu cuidaríamos de você, não significava que deveria começar uma brigar com Riko em rede nacional –, advertiu Wymack. – Deveria ter escrito isso antes?

– Provavelmente.

– Está tudo bem, treinador – disse Andrew, os alcançando.

Ele tocou as costas de Neil em seu caminho, seus dedos eram leves o suficiente para causar arrepios em Neil, mas não diminuiu a velocidade a caminho de Kevin. Ele apertou a mão no braço de Abby em um pedido silencioso para recuar.

– Kevin, estamos indo. Agora mesmo, ok?

Kevin soltou Abby, e Andrew o arrastou para o estacionamento.

– O treinador pode dizer que você é retardado, mas acho que você é o pica das galáxias, pensei que não tivesse esse instinto em você –, disse Matt, olhando para Neil e se perguntando o que tinha perdido naquele verão. – Eu pensei que você fosse do tipo quietinho.

– Se Neil fosse quietinho, Andrew não o teria levado a Columbia –, disse Renee.

– É verdade –, concordou Matt.

Quando Neil olhou entre eles, Renee sorriu e disse:

– As festas de boas-vindas de Andrew são uma maneira de avaliar e eliminar ameaças. Nem todos são convidados.

– Você foi? – perguntou Neil, não acreditando, mas sabendo de alguma forma que estava certo.

– Nós três –, respondeu Renee, gesticulando para Matt e Dan. – Ninguém mais foi até você chegar.

– Vamos –, disse Wymack. – Vou deixar vocês no dormitório e passar o resto do dia enchendo a cara. As consequências podem esperar até amanhã.

Eles alcançaram o grupo de Andrew no ônibus. Wymack destrancou a porta, e pegou a estrada o mais rápido que pôde.

Neil passou a viagem inteira olhando pela janela, tentando descobrir as consequências do que fizera. Neil sabia que conversas triviais com seus colegas seriam melhores do que seus pensamentos sombrios, porém não estava de bom humor. Estava muito tenso para fingir o contrário. Felizmente, Renee entendeu depois de algum tempo e o deixou sozinho.

Estavam quase chegando quando Andrew teve que tomar o medicamento novamente. Abby foi para o fundo do ônibus, certificando-se de que ele realmente tinha engolido. Neil esperava que Andrew fosse relutante, depois do que acontecera no programa de Kathy, mas Andrew foi surpreendentemente complacente.

Eles pararam apenas para abastecer o tanque e fizeram bons momentos de volta ao campus. Neil ficou tão aliviado ao ver Palmetto State novamente, era quase doloroso. Wymack deixou o ônibus estacionado atrás da Torre das Raposas e observou seu time sair. Ele não disse nada até que Andrew se aproximou e colocou a mão em seu caminho.

– Seja esperto.

Andrew bateu na mão de Wymack, para tirá-la do caminho.

– Eu sei, eu sei.

Neil não sabia se Wymack realmente confiava em Andrew, entretanto Wymack assentiu e baixou a mão. Andrew desceu as escadas e não demorou ir ao dormitório. Wymack não partiu até que todos estivessem lá dentro. Todos subiram as escadas para o terceiro andar, e Dan parou em frente ao quarto de Andrew.

– Ei –, disse Dan enquanto Andrew abria a porta. – Vamos almoçar juntos como uma equipe. Não precisamos falar sobre está manhã se vocês não quiserem.

Andrew fingiu pensar nisso.

– Não.

Ele abriu a porta e saiu do caminho enviando um olhar aguçado em Kevin, que deu seus primeiros passos para entrar.

– Kevin, não se preocupe –, confortou Dan. – Vamos resolver unidos.

Kevin olhou para ela, mas não conseguiu responder. Andrew colocou a mão nas costas de Kevin e o empurrou para dentro do quarto. Dan franziu o cenho para Andrew enquanto Aaron e Nicky seguiam Kevin para dentro. Andrew sorriu e bateu a porta em sua cara.

– Imbecil –, reclamou Matt.

– Eles estão chateados –, disse Renee. – Eles não puderam ajudá-lo hoje.

– Nem precisaram –, disse Matt. – Neil fez isso por eles.

Eles foram para a suíte dos garotos e encontraram Seth e Allison emaranhados no sofá. Os dois assistiam a um filme, usando pouca roupa. Não pareciam envergonhados de serem flagrados. Os veteranos não piscaram um olho, como se isso fosse uma visão normal, mas Neil desviou os olhos do casal. O Máximo que Alison fez para se cobrir foi colocar uma almofada no colo sobre sua calcinha cor-de-rosa.

– Ele parece tão elegante –, disse ela, apontando para Neil.

– Surpresa, convidado no programa da Kathy –, disse Dan. – Kathy queria uma exclusiva e Kevin queria publicidade. Isso ai gravou tudo, certo?

– Eu acho, ainda não verifiquei. Estávamos ocupados.

– Você acha? – indagou Matt.

Dan levantou uma sobrancelha para ele.

– Que pausar isso? Temos que conversar. Algo deu muito errado.

– Nós somos Raposas. Tem sempre algo dando muito errado –, disse Seth, pegando o controle remoto sobre o sofá e desligou a televisão.

Dan foi diretamente ao ponto.

– Riko estava no programa.

Seth a encarou por um segundo antes de irromper uma risada estridente. Allison bateu nele com o travesseiro e disse:

– No programa, como?

– Kathy queria saber o porquê eles tinham se separado.

Seth afastou o travesseiro do caminho.

– Eu deveria ter ido. E a aberração? Aposto que ele ficou maluco.

– Seth, cala a boca –, disse Dan. – Não é engraçado.

– Ele ficou calmo depois que Neil colocou Riko em seu lugar – disse Matt. – Riko tomou uma boa lição. Neil fez ele parecer um idiota estúpido que vende amigos por qualquer oportunidade. Você realmente deveria emprestar a nossa gravação mais tarde e assistir.

Seth parecia cético. Allison arqueou uma sobrancelha para Neil e perguntou:

– O que o monstro achou?

– Ele estava super dopado –, disse Dan. – Abby se certificou da dosagem no caminho de volta, recomendo evita-lo o resto do fim de semana.

– Alguma novidade? – perguntou Seth.

Renee deixou o silêncio se estabelecer entre eles por um minuto. Quando

pareceu que a parte séria da conversa tinha terminado, ela disse:

– Alguém está interessado em almoçar? Estou morrendo de fome.

Eles pediram duas pizzas para serem entregues no quarto. Allison e Seth se vestiram enquanto esperavam. Neil entrou no quarto para tirar as roupas que Kathy lhe dera. Ele as enterrou no fundo da cômoda sob suas roupas mais práticas e puxou jeans gastos e uma camiseta larga. Ele e seus companheiros perderam algumas horas comendo e assistindo filme. Depois, a conversa voltou-se para a temporada, mas os veteranos pareciam felizes em falar sobre os Corvos quando Neil deveria pensar um pouco menos sobre eles. Allison tolerou a conversa por apenas um minuto antes de distraí-los sobre o banquete.

– Nós devíamos fazer compras amanhã – disse Allison. – Vou precisar de tempo para encontrar o vestido perfeito. Vocês –, ela apontou entre Matt e Seth, – Estão encarregados de vestir Neil. Já vi tudo que ele tem. Não confio nele para escolher algo apropriado.

– Eu poderia simplesmente não ir – disse Neil.

– Você precisa –, disse Dan. – É um evento em equipe.

Houve uma batida na porta. Dan estava mais perto, então se levantou para atender. Nicky estava esperando no corredor, sorrindo, mas visivelmente tenso.

– Qual é a gravidade? – perguntou Dan.

Nicky fez uma carranca.

– Será que o seu “docinho” sabe instalar uma janela?

Matt olhou por cima do ombro, para a janela do quarto.

– Posso tentar, mas não vou ficar perto dele está noite.

– Amanhã também está bom –, disse Nicky. – Apenas, você sabe, de

preferência antes que o treinador venha ver Kevin. Tem trezentos dólares para você, se for concertar antes do meio-dia.

– Tire Andrew do quarto e eu vejo o que posso fazer.

– Fantástico. – Nicky olhou para Neil. – Andrew quer ver você.

Neil olhou para o relógio e fez as contas. Se Andrew tomoara sua dose de meio-dia, então tomaria outra pílula a qualquer momento. Neil se perguntou, se ele realmente tomara a do meio-dia. Se Andrew estivesse controlando os efeitos da abstinência o suficiente, provavelmente reagiria aos eventos desta manhã, sem drogas nas veias ele se tornaria absolutamente em um assassino. Neil não gostaria de ser Kevin essa noite.

Ele se levantou e seguiu Nicky no corredor para a suíte de Andrew. Ele não estivera ali desde que gritara com eles por mexerem em suas coisas, e eles eram muito bons em manter a porta fechada, então, era estranho entrar ali novamente. Ele avistou Kevin primeiro, de costas para a porta enrolado em um pufe bem grande. Aaron lavava pratos na cozinha, nem sequer olhou para eles enquanto passavam. Nicky indicou o corredor e foi sentar-se com Kevin. Neil foi sozinho para o quarto escuro e fechou a porta.

Os primos haviam empurrado dois de seus criados mudo contra a parede, debaixo da janela. Andrew sentou-se sobre eles, inclinado para frente com os braços cruzados sobre os joelhos. Neil viu sangue e olhou para Andrew na janela. Andrew havia tirado a tela na sala, para que pudesse fumar, mas esta janela ainda tinha uma. Provavelmente isso salvou sua mão quando fez um buraco no vidro.

Andrew não estava olhando para ele, mas para a mão sangrenta entre os joelhos. Ele flexionou os dedos ocasionalmente verificando a extensão do dano que havia causado.

– Você poderia ter destruído sua mão com um golpe assim.

Andrew riu.

– Oh não! E onde eu estaria então?

– Fora da equipe –, respondeu Neil. – Onde Kevin estaria então?

Andrew não respondeu. Neil cruzou a sala para ficar a sua frente. Andrew não o olhou, mas sorriu o suficiente para mostra-lo os dentes.

– Ah, Neil, tão imprevisível quanto irreal. A última vez que nos falamos, você estava com medo de Riko. Ou você mentiu para mim ou você mudou de ideia. Espero que seja a última, porque eu odeio ser enganado.

– Não mudei de ideia –, disse Neil, – não tive escolha.

– Sempre há uma escolha.

– Eu tinha que dizer algumas coisas.

– Que coisas horríveis de se dizer! Você envergonhou Riko ao vivo. Ele não vai deixar barato, você sabe. Como se sente com esse alvo atrás das costas?

– É familiar.

Andrew sentou-se e recostou-se na tela. Neil olhou para sua mão enquanto Andrew a deslizava no colo, mas sem conseguiu ver os cortes sob o sangue seco.

– Dê alguns dias e ele saberá tudo sobre você –, disse Andrew.

Quando Neil o olhou novamente nos olhos, Andrew sorriu.

– Dinheiro é o lubrificante mais eficaz para girar as engrenagens do mundo, mais do que sangue, e Riko tem acesso a ambos. Ele vai procurar uma maneira de chegar a você, e não demorará muito para descobrir seu rastro. Quanto tempo você acha que alguém com seus contatos levará para descobrir a verdade?

Neil ficou com náusea.

– Cale a boca.

– O que você vai fazer quando descobrirem? Fugir?

– Você sabe que eu vou.

– Eu sei –, concordou Andrew. – Posso ver. Você tem esse olhar de quem sabe onde fica cada saída deste dormitório.

Neil virou-se, mas Andrew foi mais rápido. Ele se lançou para frete e agarrou a gola de trás da camisa de Neil, o arrastando antes que ele pudesse sair. Seus dedos sangrentos deixaram marcas pegajosas na nuca de Neil, que tentou afastá-lo, mas Andrew recusou-se a soltá-lo.

– Ei, Neil. Neil, escute. Fugir não irá te salvar desta vez.

– Me solte.

– Você não entendeu? Fugir era uma opção quando ninguém sabia sobre você. Você sabia disso em junho. É por isso que você queria partir antes de outubro. Você poderia ter partido antes que Riko soubesse da sua existência. Deveria ter se mandado antes de insultá-lo na frente de todos os seus fãs. Agora você não pode ir. Riko quer saber quem o desafiou, e terá a resposta. Você não pode mais fugir do seu passado.

– Eu tenho que tentar.

Andrew murmurou em desaprovação.

– Não, não tem. Lá vem você de novo, pensando que só há uma escolha. Pensei que não quisesse ir embora.

– Não quero –, concordou Neil.

– O que seria necessário para fazer você ficar?

A pergunta foi tão inesperada que Neil teve que se virar.

– O que?

Andrew riu baixinho de seu choque e inclinou-se para frente.

– Diga e será seu. Não importa o que seja, desde que fiques aqui com a gente.

– Não posso.

– Você pode. Você tem tudo o que precisa para sobreviver. Você só está com muito medo de vê-lo.

– Não entendo.

Andrew suspirou, como se Neil estivesse se comportando assim de propósito.

– Riko vai descobrir a verdade, mas não vai pode contar a seu irmão. Primeiramente, Riko e Ichirou não se associam, já que pertencem a partes separadas da família. Mais importante, treinador Moriyama não deixará. Este ano é sobre Kevin e Riko, entende? Eles são livres para tornar sua vida um inferno, e, tentarão usar a verdade contra você, mas não podem entrega-lo ainda. Use esse tempo para estreitar os ângulos antes que possam chegar a você.

– Kevin quer fazer você uma estrela, então deixe. Pegue o que ele está lhe oferecendo e faça seu escudo. É difícil matar um homem quando os olhos de todos estão sobre ele. Faça com que amem você, com que o odeiem, não me importo. Basta fazê-los olhar para você. Você tem um ano para descobrir –, disse Andrew, colocando um dedo no rosto de Neil. – Por um ano, eu ficarei entre você e o Moriyama, se você continuar ao lado de Kevin. No próximo ano será problema seu novamente, entendeu?

– Por quê? – perguntou Neil. – Por que você me ajudaria?

– Me pergunte mais tarde –, respondeu Andrew. – Ele bateu os dedos sangrentos em sua boca e sorriu para Neil. – É melhor que isso não atrapalhe, não acha? Você vai ter suas respostas em Columbia. Ah, mas ninguém te avisou ainda, não é? Você vai sair com a gente hoje à noite.

– Nunca mais.

– Shh, Neil, shh – disse Andrew. – Se quiser ficar, você irá com a gente às nove. Se for estúpido o suficiente para fugir, pegue suas coisas e vá embora. Tem três horas, para tomar uma decisão. Não sou generoso?

– Isso não é tempo suficiente.

– Duvido que seja iniciante quando se trata de salvar sua pele. Você deixou Kevin comandar seu treinamento. Deixe o resto comigo.

Andrew tirou o remédio do bolso e sacudiu. Abriu a tampa, arrancou a pílula com os dedos sangrentos e jogou o frasco no canto do quarto. Ele a levantou, onde conseguiu vê-la, virando-a como se nunca a tivesse visto antes e a colocando em seus lábios. Ele deixou à mão cair em seu colo enquanto engolia a seco e mostrou os dentes para Neil com um sorriso feroz.

– Tick, Tock, diz o relógio. Cai fora do meu quarto.

Neil saiu o mais rápido, mas só chegou até o corredor. Assim que fechou a porta, suas pernas tremeram e agarrou desesperadamente a parede. Um pico de pânico tomou conta de seu corpo. Passou sua mão na boca com tanta força que pode sentir o sangue.

Havia algum problema em considerar que um goleiro raivoso poderia protegê-lo?

Seus pensamentos o levaram espontaneamente ao confronto no estúdio de

Kathy. Andrew apareceu a tempo de proteger Neil. Ele deveria ter ido diretamente até Kevin, já que Kevin parecia ser o centro de seu mundinho estranho, mas em vez disso, ficou entre Riko e Neil. Andrew sabia exatamente quem eram os Moriyamas e tinha ideias sobre o que Neil estava envolvido, no entanto achava que pode ficar entre eles da mesma forma.

Neil afastou-se da parede e foi até a escada. Estava correndo antes de chegar ao térreo, e empurrou a porta da frente tão forte que as dobradiças fizeram barulho. Mais alto que esse estrondo foi o batimento de seu coração trovejando em seus ouvidos.

E se ficasse? Um adolescente psicótico realmente seria o suficiente? E se Andrew estivesse certo de que a infâmia das Raposas pudesse proteger sua identidade?

Neil deveria saber mais um pouco antes de acreditar em promessas tão perigosas, mas as palavras de Andrew assombraram-no a cada passo.

CAPÍTULO CATORZE

Quando Neil voltou, ás nove, o dormitório estava atipicamente cheio. O jogo de futebol tinha terminado no mesmo estante em que tinha saído correndo e, agora, alguns atletas davam uma *after party*. As pessoas gritavam umas com as outras de um lado para outro no corredor, a música alta explodia através das portas abertas aqui e ali. Neil atravessou o caos em direção aos quartos das Raposas. Eram as três únicas portas fechadas naquele lado da escada.

Ele parou em frente à porta de Andrew, mas não conseguiu bater. Sua mão tremia quando a olhou, então, ele a fechou em um punho. Estava quase reunindo coragem para bater, quando a porta abriu sem aviso.

– Ah, ele chegou –, disse Andrew. – Interessante.

Ele pressionou dois dedos na garganta de Neil, verificando sua pulsação. Quando Neil tentou afasta-la, Andrew pegou seu pulso com a mão livre. Seu sorriso era pequeno e feroz enquanto se aproximava do pescoço de Neil.

– Lembre-se dessa sensação. Esse é o momento em que você deixa de ser o coelhinho perseguido.

Neil ficou surpreso demais para responder, mas Andrew não esperou. Passou por Neil, usando o peso de seu corpo e seu aperto no pulso para arrastar Neil com ele para fora da porta. Ele o soltou no meio do corredor, enfiou as mãos nos bolsos e esperou.

Nicky foi o próximo a sair do quarto. Quando viu Neil, seu sorriso iluminou todo o seu rosto. Aaron estava cético quando o seguiu, mas olhou para Andrew sem dizer nada. A expressão de Kevin foi mais difícil de interpretar, no momento em que saiu e fechou a porta. Neil olhou de Kevin para Andrew, que ainda o observava como se esperasse por algo.

A movimentação em outra porta deu a Neil um motivo para desviar o olhar de Andrew novamente. Cinco estranhos batiam na porta da sua suíte. Seth saiu para cumprimentá-los, dando tapinhas nas costas enquanto se juntava a eles. Allison estava logo atrás dele. Ela o abraçou e deslizou suas mãos para baixo, na lateral da calça dele. Neil observava enquanto ela sistematicamente escavava todos os bolsos dele. Ela encontrou apenas um isqueiro e um chiclete amassado. Seth lançou um olhar irritado por cima do ombro.

– Não sou idiota.

Ela o beijou para silenciá-lo e colocar o isqueiro onde havia encontrado. Ela jogou o chiclete para trás, como se fosse inútil. Este, quase atingiu Matt enquanto saia da suíte com Dan. Quando Matt desviou, enxergou Neil. O alivio em seu rosto foi inesperado.

– Neil, você chegou –, disse ele, alto o suficiente que Allison e Seth se viraram para olhar.

Neil olhou de um lado para o outro, perguntando-se o que tinha perdido.

– Seth e Allison estão indo ao bar no *Downtown*, então o resto de nós está preparando uma maratona de filmes. Tem algum pedido ou recomendação?

– Vocês vão sair do campus? – perguntou Nicky a Allison. – Vocês estão falando sério?

Allison franziu o cenho para ele e abraçou Seth.

– Não é da sua conta.

Matt olhou para Allison, sua expressão tensa, e voltou a falar com Neil.

– Renee deve volta com bebidas a qualquer momento. Ela disse que pegaria algo sem álcool para vocês dois.

– Ah, que desperdício –, disse Andrew. – Vou comprar as bebidas de Neil

hoje à noite.

Demorou alguns segundos para eles entenderem. Quando entenderam, Dan cambaleou bruscamente para fora da porta.

– Ta brincando.

Andrew riu de sua reação.

– Você adoraria que eu estivesse.

– Da ultima vez que ele saiu com vocês teve que pedir carona para voltar –, disse Dan. Os amigos de Seth olharam dela para Andrew com interesse descarado, mas Dan não pareceu notar a atenção. Apontou um dedo para Andrew e disse:

– Ele não vai sair com você novamente. Ele provavelmente vai acabar morto desta vez.

– Misericórdia, Dan –, disse Nicky. – Quando você diz coisas assim, me faz pensar que não confia em nós.

– Ninguém confia em vocês –, acusou Matt. – O que estão tramando?

– Não é da sua conta –, disse Aaron.

– Eu disse que ele não vai –, insistiu Dan. – Neil, não deixe que te pressionem.

Andrew cutucou Neil com o cotovelo e disse em alemão:

– Ei, Neil. Não é incrível? Não é tão tocante? Olhe como eles choram por você. Ah, essa preocupação equivocada. Diga a eles que você sabe cuidar de si mesmo.

Andrew estava o desafiando a cruzar uma linha, para renunciar um pouco

mais da mentira que era Neil Josten. Isso contrariava tudo o que Neil havia decidido, mas ele havia optado por esse caminho. Tinha escolhido Andrew. Ele enterrou seu medo o mais profundo que pôde e respondeu em alemão.

– Eles não são tão estúpidos para pensar que será apenas uma bebida.

– Ah, merda –, disse Nicky, trocando de idioma rapidamente. – Desde quando você fala alemão? Andrew, você sabia disso? Por que não nos contou?

– Teria sido chato –, disse Andrew. – Descubra as coisas sozinho de vez em quando.

Nicky acenou com a mão em direção a Aaron.

– Rápido. Já dissemos algo totalmente incriminador nos últimos meses?

– Além de seus intermináveis comentários inapropriados sobre o que gostaria de fazer com ele, acho que não. Parece que você conseguiu se envergonhar completamente em ambas as línguas. – Aaron olhou para Neil. – Quando nos contaria?

– Não contaria – respondeu Neil. – Depois de tudo o que aguentei de vocês este ano, percebi que não lhes devia nenhum favor.

Aaron deu de ombros. Nicky esfregou o rosto murmurando em voz baixa. No final do corredor, os veteranos olhavam para eles, incrédulos. Matt foi o primeiro a recuperar a fala, mas o melhor que conseguiu foi:

– Pensei que você falasse francês. Aquilo foi francês, esta manhã, certo? Na Kathy?

– Vejo vocês amanhã – disse Neil, em inglês.

– Estamos indo – disse Andrew, e atravessou o corredor com Kevin em seu encalço.

– Neil, não é uma boa ideia –, aconselhou Dan.

– Eu sei –, respondeu Neil, e seguiu Kevin e Andrew.

Aaron e Nicky foram atrás dele. Desceram as escadas como uma pequena procissão, uma fila reta toda de preto com Neil chamando atenção no meio. Ele acabou no mesmo lugar que da última vez, entre os irmãos na parte de trás. Tinha acabado de sentar quando Nicky deixou cair uma bolsa em seu colo. Neil a abriu e viu um pano escuro dentro.

A última vez que eles foram a Columbia foi uma viagem tranquila. Desta vez, não poderia ser assim, pois Andrew ainda tinha pouco mais de uma hora de energia por causa de seu remédio. Nicky e Andrew conversaram durante todo caminho, Nicky saltou tópicos de filmes à música, e Andrew discutiu alegremente com quase tudo o que ele dizia. Estavam quase em Columbia quando as respostas de Andrews começaram a ficar menos intensas. Nicky começou a dominar mais a conversa e o silêncio de Andrew se estendeu um pouco mais.

O *Sweetie's* estava cheio esta noite, tão quanto a sua primeira visita, mas eles tiveram sorte de chegar quando um carro estava saindo. Nicky ocupou a vaga com o punho erguido triunfantemente, e os cinco adentraram o estabelecimento juntos. Havia dois grupos à frente deles esperando por mesas. Kevin foi até a recepcionista fazer a reseva.

Andrew olhou para Neil.

– Precisamos de algumas bolachas. Você está dentro ou fora? – Indagou Andrew.

– Tenho escolha dessa vez?

– Tem, a partir de agora.

Neil não acreditou, mas fez sinal com a cabeça. Andrew apontou para a

bolsa de Neil e saiu até a mesa de saladas para pegar pacotes de bolachas. Neil procurou um sinal indicando o banheiro, porem Nicky tocou em seu ombro e o guiou. Neil o seguiu até o banheiro e jogou a bolsa no balcão da pia.

– É novo –, disse ele.

– Seria brega usar a mesma roupa duas vezes, certo? – perguntou Nicky.

– Não compre coisas para mim.

– É claro, da próxima vez que Andrew disse para comprar roupas para você, direi que não. Posso imaginar isso acontecendo perfeitamente bem.

Nicky revirou os olhos.

– Então me deixe te pagar por elas.

– Como devo te dizer isso...? – Nicky pensou por um segundo, depois desistiu da delicadeza. – Se você tem dinheiro, então deveria usar mais do que ele. Se Andrew quer te dar as coisas, então deixe. Normalmente ele não é do tipo que presenteia, então é engraçado.

– Eu tenho meu próprio dinheiro –, insistiu Neil. – Não preciso de caridade.

– Sério? – perguntou Nicky, dando um olhar significativo nas roupas de Neil.

Neil olhou para ele. Ele sabia que Andrew não havia contado aos outros sobre sua fluência em alemão, mas não tinha percebido que Andrew também havia mantido o segredo sobre seu dinheiro. Isso significava que Andrew guardara todos os segredos de Neil, exceto um: a verdade sobre seus olhos. Segundo Nicky, não havia mistério. Mas Andrew encontrou o dinheiro de Neil antes da trégua na sala de Wymack. Ele não tinha um motivo para proteger Neil, então qual o sentido de ficar quieto?

– Sério – disse Neil finalmente. – Guardei alguns trocados antes de me

mudar para cá.

– Que bom – disse Nicky. – Então devemos ir às compras amanhã e comprar roupas novas. O treinador está chateado porque ainda não fizemos isso. Ele está tão farto quanto nós, vendo você vestir as mesmas roupas repetidas vezes.

– Não há nada de errado com as minhas roupas.

– Isso é o que você pensa. Agora que você é nosso, temos que cuidar de você. A primeira questão é: mudar seu guarda-roupa miserável. – O sorriso de Nicky desvaneceu um pouco ao ver a expressão no rosto de Neil. – Ok, não. Por que essa cara? Você sabe o que está fazendo com a gente essa noite, certo? Andrew deu algum tipo de explicação em sua loucura habitual?

– Mas ou menos – disse Neil – Ele disse que teria respostas para mim, mais tarde.

– Só pode estar brincando comigo. – Nicky parecia aflito. – Isso significa que Andrew está mantendo você, da mesma forma que mantém Kevin. Isso significa que você faz parte da família agora.

– Não acredito em família.

– Hoje em dia, quem é que acredita?

Era estranho ouvir Nicky dizer isso, considerando que tinha primos na equipe. A julgar por seu suspiro pesado, Nicky não teve dificuldade para interpretar a expressão de Neil. Nicky fez aspas com os dedos. Assim que falou, Neil soube cujas palavras ele estava ecoando.

– Nossa relação não nos torna uma família. – Nicky enfiou as mãos nos bolsos e virou-se com o olhar pensativo para seu reflexo. – Eu sei o porquê Andrew se sente assim, e entendo os motivos de ele e Aaron não se suportarem, mas não estou disposto a desistir deles ainda. Eu quero consertar isso e mostrar que eles estão errados.

– Eles se odeiam? – perguntou Neil, surpreso.

Ele procurou em suas memórias por sinais de problemas entre os gêmeos e voltou sem nada. Foi esse nada que se destacou em seus pensamentos. Andrew e Aaron não brigavam, mas também não interagiam. Ele só os viu conversando algumas vezes. Nunca tinha os visto sentar lado a lado; alguém sempre ficava entre eles. Aaron nem sequer podia dirigir o carro de Andrew.

– Não diria que se odeiam, mas eles têm problemas bastante sérios. Você se portaria da mesma forma? – Nicky perguntou. – Família significa algo diferente para nós porque é assim que deve ser. Não se trata de parentesco. Nem mesmo sobre de quem gostamos. É sobre quem Andrew está disposto a proteger.

Neil sentiu um frio na barriga.

– E ele está me incluindo por causa desta manhã?

– Em partes –, assentiu Nicky. – Principalmente porque você é o motivo pelo qual Kevin vai ficar na equipe. Andrew vai protege Kevin, mas é você que tem a atenção de Kevin. Você é tão obcecado por Exy como ele. Isso faz de você inestimável para Andrew.

Neil pensou nisso em silêncio, finalmente observando suas roupas e virou-se para uma cabine. Nicky tocou seu ombro antes que ele pudesse se afastar da pia.

– Olhe, eu sei que nós ferramos tudo da última vez. Por favor, acredite em mim quando digo que Andrew estava apenas pesando no resto de nós. Ele não queria correr nenhum risco. Mas as coisas são diferentes agora. Você é um de nós, o que significa que nunca o empurraremos mais longe do que você está disposto a ir. OK?

– Acho que veremos.

Neil se trancou na cabine e trocou de roupa. O olhar de Nicky era apreciativo quando Neil voltou, mas pela primeira vez manteve sua boca

fechada. Neil saiu da porta e foi até a pia. Removeu suas lentes de contato e as jogou no lixo. Quando olhou para o espelho, os olhos azuis brilhantes refletiam o passado. Neil não podia ser ele mesmo, mas talvez pudesse ser o Neil que mostrara a Andrew na sala de Wymack.

Os outros já estavam sentados no momento em que saíram do banheiro. Uma garçonete terminou de anotar seus pedidos e saiu do caminho para que Neil e Nicky sentassem. Nicky foi primeiro, gentilmente puxou a cadeira para que Neil sentasse.

Aaron arqueou uma sobrancelha para Nicky.

– Se afogaram no vaso sanitário?

– Até as rapidinhas levam tempo, você sabe –, Nicky respondeu.

– Não me faça vomitar.

– Sabe, se você visse Katelyn com mais frequência, você não seria tão revoltado. – Nicky se abaixou quando Aaron jogou um guardanapo amassado em cima dele. – Certo. Você vai levá-la para o banquete, não é?

– Ainda não perguntei.

– Acho que Andrew deveria perguntar, para ver se ela sabe a diferença.

O sorriso de Andrew foi lento.

– De acordo.

– Você não é engraçado –, disse Aaron para Nicky. – Cale a boca.

Eles comeram em silêncio assim que o sorvete chegou. O dinheiro que Aaron deixou na mesa era demais para só a sobremesa, então, Neil deduziu que já haviam conseguido suas drogas.

A frente do *Eden Twilight* estava com metade de seu publico que da última vez. Nicky culpou as leis dominicais da Carolina do Sul. Aparentemente, as vendas de álcool eram proibidas aos domingos, o que significava que os bares tinham que parar de servir á meia-noite do sábado. O grupo só tinha uma hora e meia para beber, mas Nicky prometeu que havia um esconderijo na "casa".

– Mas de quem é a casa? – indagou Neil.

– Tecnicamente é minha, mas considero nossa. – Nicky gesticulou para incluir o grupo inteiro nisso.

– Deixei Alemanha para ser o tutor de Aaron e Andrew, sabia? Era eu ou meus pais super-religiosos, eu presumi que teria uma chance melhor de sobreviver a Andrew. Comprei essa casa, para que tivéssemos um lugar para ficar. Meu pai consignou e Erik ajudou a financiar. Uso meu salário para pagar a hipoteca.

– Se vocês tem uma casa, por que ficaram com a Abby no verão?

– Porque Andrew não queria atravessar o estado para levar Kevin aos treinos todos os dias –, respondeu Nicky.

Ele parou na calçada do Eden's Twilight para pegar um passe de estacionamento VIP. Os outros entraram enquanto ele estacionava. Foi mais fácil conseguir uma mesa essa noite, graças ao horário reduzido, mas o clube ainda estava cheio o suficiente para que Neil se sentisse confortável.

Andrew deixou que Aaron e Kevin pegassem seus assentos e levou Neil com ele para pegar suas bebidas. Roland, o barman, estava de plantão novamente. A julgar pela expressão em seu rosto, ele havia se lembrado de Neil e mal pode acreditar que tinha voltado.

– Limpos – disse Andrew.

Neil tinha quase certeza de que aquilo era uma farsa, mas Roland passou-lhe

um copo vazio e uma lata de refrigerante lacrada. Neil verificou o copo a procura de resíduos assim que Roland saiu para prepara às bebidas dos outros.

– Paranoico –, disse Andrew.

– Você é obcecado por proteção, então não deveria beber também.

– Eu sei quais são meus limites –, disse Andrew. – Eu não vou cruzá-los.

– E o pó-de-anjo?

– As coisas já estavam muito loucas para o pó fazer diferença, eu acho. Nós só entramos nessa de pó-de-anjo por causa do Aaron. Ele precisava de algo seguro para começar depois que perdeu tudo o que sua mãe lhe dava. – Andrew gesticulou entre seus rostos. – Ainda se lembra deste jogo? Estamos sendo honestos de novo, pelo menos até eu me entediar disso. Em algum momento você vai ser perfeitamente honesto comigo e me dizer o que tenho que fazer para mantê-lo aqui.

– Aqui está uma certa honestidade –, ofereceu Neil. – Não gosto e não confio em você.

– Já é o começo –, disse Andrew. – Isso não muda nada.

– Nicky disse que você só está me mantendo aqui por causa de Kevin –, continuou Neil. – O que acontece quando Kevin cansar de mim?

– Mantenha ele interessado – respondeu Andrew, não parecia uma sugestão.

Neil observou-o em silêncio, imaginando o quão estúpido e desesperado ele precisava ser para depositar sua confiança em alguém como Andrew.

– Você pode me proteger do meu passado?

– O chefe do seu pai –, adivinhou Andrew.

A verdade queimava a garganta de Neil, aguda e azeda, como sangue fresco. Ele engoliu em seco e disse:

– Sim. A notícia de que os Moriyamas não confiavam mais em seus capangas se espalhou, e sua empresa nunca se recuperou. Ele esta atrás de mim desde então. Ele foi preso por algumas acusações menores, mas não vai ficar preso para sempre. Você disse que os Moriyamas não podem me tocar esse ano por causa de Kevin, mas o chefe do meu pai não vai parar. Se ele me encontrar, vai me matar.

– Que confusão. – Andrew parecia indiferente. – No entanto, fácil o suficiente para assumir o comando.

Atrás de Neil um grupo de pessoas foi até o balcão do bar e o empurraram para mais perto de Andrew. Andrew não se moveu sob o peso de Neil e o agarrou. Ele era algo sólido para se apoiar, algo violento, feroz e imóvel. Neil não conseguia lembrar-se da sensação de ter alguém o agarrando. Era aterrorizante e libertador de uma só vez. Agora sua vida estava fora de seu controle; Ele estava dando-a para Andrew e confiando em Andrew para mantê-la segura.

Rolando voltou com uma bandeja de bebidas. Andrew pegou e gesticulou para Neil ir à frente dele e levantou a bandeja sobre a cabeça. Ele havia terminado de deixar as bebidas na mesa quando Nicky apareceu.

Neil pensou que os tinha visto beber rápido da última vez. Não era nada comparado quando eles competiam contra o relógio até a meia-noite. Ele fez seu refrigerante durar e os assistiu se drogarem. Eles abriram o pó-de-anjo mais cedo dessa vez, Aaron e Nicky desapareceram na pista de dança logo depois. Andrew recolheu os copos vazios e levou a bandeja de volta ao bar.

Foi a primeira vez que Neil e Kevin foram deixados sozinhos desde o programa. Apesar de tudo o que aconteceu naquele dia, eles não tinham nada a dizer um ao outro. Eles olharam em direções opostas e sentaram-se em um

silêncio constrangedor por quase toda há meia hora em que Andrew demorou a voltar. Neil estava começando a pensar que Andrew tinha perdido o caminho do bar, quando Andrew finalmente voltou com uma rodada de bebidas. Quase disse algo sobre isso, mas desistiu em favor de vê-los beber.

A última rodada terminou as dez para a meia-noite. Aaron e Nicky voltaram para uma rodada final. Kevin teve que se apoiar em Andrew para se levantar depois de virar treze copos em uma hora e meia. Neil achou que um milagre ele permanecer de pé. Andrew ajudou Kevin a sair, então Neil impediu Nicky de dirigir. Neil se ofereceu para dirigir, mas Andrew o ignorou e entrou no banco do motorista.

Neil não se recordava de ter deixado a boate da última vez, então, desta vez, prestou atenção no caminho. A casa ficava a sete minutos de distância, na rodovia interestadual de um bairro pequeno. Andrew estava saindo na calçada quando o telefone de Aaron tocou. Aaron se atrapalhou nos bolsos procurando por ele, levou quatro toques para encontrar. Ele o abriu, olhou com os olhos turvos para a tela, e fez uma careta.

– Treinador –, disse ele, em resposta. – Sabe que horas são? O que? Espere, o que? Você está mentindo. Eu não acredito em você!

Aaron tirou o telefone da orelha e entregou a Andrew. Ele tomou tempo para acender um cigarro antes de pegá-lo. Colocou o telefone entre a orelha e o ombro enquanto arrumava a carteira de cigarros.

– O que quer? – perguntou ele, e ouviu Wymack explicado novamente. – Uma overdose?

– De novo? – disse Nicky com incredulidade. – Aquele idiota estúpido.

– E ultima –, disse Andrew por cima do ombro. – Ele está morto.

Houve um segundo de completo silêncio antes de Nicky reagir. Ele agarrou o ombro de Andrew e o sacudiu violentamente.

– Não. O que?

Andrew livrou-se do aperto e falou ao telefone.

– Não, não é uma boa ideia. Ligo quando voltarmos para a cidade.

Nicky caiu em seu assento e cuspiu:

– Merda, merda. Impossível.

– Quem teve uma overdose? – perguntou Neil.

– Seth. – Andrew desligou e bateu o telefone contra sua coxa. – Alguém o encontrou com a cabeça enfiada no vaso sanitário, no *Bacchus*, ele se afogou em seu próprio vômito. Foi exatamente como eu avisei como ele acabaria, ele nunca me ouviu.

Neil estava ouvindo coisas.

– Seth teve uma overdose?

– Mantenha o ritmo da conversa –, disse Andrew.

– Eu cheguei a pensar que ele estava usando algo, mas nunca o vi usando nada –, disse Neil.

– Ele está limpo há anos –, disse Andrew. – A única coisa que ele estava usando atualmente eram os antidepressivos. Curioso.

– Quero vomitar –, interrompeu Nicky, miseravelmente.

Neil olhou para ele, surpreso com o quão difícil Nicky e Aaron estavam tomando isso. Ele se perguntou, se devia sentir algo além de choque, mas uma checagem mental confirmou que não. Havia crescido em torno da morte. Não era nada para ele agora, mas o frio em seu corpo era um lembrete para continuar fugindo. Seth deveria ter sido uma exceção, já que Neil morou com ele há

meses, mas Neil nunca gostou dele.

– Vamos voltar? – indagou Neil.

– Quando estamos bêbados e drogados, e eu estou sem meus remédios? Vou voltar para a cadeia antes que possam dizer "ameaça à sociedade". Vamos esperar até amanhã.

Andrew saiu do carro, mas ninguém se moveu.

– E quanto ao suspeito? – perguntou Kevin.

Nicky estremeceu.

– Kevin, o cara está morto. Você sabe, permanentemente.

– Não é uma grande perda –, disse Kevin.

Nicky saiu do carro e caminhou pela calçada de um lado para o outro com as mãos no pescoço. Neil olhou de Aaron para Kevin, depois saiu pela porta aberta de Nicky. Andrew brincava com a corrente do chaveiro na varanda quando Neil o alcançou. Andrew terminou o que fazia, passou a chave para uma mão e apontou seu cigarro no rosto de Neil.

– Isso é interessante –, disse ele. – Essa indiferença não é um bom presságio da sua sanidade.

– Não entendo de suicídio –, disse Neil. – Permanecer vivo sempre foi tão importante que não consigo me imaginar cometendo suicídio.

– Ele não estava tentando se matar –, disse Andrew, como se Neil estivesse sendo estúpido.

Ele destrancou a porta, mas não se incomodou em acender as luzes ao entrar. Neil o seguiu no corredor escuro e deixou a porta aberta para os outros.

– Ele só queria uma válvula de escape por algum tempo, algo que não o fizesse pensar ou sentir durante algumas horas. O problema foi que ele escolheu uma saída pela qual é mais fácil morre. Isso é culpa dele.

– É por isso que você bebe? – perguntou Neil. – Você também não quer se sentir.

Andrew virou o rosto para encará-lo. Neil não esperava por isso. Andrew ergueu o dedo na cavidade da garganta de Neil, em aviso. Neil pode sentir o cheiro do álcool e dos cigarros nele com essa aproximação. Isso o fez lembrar-se de sua mãe queimando em cinzas na praia. Sem pensar, ele estendeu a mão e tirou o cigarro de Andrew. Por algum motivo, Andrew deixou que ele o pegasse.

– Não sinto pena de ninguém e de nada –, disse Andrew. – Não esqueça disso.

– Então Kevin é apenas um hobby para você?

– Seth não cometeu suicídio. Ele não faria isso.

– O que você quer dizer?

– Seth só toma os antidepressivos quando ele e Allison estão separados ou brigados –, disse Andrew. – Quando eles estão juntos, ela é o suficiente para mantê-lo sob controle. Ela estava com ele, então fez com que ele deixasse as pílulas no quarto. Allison sabe que ele gosta de mistura-las com bebidas.

Neil lembrou-se de vê-la revistar os bolsos de Seth.

– Ela verificou os bolsos dele. Eu a vi.

– Eu também –, disse Andrew.

– Se ele não estava com suas pílulas, como teve overdose?

– Não foi por opção –, disse Andrew. – Minha teoria diz que Riko ganhou

essa rodada.

Neil olhou para ele.

– Você realmente não acha que Riko fez isso.

– Acho que é um momento muito oportuno para que seja um acidente –, disse Andrew.

– Riko quebrou a mão de Kevin por ser melhor. Trocou de distritos porque Kevin pegou numa raquete e voltou a jogar. O que você acha que ele está disposto a fazer com você, por chamá-lo de inútil em rede nacional? Você disse que nossa maior força está em nosso pequeno tamanho. Quão forte você se sente agora que é titular? Acha que você e Kevin estão prontos para nos levar ao campeonato?

– E você me chamou paranoico –, disse Neil suavemente.

– Eles deveriam permanecer no campus –, disse Andrew. – Renee passou no meu quarto depois que você saiu, e perguntando quanto tempo poderíamos esperar até Riko responder. Kevin disse que saberíamos hoje à noite. É uma pena que você não tenha visto o pânico daqueles intrometidos quando perceberam que você não estava no dormitório. Eu disse que você voltaria as nove, então eles criaram planos em torno de você.

Neil lembrou-se do quão aliviado Matt ficara ao vê-lo no corredor. Mais do que isso, ele se lembrou da incredulidade de Nicky ao saber que Allison e Seth sairiam. Nicky raramente prestava atenção nos dois, ele não se importava de que eles estivessem se relacionando. Ele reagiu com surpresa porque eles estavam se desviando do plano.

– Não acredito em você –, disse Neil.

– Não posso provar, mas sei que estou certo.

– Se estiver, então o que? – perguntou Neil. – Estou disposto a apostar minha vida. Não vou fazer o mesmo com a deles. Eles não merecem isso.

– Você não precisa –, disse Andrew. – deixa comigo, e eu digo que as probabilidades são boas. As Raposas são famosas pelas temporadas terríveis, mas mesmo a má sorte pode ser boa. Uma morte é tragicamente credível. Duas nos deixa abaixo do número mínimo de jogadores necessários para competir. O treinador Moriyama quer Kevin e Riko se enfrentando na quadra, então Riko não pode se arriscar a nos desqualificar.

Neil não disse nada.

Andrew enfiou os dedos na gola da camisa de Neil e puxou apenas o suficiente para Neil sentir.

– Eu sei o que faço. Eu sabia o que estava aceitando quando tomei o lado de Kevin. Sabia o que poderia nos custar e até onde eu teria que ir. Compreende? Você não vai a lugar algum. Você fica aqui.

Andrew não o soltou até que Neil assentiu, e depois pegou a mão de Neil. Pegou o cigarro de volta, colocou-o entre os lábios e pressionou uma chave quente na palma da mão vazia de Neil. Neil levantou a mão para olhar para ela.

O logotipo gravado nela significava que era uma cópia. Para o que, Neil não sabia, mas só levou um momento para descobrir. Andrew usara essa chave para destrancar a porta da frente e depois a tirou do chaveiro na varanda. Agora ele estava dando a Neil.

– Durma um pouco –, disse Andrew. – Voltamos para casa amanhã. Vamos resolver as coisas.

Andrew passou por Neil até a porta da frente. Ele não tinha compaixão ou reconforto para seus familiares diante da inesperada morte de Seth, mas observaria eles da porta até que estivessem bem novamente. Foi mais difícil para Neil do que deveria, ter que se afastar dele, mas finalmente seguiu pelo corredor.

Ele passou pela sala, depois voltou e deitou-se em uma das poltronas reclináveis.

Apesar das promessas e da confiança de Andrew, tudo indicava que Neil deixaria Palmetto State em um caixão antes da primavera. Neil pensou que ficaria bem com isso. Ele passaria seus últimos meses como Neil Josten, o novato atacante das Raposas de Palmetto State. Ele seria o protegido de Kevin, um adolescente com um futuro brilhante, e sua morte seria uma tragédia. Soava muito melhor do que morrer assustado e sozinho no meio do nada.

Neil olhou para a chave em sua mão.

– Casa –, sussurrou ele, precisando ouvir isso em voz alta. Era um conceito estranho para ele, um sonho impossível. Parecia assustador e maravilhoso ao mesmo tempo, fez seu coração acelerar rapidamente que achou que sairia do seu peito.

– Bem-vindo ao lar, Neil.

CONTINUA EM

THE RAVEN KING

(O Rei Corvo)

AGRADECIMENTOS

" Para os adoráveis Courting Madness que se recusaram a desistir das Raposas, mesmo quando eu poderia: O apoio de vocês significou mundo para mim. Espero que que aproveitem o resultado final tanto quanto adorei escrever. "

" Para KM, Amy, Z, Jamie C e Miika: obrigado por editar isso comigo. Isto seria um naufrágio ininteligível sem a paciência e percepção de vocês. "

"Arte de capa desenhada pela minha irmã mais nova." – Nora Sakavic.

AS RAPOSAS DE PALMETTO

- Danielle Leigh Wilds, – 01 – Negociante ofensivo. (C)
- Kevin Day – 02 – Atacante.
- Andrew Joseph Minyard – 03 – Goleiro.
- Matthew Donovan Boyd – 04 – Defensor.
- Aaron Michael Minyard – 05 – Defensor.
- Bryan Seth Gordon – 06 – Atacante.
- Allison Jamaica Reynolds – 07 – Negociante defensivo.
- Nicholas Esteban Hemmick – 08 – Defensor.
- Natalie Renee Walker – 09 – Goleiro.
- Neil Josten – 10 – Atacante.

David Vincent Wymack, Abigail Marie Winfield, Betsy Jo Dobson.

Para mais informações sobre as Raposas e Exy, visite:

(courtingmadness.blogspot.com)

Acompanhe outras traduções no blog, visite:

(thicoss.blogspot.com)